



Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Artes

Projeto Pedagógico de Curso
Design

Ano Versão: 2020

Situação: Corrente

SUMÁRIO

Identificação do Curso	3
Histórico	4
Concepção do Curso	7
Contextualização do Curso	7
Objetivos Gerais do Curso	12
Objetivos Específicos	12
Metodologia	12
Perfil do Egresso	15
Organização Curricular	17
Concepção da Organização Curricular	17
Quadro Resumo da Organização Curricular	24
Disciplinas do Currículo	25
Atividades Complementares	34
Equivalências	35
Currículo do Curso	37
Pesquisa e extensão no curso	145
Auto Avaliação do Curso	148
Acompanhamento e Apoio ao Estudante	150
Acompanhamento do Egresso	152
Normas para estágio obrigatório e não obrigatório	153
Normas para atividades complementares	155
Normas para laboratórios de formação geral e específica	161
Normas para trabalho de conclusão de curso	165
Administração Acadêmica	166
Coordenação do Curso	166
Colegiado do Curso	166
Núcleo Docente Estruturante (NDE)	167
Corpo docente	169
Perfil Docente	169
Formação Continuada dos Docentes	170
Infraestrutura	172
Instalações Gerais do Campus	172
Instalações Gerais do Centro	172
Acessibilidade para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais	172
Instalações Requeridas para o Curso	174
Biblioteca e Acervo Geral e Específico	176
Laboratórios de Formação Geral	176
Laboratórios de Formação Específica	178
Observações	181
Referências	182



IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

Nome do Curso

Design

Código do Curso

9501

Modalidade

Bacharelado

Grau do Curso

Bacharel em Design

Nome do Diploma

Design

Turno

Integral

Duração Mínima do Curso

8

Duração Máxima do Curso

11

Área de Conhecimento

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Regime Acadêmico

Não seriado

Processo Seletivo

Tipo de Processo Seletivo

Entrada

Semestral

HISTÓRICO

Histórico da UFES

Transcorria a década de 30 do século passado. Alguns cursos superiores criados em Vitória pela iniciativa privada deram ao estudante capixaba a possibilidade de fazer, pela primeira vez, os seus estudos sem sair da própria terra. Desses cursos, três - Odontologia, Direito e Educação Física - sobrevivem na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Os ramos frágeis dos cafeeiros não eram mais capazes de dar ao Espírito Santo o dinamismo que se observava nos Estados vizinhos.

O então governador Jones dos Santos Neves via na educação superior um instrumento capaz de apressar as mudanças, e imaginou a união das instituições de ensino, dispersas, em uma universidade. Como ato final desse processo nasceu a Universidade do Espírito Santo, mantida e administrada pelo governo do Estado. Era o dia 5 de maio de 1954.

A pressa do então deputado Dirceu Cardoso, atravessando a noite em correria a Esplanada dos Ministérios com um processo nas mãos era o retrato da urgência do Espírito Santo. A Universidade Estadual, um projeto ambicioso, mas de manutenção difícil, se transformava numa instituição federal. Foi o último ato administrativo do presidente Juscelino Kubitschek, em 30 de janeiro de 1961. Para o Espírito Santo, um dos mais importantes.

A reforma universitária no final da década de 60, a ideologia do governo militar, a federalização da maioria das instituições de ensino superior do país e, no Espírito Santo, a dispersão física das unidades criaram uma nova situação. A concentração das escolas e faculdades num só lugar começou a ser pensada em 1962. Cinco anos depois o governo federal desapropriou um terreno no bairro de Goiabeiras, ao Norte da capital, pertencente ao Victoria Golf & Country Club, que a população conhecia como Fazenda dos Ingleses. O campus principal ocupa hoje uma área em torno de 1,5 milhão de metros quadrados.

A redemocratização do país foi escrita, em boa parte, dentro das universidades, onde a liberdade de pensamento e sua expressão desenvolveram estratégias de sobrevivência. A resistência à ditadura nos “anos de chumbo” e no período de retorno à democracia forjou, dentro da Ufes, lideranças que ainda hoje assumem postos de comando na vida pública e privada do Espírito Santo. A mobilização dos estudantes alcançou momentos distintos. No início, a fase heróica de passeatas, enfrentamento e prisões. Depois, a lenta reorganização para recuperar o rumo ideológico e a militância, perdidos durante o período de repressão.

Formadora de grande parte dos recursos humanos formados no Espírito Santo, ela avançou para o Sul, com a instalação de unidades acadêmicas em Alegre, Jerônimo Monteiro e São José do Calçado; e para o Norte, com a criação do Campus Universitário de São Mateus.

Não foi só a expansão geográfica. A Universidade saiu de seus muros e foi ao encontro de uma sociedade ansiosa por compartilhar conhecimento, ideias, projetos e experiências. As duas últimas décadas do milênio foram marcadas pela expansão das atividades de extensão, principalmente em meio a comunidades excluídas, e pela celebração de parcerias com o setor produtivo. Nos dois casos, ambos tinham a ganhar.

E, para a Ufes, uma conquista além e acima de qualquer medida: a construção de sua identidade.

A meta dos sonhadores lá da década de 50 se transformou em vitoriosa realidade. A Ufes consolidou-se como referência em educação superior de qualidade, conceituada nacionalmente. Nela estão cerca de 1.600 professores; 2.200 servidores técnicos; 20 mil alunos de graduação presencial e a distância, e 4 mil de pós-graduação. Possui 101 cursos de graduação, 58 mestrados e 26 doutorados, e desenvolve cerca de 700 programas de extensão na comunidade. Uma Universidade que, inspirada em seus idealizadores, insiste em não parar

de crescer. Porque é nela que mora o sonho dos brasileiros, e em especial dos capixabas.

Histórico do Centro

A história oficial do ensino das artes no Espírito Santo remonta ao ano de 1909, quando foi criado o Instituto de Belas Artes, que teve existência efêmera, encerrando suas atividades no ano de 1916, processo sobre o qual não existem registros históricos detalhados. Outras instituições e indivíduos desenvolveram, isoladamente e sem maiores repercussões, o ensino das Artes: desenho, pintura, instrumentos musicais (principalmente piano e violino).

Com a ascensão, em 1951, do Dr. Jones dos Santos Neves ao posto de Governador do Espírito Santo, e graças aos esforços empreendidos por seu Secretário de Educação, o paulista Rafael Grisi, o ensino no Estado, em particular o ensino de grau superior, passou por um processo importante de desenvolvimento. Assim, em setembro de 1951 foi criada a Escola de Belas Artes, que teve como seu primeiro diretor o pintor Homero Massena. A referida escola foi organizada de acordo com a legislação federal para funcionar com os cursos de Pintura, Gravura, Decoração e Professorado de Desenho. O primeiro espaço físico ocupado pela Escola de Belas Artes situava-se na Avenida Jerônimo Monteiro, ao lado da escadaria do Palácio Anchieta, sede do Governo Estadual. Posteriormente, em 1959, ocorreu a mudança para o 2º andar do Edifício São Jorge, na Avenida César Hilal, quando o Prof. Christiano Woelffel Fraga era diretor. No mês de julho de 1969, a Escola mudou-se definitivamente para o campus universitário da Ufes que se localiza ao lado do mangue, no bairro Goiabeiras - Vitória.

O ano de 1968 marcou o início do processo de reestruturação da Ufes no que diz respeito à sua adequação às exigências legais, conforme a lei nº 5.540/68 de Reforma Universitária. A reestruturação organizou a Universidade em centros universitários compostos por seus respectivos departamentos acadêmicos.

Assim, o Centro de Artes, criado em junho de 1971, passou a ser composto pelos seguintes departamentos: Departamento de Formação Artística, DEFA (atualmente Departamento de Artes Visuais - DAV); Departamento de Artes Industriais e Decorativas, DAID (atualmente Departamento de Desenho Industrial - DDI) e Departamento de Fundamentos Técnico-Artísticos, DFTA (atualmente Departamento de Teoria da Arte e Música - DTAM).

Com a criação do curso de Arquitetura, o Centro de Artes incorporou também o Departamento de Arquitetura e Urbanismo - DAU, e em 2006, incorporou o Departamento de Comunicação Social (DCS), anteriormente sediado no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE).

Atualmente, o Centro de Artes da Ufes oferece dez cursos de graduação, sendo sete bacharelados: Arquitetura e Urbanismo, Artes Plásticas, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social, Design, Música e Publicidade e Propaganda. Oferece ainda três licenciaturas: Artes Visuais e Música na modalidade presencial, Artes Visuais na modalidade à distância. Totaliza nestes cursos cerca de 2000 estudantes matriculados regularmente.

O Centro de Artes conta também, atualmente, com três programas de pós-graduação, em nível de Mestrado. Em 2006, foi fundado o Programa de Pós-graduação em Artes, vinculado ao Departamento de Artes Visuais e ao Departamento de Teoria da Arte e Música. Em 2007, foi fundado o Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, vinculado, principalmente, ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Em 2014, foi fundado o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, vinculado, principalmente, ao Departamento de Comunicação Social e Jornalismo.

Tais iniciativas ocorrem no sentido da ampliação crescente da rede estabelecida entre o ensino, a pesquisa e a extensão. O entrosamento entre os cursos de graduação e pós-graduação, além de proporcionar uma formação mais sólida, reflexiva e continuada, tem propiciado a ampliação de investimentos de infraestrutura e equipamentos para laboratórios e bibliotecas.

Por meio de Núcleos e Laboratórios de Ensino, de Pesquisa e Extensão, o Centro de Artes tem



atuado elaborando e desenvolvendo projetos, realizando estudos e eventos que demonstram e expõem demandas sociais e produtivas crescentes, cujo enfrentamento exige cada vez mais a inventividade e a inovação criativas, além de profissionais de competências múltiplas e diversificadas. Esse enfrentamento se faz emergencial no que se refere à responsabilidade do próprio Centro quanto à formação dos agentes fomentadores da percepção sensível e da inclusão estética.

Com os seus cursos de licenciatura, o Centro de Artes da Ufes tem se empenhado em atender à demanda por professores de Artes no Estado do Espírito Santo com formação adequada para atuarem, especialmente, na rede regular de ensino público. Com o seguimento dos estudos no Programa de Pós-Graduação em Artes, os egressos têm atuado como professores universitários, como agentes culturais e como professores das redes de ensino fundamental e médio, tanto no estado do Espírito Santo quanto em outros estados da Federação.

O curso de graduação atualmente denominado Design, oferecido pela Universidade Federal do Espírito Santo, e objeto do presente Projeto Pedagógico, tem sua origem no ano de 1998, por meio da implantação do curso de graduação em Desenho Industrial (nomenclatura substituída pela denominação “Design”, no ano de 2015), no contexto do Centro de Artes, que oferecia, à época, os cursos de graduação em Artes Plásticas (bacharelado), Educação Artística (licenciatura) e Arquitetura e Urbanismo.

Naquele momento, o Centro de Artes da Ufes atravessava um intenso processo de renovação, que resultou não apenas na implantação do curso de Desenho Industrial, mas também, conforme já destacado anteriormente, na incorporação do curso de Comunicação Social, na criação dos cursos de graduação em Música e Audiovisual e na implantação dos três Programas de Pós-graduação já mencionados. Tais empreendimentos desencadearam uma grande expansão da estrutura física do Centro de Artes, bem como na ampliação de seu corpo docente.

CONCEPÇÃO DO CURSO

Contextualização do Curso

As mudanças propostas neste novo projeto pedagógico visam articular, por um lado, a evolução orgânica do próprio curso nos últimos 20 anos – crescimento e diversificação de interesses do corpo docente, surgimento e desenvolvimento de linhas e laboratórios de pesquisa e extensão, mudança no perfil dos alunos ingressantes, temas abordados na apresentação e histórico deste documento – e por outro, a necessidade de diálogo da Universidade com a realidade regional também em permanente transformação. A reformulação do projeto pedagógico busca dialogar com tal cenário de mudanças de forma integrada.

A economia do Espírito Santo é fortemente marcada por pequenos empreendimentos, seja no campo ou na cidade. Dados do Sebrae de 2015 (1), indicam que as micro e pequenas empresas (MPEs) representam 98,9% dos negócios formais em atividade no estado. Deste total, mais da metade concentra-se no setor de comércio e serviços (56,3%), e tem como característica predominante a operação do negócio pelo proprietário (86,8%).

Agropecuária

No campo, predomina a pequena propriedade familiar, com maior parte da produção dedicada à cultura cafeeira (68%) (2). Nos últimos anos, uma parte dessas propriedades empreendeu em busca da diversificação da produção e adição de valor por meio do processamento de alimentos de origem vegetal (polpas de frutas, doces e geleias, derivados da cana de açúcar, cafés especiais e derivados) e animal (carne tratada, embutidos e defumados, derivados do leite) na produção agroindustrial. Este setor oferece diversas oportunidades para o exercício profissional do designer, em função das necessidades de identificação de origem (inclusive geográfica), de acondicionamento, embalagem e transporte da produção em conformidade com as normas sanitárias (condição necessária para a obtenção dos selos que autorizam a comercialização de produtos de origem animal), do planejamento da infraestrutura turística para a visitação das propriedades, e da promoção e relacionamento com os diversos públicos que desejam consumir aqueles produtos e serviços.

Indústria

O setor industrial capixaba ainda é fortemente marcado pelos serviços relacionados aos grandes projetos industriais de base extrativista e transformação dos anos 1970 e 1980 (3), que ampliaram o parque local e transformaram o estado em um dos principais corredores exportadores do país.

O perfil dessas indústrias criou poucas oportunidades para profissionais de design nas últimas décadas, a não ser em projetos de comunicação institucional. No entanto, outros arranjos industriais relacionados ao setor madeireiro e moveleiro em atividade desde os anos 1960, especialmente na região norte, foram beneficiados pelo desenvolvimento da infraestrutura criada. Atualmente há polos moveleiros nas regiões norte, central, noroeste e sul do estado, com fabricação de seriadados, modulados e marcenaria de alto padrão (4). O setor demanda profissionais especializados em design tanto nas atividades mais tradicionais de identificação, concepção e especificação dos produtos, como nas etapas seguintes de promoção e comercialização. É comum o emprego de arquitetos como projetistas em empresas do setor moveleiro em função da escassez de designers especializados na área.

O setor de vestuário apresenta características semelhantes: produção não restrita à região metropolitana, diversificado (incluindo jeans, roupas esportivas, moda praia, jóias, acessórios, calçados) (5) e carente de mão de obra especializada. As marcas capixabas têm expandido suas atividades para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo, integrando eventos como o São Paulo e Rio Fashion Week e abrindo filiais naquelas cidades. Iniciativas como o Vitória Moda (6), evento promovido anualmente pela Câmara do Vestuário da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes) oferece qualificação e informação para os empresários do setor, com forte ênfase em design. O Índice de Capacidade Competitiva (ICC) (7), criado pela Findes como

métrica para cálculo da dimensão de inovação da indústria têxtil capixaba, define o investimento na melhoria do design dos processos e no design de novos produtos como estratégias para o desenvolvimento do setor nos próximos anos.

Outros ramos da indústria capixaba, tais como alimentos, bebidas e plástico são potenciais contratantes de serviços de design e cujas possibilidades de diálogo podem ser intensificadas pela reformulação do projeto pedagógico.

Comércio e serviços

O setor de serviços é responsável pela maior parte do produto interno produto capixaba, concentrando o maior número de empresas e gerando a maioria dos empregos formais (8). Tradicionalmente é o setor que melhor dialoga com alunos e egressos do Curso de Design da Ufes em suas competências e habilidades da área gráfica (identidades visuais, embalagens, projetos gráficos e editoriais, sinalização, material promocional em geral) e digital (sites, aplicativos e interfaces para softwares).

Serviços de design e correlatos

Dados do DataSebrae (9) de 2014 registram a existência de 44 empresas capixabas cuja classificação nacional de atividade econômica (CNAE) têm relação com a prestação de serviços em Design. Embora a área seja transdisciplinar, resultando na adoção de CNAEs que não explicitem a presença de designers nos quadros e no tipo de serviço prestado pelas empresas, outra característica do setor é a informalidade desses profissionais. Enquanto serviço, o design insere-se entre as atividades da economia criativa, que segundo a Secretaria de Economia Criativa (SEC) (10) do Governo Federal seriam aquelas

[...] cuja atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de um produto, bem ou serviço, cuja dimensão simbólica é determinante do seu valor, resultando em produção de riqueza cultural, econômica e social.

Segundo o Instituto Jones dos Santos Neves (2016), a economia criativa no ES apresentou 36,9% de informalidade no segundo trimestre de 2016, abaixo da média nacional (40,1%) e acima da média do sudeste (31,6%). Designers, assim como os demais profissionais criativos, frequentemente trabalham de forma independente, sob contratos para projetos temporários (11). Também é comum a atuação de designers em pequenas empresas cuja atividade fim é de outra natureza, desempenhando papéis de comunicação e marketing.

O cenário da economia criativa capixaba parece promissor, mesmo frente à grande informalidade. O setor de design inclui um dos 13 setores que integram as quatro áreas do plano estadual de economia criativa (12). Segundo dados do Instituto Jones dos Santos Neves com base na PNAD de 2013 (13), a economia criativa movimentou cerca de R\$ 24 bilhões em 2015, empregando quase 13 mil pessoas. Já o levantamento realizado pelo Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo (IDEIES) (14) aponta a existência de 1.450 empresas criativas em atividade, envolvendo 13.400 profissionais em ocupações criativas. Mais de um terço dessas empresas estão situadas na capital Vitória, assim como quase a metade dos profissionais (46,7%). O setor que no qual as empresas de design estariam quadradas representa 37,7% do total dos empreendimentos criativos.

O Curso de Design da Ufes já dialoga com os outros 12 setores criativos – publicidade, arquitetura, patrimônio, expressões culturais, música e artes cênicas, editorial, audiovisual, pesquisa e desenvolvimento, biotecnologia, tecnologia da informação e comunicação – de maneira orgânica e não planejada no currículo. A nova grade curricular busca intensificar tais aproximações por meio do intercâmbio com outros cursos, departamentos e centros da Universidade, institucionalizando trocas de saberes que podem contribuir para a ampliação das oportunidades de inserção profissional ou acadêmica dos futuros egressos.

Oportunidades e desafios para o Curso

Apesar do expressivo crescimento do interesse por design nas mais diferentes atividades econômicas citadas, o estado do Espírito Santo enfrentou a diminuição no número e oferta de vagas em cursos superiores em design na última década. Atualmente, o curso da Universidade Federal do Espírito Santo é o único bacharelado em Design do estado, com possibilidade de



formação em diversas áreas de atuação profissional. As demais instituições, todas privadas, ofertam cursos tecnológicos ou com ênfases específicas - moda, interiores ou jogos.

Os dados da atividade econômica capixaba mencionados sugerem que haveria demanda por profissionais de formação geral e com capacidade de adaptação a diversos arranjos produtivos, baseados principalmente em micro e pequenas empresas de base familiar e com ênfase nas possibilidades introduzidas pelo desenvolvimento dos setores criativos.

NOTAS SOBRE A TRAJETÓRIA DO ENSINO DE DESIGN NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

A percepção da realidade socioeconômica do Estado do Espírito Santo atravessa a criação do curso de Design desde o seu primeiro enquadramento administrativo no contexto do Centro de Artes da Ufes, quando da implantação do bacharelado em Desenho Industrial, sendo esta a sua primeira nomenclatura, a qual foi alterada no ano de 2015, em face de ajustes em seu Projeto Pedagógico.

Quando da sua implantação, em 1998, o curso de graduação em Desenho Industrial esteve vinculado prioritariamente ao Departamento de Artes Industriais e Decorativas (DAID), condição que foi alterada no ano de 2005, em face do processo de redepartamentalização promovido pela Direção do Centro de Artes e consolidado pela Resolução 15/2005 do Conselho Universitário. Tal processo desencadeou a extinção de três departamentos -- o Departamento de Artes Industriais e Decorativas (DAID), o Departamento de Formação Artística (DEFA) e o Departamento de Fundamentos Técnico-Artísticos (DFTA) --, que foram substituídos, respectivamente, pelos então criados Departamento de Desenho Industrial (DDI), Departamento de Artes Visuais (DAV) e Departamento de Teorias da Arte e Música (DTAM). Tal alteração ensejou a realocação de alguns docentes para os novos departamentos, alterando a composição das unidades departamentais.

No que diz respeito ao então criado Departamento de Desenho Industrial, esse passou a ser constituído por docentes remanescentes do extinto Departamento de Artes Industriais e Decorativas, bem como por docentes que foram deslocados para o DDI dos extintos Departamento de Formação Artística e Departamento de Fundamentos Técnico-Artísticos.

Além de ser atendido, num primeiro momento, por docentes oriundos do campo das Artes, e que já pertenciam aos quadros da Ufes em 1998, o curso de Desenho Industrial demandou a contratação de novos professores, cujas formações, atuações e trajetórias vêm contribuindo para as transformações que culminam no presente Projeto Pedagógico de Curso. O corpo docente atualmente vinculado ao Curso apresenta um caráter multifacetado, forjado por meio dos estudos pós-graduados de cada professor, em distintos programas de mestrado e doutorado em diversas áreas -- Design, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Educação, Artes e Comunicação --, tanto no Brasil como no exterior.

Em meio ao processo de crescimento e reorganização do Centro de Artes, os membros do Departamento de Desenho Industrial, do Colegiado de Curso e do Núcleo Docente Estruturante (NDE) implantaram uma série de revisões pontuais na grade curricular do curso de graduação, tanto no âmbito específico das disciplinas obrigatórias já existentes (renovando algumas ementas e programas), quanto na criação de diversas disciplinas optativas, cujos conteúdos não eram contemplados pelo Projeto Pedagógico inicial do curso.

Entre 2008 e 2015 o PPC foi alvo de ajustes, que incluíram alteração da nomenclatura "Desenho Industrial" para "Design", além da possibilidade de aproveitamento de horas cumpridas em atividades complementares como carga horária de disciplinas optativas, e da incorporação de diversas novas disciplinas optativas ao currículo.

Além de promover a renovação de conteúdos disciplinares específicos, a atuação do corpo docente também vêm dando origem a laboratórios e núcleos, implantados ao longo dos anos, nos quais o alunado encontra oportunidades de ampliar a sua formação por meio da participação em projetos de pesquisa e extensão. Em tais laboratórios, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar o desenvolvimento de projetos de tipologias variadas, voltadas a

diversos segmentos da sociedade, com vistas a gerar produtos, sistemas, interfaces e demais mecanismos que dinamizem o funcionamento dos segmentos em questão. Vale enfatizar que as práticas relativas à formação do designer são ligadas à prestação de serviços e desenvolvimento de projetos, e não às atividades denominadas “Prática como Componente Curricular” que são típicas das licenciaturas. No que diz respeito às práticas típicas da licenciaturas, o designer pode atuar como prestador de serviços, projetando produtos, sistemas, interfaces e demais mecanismos que venham a dinamizar a atuação de professores no desempenho da atividade do magistério.

Todas as transformações acima mencionadas vêm ocorrendo em sintonia com a legislação que rege a oferta dos cursos superiores de Design no Brasil, cuja expressão mais importante é a Resolução 05/2004 - CES-CNE, na qual encontram-se fixadas as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design. A referida Resolução, adotada como um dos princípios norteadores do presente Projeto Pedagógico, foi investigada detalhadamente pelos docentes envolvidos em sua elaboração, merecendo destaque os elementos de seus Artigos 2º, 3º, 4º e 5º.

O Artigo 2º estabelece os elementos estruturais do Projeto Pedagógico, os quais abrangem “o perfil do formando, as competências e habilidades, os componentes curriculares, o estágio curricular supervisionado, as atividades complementares, o sistema de avaliação, a monografia, o projeto de iniciação científica ou o projeto de atividade, como trabalho de conclusão de curso - TCC, (...) além do regime acadêmico de oferta e de outros aspectos.” Além disso, faculta aos cursos de graduação a possibilidade de implantar “modalidades e linhas de formação específica, para melhor atender às necessidades do perfil profissiográfico que o mercado ou a região assim exigirem.” Já o Artigo 3º indica que a formação oferecida deve resultar na “capacitação para a apropriação do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística, para que o designer seja apto a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, artísticas, estéticas, culturais e tecnológicas, observados o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades bem como as características dos usuários e de seu contexto socioeconômico e cultural.” Por sua vez, o Artigo 4º da Res. 05/2004 - CES-CNE prevê o estabelecimento do perfil do egresso em sintonia as competências e habilidades mencionadas a seguir, as quais foram alvo de intensa discussão entre os docentes envolvidos na elaboração deste PPC: capacidade criativa (domínio de técnicas e metodologias); domínio das diversas linguagens relativas à prática profissional; capacidade de interação com profissionais de outras áreas (interdisciplinaridade); capacidade de desenvolver projetos de acordo com uma visão sistêmica (combinação adequada dos fatores econômicos, culturais, psicossociológicos, tecnológicos, ambientais etc); conhecimento sólido dos setores produtivos; capacidade de gerenciamento em ambientes produtivos complexos; visão histórica e prospectiva, tendo em conta aspectos de ordem econômica, social, antropológica, ambiental, estética e ética. Por fim, o Artigo 5º estabelece que a organização curricular contemple conteúdos e atividades que ligados ao seguintes eixos de formação:

I - conteúdos básicos: estudo da história e das teorias do Design em seus contextos sociológicos, antropológicos, psicológicos e artísticos, abrangendo métodos e técnicas de projetos, meios de representação, comunicação e informação, estudos das relações usuário/objeto/meio ambiente, estudo de materiais, processos, gestão e outras relações com a produção e o mercado;

II - conteúdos específicos: estudos que envolvam produções artísticas, produção industrial, comunicação visual, interface, modas, vestuários, interiores, paisagismos, design e outras produções artísticas que revelem adequada utilização de espaços e correspondam a níveis de satisfação pessoal;

III - conteúdos teórico-práticos: domínios que integram a abordagem teórica e a prática profissional, além de peculiares desempenhos no estágio curricular supervisionado, inclusive com a execução de atividades complementares específicas, compatíveis com o perfil desejado do formando.

Outro importante princípio norteador da elaboração deste PPC reside no Estatuto da



Universidade Federal do Espírito Santo, do qual foram adotados os elementos de seu Capítulo II - das finalidades, objetivos e funções, os quais explicitam os alicerces da atuação da Universidade como um todo:

- estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais, para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e para colaborar na sua formação contínua;
- incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e das pesquisas científica e tecnológica geradas na instituição.

Por fim, além de considerar o disposto na legislação específica para o ensino de Design no Brasil, bem como o Estatuto da Universidade, o corpo docente desenvolveu um intenso debate no âmbito dos professores, bem como junto ao alunado, o qual resultou numa revisão crítica a respeito das versões anteriores do Projeto Pedagógico em questão. No decorrer de tal processo, foram levantados os aspectos problemáticos enumerados abaixo, ligados ao PPC que ora encontra-se em fase de substituição, cuja superação foi também adotada como princípio norteador da elaboração do presente documento:

1. Disciplinas constituídas por conteúdos básicos posicionadas em momentos avançados das grades curriculares vigentes até então;
2. Disciplinas constituídas por conteúdos avançados posicionadas em momentos iniciais ou intermediários nas referidas grades curriculares;
3. Ausência de conteúdos essenciais nas disciplinas obrigatórias constantes das grades curriculares em vigência até então, particularmente no que se refere à capacidade de interação com especialistas de outras áreas e ao domínio de gerência de produção;
4. Ausência de espaços curriculares para o desempenho de diversas expertises do corpo docente;
5. Presença de conteúdos redundantes ao longo da organização curricular, presentes nos programas de mais de uma disciplina, acarretando má utilização da carga horária global da formação do alunado;
6. Continuidade insuficiente entre formação básica, formação intermediária e formação avançada na organização curricular vigente até então;
7. Sistematização insuficiente para comportar expansões curriculares consistentes, em médio e

longo prazo.

As páginas seguintes registram o ponto culminante do processo relatado acima, e que se expressa no novo Projeto Pedagógico do Curso de Design, cujo detalhamento segue apresentado em todos os seus aspectos conceituais e operacionais.

Objetivos Gerais do Curso

Oferecer à sociedade brasileira, residente no Estado do Espírito Santo, uma estrutura educacional destinada a formar profissionais da área do Design capazes de atuar mediante o exercício pleno do pensamento reflexivo e da sensibilidade artística, estando aptos a produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, artísticas, estéticas, culturais e tecnológicas, sendo capazes de observar o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades, bem como as características dos usuários e de seu contexto socioeconômico e cultural.

Objetivos Específicos

1. Viabilizar a superação das imperfeições das matrizes curriculares anteriores, no que se refere ao posicionamento inapropriado de alguns conteúdos disciplinares, e à falta de continuidade e ligação sistêmica entre eles, e também à ausência ou excesso de conteúdos curriculares;
2. Oferecer ao alunado uma matriz curricular capaz de se adaptar aos interesses individuais de cada discente, possibilitando a cada um a escolha e articulação dos campos específicos do design nos quais deseja se aprofundar profissionalmente;
3. Propiciar aos membros do corpo docente uma matriz curricular capaz de corresponder às diferentes competências técnicas, científicas e intelectuais individuais, aprimorados continuamente ao longo de suas carreiras acadêmicas, oferecendo às comunidades docente e discente os espaços adequados ao desempenho docente dotado de alto grau de atualização, consistência, eficácia e pertinência;
4. Possibilitar expansões curriculares futuras de maneira ágil e sistêmica, na medida do surgimento de demandas sociais, econômicas e tecnológicas, por meio do alto grau de expansibilidade da matriz aqui proposta, a qual elimina a necessidade de novas reestruturações curriculares.

Metodologia

As metodologias adotadas no desenvolvimento do curso buscam viabilizar o compartilhamento de informações, a reflexão crítica e a construção de conhecimento, bem como a experiência de aprendizagem revitalizada pela informação teórica. Tais metodologias caracterizam-se pelo alto grau de interação entre docentes e discentes, e pelo alto grau de protagonismo conferido ao alunado na construção de sua formação. São adotadas técnicas tais como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas, instrução pelos pares e aprendizagem baseada em projetos, sendo esta última a abordagem estruturante da formação oferecida pelo curso. A aprendizagem baseada em projetos, na qual se baseia a prática do Design, permite a problematização e a formulação de hipóteses em atividades simuladas e em situações reais para formalizar, experimentar, verificar e assimilar o conteúdo teórico, por meio de reflexão contextualizada.

Neste sentido, desempenham importante papel formativo as disciplinas de Projeto Integrado à Comunidade 1, 2, 3 e 4, as quais serão realizadas em situações de projeto prospectadas pelos docentes do Departamento de Desenho Industrial e aprovadas pela Câmara Departamental, destinadas a promover experiências extensionistas sempre inovadoras, marcadas pela irrepetibilidade da problemática a ser trabalhada junto à comunidade externa à qual se dirige o projeto, na medida em que cada projeto de design é único e irrepetível, sendo definido pelo

conjunto específico de objetivos, demandas e expectativas do público-alvo, clientela ou usuários envolvidos, bem como de suas características socioeconômicas e culturais, e demais limites de ordem financeira, tecnológica, legal etc.

O objetivo da formação oferecida pelo curso de Design da Ufes é formar profissionais com capacidade de diálogo e trabalho em equipe, além do compromisso de auxiliar o aprendiz a desenvolver habilidades individuais, autonomia projetual, crítica e investigativa. Tendo isso em vista, as práticas pedagógicas e andragógicas visam estimular interação, autonomia e aprendizado a partir de vivências e experiências no âmbito da universidade em atividades de ensino, pesquisa e em práticas extensionistas, com a sociedade, para promover a resolução de problemas em contextos laboratoriais e de realidade social, de modo interdisciplinar e integrador. Ademais, busca-se incentivar a montagem de exposições didáticas, a visita a exposições, visitas técnicas a unidades produtivas da indústria, proposição de palestras nas disciplinas, dentre outras atividades, a fim de fomentar o contato do aluno com a comunidade acadêmica, sociedade e mercado, sendo tais práticas relativas ao rol de Atividades Complementares deste Projeto Pedagógico.

Dentre as técnicas de ensino utilizadas destacam-se discussões em grupo, construções coletivas, seminários, estudos dirigidos, estudos de caso, aulas expositivas teóricas e dialogadas, trabalhos, dinâmicas e apresentações em grupo, com o intuito de proporcionar ao estudante o aprimoramento de suas capacidades de observação, pesquisa, leitura, diálogo, análise, crítica, síntese e prática reflexiva. Os métodos e as técnicas de ensino e aprendizagem são adaptados conforme as necessidades e características de cada turma e do conteúdo a ser ministrado em cada disciplina e/ou tópico disciplinar.

O curso se apoia em avaliação diagnóstica e formativa, para reconhecer e compreender as peculiaridades dos aprendizes e adaptar as práticas às necessidades de formação; participativa e somativa, por meio da avaliação de projetos, apresentações orais e trabalhos teóricos, teórico-práticos e práticos, com o objetivo de fornecer dados e informações qualitativas e quantitativas para auxiliar o estudante a compreender e aprimorar suas competências e sua aprendizagem, de modo processual e contínuo.

Por fim, a realização de visitas culturais e visitas técnicas a unidades produtivas da indústria local e nacional consiste numa estratégia fundamental para promover a interação dos estudantes com as instâncias produtivas em meio às quais a prática profissional posterior se dará. Tais instâncias produtivas envolvem indústria gráfica, papel e celulose, indústria moveleira, têxtil, embalagens e quaisquer outras unidades fabris onde se dê a fabricação de artefatos e bens de uso ou o beneficiamento de matérias-primas passíveis de utilização em projetos.

No que diz respeito às visitas culturais, as mesmas incluem a visita a museus, mostras temporárias, bienais de arte e design, mostras de cinema e audiovisual, e quaisquer eventos que venham a enriquecer a compreensão propriamente sócio-cultural do alunado a respeito da complexidade simbólica tanto de sua atividade como futuros projetistas como da relação entre a sociedade e o acervo multifacetado de bens materiais.

Tanto as visitas técnicas a unidades produtivas quanto viagens culturais vêm sendo promovidas ininterruptamente pelos professores, desde a fundação do curso de graduação.

O funcionamento do Curso de Design apresentado neste PPC se dá na modalidade presencial, mediante a participação do aluno em diversos tipos de atividades, descritas detalhadamente na seção "Organização Curricular". Conforme já explanado, enquanto algumas atividades são plenamente teóricas, outras mesclam a teoria com a realização de exercícios e/ou a elaboração de projetos complexos (os quais equivalem a atividades de laboratório); além das disciplinas, fazem parte da formação aqui apresentada a realização de atividades complementares, a participação obrigatória em projetos e atividades de extensão, e também a realização facultativa de estágios e Iniciação Científica. Os critérios de funcionamento e contabilização acadêmica de todas as atividades estão detalhadas na sequência deste documento.

ACESSIBILIDADE METODOLÓGICA E ACESSIBILIDADE ATITUDINAL

Dentre as diversas categorias de acessibilidade existentes na literatura, duas merecem especial atenção no contexto educacional: a acessibilidade atitudinal e a acessibilidade metodológica.

A acessibilidade atitudinal se refere à percepção da pessoa com deficiência sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações de qualquer natureza. De forma geral, pode-se dizer que os diferentes tipos de acessibilidade advém da acessibilidade atitudinal, já que é a atitude de cada pessoa que pode promover a remoção de barreiras e favorecer a inclusão.

Já a acessibilidade metodológica (também conhecida como pedagógica) se caracteriza pela ausência de barreiras nas metodologias e técnicas de estudo. Está relacionada diretamente à concepção subjacente à atuação docente: a forma como os professores concebem conhecimento, aprendizagem, avaliação e inclusão educacional irá determinar, ou não, a remoção das barreiras pedagógicas.

Para que se torne um ambiente universitário cada vez mais inclusivo, a UFES vem implementando ações e projetos relacionados à acessibilidade em toda a sua amplitude. Em 2018, uma comissão especial foi designada pelo Reitor para elaboração de um plano de ação com o fim de promover a acessibilidade aos estudantes da universidade, público-alvo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

O plano de ação teve como objetivo contemplar as diversas categorias de acessibilidade, incluindo a atitudinal e a metodológica, bem como outras categorias de acessibilidade, como a arquitetônica, programática, instrumental, nos transportes, nas comunicações e digital, para a Universidade Federal do Espírito Santo.

Os objetivos específicos do plano foram:

- Ações com vistas à acessibilidade atitudinal, arquitetônica, metodológica, programática, instrumental, nos transportes, nas comunicações e digital no curto, médio e longo prazo;
- Desenvolvimento de Política de Acessibilidade para Universidade Federal do Espírito Santo.

A acessibilidade no contexto universitário se justifica tendo em vista a ampliação do acesso desses estudantes ao ensino superior. Nesse sentido, não basta apenas a ampliação do acesso à universidade, mas garantir a permanência dos discentes com o fim de garantir a conclusão do curso.

Essas ações se fazem necessárias tendo em vista que, em 2018, a UFES já possuía 410 alunos com deficiência. E este é um número que tende a ser ampliado, a partir da implementação de cotas para alunos com deficiência.

A partir desse contexto, a política de acessibilidade para os estudantes da UFES se ancora no marco legal para a educação especial na perspectiva da educação inclusiva e em documentos norteadores e diretrizes para a acessibilidade, dentre as quais destacamos:

Norma Técnica (ABNT), nº 9.050/2004, que dispõe sobre a acessibilidade arquitetônica a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos: esta normatização apresenta os referenciais e os parâmetros para a parte arquitetônica com vistas à acessibilidade;

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008): este documento, elaborado por Grupo de Trabalho designado pelo Ministério da Educação, apresenta as diretrizes para a implementação de política voltada para a inclusão nos sistemas de ensino do público-alvo da educação especial;

Lei nº 13.146/15 - Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência: esta legislação possui como objetivo assegurar e promover em condições de igualdade o exercício dos direitos e das liberdades da pessoa com deficiência com vistas à inclusão social e à cidadania. Assegura o acesso à educação e a inclusão da pessoa com deficiência em todos os níveis de ensino como direito;

Documento Orientador do Programa Incluir - Acessibilidade na Educação Superior (2013): o Programa Incluir foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com o intuito de fomentar, por intermédio de aporte financeiro, ações de acessibilidade nas Instituições Federais de Ensino. O Documento Orientador do Programa aponta as diretrizes e orienta a política de acessibilidade

nas IFES;

Documento Orientador das Comissões de Avaliação in loco para Instituições de Educação Superior com Enfoque em Acessibilidade (2016): este documento apresenta as orientações gerais e os parâmetros para a realização de avaliação in loco para a avaliação do ensino superior, instituída pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior.

Especificamente no curso de Design, a acessibilidade metodológica é aplicada junto às diversas metodologias de ensino-aprendizagem utilizadas no curso, como sala de aula invertida, aprendizagem baseada em problemas, instrução pelos pares e aprendizagem baseada em projetos, apresentadas em detalhe na seção de metodologia de ensino. Nas salas de aula, a partir das necessidades dos alunos, os professores do curso promovem processos de flexibilização do tempo, diversificação curricular e utilização de recursos a fim de favorecer o processo de ensino-aprendizagem de estudantes com ou sem deficiência, debatendo os casos de maneira colegiada a fim de consolidar boas práticas.

Além dos diferentes tipos de mobiliário e salas de aula de que dispõe o curso de Design, de acordo com as necessidades das disciplinas do curso e dos alunos, a UFES tem investido na compra de equipamentos de tecnologia assistiva, como escâneres de voz, teclados adaptados, leitores de tela, entre outros. De acordo com as necessidades dos alunos estão previstos também a utilização de texto impresso e ampliado, softwares ampliadores de comunicação alternativa, leitores de tela, entre outros recursos.

Perfil do Egresso

Segundo a visão proposta em 2000 pelo International Council of Societies of Industrial Design (ICSID, 2000), atualmente denominado World Design Organization (WDO), o designer é um profissional que tem como propósito estabelecer as qualidades multifacetadas de objetos, processos, serviços e seus sistemas de ciclos de vida, e que considera a dimensão da sua profissão como fator central da humanização inovadora das tecnologias e o fator crucial de trocas econômicas e culturais.

O WDO propôs uma nova definição em 2015, que descreve o design industrial como um processo estratégico de solução de problemas que impulsiona a inovação, desenvolve o sucesso comercial e conduz a uma melhor qualidade de vida através de produtos, sistemas, serviços e experiências inventivas (WDO, 2017).

Já segundo o International Council Of Graphic Design Associations (ICOGRADA, 2013), o design corresponde a uma disciplina dinâmica e em constante evolução. O designer formado aplica a intenção de criar o ambiente visual, material, espacial e digital, com competências empíricas, empregando abordagens interdisciplinares e híbridas para a teoria e a prática do design. Os designers entendem os impactos culturais, éticos, sociais, econômicos e ecológicos de seus empreendimentos e sua responsabilidade final em relação às pessoas e ao planeta, tanto em áreas comerciais como não comerciais. Finalmente, o ICOGRADA ressalta que os designers devem respeitar a ética da profissão de design.

Em síntese, o designer pesquisa, planeja, desenvolve e acompanha projetos em nichos diversos, propondo soluções para problemas complexos com domínio técnico de características e necessidades humanas, linguagens, processos produtivos, bem como as decorrentes implicações sociais, ambientais, econômicas e políticas. O conjunto de aspectos relacionados a essa atividade sugerem a interdisciplinaridade como aspecto fundamental da formação em design.

Em alinhamento com esses organismos internacionais, e conforme já explicitado na seção “Histórico do Curso”, a formação profissional oferecida pelo Curso de Design aqui apresentado desenvolverá as seguintes competências e habilidades, indicadas no artigo 4o Artigo 4o da Res. 05/2004 - CES-CNE: capacidade criativa (domínio de técnicas e metodologias); domínio das diversas linguagens relativas à prática profissional; capacidade de interação com profissionais de outras áreas (interdisciplinaridade); capacidade de desenvolver projetos de acordo com uma visão sistêmica (combinação adequada dos fatores econômicos, culturais, psicossociológicos, tecnológicos, ambientais etc); conhecimento sólido dos setores produtivos;



capacidade de gerenciamento em ambientes produtivos complexos; visão histórica e prospectiva, tendo em conta aspectos de ordem econômica, social, antropológica, ambiental, estética e ética.

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Concepção da Organização Curricular

O currículo proposto neste Projeto Pedagógico de Curso está estruturado em dois grandes blocos de disciplinas: o Ciclo Básico e o Ciclo Avançado. As disciplinas do Ciclo Avançado estão divididas, por sua vez, em três sub-blocos: as Disciplinas Profissionalizantes, as Disciplinas de Formação Transversal e os Projetos Integrados à Comunidade.

Além das disciplinas, a integralização da formação do aluno prevê a realização obrigatória de Atividades Complementares e de atividades de caráter extensionista. Por fim, o aluno poderá participar, de forma opcional, de Projetos de Iniciação Científica ou de Projetos de Extensão para além das cargas horárias mínimas exigidas, bem como realizar estágios dentro das unidades da própria universidade, ou em empresas, escritórios e outras instituições públicas ou privadas. A concepção e a linearidade das atividades previstas neste PPC, bem como suas correlações em termos de pré-requisitos, seguem esclarecidas na sequência.

1. Ciclo Básico: trata-se da primeira fase da formação do alunado, na qual os estudantes terão contato com os conteúdos essenciais para a sua formação superior enquanto designers, independente das disciplinas profissionalizantes que serão escolhidas posteriormente, no Ciclo Avançado. O Ciclo Básico é formado por um conjunto de 20 (vinte) disciplinas de caráter obrigatório, alocadas entre o primeiro e o quarto períodos. Tais disciplinas perfazem a carga horária de 1.200 horas, das quais é obrigatório o cumprimento de 900 horas (75% da carga horária do Ciclo Básico) para que o estudante dê continuidade aos seus estudos, avançando em direção ao Ciclo Avançado e às demais atividades de sua formação. Além das disciplinas, os estudantes podem realizar, desde o início de sua formação, as Atividades Complementares, cujos fundamentos serão explicados no item 3 da presente seção.

As disciplinas do Ciclo Básico são de caráter obrigatório, e apresentam os conteúdos imprescindíveis à formação básica na área profissional do Design, de modo a sustentar a continuidade da formação em qualquer habilitação ou ênfase escolhida pelo estudante posteriormente. Trata-se de conteúdos sem os quais o exercício profissional estaria comprometido, correspondendo principalmente às competências e habilidades enumeradas abaixo, tais como descritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais:

I - capacidade criativa para propor soluções inovadoras, utilizando domínio de técnicas e de processo de criação;

II - capacidade para o domínio de linguagem própria expressando conceitos e soluções, em seus projetos, de acordo com as diversas técnicas de expressão e reprodução visual;

IV - visão sistêmica de projeto, manifestando capacidade de conceituá-lo a partir da combinação adequada de diversos componentes materiais e imateriais, processos de fabricação, aspectos econômicos, psicológicos e sociológicos do produto;

VIII - visão histórica e prospectiva, centrada nos aspectos sócio-econômicos e culturais, revelando consciência das implicações econômicas, sociais, antropológicas, ambientais, estéticas e éticas de sua atividade.

As disciplinas do Ciclo Básico são as seguintes:

1. Primeiro período: Cor e Percepção; Desenho de Observação; Design Computacional; Teoria do Design; Composição.

2. Segundo período: Expressão e Representação Gráfica; Tipografia; Modernismo e Vanguardas; Introdução à Antropologia; Fotografia.

3. Terceiro período: Forma, Função e Materiais; Desenho Técnico; História do Design; Design da Informação, Vídeo.

4. Quarto período: Semiótica das Mediações 1; Sociologia Geral; Ergonomia; Projeto Básico;

Metodologia de Pesquisa.

Algumas disciplinas específicas do Ciclo Básico apresentam ainda conteúdos pertinentes às temáticas transversais (educação ambiental, direitos humanos, relações étnico-raciais, história e cultura afrobrasileira, africana e indígena) contemplando o disposto nas Resoluções CNE/CES Nº 01 (17/06/2004), Nº 01 (30/05/2012) e Nº 02 (15/06/2012), além da Lei Nº 11.645 (10/03/2008). Tais disciplinas são Teoria do Design, Forma, Função e Materiais e História do Design. Além das disciplinas do Ciclo Básico, tais temáticas são também abordadas em diversas disciplinas do Ciclo Avançado e também nos Projetos Integrados à Comunidade, por serem pertinentes à educação em Design.

2. Ciclo Avançado: trata-se da segunda fase da formação do alunado, prevista para acontecer entre o quinto e o oitavo períodos, no decorrer dos quais cada estudante deverá cumprir as seguintes atividades: cumprimento obrigatório de carga horária mínima em disciplinas de tipo profissionalizante; cumprimento obrigatório de carga horária relativa às atividades extensionistas (nas disciplinas específicas de Projetos Integrados à Comunidade ou Projetos de Extensão) e continuação do cumprimento das Atividades Complementares.

A periodização das disciplinas do Ciclo Avançado não é fixada, podendo o aluno se matricular livremente nas mesmas, de acordo com o seu planejamento individual e da oferta de disciplinas. A matrícula em cada um das disciplinas dependerá apenas do cumprimento de seus pré-requisitos individuais. As categorias de disciplinas que compõem o Ciclo Avançado -- Disciplinas Profissionalizantes, Disciplinas de Formação Transversal e Projetos Integrados à Comunidade -- seguem explicadas a seguir.

2.1. Disciplinas Profissionalizantes: Trata-se de um conjunto de disciplinas cuja finalidade é fornecer ao alunado os conteúdos correspondentes às competências e habilidades profissionais plenas. É obrigatória a integralização da carga horária de 540 horas nesta categoria. Tais disciplinas foram idealizadas exclusivamente no âmbito do Departamento de Desenho Industrial da Ufes, pois o mesmo reúne os especialistas na área, sendo a unidade institucional logicamente responsável por elaborá-las e ofertá-las. O conjunto de Disciplinas Profissionalizantes é subdividido em diversos Eixos Temáticos, determinados por expertises e tipologias projetuais específicas. Cada Eixo Temático abarca uma quantidade de disciplinas correspondente à sua abrangência e complexidade, as quais podem estruturar o conhecimento global do Eixo em termos de complexidade -- passando pelos níveis introdutório/básico, intermediário e avançado --, e/ou enfatizam aspectos particulares deste conhecimento global, alocando cada um desses aspectos em uma disciplina específica do Eixo Temático correspondente.

Os sete Eixos Temáticos propostos na presente versão do Projeto Pedagógico do Curso de Design reúnem mais de 50 disciplinas, de acordo com a listagem apresentada abaixo.

2.1.1. Eixo temático Imagem - Disciplinas: Semiótica das Mediações 2; Semiótica das Mediações 3; Semiótica das Mediações 4; Introdução à História do Cinema; Projeto de Curta Metragem; Atelier de Fotografia e Design; Pesquisa e Projeto em Imagem; Estudos Dirigidos em Imagem; Laboratório de Design Educacional; Introdução à História do Cinema.

2.1.2. Eixo temático Design de Interação - Disciplinas: Acessibilidade Digital; Design de Interação; Design Generativo; Design de Jogos 1; Design de Jogos 2; Design Instrucional.

2.1.3. Eixo temático Design de Informação - Disciplinas: Design e espaço construído 1; Design e espaço construído 2; Design e espaço construído 3; Visualização de Dados.

2.1.4. Eixo temático Design e Desenvolvimento Regional - Disciplinas: Design em APL I; Design em APL II; Design e Inovação; Design Centrado no Ser Humano; Design de coleção de moda; Design Estratégico; Design de Serviços; Estamparia; Vitrinismo; Fotografia para Moda.

2.1.5. Eixo temático Design Gráfico - Disciplinas: Identidade Visual 1; Identidade Visual 2; Identidade Visual 3; Design de Tipos Básico; Design de Tipos Intermediário; Design de Tipos Avançado; Ilustração 1; Ilustração 2; Produção Gráfica; Design Editorial 1; Design Editorial 2; Experimentação Gráfica; Embalagem.

2.1.6. Eixo temático Teoria, História e Crítica - Disciplinas: Design Educacional; Psicologia e Design; Memória Gráfica Capixaba; História do Design no Brasil; Memória e Design.

2.1.7. Eixo temático Design de Produtos - Disciplinas: Seleção de materiais e processos aplicada ao design; Ciclo de Vida dos Produtos; Experimentação com Materiais.

Trata-se de uma configuração disciplinar sujeita a atualização e expansão curricular contínuas e ininterruptas, pois a concepção deste Projeto Pedagógico prevê a possibilidade permanente de incorporação de novos Eixos Temáticos e/ou Disciplinas Profissionalizantes à Matriz Curricular, na medida do crescimento e da especialização contínua do corpo docente, e/ou do surgimento de novas demandas profissionais/acadêmicas, impostas pela sociedade à formação superior dos designers. A possibilidade de incorporação de novos Eixos Temáticos e/ou Disciplinas Profissionalizantes à Matriz Curricular consiste no dispositivo que garante a atualização curricular contínua e ininterrupta, sem que se imponha a necessidade de uma reestruturação curricular global.

Este dispositivo tem como fundamento o caráter optativo das Disciplinas Profissionalizantes, quando tomadas isoladamente, bem como a intercambiabilidade de suas cargas horárias. Isso não significa, no entanto, que tais disciplinas sejam opcionais, pois elas constituem o cerne da formação em nível superior aqui proposta. Além de permitir a atualização curricular contínua e ininterrupta por parte da instituição, as Disciplinas Profissionalizantes de caráter optativo e com carga horária intercambiável permitem que cada estudante componha sua formação individual de acordo com a identificação de suas próprias potencialidades e interesses, podendo optar por conteúdos que estejam de acordo com tais percepções, sem a obrigatoriedade de cursar disciplinas profissionalizantes que não estejam alinhadas ao perfil profissional pretendido para si.

Em termos operacionais, no decorrer do Ciclo Avançado, cada estudante poderá optar, segundo seu próprio arbítrio, dentre as diversas Disciplinas Profissionalizantes ofertadas, podendo forjar uma formação profissional generalista, ou aperfeiçoar-se em Eixos Temáticos específicos, ou ainda compor uma formação que venha a mesclar estas duas possibilidades. No caso das Disciplinas Profissionalizantes, a obrigatoriedade diz respeito à carga horária total a ser cumprida por cada estudante em disciplinas deste grupo disciplinar, a qual deve perfazer, conforme já esclarecido, um total de 540 horas (9 disciplinas de 60h cada).

Em outras palavras, no que diz respeito à escolha das Disciplinas Profissionalizantes, cada estudante poderá compor sua formação cursando aquelas que julgar mais afeitas à trajetória idealizada para si, sejam elas pertencentes a um mesmo Eixo Temático, ou pertencentes a eixos distintos, desde que cumpridos os pré-requisitos disciplinares.

No que diz respeito à oferta das Disciplinas Profissionalizantes, cabe enfatizar que a mesma se dará de forma intermitente, de acordo com o levantamento semestral de intenção de matrícula, a ser realizado pela Coordenação do Curso, de modo que as disciplinas ofertadas sejam ajustadas às expectativas do alunado, bem como à capacidade de oferta do Departamento de Desenho Industrial, em termos de disponibilidade de docentes e de espaços didáticos adequados.

No que diz respeito aos dados do Histórico Escolar e do Diploma dos egressos do curso, é importante ressaltar que tais documentos não apresentarão referências ou registros aos Eixos Temáticos deste PPC, apresentando efetivamente as nomenclaturas das disciplinas e seu respectivo rendimento (no caso do Histórico Escolar) e a referência ao bacharelado em Design (no caso do Diploma). Isto decorre do fato de que a organização das Disciplinas Profissionalizantes em Eixos Temáticos tem por única finalidade um ordenamento curricular



mais claro, mediante o agrupamento das disciplinas por afinidades, de modo a amparar a compreensão do Projeto Pedagógico de Curso por seus públicos-alvo, e a manutenção e/ou expansão do mesmo, por parte dos agentes da universidade (Coordenação e Colegiado de Curso, Corpo Docente e equipes administrativas). Em outras palavras, a vinculação das Disciplinas Profissionalizantes aos Eixos Temáticos não configura nenhum tipo de especialização ou área de concentração atendidas formalmente pelo Curso.

Além das Disciplinas Profissionalizantes, conforme se verá a seguir, a Matriz Curricular aqui proposta também conta com uma série de Disciplinas de Formação Transversal, cujos conteúdos não correspondem ao cerne da formação de designers em nível superior, mas potencializam a formação de cada estudante em sentido transdisciplinar, de acordo com as escolhas individuais de cada estudante.

2.2. Disciplinas de Formação Transversal: trata-se de um conjunto com cerca de uma centena de disciplinas optativas, ofertadas por diversos Departamentos da Universidade, cujos conteúdos têm o potencial de ampliar as capacidades de atuação interdisciplinar dos designers, e aprimorar ainda mais a formação individual em aspectos específicos, de acordo com a livre escolha de cada estudante. A carga horária mínima obrigatória do bloco de Disciplinas de Formação Transversal equivale a 240 horas (4 disciplinas de 60h cada), mas cada estudante pode cursar mais disciplinas para além do mínimo exigido.

Os Departamentos que autorizaram a inclusão de disciplinas de sua alçada no rol de Disciplinas de Formação Transversal deste PPC são os seguintes: Artes Visuais, Teoria da Arte e Música, Gemologia, Comunicação Social, Economia, Engenharia de Produção, Arquivologia, Biblioteconomia, Filosofia, Tecnologia Industrial e Estatística. Faz parte ainda do rol de Disciplinas de Formação Transversal a disciplina Fundamentos da Língua Brasileira de Sinais, que já constava do PPC Design 2015.

Tal como ocorre ao elenco de Disciplinas Profissionalizantes, o elenco de Disciplinas de Formação Transversal também pode ser ampliado, de acordo com a mesma força motriz responsável pela ampliação da Matriz Curricular como um todo, qual seja, a imposição de demandas sociais e/ou o desenvolvimento institucional da própria Universidade e a aproximação orgânica entre os seus diversos Departamentos.

O presente Projeto Pedagógico prevê a possibilidade de cumprimento das Disciplinas de Formação Transversal junto ao próprio Centro de Artes, e também junto a diversos outros centros de ensino da universidade, junto ao alunado de outros cursos de graduação.

Tendo em vista o aproveitamento de estudos de alunos que venham a aderir ao presente PPC tendo já iniciado sua graduação na vigência do PPC 2015, foram estabelecidas desde logo as equivalências pertinentes, registradas no trecho "OBSERVAÇÕES SOBRE A ADESÃO VOLUNTÁRIA AO PRESENTE PROJETO PEDAGÓGICO" do presente capítulo.

2.3. Atividades Extensionistas: Projetos Integrados à Comunidade 1, 2 3 e 4

As atividades extensionistas consistem num componente curricular de cumprimento obrigatório, tal como prevê a Lei nº 13.005 (25/06/2014) em uma de suas estratégias, a qual preconiza "assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social; (...)".

Tendo em vista o disposto em tal Lei Federal, o Departamento de Desenho Industrial idealizou um conjunto de quatro disciplinas, denominadas Projetos Integrados à Comunidade 1, 2 3 e 4, cujas cargas horárias individuais são equivalentes a 60 (sessenta) horas, e cuja ementa varia de acordo com a experiência do estudante em relação à prática extensionista, desde o estudante sem experiência prévia, passando pelo estudante já iniciado em prática extensionista, até os estudantes em níveis intermediário e avançado, respectivamente.

Trata-se de um conjunto de disciplinas idealizado para assegurar à totalidade do alunado a oferta de práticas extensionistas supervisionadas, por meio de sua oferta regular, cabendo ao



docente responsável a identificação e preparação da situação e grupo social a serem abordados/atendidos. Em suma, o alunado cumprirá a carga horária relativa às atividades extensionistas das quais trata a Lei nº 13.005 mediante a matrícula e cumprimento das quatro disciplinas de Projeto Integrado à Comunidade.

A participação eventual dos alunos em Projetos de Extensão formatados, cadastrados e conduzidos de acordo com as normas internas e controle da Pró-reitoria de Extensão, não serão creditados como parte da carga horária extensionista obrigatória, mas poderão ser creditados como Atividades Complementares, sendo esta modalidade apresentada no item 3, na sequência deste documento, bem como em capítulo específico.

3. Atividades Complementares: consistem em atividades de caráter obrigatório, a serem realizadas fora do âmbito das disciplinas da grade curricular, de modo a complementar a formação do alunado de acordo com o perfil de cada estudante. As Atividades Complementares válidas no âmbito deste PPC são categorizadas de acordo com as tipologias vigentes na Ufes, que abrangem publicações, monitorias, participação em eventos, órgãos colegiados, atividades de iniciação científica e pesquisa, atuação em núcleos temáticos, organização de eventos, produção técnica, artística e teórica, cursos extracurriculares e disciplinas em outras IES, apresentação de trabalhos em congressos e eventos, visitas técnicas monitoradas e atividades desenvolvidas com bolsa PET. Os alunos podem escolher livremente, dentre as categorias vigentes para as Atividades Complementares, para frequentá-las / realizá-las desde o primeiro período de sua formação universitária, devendo cumprir carga horária total mínima de 180 horas. As orientações para a contabilização da carga horária de Atividades Complementares constam da seção "Normas para Atividades Complementares".

Serão consideradas válidas as participação em quaisquer Atividades de Extensão, tipificadas de acordo com a Resolução Nº 46/2014 Cepe, que estabelece o que segue, em seu Artigo 2: "atividades de extensão estão classificadas, segundo o Sistema de Extensão Universitária, em: a) programas b) projetos c) cursos d) eventos e) produtos f) prestação de serviços.

4. Iniciação Científica: As atividades de Iniciação Científica do Curso de Design ocorrem no âmbito do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC) da UFES, que é voltado para a iniciação à pesquisa de estudantes de graduação universitária (cf. CNPq, RN-25/2005, de 04/11/2005). Este programa visa fundamentalmente incentivar a carreira científica dos estudantes de graduação que apresentam bom desempenho acadêmico, preparando-os para a pós-graduação. Para tanto, esses estudantes participam de projetos de pesquisa, de forma individual e continuada, os quais são conduzidos pelos professores pesquisadores da instituição, que garantem aos estudantes a qualidade acadêmica, o mérito científico e a orientação adequada. O desenvolvimento de projetos de Iniciação Científica é uma das modalidades para contabilização de carga horária em Atividades Complementares.

5. Estágio não-obrigatório: O Estágio não-obrigatório no Curso de Design atende ao parágrafo primeiro da Lei 11.788 de 25/09/2008, o qual afirma que "Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior (...)"

Trata-se de uma atividade válida (mesmo que não-obrigatória) para integrar a formação do aluno, pois cria possibilidades de aprendizado por meio de vivência de experiências reais junto ao mercado de trabalho, bem como, desenvolve e coloca em contextos práticos os conhecimentos adquiridos na academia. O Estágio permite o desenvolvimento de repertórios próprios a partir do exercício laboral, além do desenvolvimento do aluno na compreensão do mundo do trabalho e da vida cidadã.

As diretrizes curriculares vigentes não indicam a obrigatoriedade do estágio. No entanto, por compreender a relevância dessa atividade para a formação profissional, este Projeto Pedagógico valida e reforça a importância dessa atividade, e mantém o funcionamento institucional correlato nos termos da Lei Nº 11.788, de acordo com os critérios enumerados na seção "Normas para o estágio não-obrigatório".



Por outro lado, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design estabelecem que o estágio não pode ser considerado como Atividade Complementar, conforme o que segue: “as Atividades Complementares se constituem componentes curriculares enriquecedores e implementadores do próprio perfil do formando, sem que se confundam com estágio curricular supervisionado.”

OBSERVAÇÕES SOBRE A ADESÃO VOLUNTÁRIA AO PRESENTE PROJETO PEDAGÓGICO (possibilidade de migração do PPC 2015 para o PPC proposto neste documento)

A partir da homologação do presente Projeto Pedagógico pelas instâncias superiores da Universidade Federal do Espírito Santo, o mesmo passará a ser ofertado aos estudantes que ingressarem no curso a partir de então. Quanto ao Projeto Pedagógico de Curso em vigência (implantado em 2015), o mesmo continuará sendo ofertado até o atendimento pleno dos estudantes a ele vinculados. Após a integralização curricular do último estudante vinculado ao PPC 2015, o mesmo será descontinuado.

No que diz respeito às diferenças entre os dois Projetos Pedagógicos para o Curso de Design que passarão a vigorar simultaneamente, quando da homologação do presente projeto, será oferecida, aos estudantes vinculados ao PPC 2015, a possibilidade de adesão a este PPC. Tal possibilidade será oferecida aos estudantes já ingressos no curso, em face das grandes inovações que caracterizam o Projeto Pedagógico de Curso aqui apresentado, e que porventura venham a despertar interesse no alunado já integrante do corpo discente. Trata-se de uma adesão de caráter voluntário, pessoal, intransferível e irreversível, cabendo aos estudantes já ingressos analisar e refletir sobre as vantagens e desvantagens de tal procedimento, o qual será conduzido mediante orientações e procedimentos administrativos disponibilizados pela Coordenação de Curso em calendário apropriado, após a homologação do presente PPC pelas instâncias superiores da Ufes.

Os estudantes vinculados ao PPC 2015 que venham a optar pela adesão a este PPC terão sua vinculação curricular submetida às seguintes alterações e desdobramentos:

1. Quanto ao Projeto de Graduação: os estudantes vinculados ao PPC 2015, que venham a aderir ao presente PPC, não precisarão cumprir os créditos relativos ao Projeto de Graduação;
2. Quanto às Atividades Complementares: os estudantes vinculados ao PPC 2015, que venham a aderir ao presente PPC, deverão, obrigatoriamente, cumprir 180h de Atividades Complementares, ou dar continuidade ao seu cumprimento, caso já tenham iniciado tais procedimentos;
3. Quanto às Atividades Extensionistas: os estudantes vinculados ao PPC 2015, que venham a aderir ao presente PPC, deverão, obrigatoriamente, cumprir 240h de Atividades Extensionistas, mediante matrícula nas disciplinas de Projeto Integrado à Comunidade e/ou mediante a participação em Projetos de Extensão, de acordo com as regras de creditação da extensão determinadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Os estudantes que já tenham iniciado participações em Projetos de Extensão deverão dar continuidade ao seu cumprimento e verificar, junto à Coordenação de Curso, como será realizada a creditação de tais atividades, após o estabelecimento das normas afins pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão;
4. Quanto ao Aproveitamento de Disciplinas já cursadas:
 - 4.1. Serão aproveitadas na categoria Ciclo Básico as disciplinas do PPC 2015 enumeradas abaixo, à esquerda, as quais corresponderão às disciplinas enumeradas abaixo, à direita, no PPC 2020:

AID 03939 - PLÁSTICA A > Composição;
ART03934 - COR > Cor e percepção;
ART03929 DESENHO ARTÍSTICO I > Desenho de Observação;



ART04946 DESENHO I > Desenho de Observação;
AID 03941 COMPUTAÇÃO GRÁFICA II > Design Computacional;
AID03931 MEIOS E MÉT. DE REP. GRÁF > Expressão e Represent Gráfica;
AID03935 GRÁFICA I > Tipografia;
FTA03932 EST. E HIST DA ARTE II > Modernismo e Vanguardas;
AID02288 FOTOGRAFIA I > Fotografia;
AID01512 FOTOGRAFIA I > Fotografia;
DDI05897 FOTOGRAFIA I > Fotografia;
AID03955 DA MATÉRIA À FORMA > Forma, Função e Materiais;
AID03945 HIST.TECN. E DO DES. IND. > História do Design;
AID03936 PROJETO II > Design da Informação;
AID03947 VÍDEO I > Vídeo;
FTA03951 SEMIÓTICA DA IMAGEM > Semiótica das Mediações 1;
AID03950 ERGONOMIA > Ergonomia;
AID03928 PROJETO I > Projeto Básico.

4.2. Serão aproveitadas na categoria Ciclo Avançado / Disciplinas Profissionalizantes as disciplinas do PPC 2015 enumeradas abaixo, à esquerda, as quais corresponderão às disciplinas enumeradas abaixo, à direita, no PPC 2020:

FTA03948 COMUNIC E INFORM > Design e Cinema;
AID02289 FOTOGRAFIA II > Projeto em Imagem;
AID03953 MULTIMÍDIA II > Design de Interação;
DDI11243 ESTUDO E CONCEPÇÃO DE JOGOS > Design de Jogos 1;
AID03946 PROJETO V > Design e Espaço Construído 1;
AID03956 PROJETO SUPERVISIONADO > Design em APL 1;
DDI11247 DESIGN DE TIPOS DIGITAIS > Design de Tipos Básico;
AID03937 GRÁFICA II > Design Editorial 1;
AID03942 GRÁFICA III > Design Editorial 2;
AID03943 PROJETO IV > Embalagem;
AID03940 PROJETO III > Identidade Visual 1;
DDI11443 ESTUDO E PRODUÇÃO DE ILUSTRAÇÃO > Ilustração 1;
AID03952 VIDEO II > Projeto de Curta Metragem.

4.3. Serão aproveitadas as disciplinas do PPC 2015 enumeradas abaixo, na categoria Ciclo Avançado / Disciplinas Profissionalizantes, do PPC 2020 (tais disciplinas não contam com equivalências no PPC 2020):

AID03949 Multimídia I;
AID03958 Marketing e Design;
AID03961 Tópicos espec em design I;
AID03962 Tópicos espec em design II;
AID03963 Tópicos espec em design III;
AID03965 Tópicos espec em design V;
AID03966 Tópicos espec em design VI;
DDI11246 Serigrafia e Plotagem;
AID10529 História em Quadrinhos;
DDI11253 Estudos Comparados em Teoria do Design;
DDI11252 Estudos Comparados em História do Design;
DDI11442 Estudo e Produção de Livro Pop-up;
DDI11444 Estudo e Produção de Animação;
DDI11250 Design e Teorias Econômicas;
DDI11251 Design e Crítica Cultural;
DDI11441 Design Brasileiro;
AID10528 Design Computacional;
FTA01514 Desenho de Interiores;
DDI11245 Tipografia Experimental;
AID10526 Teoria e Crítica em Fotografia - Textos Fundamentais;



AID10525 Teoria e Crítica em Fotografia - Leitura de Imagem;
 AID10524 Teoria e Crítica em Fotografia - Estudos de Processos;
 AID10523 Teoria e Crítica em Fotografia;
 AID10520 Atelier de Fotografia - Científica;
 AID10518 Atelier de Fotografia - Digital;
 AID10516 Atelier de Fotografia - Estúdio;
 AID10521 Atelier de Fotografia - Tratamento e Manipulação;
 AID10517 Atelier de Fotografia de Campo;
 AID10522 Atelier de Fotografia e Design;
 AID10519 Atelier de Fotografia - Amadora;
 AID10515 Atelier de Fotografia - Analógica;
 ART02310 Serigrafia.

4.4. Serão aproveitadas as disciplinas do PPC 2015 enumeradas abaixo, na categoria Ciclo Avançado / Disciplinas de Formação Transversal, do PPC 2020 (tais disciplinas não contam com equivalências no PPC 2020):

FTA03930 Estética e História da Arte 1;
 FTA03585 Geometria Gráfica 1;
 FTA03592 Geometria Gráfica 2;
 ART02304 Xilogravura;
 ART02021 Teoria da Percepção;
 ART03959 Tecnologia Musical I;
 DDI11249 Semiótica Discursiva;
 ARQ01247 Paisagismo I;
 ARQ01549 Paisagismo II;
 ART02271 Labor de Fabricação de Tintas;
 ART02272 Fundamentos da Música I;
 ART03563 Desenho Artístico III;
 ART01489 Desenho Artístico IV;
 LET03252 Língua Portuguesa Produção de Texto.

Quadro Resumo da Organização Curricular

Descrição	Previsto no PPC
Carga Horária Total	2400 horas
Carga Horária Obrigatória	1440 horas
Carga Horária Optativa	780 horas
Carga Horária de Disciplinas de Caráter Pedagógico	0 horas
Trabalho de Conclusão de Curso	0 horas
Atividades Complementares	180 horas
Estágio Supervisionado	0 horas
Turno de Oferta	Integral
Tempo Mínimo de Integralização	4.0 anos
Tempo Máximo de Integralização	5.5 anos
Carga Horária Mínima de Matrícula Semestral	60 horas
Carga Horária Máxima de Matrícula Semestral	420 horas
Número de Novos Ingressantes no 1º Semestre	30 alunos
Número de Novos Ingressantes no 2º Semestre	20 alunos
Número de Vagas de Ingressantes por Ano	60 alunos
Prática como Componente Curricular	-



Disciplinas do Currículo

Observações:

T - Carga Horária Teórica Semestral

E - Carga Horária de Exercícios Semestral

L - Carga Horária de Laboratório Semestral

OB - Disciplina Obrigatória

OP - Disciplina Optativa

EC - Estágio Curricular

EL - Disciplina Eletiva

Disciplinas Obrigatórias - Ciclo Básico			Carga Horária Exigida: 1200				Crédito Exigido:	
Período	Departamento	Código	Nome da Disciplina	Cr	C.H.S	Distribuição T.E.L	Pré-Requisitos	Tipo
1º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15173	TEORIA DO DESIGN	4	60	60-0-0		OB
1º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15174	COR E PERCEPÇÃO	2	60	15-45-0		OB
1º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15175	COMPOSIÇÃO	3	60	30-0-30		OB
1º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15176	DESIGN COMPUTACIONAL	2	60	15-45-0		OB
1º	Departamento de Artes Visuais	DAV13858	DESENHO DE OBSERVAÇÃO	2	60	0-0-60		OB
2º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15177	EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15174	OB
2º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15178	TIPOGRAFIA	2	60	0-0-0	Disciplina: FTA15175	OB
2º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15179	FOTOGRAFIA	2	60	15-15-30	Disciplina: FTA15174 Disciplina: FTA15175	OB
2º	Departamento de Ciências Sociais	CSO00184	INTRODUÇÃO A ANTROPOLOGIA	4	60	60-0-0		OB
2º	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13857	MODERNISMO E VANGUARDAS	4	60	60-0-0		OB
3º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15180	FORMA, FUNÇÃO E MATERIAIS	2	60	15-0-45	Disciplina: FTA15177	OB
3º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15181	HISTÓRIA DO DESIGN	3	60	45-15-0		OB
3º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15182	DESIGN DA INFORMAÇÃO	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15178 Disciplina: FTA15176	OB
3º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15183	VÍDEO	2	60	15-30-15	Disciplina: FTA15179	OB
3º	Departamento de Arquitetura e Urbanismo	FTA03944	DESENHO TÉCNICO	2	60	15-45-0	Disciplina: DAV13858	OB
4º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15184	SEMIÓTICA DAS MÊDIAS 1	3	60	45-15-0	Disciplina: FTA15182	OB
4º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15185	PROJETO BÁSICO	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15173	OB



							Disciplina: FTA15182	
4º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15186	ERGONOMIA	2	60	30-15-15		OB
4º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15188	METODOLOGIA DE PESQUISA	4	60	60-0-0	Disciplina: FTA15173 Disciplina: FTA15182 Carga horária vencida: 900	OB
4º	Departamento de Ciências Sociais	CSO00176	SOCIOLOGIA GERAL	4	60	60-0-0		OB

Disciplinas Optativas Profissionalizantes			Carga Horária Exigida: 540				Crédito Exigido:	
Período	Departamento	Código	Nome da Disciplina	Cr	C.H.S	Distribuição T.E.L	Pré-Requisitos	Tipo
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15189	SELEÇÃO DE MATERIAIS E PROCESSOS APLICADA AO DESIGN	4	60	60-0-0	Disciplina: FTA15175 Disciplina: FTA15180 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15190	CICLO DE VIDA DOS PRODUTOS	3	60	45-0-15	Disciplina: FTA15180 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15191	EXPERIMENTAÇÃO COM MATERIAIS	2	60	15-15-30	Disciplina: FTA15180 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15192	DESIGN DE COLEÇÃO DE MODA	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15193	DESIGN DE SERVIÇOS	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15194	DESIGN ESTRATÉGICO	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial - CAR	CAD15195	PRODUÇÃO GRÁFICA	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15180 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15196	PROJETO EM IMAGEM	2	60	15-0-45	Disciplina: FTA15179 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15197	IDENTIDADE VISUAL 1	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15184 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho	FTA15198	IDENTIDADE VISUAL 2	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15197	OP



	Industrial						Carga horária vencida: 900	
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15199	IDENTIDADE VISUAL 3	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15198 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15200	DESIGN DE TIPOS BÁSICO	2	60	15-15-30	Disciplina: FTA15178 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15201	DESIGN DE TIPOS INTERMEDIÁRIO	2	60	15-0-45	Disciplina: FTA15200 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15202	DESIGN DE TIPOS AVANÇADO	2	60	15-0-45	Disciplina: FTA15201 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15203	ILUSTRAÇÃO 1	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15174 Disciplina: FTA15177 Disciplina: DAV13858 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15204	ILUSTRAÇÃO 2	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15203 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15205	DESIGN EDITORIAL 1	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15178 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15206	DESIGN EDITORIAL 2	2	60	0-0-0	Disciplina: FTA15205 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15207	EXPERIMENTAÇÃO GRÁFICA	2	60	0-60-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15208	EMBALAGEM	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15180 Disciplina: FTA03944 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15209	DESIGN EDUCACIONAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15210	PSICOLOGIA E DESIGN	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15211	MEMÓRIA GRÁFICA CAPIXABA	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15181 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho	FTA15212	HISTÓRIA DO DESIGN NO BRASIL	3	60	45-15-0	Disciplina: FTA15181	OP



	Industrial						Carga horária vencida: 900	
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15213	MEMÓRIA E DESIGN	4	60	60-0-0	Disciplina: FTA15181 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15214	DESIGN CENTRADO NO SER HUMANO	2	60	15-0-45	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15215	SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 2	3	60	45-15-0	Disciplina: FTA15184 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15216	SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 3	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15215 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15217	SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 4	3	60	45-15-0	Disciplina: FTA15216 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15218	INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO CINEMA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15219	DESIGN E CINEMA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15220	PROJETO DE CURTA METRAGEM	2	60	15-30-15	Disciplina: FTA15183 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15221	ATELIER DE FOTOGRAFIA E DESIGN	2	60	15-0-45	Disciplina: FTA15179 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15222	PESQUISA E PROJETO EM IMAGEM	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15179 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15223	ESTUDOS DIRIGIDOS EM IMAGEM	4	60	60-0-0	Disciplina: FTA15179 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15224	LABORATÓRIO DE DESIGN EDUCACIONAL	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15225	ACESSIBILIDADE DIGITAL	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15186 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15226	DESIGN DE INTERAÇÃO	2	60	15-15-30	Disciplina: FTA15186 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15227	DESIGN GENERATIVO	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15176 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho	FTA15228	DESIGN DE JOGOS 1	2	60	15-15-30	Disciplina:	OP



	Industrial						FTA15177	
							Carga horária vencida: 900	
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15229	DESIGN DE JOGOS 2	2	60	15-15-30	Disciplina: FTA15228 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15230	DESIGN INSTRUCIONAL	3	60	30-30-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15231	DESIGN E ESPAÇO CONSTRUÍDO 1	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15232	DESIGN E ESPAÇO CONSTRUÍDO 2	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15231 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15233	DESIGN E ESPAÇO CONSTRUÍDO 3	2	60	15-45-0	Disciplina: FTA15232 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15234	VISUALIZAÇÃO DE DADOS	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15182 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15235	DESIGN EM APL I	3	60	45-15-0	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15236	DESIGN EM APL II	3	60	30-30-0	Disciplina: FTA15235 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15237	DESIGN E INOVAÇÃO	4	60	60-0-0	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15238	VITRINISMO	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15185 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15239	FOTOGRAFIA PARA MODA	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15175 Disciplina: FTA15179 Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Desenho Industrial	FTA15240	ESTAMPARIA	2	60	30-15-15	Disciplina: FTA15177 Disciplina: FTA15176 Carga horária vencida: 900	OP



Disciplinas Optativas - Formação Transversal			Carga Horária Exigida: 240				Crédito Exigido:	
Período	Departamento	Código	Nome da Disciplina	Cr	C.H.S	Distribuição T.E.L	Pré-Requisitos	Tipo
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR12777	METODOLOGIA DA PESQUISA I	1	30	15-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR12801	PROCESSOS PRODUTIVOS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR12784	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E PRODUÇÃO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR12786	INTRODUÇÃO À ECONOMIA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR12793	ENGENHARIA DE PRODUTO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR12775	GESTÃO ESTRATÉGICA EMPRESARIAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Engenharia de Produção	EPR07951	GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA	3	45	45-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Depto de Formação Artística - CAR (atual CADA)	ART00016	GRAVURA	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	DAV13885	DESENHO E FIGURA HUMANA	2	60	0-0-60	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	FTA15296	ARTE E ESPAÇO PÚBLICO I	2	60	15-0-45	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Economia	ECO04691	INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Depto de Formação Artística - CAR (atual CADA)	ART02895	MATERIAIS E TÉCNIC ARTÍSTICAS	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Economia	ECO07705	INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Depto de Formação Artística - CAR (atual CADA)	ART04954	MULTIMEIOS	2	60	15-0-45	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	DAV13899	ARTE E CINEMA	2	60	15-0-45	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	DAV01491	CERAMICA I	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	DAV13892	ESTAMPARIA	2	60	15-0-45	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Arquivologia	ARV12946	ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	DAV04966	GRAVURA EM METAL	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Artes Visuais	DAV04965	LITOGRAFIA	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento	DAV13883	POÉTICAS DIGITAIS	2	60	15-0-45	Carga horária	OP



	de Artes Visuais						vencida: 900	
-	Departamento de Artes Visuais	DAV01480	SERIGRAFIA	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Arquivologia	ARV13049	SISTEMAS GERENCIADORES DE BANCOS DE DADOS (SGDB)	2	60	30-15-15	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Arquivologia	ARV12966	ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO	2	60	30-15-15	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Arquivologia	ARV12967	CIÊNCIAS DE DADOS	2	60	30-15-15	Carga horária vencida: 900	OP
-	Depto de Formação Artística - CAR (atual CADA)	ART03933	DESENHO ARTISTICO II	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Arquivologia	ARV12970	PESQUISA DE OPINIÃO: MÉTODO E FUNÇÃO	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Arquivologia	ARV12969	A COMUNICAÇÃO PÚBLICA: MÍDIAS SOCIAIS E TERCEIRO SETOR	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Filosofia	FIL00428	INTRODUCAO A FILOSOFIA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Biblioteconomia	BIB03890	EVOLUCAO DOS REGISTROS DO CONHECIMENTO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Biblioteconomia	BIB03888	NORMALIZACAO DA INFORMACAO	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Biblioteconomia	BIB10086	TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO I	3	60	45-0-15	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Biblioteconomia	BIB03895	EDITORACAO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA06304	HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OB
-	Departamento de Desenho Industrial	AID10514	ATELIER DE FOTOGRAFIA	3	60	15-0-45	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Comunicação Social	COS10072	HISTÓRIA E ESTÉTICAS DO AUDIOVISUAL I	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Comunicação Social	COS10071	PROCESSOS CRIATIVOS NO AUDIOVISUAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OB
-	Departamento de Comunicação Social	COS04827	TEORIAS DA COMUNICAÇÃO - PERSPECTIVAS HISTÓRICAS	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OB
-	Departamento de Comunicação Social	COS04828	TEORIAS DA COMUNICAÇÃO - PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OB
-	Departamento de	COS04945	HISTÓRIA DOS SISTEMAS DE	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP



	Comunicação Social		COMUNICAÇÃO NO BRASIL				Carga horária vencida: 900	
-	Departamento de Comunicação Social	COS04838	TEORIAS E PRÁTICAS DE LINGUAGEM VISUAL/FOTOJORNALISMO	3	60	30-30-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Comunicação Social	COS11583	ANÁLISE FÍLMICA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Comunicação Social	COS11585	DIREÇÃO DE ARTE EM AUDIOVISUAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13861	FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DO ENSINO DA ARTE I	5	115	60-55-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13875	FILOSOFIA DA ARTE	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13864	ARTE ANTIGA E MEDIEVAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13868	ARTE DO RENASCIMENTO E BARROCO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13872	ARTE MODERNA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13860	ARTE CONTEMPORÂNEA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA04978	ARTES DA PERFORMANCE	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA04979	INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO	2	60	15-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	DTA13865	FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DO ENSINO DA ARTE II	5	105	60-45-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Centro de Artes	CAR15297	PÓS-MODERNISMO: DO TERMO AO CONCEITO	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Centro de Artes	CAR15298	PROCESSO DE CRIAÇÃO E ARTE CONTEMPORÂNEA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Centro de Artes	CAR15299	A FOTOGRAFIA NA ARTE CONTEMPORÂNEA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Centro de Artes	CAR15300	O CORPO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Centro de Artes	CAR15301	PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO: CULTURAS ÉTNICAS POPULARES	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Música - CAR	MUS10284	HISTÓRIA DA MÚSICA I	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Música - CAR	MUS10042	HISTÓRIA DA MÚSICA I	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da Arte e Música	MUS10310	HISTÓRIA DA MÚSICA II	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Teoria da	MUS10316	HISTÓRIA DA MÚSICA III	3	60	45-15-0	Carga horária	OP



	Arte e Música						vencida: 900	
-	Departamento de Música - CAR	MUS10564	INTRODUÇÃO A TRILHA MUSICAL	2	30	30-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Tecnologia Industrial	DTI12763	INTRODUÇÃO À ENGENHARIA DE PRODUÇÃO	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Tecnologia Industrial	DTI12767	PROCESSAMENTO DE DADOS	3	60	45-0-15	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Tecnologia Industrial	DTI12785	PRINCÍPIOS DE CIÊNCIAS DE MATERIAIS	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Tecnologia Industrial	DTI12799	INTRODUÇÃO À ENGENHARIA AMBIENTAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Estatística	STA04692	ESTATÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS I	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Estatística	STA03927	ESTATÍSTICA APLICADA	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Estatística	STA00001	ESTATÍSTICA SOCIAL	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Gemologia	GEM10465	GESTÃO ESTRATÉGICA DE CADEIAS PRODUTIVAS	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Gemologia	GEM10226	OURIVESARIA E TÉCNICAS EM MONTAGEM DE JÓIAS	3	60	30-0-30	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Gemologia	GEM10777	INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE EM GEMAS E JÓIAS	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Educação Integrada em Saúde	DIS10289	LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Gemologia	GEM06977	ANÁLISE DE CUSTOS APLICADA À GEMOLOGIA	3	60	45-15-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Gemologia	GEM06975	DESIGN DE JÓIAS I	4	60	60-0-0	Carga horária vencida: 900	OP
-	Departamento de Gemologia	GEM09962	DESIGN DE JÓIAS II	3	60	30-0-30	Carga horária vencida: 900	OP

Disciplinas Obrigatórias - Projeto Integrado à Comunidade								
Carga Horária Exigida: 240						Crédito Exigido:		
Período	Departamento	Código	Nome da Disciplina	Cr	C.H.S	Distribuição T.E.L	Pré-Requisitos	Tipo
5º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15302	PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 1	2	60	0-0-60	Carga horária vencida: 300	OB
6º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15303	PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 2	2	60	0-0-60	Carga horária vencida: 900	OB
7º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15304	PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 3	2	60	0-0-60	Carga horária vencida: 900	OB
8º	Departamento de Desenho Industrial	FTA15305	PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 4	2	60	0-0-60	Carga horária vencida: 900	OB

Atividades Complementares

	Atividade	CH Máxima	Tipo
1	ATV02815 Participação em seminários, encontros, congressos e similares com apresentação de trabalho, na área de Design ou áreas afins.	15	Participação em eventos
2	ATV02816 Participação em seminários, encontros, congressos e similares sem apresentação de trabalho, na área de Design ou áreas afins.	7	Participação em eventos
3	ATV02818 Participação em curso ou workshop como convidado/ministrante	15	Participação em eventos
4	ATV02819 Participação como ouvinte em defesas de trabalho acadêmico (TCC/PG) de graduação ou especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, com conteúdo de Design e áreas afins	3	Participação em eventos
5	ATV02821 Participação em movimentos sociais e afins.	30	Participação em eventos
6	ATV02809 Participação em Projeto de Iniciação Científica	60	Atividades de pesquisa, ensino e extensão
7	ATV02810 Participação em Grupo ou Projeto de Pesquisa	30	Atividades de pesquisa, ensino e extensão
8	ATV02811 Participação em Projeto de Extensão (vinculado ou não à Proex)	30	Atividades de pesquisa, ensino e extensão
9	ATV02812 Estágio não obrigatório sob supervisão	10	Monitoria
10	ATV02813 Monitoria em disciplinas ou laboratórios	30	Monitoria
11	ATV02820 Viagem de estudo, com apresentação de relatório	15	Outras atividades
12	ATV02836 Outras atividades técnicas	60	Outras atividades
13	ATV02822 Realização de disciplinas eletivas em outras IES (2)	60	Disciplinas Eletivas
14	ATV02817 Participação em organização de evento na área de Design ou áreas afins.	60	Organização de Eventos
15	ATV02814 Representação Estudantil junto à administração universitária	60	Organização estudantil
16	ATV02827 Exposição ou publicação coletiva	30	Produção técnica, artística e teórica
17	ATV02828 Exposição ou publicação individual	60	Produção técnica, artística e teórica



	Atividade	CH Máxima	Tipo
18	ATV02829 Ter trabalho selecionado em concursos, Festivais, Mostras	30	Produção técnica, artística e teórica
19	ATV02830 Publicação de Ilustração inédita em livro ou de obra áudio-visual	15	Produção técnica, artística e teórica
20	ATV02831 Publicação de obra áudio-visual inédita	15	Produção técnica, artística e teórica
21	ATV02832 Construção e desenvolvimento integral de página da Internet	15	Produção técnica, artística e teórica
22	ATV02833 Projeto de Design de autoria do aluno, selecionado para mostra de Design	15	Produção técnica, artística e teórica
23	ATV02834 Desenvolvimento integral de projeto fotográfico publicado	15	Produção técnica, artística e teórica
24	ATV02835 Desenvolvimento integral de vídeo apresentado em evento ou mostra	15	Produção técnica, artística e teórica
25	ATV02823 Publicação de artigo sobre Design ou áreas afins em jornais e revistas	15	Produção Bibliográfica
26	ATV02824 Publicação de artigo em periódico científico na área de Design ou áreas afins	30	Produção Bibliográfica
27	ATV02825 Capítulo em livro	60	Produção Bibliográfica
28	ATV02826 Autoria de livro	120	Produção Bibliográfica

Equivalências

Disciplina do Currículo			Disciplina Equivalente	
Período	Disciplina	Correlação	Disciplina	Curso (versão)
1	FTA15175 Composição	⇒	ART03939 PLASTICA A	
1	FTA15174 Cor e Percepção	⇒	ART03934 COR	
1	DAV13858 Desenho de observação	⇒	ART03929 DESENHO ARTISTICO I	
1	DAV13858 Desenho de observação	⇒	ART04946 DESENHO I	
1	FTA15176 Design Computacional	⇒	AID03941 COMPUTACAO GRAFICA II	



Período	Disciplina	Correlação	Disciplina	Curso (versão)
2	FTA15177 Expressão e Representação Gráfica	⇒	AID03931 MEIOS E METOD DE REPREST GRAFICA	
2	FTA15179 Fotografia	⇒	AID02288 FOTOGRAFIA I	
2	FTA15179 Fotografia	⇒	AID01512 FOTOGRAFIA I	
2	FTA15179 Fotografia	⇒	DDI05897 FOTOGRAFIA I	
2	DTA13857 Modernismo e Vanguardas	⇒	FTA03932 ESTETICA E HISTORIA DA ARTE II	
2	FTA15178 Tipografia	⇒	AID03935 GRAFICA I	
3	FTA15182 Design da Informação	⇒	AID03936 PROJETO II	
3	FTA15180 Forma, função e materiais	⇒	AID03955 DA MATERIA A FORMA	
3	FTA15181 História do Design	⇒	AID03945 HISTORIA DA TEC E DO DES INDUSTRIAL	
3	FTA15183 Vídeo	⇒	AID03947 VIDEO I	
4	FTA15186 Ergonomia	⇒	AID03950 ERGONOMIA	
4	FTA15185 Projeto Básico	⇒	AID03928 PROJETO I	
4	FTA15184 Semiótica das Mediações 1	⇒	FTA03951 SEMIOTICA DA IMAGEM	
	FTA15226 Design de Interação	⇒	AID03953 MULTIMIDIA II	
	FTA15228 Design de Jogos 1	⇒	DDI11243 Estudo e Concepção de Jogos	
	FTA15200 Design de Tipos Básico	⇒	DDI11247 Design de Tipos Digitais	
	FTA15219 Design e Cinema	⇒	FTA03948 COMUNICACAO E INFORMACAO	
	FTA15231 Design e espaço construído 1	⇒	AID03946 PROJETO V	
	FTA15235 Design em APL I	⇒	AID03956 PROJETO SUPERVISIONADO	
	FTA15205 Design Editorial 1	⇒	AID03937 GRAFICA II	
	FTA15206 Design Editorial 2	⇒	AID03942 GRAFICA III	
	FTA15208 Embalagem	⇒	AID03943 PROJETO IV	

Período	Disciplina	Correlação	Disciplina	Curso (versão)
	FTA15197 Identidade Visual 1	⇒	AID03940 PROJETO III	
	FTA15203 Ilustração 1	⇒	DDI11443 Estudo e Produção de Ilustração	
	FTA15196 Projeto em Imagem	⇒	AID02289 FOTOGRAFIA II	

Currículo do Curso

Disciplina: FTA15173 - TEORIA DO DESIGN

Ementa

Estudo da constituição histórica dos fundamentos teóricos da prática profissional culta do design. O estabelecimento da noção de design. Estudos de caso com ênfase em projeto - revisão panorâmica das diferentes razões e fundamentos das práticas de design em diferentes momentos históricos: geração de exclusividade em termos estéticos, funcionais ou simbólicos; ampliação do valor de troca e da lucratividade; gestão de projeto no contexto da produção artesanal e do industrialismo, da produtividade e da reprodutibilidade; promoção da sustentabilidade e da proteção ao meio-ambiente e da reciclagem; atendimento ao valor de uso, em termos da singularidade do usuário e em termos da especificidade do público-alvo; ética, design universal e direitos humanos. Estudos de caso com ênfase em produtos, artefatos e sistemas - revisão panorâmica dos diferentes efeitos sociais oriundos dos projetos originados no âmbito do design em diferentes momentos históricos: diferenciação social: consumo de luxo, consumo popular ; diferenciação de gênero; diferenciação étnico-racial; diferenciação cultural (nacionalismos e regionalismos); diferenciação política; diferenciação etária; valorização simbólica de portadores de deficiência.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

- O designer como operador da produção industrial;
- O designer como operador do bom gosto, da boa forma, do estilo de vida e das diferenças de classe;
- O designer como operador da identidade cultural, em suas diversas dimensões (identidade nacional, racial, de gênero, relações interraciais);
- O designer como operador da reforma social (Artes e Ofícios, Bauhaus, Vkhutemas, Escola de Ulm);
- Canonização e profissionalização do design moderno;
- O design como formulador de interfaces artefato/usuário/tarefa;
- O design como expressão da criatividade individual e instrumento de contestação;
- O designer como operador do mercado e como criador de valor;
- O designer como operador da autonomia econômica (design, desenvolvimento, desenvolvimentismo);
- O design como viabilizador da sustentabilidade e da proteção ambiental;
- O design como viabilizador dos direitos humanos;
- O design como renovador de linguagens - fronteiras entre o design e a arte
- Teorias do Projeto: interfaces e diálogos entre as práticas do design, da arquitetura e das engenharias;
- Design vernacular.
- Design e ética.

Bibliografia Básica

- BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo: Blucher, 2011.
- CARA, M. Do desenho industrial ao design no Brasil: uma bibliografia crítica para a disciplina. SP: Blucher, 2010.
- SCHNEIDER, Beat. Design-uma introdução: o design no contexto social, cultural e econômico.



São Paulo: Blucher, 2010.

Bibliografia Complementar

CHAVES, N. El oficio de diseñar: propuestas a la conciencia crítica de los que comienzan. Barcelona: GGili, 2001.
FORTY, Adrian. Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
MALDONADO, Tomas. Cultura, sociedade e técnica. Buenos Aires, Barcelona, Mexico: Paidós, 2002.
PAIM, Gilberto. A beleza sob suspeita: o ornamento em Ruskin, Lloyd Wright, Loos, Le Corbusier e outros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.
POYNOR, Rick. Abaixo as regras: design gráfico e pós-modernismo. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010.

Disciplina: FTA15174 - COR E PERCEPÇÃO

Ementa

Aspectos físicos e perceptivos da cor e teorias desenvolvidas sobre a cor. Psicologia e percepção visual da cor. Aspectos cromáticos e de expressão visual no projeto de criação. A cor e o olhar.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Estudo das principais teorias sobre a cor desde a Antiguidade até os dias atuais incluindo Isaac Newton, Goethe, Ostwald, Itten e o movimento da Bauhaus.

Sistemas de notação cromática.

Processos de produção de cor: cor luz e cor subtrativa, pigmentos, corantes, processos de impressão.

Psicologia das cores.

A cor no desenvolvimento do projeto em design.

Bibliografia Básica

FRASER, Tom; BANKS, Adam. O guia completo da cor. São Paulo: SenacSP, 2007.

GUIMARÃES, Luciano. A cor como informação: construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores. São Paulo: Annablume, 2000.

HELLER, Eva. A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

Bibliografia Complementar

ALBERS, Josef. Interação da cor. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. Cor. São Paulo: Bookman, 2010. (Coleção Design Básico v.4)

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Thomson Pioneira, 1998.

BARROS, Lilian Ried Miller. A Cor no processo criativo: um estudo sobre Bauhaus e a teoria de Goethe. São Paulo: SenacSP, 2009.

FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. São Paulo: Edgard Blucher, 2006. 5ª ed. revisada e ampliada.

PASTOUREAU, Michel. Dicionário das cores do nosso tempo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PEDROSA, Israel. Da cor à cor inexistente. São Paulo: SenacSP, 2009



Disciplina: FTA15175 - COMPOSIÇÃO

Ementa

Aspectos conceituais, fisiológicos e culturais da imagem. A imagem e o processo cognitivo humano: percepção, memória e produto. Os modos de compor imagens ao longo da história e suas características. Aspectos conceituais, técnicos e estéticos de composição visual. Os suportes das imagens e suas características de visualização. Composição: enquadramento, contrastes, ritmo, equilíbrio, planos, direção, movimento etc.

Objetivos

Caracterizar a imagem como processo cognitivo humano: percepção, memória e produto humano.

Compreender o processo da produção da imagem da ideia ao objeto imagético.

Compor panorama dos aspectos de composição na história da imagem.

Conhecer e expressar-se com as terminologias relativas à composição.

Desenvolver estudos e projetos de tipologias de composição imagética.

Bibliografia Básica

FABRES, Paola. O Design Gráfico Contemporâneo e suas Linguagens Visuais. Porto Alegre: Uniritter, 2011.

PRAKĚL, David. Composição. São Paulo : Bookman Cia. Editora Ltda. 2012.

ELAN, Kimberly. Geometria do design: estudos sobre proporção e composição. São Paulo : Cosac Naif, 2010.

Bibliografia Complementar

LUPTON, Ellen. Novos Fundamentos do Design. São Paulo : Cosac Naify, 2008.

WONG, Wucius. Princípio de Forma e desenho. São Paulo : Martins Fontes, 2001.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo : Martins Fontes, 2003.

ARNHEIM, Rudolf. Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora. São Paulo : Pioneira, 2000.

PARENTE, Andre. Imagem Máquina: a era das tecnologias do virtual. São Paulo : Editora 34, 2004.

Disciplina: FTA15176 - DESIGN COMPUTACIONAL

Ementa

Relações entre Pensamento Computacional e Design. Princípios da Computação aplicados às Artes, Design e Arquitetura. Computação Criativa.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes tópicos:

Unidade I: Pensamento Computacional e Design

Conceitos e abordagens do Pensamento Computacional no Design, Artes e Arquitetura

Princípios e práticas da Computação

Unidade II: Aplicações

Conceitos: sequências, laços, condicionais, paralelismo, eventos, operadores e dados

Práticas: experimentar e iterar, testar e depurar, reutilizar e remixar, abstrair e modularizar

Laboratório de linguagens de programação para designers

Bibliografia Básica

MITCHELL, William J. A lógica da arquitetura: projeto, computação e cognição. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008.

DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LUPTON, Ellen. Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Bibliografia Complementar

IERUSALIMSKY, Roberto. Programming in Lua. 2nd ed . Rio de Janeiro, RJ: Lua.org, 2006.

LUTZ, Mark; ASCHER, David. Aprendendo Python. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.



MAEDA, John. The laws of simplicity. Cambridge, Mass.; London: The MIT Press, 2006.
DOMINGUES, Diana (Org.). Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.
MACHADO, Arlindo. Arte e mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
BRENNAN, Karen et al. Creative Computing Curriculum Guide. Disponível em <http://scratched.gse.harvard.edu/guide/files/CreativeComputing20141015.pdf>.

Disciplina: DAV13858 - DESENHO DE OBSERVAÇÃO

Ementa

O desenho na arte: conceitos e usos. O desenho como representação, expressão e construção. Materiais e suportes do desenho. Elementos estruturais e expressivos constitutivos do desenho. Forma e estrutura dos objetos e dos espaços visíveis. O olhar e a prática da observação no desenho. Introdução à perspectiva para observação e representação.

Objetivos

Introduzir o estudo do desenho como conceito do campo da arte, por meio de sua prática e da análise de seus fundamentos históricos, técnicos, formais e conceituais;
Estudar teoricamente e exercitar a prática do desenho de observação, levando-se em conta os recursos de representação do desenho, as estruturas subjacentes dos objetos e espaços tais como aparecem para a visão e as faculdades humanas de apreensão do mundo (sensorialidade, cognição, afeição, memória, imaginação);
Exercitar a prática do desenho, de maneira a promover o conhecimento de seus recursos de representação e a percepção de suas possibilidades de expressão.

Bibliografia Básica

FUNDAMENTOS do desenho artístico. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
OSTROWER, Fayga. Universos da arte. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

GOMBRICH, E.H. Arte e ilusão. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

Bibliografia Complementar

ALBERTI, Leon Battista. Da pintura. Campinas: Unicamp, 1992.
BAXANDALL, Michel. Sombras e luzes. São Paulo: Edusp, 2000.
CRARY, Jonathan. Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto. 2012.
KANDINSKY, Wassily. Ponto e linha sobre plano. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. trad. P.Neves e M.E.Pereira. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

Disciplina: FTA15177 - EXPRESSÃO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Ementa

Conceituação e características da comunicação visual. Meios e métodos de expressão e representação gráfica. Aspectos estéticos, significantes e funcionais de representação gráfica para concepção e desenvolvimento de projetos de design.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Desenvolvimento de habilidades de expressão, composição, representação, e ilustração;
Análise e crítica de diferentes recursos e técnicas de representação;
Experimentação de técnicas de expressão gráfica, visando exercitar a linguagem visual.

Bibliografia Básica

DONDIS, Donis. Sintaxe da linguagem visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
GOMES FILHO, J. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. 8. ed. ampl. e rev. São Paulo: Escrituras, 2008.
MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São



Paulo: Martins Fontes, 1997.

Bibliografia Complementar

JUROSZEK Steven; CHING, Francis. Representação Gráfica para Desenho e Projeto. Barcelona: Gustavo Gilli, 2001.

PIPES, Alan. Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo, SP: Blücher, 2010.

RUBIM, R. Desenhando a superfície: + considerações além da superfície. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Rosari, 2013.

SANMIGUEL, David (Coord.). Materiais e técnicas: guia completo. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013.

WOLLNER, Alexandre; PIGNATARI, Décio; WEYNE, Goebel. Visual design 50 years: design visual 50 anos. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

Disciplina: FTA15178 - TIPOGRAFIA

Ementa

História e análise da linguagem verbal escrita. História da tipografia. Estudo e análise de famílias tipográficas. Análise de peças gráficas. Articulação da linguagem visual com o uso de tipos.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Conceituação de escrita manual, letreiramento e tipografia: diferenças e pontos de aproximação.

Elementos estruturais da escrita ocidental;

Elementos da anatomia dos tipos e do texto;

Fontes e famílias tipográficas;

Variações estruturais dos tipos (peso, condensação, romano e itálico);

Espaços entre letras e entre palavras.

Kerning, tracking, leading e outros ajustes compositivos.

Conceitos de legibilidade e legibilidade e as condições para sua obtenção.

História da Escrita (da antiguidade à invenção da tipografia)

História da tipografia (Século 15 ao século 20)

Tipografia digital e produção contemporânea

Princípios de diagramação e articulação da linguagem visual com o uso de tipos.

Novas mídias e o potencial de uso tipográfico.

Bibliografia Básica

MEGGS, Philip e PURVIS, Alston. História do design gráfico . São Paulo: Cosac Naify, 2009

BRINGHURST, Robert. Elementos do estilo tipográfico, versão 3.0. São Paulo: Cosac Naify, 2005

LUPTON, Ellen. Pensar com tipos. São Paulo: Cosac Naify, 2006

Bibliografia Complementar

BODONI, Giambattista. Manual of typography. Köln: Taschen, 2010.

ESTEVES, R. O design brasileiro de tipos digitais: a configuração de um campo profissional. São Paulo: Blucher, 2010.

HEITLINGER, Paulo. Tipografia: usos, formas e uso das letras. Lisboa: Dinalivro, 2006.

JONG, Ces W. de (et al). Jan Tschichold - Mestre da tipografia: vida, obra e legado. São Paulo: Edusp, 2013.

ROCHA, Claudio. Tipografia comparada: 108 fontes clássicas analisadas e comentadas. São Paulo: Rosari, 2004

RUDER, Emil. Typography: a manual of design. Zurich: Verlag Niggli, 2009.

SPIEKERMANN, E. A linguagem invisível da tipografia: escolher, combinar e expressar com tipos. São Paulo: Blucher, 2011.

SALTZ, Ina. Design e tipografia: 100 fundamentos de design com tipos. São Paulo: Blucher, 2010.

TSCHICHOLD, Jan. Tipografia elementar . São Paulo: Altamira, 2007 [1925]
WEINGART, Wolfgang. Como se pode fazer tipografia suíça? São Paulo: Edições Rosari, 2004.

ZAPF, Hermann. Histórias de alfabetos. São Paulo: Rosari, 2005.

Disciplina: FTA15179 - FOTOGRAFIA

Ementa

Aspectos conceituais e históricos da fotografia. Manejo de câmera e equipamentos fotográficos. Exercícios de composição, exposição, edição e processamento de imagem. Tratamentos para impressão.

Formatos digitais.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Discussões teóricas, contextuais e conceituais sobre fotografia.
Estudos históricos sobre a fotografia e seus impactos sociais.
Especificações técnicas e manejo de equipamentos fotográficos.
Exercícios de composição, exposição, edição e processamento de imagem.
Tratamentos para impressão.
Formatos digitais.

Bibliografia Básica

SOULAGES, François. Estética da fotografia: Perda e permanência . São Paulo: SENAC, 2010
KRAUSS, Rosalind. O Fotográfico . Barcelona: Gustavo Gili, 2012.

TRIGO, Thales. O equipamento fotográfico . São Paulo: SENAC, 1998.

Bibliografia Complementar

ACHUTTI, Luiz Eduardo; TIBURI, Marcia. Diálogo / Fotografia. São Paulo : Ed. SENAC São Paulo, 2012.
ADAMS, Ansel. O negativo. São Paulo: SENAC, 2000
BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
BENJAMIN, W. “Pequena História da Fotografia”; “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” . In: Obras escolhidas - Magia e Técnicas, Arte e Política. São Paulo. Brasiliense, 1985.
SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. “Os três paradigmas da imagem”. In: Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo, SP: Iluminuras, 2005.

Disciplina: CSO00184 - INTRODUCAO A ANTROPOLOGIA

Ementa

Introdução ao objeto e aos métodos da Antropologia e abordagem preliminar das seus temas básicos.

Objetivos

- Delinear o contexto histórico do surgimento da Antropologia como saber da diversidade cultural;
- Debater criticamente as teorias antropológicas, passando por diferentes escolas básicas da disciplina;
- Introduzir-se aos principais temas, questionamentos e pressupostos metodológicos do trabalho de campo;
- Analisar temáticas específicas vinculadas à área do curso dos alunos.

Bibliografia Básica

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: EDUSC, 2002.
LAPLANTINE, F. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003.
LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.



Bibliografia Complementar

- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. SP: Martins Fontes, 2003. Pp. 3-14.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Edusc: São Paulo, 2002.
- ROCHA, Everardo. *O que é Etnocentrismo*. São Paulo-S.P. Editora brasiliense, 2002.

Disciplina: DTA13857 - MODERNISMO E VANGUARDAS

Ementa

Vertentes artísticas do século XX: do Fauvismo ao Expressionismo Abstrato

Objetivos

- Problematizar os impasses e discutir as alternativas para o discurso histórico da arte na modernidade, diante da requisição da autonomia do fazer artístico.
- Identificar e problematizar as teorias e as metodologias históricas no contexto da crise da representação.
- Discutir as relações entre a prática, a história e a crítica de arte nesse contexto.

Bibliografia Básica

- ARGAN, G. C. *Arte moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- CHIPP, H.B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- STANGOS, N. *Conceitos da arte moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991

Bibliografia Complementar

- BARR, A. H. *Introdução à pintura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BURGER, Peter. *Teoria da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify, 2012
- CABANNE, Pierre. *Marcel Duchamp: o engenheiro do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1997
- DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecília (org.). *Clemente Greenberg e o debate crítico*. Rio de Janeiro: Funarte Jorge Zahar, 1997.
- GOMBRICH, E. H. *História da arte*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HARRISON, Charles. *Modernismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- KRAUSS, Rosalind. *Caminhos da escultura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LAMBERT, R. *A arte do século XX*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
- ROSENBERG, Harold. *A tradição do novo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Objeto ansioso*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- STEINBERG, Leo. *Outros critérios*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SYLVESTER, David. *Sobre arte moderna*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

Disciplina: FTA15180 - FORMA, FUNÇÃO E MATERIAIS

Ementa

A materialização da ideia. A constituição da forma e da função a partir do estudo dos materiais. Os materiais, o designer e suas características. Impactos socioambientais. Produção de imagens e formas bi e tri dimensionais. Imagens produzidas por meio de habilidade manual e as imagens técnicas.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Investigação das possibilidades da forma a partir de diferentes materiais.

Forma X função.

Estudo da natureza de diferentes materiais identificando os tipos adequados às propostas de criação.

Qualidades sensoriais dos materiais: forma, tamanho, textura, maleabilidade, resistência.

Características luminosas, sonoras, táteis e olfativas.

Análise das propriedades dos materiais e das soluções práticas, estéticas e técnicas a eles relacionadas.

Análise das características sócio ambientais dos materiais e suas funções.

Bibliografia Básica

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

FERRANTE, M; WALTER, Y. A materialização da ideia: noções de materiais para design de produto. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

MANZINI, E. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

Bibliografia Complementar

DORFLES, G. O desenho industrial e a sua estética. Lisboa: Presença, 1978.

MUNARI, B. Design e Comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONSIEPE, G. Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher, 2011.

LUPTON, E.; LUPTON, J. R. Eu que fiz. São Paulo, SP: CosacNaify, 2008.

CARDOSO, R. Design para um mundo complexo. São Paulo: CosacNaify, 2011.

Disciplina: FTA15181 - HISTÓRIA DO DESIGN

Ementa

Design e cultura material. Movimentos precursores, história e relação do design com o contexto socioeconômico e cultural. Principais escolas de design. Tecnologias computacionais e o futuro do design. História e cultura afrobrasileira, africana e indígena. Design no Brasil.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

A cultura material antes do design

Revolução Industrial e industrialização

Movimentos artísticos que influenciaram a configuração da cultura material

Bauhaus e Escola de Ulm

A institucionalização do design no Brasil

Pós-modernismo

Novas tecnologias e a era da informação

Cultura afrobrasileira, africana e indígena: história e produções da cultura material.

Bibliografia Básica

CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design. São Paulo: Blucher, 2008.

FORTY, Adrian. Objetos de desejo - design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

MEGGS, Philip. História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Bibliografia Complementar

- CARDOSO, Rafael (Org.). O Design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 358 p. ISBN 8575034286 (broch.)
- COELHO, Luiz Antonio L. (Org) (Org.). Conceitos-chave em design. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Novas Idéias, 2011. 270 p. ISBN 9788560284085 (broch.).
- CONDURU, Roberto. Arte afro-brasileira. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. 126 p. (Série historiando a arte brasileira. coleção didática). ISBN 9788576540472 (broch.).
- FAVRE, Henri. A civilização inca. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1987. 106p. ISBN 8585061758 (broch.)
- GENDROP, Paul. A civilização Maia. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. 111 p. ISBN 8585061766 (broch.).
- GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. Design gráfico: do invisível ao ilegível. 2. ed. atual. e rev. São Paulo: Rosari, 2008. 118 p. (Coleção textos design) ISBN 9788588343573 (broch.)
- HESKETT, John. Desenho industrial. 3. ed. - Rio de Janeiro: J. Olympio, 2006. 227 p. ISBN 8503006073 (broch.)
- HOLLIS, Richard. Design gráfico: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 248 p. (História) ISBN 8533613423 (broch.)
- MACIEL, Cleber da Silva; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Org.). Negros no Espírito Santo. 2. ed. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 278, [4] p. (Coleção Canaã ; 22). ISBN 9788598928203 (broch.).
- MELO, Chico Homem de; LEITE, João de Souza; STOLARSKI, André; RODRIGUES, Jorge Caê. O Design gráfico brasileiro: anos 60. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 302 p. ISBN 8575035215 (broch.)
- MORAES, Dijon de. Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem. São Paulo: E. Blücher, 2006. 290 p. ISBN 8521203772 (broch)
- NIEMEYER, Lucy. Design no Brasil: origens e instalação. 4. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2007. 134 p. (Série design). ISBN 9788586695025 (broch.).
- OLIVEIRA, Jurema José de (Org.). Africanidades e brasilidades: culturas e territorialidades. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2015. 198 p. ISBN 9788581990286 (broch.).
- RIBEIRO, Berta G. O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea. The traditional artisan and his role in contemporary society. -. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.
- SOUSTELLE, Jacques. A civilização asteca. Rio de Janeiro: J. Zahar, c1987. 107p. ISBN 858506174X (broch.)

Disciplina: FTA15182 - DESIGN DA INFORMAÇÃO

Ementa

Design da Informação: conceituação, contextualização na área do design; atualização de abrangência e uso; percepção visual; sistemas de informação: aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

- Introdução ao design da informação
- Apresentação de fundamentos da infografia e das narrativas gráficas
- Apresentação a metodologias de projeto em design
- Etapas do processo projetual
- Geração de alternativas
- Realização/implementação
- Testes e avaliação

Bibliografia Básica

- CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: CosacNaify, 2011.
- GOMES FILHO, João. Gestalt do Objeto: Sistema e leitura visual da forma. 8a. ed. São Paulo: Escrituras, 2008.
- VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook.



Cincinnati, Ohio: How Books, 2008.

Bibliografia Complementar

CAIRO, Alberto. Infografia 2.0: visualización interactiva de información en prensa. Madrid: Alamut, 2008. DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997. FLUSSER, Vilém; DENIS, Rafael Cardoso (Org.). O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007. MIJKSENAAR, P. Visual function: An Introduction to Information Design. New York: Princeton Architectural, 1997. HELLER, Steven. Nigel Holmes: On Information Design. New York: Jorge Pinto Books, 2006. TUFTE, Edward R. Envisioning Information. Cheshire: Graphics Press, 1990.

Disciplina: FTA15183 - VÍDEO

Ementa

Linguagem e estética do vídeo; videoarte; imagem audiovisual: enquadramento, composição, planos, ângulos e movimentos de câmara; edição; experimentação em vídeo.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Videoarte Nacional e Internacional

Vídeo Independente no Brasil

Composição, plano (decupagem)

Elementos de linguagem audiovisual, enquadramento, movimentação de câmara, angulação.

Trilha sonora no audiovisual

Estética do Vídeo

Videoclipe, Vjing, Video Mapping, Trailer de Cinema, Webséries.

Bibliografia Básica

DUBOIS, Philippe. Cinema, Vídeo, Godard. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MACHADO, Arlindo. Pré-Cinemas & Pós-Cinemas. Campinas – SP: Papyrus, 1997.

_____. A Televisão Levada a Sério. São Paulo: Ed. senac, 2000.

Bibliografia Complementar

MACIEL, Katia (Org.). Transcinemas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

MACHADO, Arlindo. A arte do vídeo. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

MACHADO, Arlindo (org.). Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Itaú-Cultural, 2003.

MELLO, Christine. Extremidades do Vídeo. São Paulo: Ed. senac, 2008.

RODRIGUEZ, Angel. A dimensão sonora da linguagem audiovisual. São Paulo: Ed. SENAC, 2006.



Disciplina: FTA03944 - DESENHO TECNICO

Ementa

Morfologia geométrica. Aplicações gráficas: Retas(perpendicularismo; paralelismo; divisão e proporções gráficas); ângulos (divisão e transporte); circunferência: divisão(Bion ou Rinaldini); tangentes, polígonos. Normalização ABNT. Sistemas de projeções. Vistas ortográficas. Perspectivas Isométrica e Cavaleira. Cortes e Seções.

Objetivos

Bibliografia Básica

Bibliografia Complementar

Disciplina: FTA15184 - SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 1

Ementa

Apresentação dos conceitos fundamentais da Semiótica Peirceana e sua utilização como referencial teórico para análise de linguagem. Introdução às correntes semióticas européia e russa. Apresentação dos conceitos fundamentais da Semiótica de Peirce: categorias fenomenológicas, signo, tipos de signos. Experimentações a partir da aplicação da teoria peirceana no projeto e desenvolvimento de produtos de design.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

Introdução à Semiótica Européia;

Introdução à Semiótica Russa;

Apresentação da Semiótica americana de Charles Sanders Peirce;

Matrizes de linguagem;

Categorias fenomenológicas: primeiridade, secundidade e terceiridade;

Conceito de signo;

Tipos de signo;

Experimentações de aplicação da teoria de Peirce

Bibliografia Básica

Signos da marca: expressividade e sensorialidade. SP, Thomson and Learning, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. SP, Brasiliense, 1986.

_____. Semiótica Aplicada. SP, Thomson and Learning, 2002.

_____. Teoria geral dos Signos: Semiose e autogeração. SP, Ed. Ática, 1995.

Bibliografia Complementar

PIGNATARI, Décio. Informação, Linguagem e Comunicação. SP, Cultrix, 1986.

SANTELLA, Lúcia. A assinatura das coisas. RJ, Imago, 1992.

_____. A percepção: uma teoria semiótica. SP, Experimento, 1993.

_____. Estética - de Platão à Peirce. SP, Experimento, 1994.

_____. Produção de Linguagem e Ideologia. 2 ed., rev. e ampl., SP, Cortez, 1996.

_____. Imagem: cognição, semiótica, mídia. SP, Iluminuras, 1998.

_____. Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual.



Disciplina: FTA15185 - PROJETO BÁSICO

Ementa

Diagnóstico e identificação de contextos de projeto. Levantamento de dados. Conceituação. Desenvolvimento estético, funcional e simbólico. Experimentação. Observação de uso.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

- Identificação de oportunidade de projeto
- Identificação de objetivo
- Geração de ideias
- Desenvolvimento
- Construção do objeto
- Experimentação
- Registro e documentação

Bibliografia Básica

BAXTER, Mike. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 1998. 261 p.
BONSIEPE, G. As sete colunas do Design. In: Design: do material ao digital. Florianópolis: IEL/SC, 1996.
MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002. 366 p.

Bibliografia Complementar

ALEXANDER, C. Notes on the Synthesis of Form. Cambridge: Oxford University Press, 1964.
ALVES, Marcus Vinícius Barilli. O valor do design – Guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. SP: ADG Brasil/SenaC, 2002. 224p.
BROWN, T. Design Thinking. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2010.
COUTO, R.M.S. O Ensino da Disciplina de Projeto Básico Sob o Enfoque do Design Social. 1991. 72 p. Dissertação (Departamento de Educação) PUC/Rio, 1991.
MANZINI, E. Design para a inovação social e sustentabilidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.
MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2015. 378 p.
PACHECO, H.S., e TOLEDO, G. A sparkle in people's eyes. 8th Conference of the International Committee for Design History & Design Studies, Blucher Design Proceedings, Volume 1, 2014, pp.67-70.
PAPANEK, Victor. Design for the real world: human ecology and social change. 2ª ed. Chicago: Academic Chicago Publishers, 2000. Número de chamada: 744 P213d 2.ed.
SCHNEIDER, B. Design-uma introdução: o design no contexto social, cultural e econômico. São Paulo: Blucher, 2010. 299 p.
WHITELEY, N. O designer valorizado. In: Arcos, vol. 1 (único), 1998, p.63-75.

Disciplina: FTA15186 - ERGONOMIA

Ementa

Introdução à ergonomia: aspectos históricos e conceituais. Ergonomia física, cognitiva e organizacional. A cognição humana e suas implicações para os sistemas ergonômicos. Métodos e técnicas de avaliação ergonômica.

Objetivos

Apresentar ao aluno os seguintes elementos:

- Introdução à Ergonomia: origens, conceitos
- Domínios de especialização: Ergonomia Física, Ergonomia Cognitiva e Ergonomia Organizacional
- Análise do fluxo-tarefa
- Design centrado no usuário e Interação Humano-Computador (IHC)
- Usabilidade, Acessibilidade e Experiência do Usuário
- Técnicas de pesquisa e avaliação



Bibliografia Básica

DUL, Jan; WEERDMEESTER, Bernard. Ergonomia prática. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2004. xi, 137 p. ISBN 9788521203490

IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

SILVA, J.C.P., and PASCHOARELLI, L.C., orgs. A evolução histórica da ergonomia no mundo e seus pioneiros [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 103 p. ISBN 978-85-7983-120-1. Disponível em: /books.scielo.org>.

Bibliografia Complementar

CYBIS, Walter; BETIOL, Adriana Holtz; FAUST, Richard. Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo, SP: Novatec, 2010. MORAES, A.; MONT'ALVÃO, C. Ergonomia: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro: luser, 2003.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. Usabilidade na Web: projetando websites com qualidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

NORMAN, Donald A. Design Emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. São Paulo: Rocco, 2008.

NORMAN, Donald A. O design do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

Disciplina: FTA15188 - METODOLOGIA DE PESQUISA

Ementa

Introdução à Pesquisa Científica. Compreender o processo de construção da pesquisa científica e expor conceitos, elementos e definições básicas. Planejamento de um Projeto de Pesquisa. As Fontes e a Coleta de Dados. Análise de Dados e Normalização de Trabalhos Acadêmicos.

Objetivos

Introduzir o aluno ao conhecimento científico e aos diversos tipos de pesquisa. Apresentar e discutir questões de ética em pesquisa; autoria e plágio. Conhecer os tipos de fontes de dados e os instrumentos de coleta de informações, analisar e interpretar dados. Planejar e estruturar os elementos de apresentação teórica da pesquisa: introdução; resumo; objetivo; questão de pesquisa; métodos. Conhecer as normatizações de trabalhos acadêmicos.

Bibliografia Básica

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. Pesquisa de métodos mistos. 2. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; FERNÁNDEZ COLLADO, Carlos; BAPTISTA LUCIO, Pilar. Metodologia de pesquisa . 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

VOLPATO, Gilson L. Método lógico para redação científica. Botucatu, SP: Best Writing, 2011.

Bibliografia Complementar

ANGROSINO, Michael V. Etnografia e observação participante. Porto Alegre, RS: Bookman: Artmed, 2009. 138 p. (Coleção pesquisa qualitativa).

BRASIL (1998). Lei No 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm. Acesso em: 2 de setembro de 2018. (eletrônico)

FRANCO, Jeferson Cardoso. Como elaborar trabalhos acadêmicos nos padrões ABNT aplicando recursos de informática. Rio de Janeiro, Ciência Moderna, 2011.

FOWLER, Floyd J. Pesquisa de levantamento. 4. ed. Porto Alegre, RS: Penso, 2011. 232 p. (Métodos de pesquisa).

Disciplina: CSO00176 - SOCIOLOGIA GERAL

Ementa

As condições históricas do surgimento da sociologia. A revolução industrial, a revolução francesa e a situação intelectual. A Sociologia como ciência. O objeto da sociologia, a identidade sujeito- objeto, a diversidade de abordagens, as abordagens como sistematização de visões de mundo, os princípios de integração e contradição. Sociologia da Sociedade Brasileira.

Objetivos

1. compreender a problemática teórica da sociologia clássica a partir da abordagem do cotidiano da realidade contemporânea;
2. evidenciar como trabalha a sociologia enquanto ciência que estuda a realidade social;
3. apresentar noções iniciais das principais correntes do pensamento sociológico;
4. refletir criticamente sobre o mundo em que vive

Bibliografia Básica

BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira. OLIVEIRA, Marcia Gardênia de. Um Toque de Classicos: DURKHEIM, MARX E WEBER. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2009.
DURKHEIM, Emile. As regras do método sociológico. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2001.
DURKHEIM, Emile. A divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes. Lisboa: Presença: 1999.
ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos: uma visão humanística. Petrópolis: vozes, 1994.
WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Brasília: Editora da UNB. 2004.

Bibliografia Complementar

COHN, Gabriel. Sociologia. Para ler os clássicos. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. 1977.
BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. A Construção Social da Realidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 42
BERGER, Peter L. Perspectivas sociológicas: uma visão humanística. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
BERMAN, Marshall. Tudo que e solido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
GIDDENS, Anthony. Sociologia: uma breve porém crítica introdução. Rio de Janeiro: Zahar. 1984.

Disciplina: FTA15302 - PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 1

Ementa

Prática supervisionada de projetos de design, voltada ao estudante sem experiência prévia em atividades extensionistas. As práticas das quais trata esta ementa serão realizadas obrigatoriamente junto à comunidade externa, ou a ela direcionada, em situações de projeto prospectadas pelos docentes do Departamento de Desenho Industrial e aprovadas pela Câmara Departamental. Os Projetos Integrados à Comunidade dos quais trata esta ementa poderão abranger as diversas modalidades do design, elencadas a seguir, de modo isolado ou combinado: programação visual, produção gráfica, embalagens, design digital, vídeo, design de serviços, expografia etc.; análises de produtos, sistemas ou serviços, em seus aspectos construtivos, técnico-funcionais, ambientais, ergonômicos, socioeconômicos, estético-semiótico- informacionais e demais aspectos pertinentes.

Objetivos

Apresentar ao alunado os seguintes aspectos do projeto e promover a sua vivência prática, integrada à comunidade, clientela ou público-alvo:

- Identificação da oportunidade de projeto;
- Escopo, qualidade, responsabilidades e sequência de atividades;
- Programação;
- Desenvolvimento;



Testes e ensaios;
Aplicação;
Documentação técnica;
Avaliação.

Bibliografia Básica

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (Org.) et al. Modernidade e modernização no Espírito Santo. Vitória, ES: EDUFES, 2015.

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

Bibliografia Complementar

BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher, 2011. 270 p.

_____. Metodologia experimental: desenho industrial. Brasília: CNPq, 1984.

BROWN, T. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2015.

_____. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo: Ed. Blucher, 2008.

GIDO, Jack; CLEMENTS, James P. Gestão de projetos. São Paulo: Thomson, 2007.

Disciplina: FTA15303 - PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 2

Ementa

Prática supervisionada de projetos de design, voltada ao estudante iniciado atividades extensionistas. As práticas das quais trata esta ementa serão realizadas obrigatoriamente junto à comunidade externa, ou a ela direcionada, em situações de projeto prospectadas pelos docentes do Departamento de Desenho Industrial e aprovadas pela Câmara Departamental. Os Projetos Integrados à Comunidade dos quais trata esta ementa poderão abranger as diversas modalidades do design, elencadas a seguir, de modo isolado ou combinado: programação visual, produção gráfica, embalagens, design digital, vídeo, design de serviços, expografia etc.; análises de produtos, sistemas ou serviços, em seus aspectos construtivos, técnico-funcionais, ambientais, ergonômicos, socioeconômicos, estético-semiótico- informacionais e demais aspectos pertinentes.

Objetivos

Apresentar ao alunado os seguintes aspectos do projeto e promover a sua vivência prática, integrada à comunidade, clientela ou público-alvo:

Identificação da oportunidade de projeto;

Escopo, qualidade, responsabilidades e sequência de atividades;

Programação;

Desenvolvimento;

Testes e ensaios;

Aplicação;

Documentação técnica;

Avaliação.

Bibliografia Básica

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (Org.) et al. Modernidade e modernização no Espírito Santo. Vitória, ES: EDUFES, 2015.

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

Bibliografia Complementar

BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher, 2011. 270 p.

_____. Metodologia experimental: desenho industrial. Brasília: CNPq, 1984.



BROWN, T. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2015.

_____. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo: Ed. Blucher, 2008.

GIDO, Jack; CLEMENTS, James P. Gestão de projetos. São Paulo: Thomson, 2007.

Disciplina: FTA15304 - PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 3

Ementa

Prática supervisionada de projetos de design, voltada ao estudante em nível intermediário em atividades extensionistas. Os Projetos Integrados à Comunidade dos quais trata esta ementa serão realizadas obrigatoriamente junto à comunidade externa, ou a ela direcionada, e poderão abranger as diversas modalidades do design de modo isolado ou combinado (programação visual, produção gráfica, embalagens, design digital, vídeo, design de serviços, expografia etc.) e/ou análises de produtos, sistemas ou serviços, em seus aspectos construtivos, técnico-funcionais, ambientais, ergonômicos, socioeconômicos, estético-semiótico-informacionais e demais aspectos pertinentes.

Objetivos

Apresentar ao alunado os seguintes aspectos do projeto e promover a sua vivência prática, integrada à comunidade, clientela ou público-alvo:

Identificação da oportunidade de projeto;

Escopo, qualidade, responsabilidades e sequência de atividades;

Programação;

Desenvolvimento;

Testes e ensaios;

Aplicação;

Documentação técnica;

Avaliação.

Bibliografia Básica

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. -. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BROWN, T. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010.

Bibliografia Complementar

BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher, 2011. 270 p.

_____. Metodologia experimental: desenho industrial. Brasília: CNPq, 1984.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2015.

_____. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo: Ed. Blucher, 2008.

GIDO, Jack; CLEMENTS, James P. Gestão de projetos. São Paulo: Thomson, 2007.

Disciplina: FTA15305 - PROJETO INTEGRADO À COMUNIDADE 4

Ementa

Prática supervisionada de projetos de design, voltada ao estudante em nível avançado em atividades extensionistas. As práticas das quais trata esta ementa serão realizadas obrigatoriamente junto à comunidade externa, ou a ela direcionada, em situações de projeto prospectadas pelos docentes do Departamento de Desenho Industrial e aprovadas pela Câmara Departamental. Os Projetos Integrados à Comunidade dos quais trata esta ementa poderão abranger as diversas modalidades do design, elencadas a seguir, de modo isolado ou combinado: programação visual, produção gráfica, embalagens, design digital, vídeo, design de serviços, expografia etc.; análises de produtos, sistemas ou serviços, em seus aspectos construtivos, técnico-funcionais, ambientais, ergonômicos, socioeconômicos, estético-semiótico- informacionais e demais aspectos pertinentes.

Objetivos

Apresentar ao alunado os seguintes aspectos do projeto e promover a sua vivência prática, integrada à comunidade, clientela ou público-alvo:

- Identificação da oportunidade de projeto;
- Escopo, qualidade, responsabilidades e sequência de atividades;
- Programação;
- Desenvolvimento;
- Testes e ensaios;
- Aplicação;
- Documentação técnica;
- Avaliação.

Bibliografia Básica

- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. -. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BROWN, T. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010.

Bibliografia Complementar

- BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher, 2011. 270 p.
- _____. Metodologia experimental: desenho industrial. Brasília: CNPq, 1984.
- MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2015.
- _____. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo: Ed. Blucher, 2008.
- GIDO, Jack; CLEMENTS, James P. Gestão de projetos. São Paulo: Thomson, 2007.

Disciplina: EPR12777 - METODOLOGIA DA PESQUISA I

Ementa

Conceitos introdutórios sobre ciência e pesquisa. Pesquisa bibliográfica. Redação técnica. Formatação de trabalhos segundo normas técnicas. Planejamento de projeto de pesquisa. Os temas dos processos devem ser inseridos nas temáticas relacionadas ao contexto do curso, além de abordar transversalmente aspectos econômicos, ético-raciais, direitos humanos, cidadania e socioambientais.

Objetivos

- Adquirir conhecimento sobre conceitos de redação científica.
- Compreender a formatação de trabalhos científicos de acordo com normas técnicas.
- Planejar um projeto de pesquisa.

Bibliografia Básica

- VINAL, C. J., Como redigir um relatório, Cetop, 1997.
- VOLPATO, Gilson L. Método lógico para redação científica. Botucatu, SP: Best Writing, 2011.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - BIBLIOTECA CENTRAL, Normalização de



Referências NBR 6023:2002, EDUFES, 2015.

Bibliografia Complementar

RODRIGUES, Auro de Jesus. Metodologia científica: completo e essencial para a vida universitária. São Paulo: Avercamp, 2006.

MADUREIRA, Omar Moore de. Metodologia de projeto: planejamento, execução e gerenciamento: produtos, processos, serviços, sistemas. São Paulo: Blucher, 2010.

GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Preconceito racial - modos, temas e tempos. 2ª ed., Ed. Cortez, 2012.

HOGAN, Daniel Joseph.; VIEIRA, Paulo Freire. Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável. 2. ed.-. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

DINIZ, Nilo.; SILVA, Marina.; VIANA, Gilney. O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2001.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Disciplina: EPR12801 - PROCESSOS PRODUTIVOS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Ementa

Gestão da produção e o seu papel estratégico; Objetivos e estratégias de operações; Tipos de processos em manufaturas (lotes, massa, projeto, etc.) e operações em serviços (serviços profissionais, de massa, etc); Projeto de produtos e redes de operações produtivas; Análise, Gestão e Mapeamento de processos; Localização de instalações e arranjo físico (Layout); Indicadores produtivos; Sistemas de produção (Sistema de produção enxuta, Sistema Toyota de produção, Just in time e Kanban);

Objetivos

Compreender e distinguir os tipos de processos produtivos.
Ter conhecimento sobre projetos do produto e do processo.
Entender os sistemas de produção.

Bibliografia Básica

SLACK, Nigel; CHAMBERS, Stuart; JOHNSTON, Robert. Administração da produção. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KRAJEWSKI, L.; RITZMAN, L.; MALHOTRA, M. Administração de Produção e Operações. Edição 8, editora Pearson, São paulo, 2008.

CORRÊA H. L., CORRÊA, C. A. Administração de Produção e Operações. Editora Atlas, 3ª Edição, 2012.

Bibliografia Complementar

MARTINS, Petrônio G.; LAUGENI, Fernando P. Administração da produção. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

TUBINO, Dalvio Ferrari. Sistemas de produção: a produtividade no chão de fábrica. Porto alegre: Bookman, 1999.

GROVER, Mikell P. Fundamentals of modern manufacturing: materials, processes, and systems. 4th ed. Hoboken, N. J.: J. Wiley, 2010.

PERLINGEIRO, Carlos Augusto G. Engenharia de processos: análise, simulação, otimização e síntese de processos químicos. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

FLEURY, Afonso; SANTOS, Fernando Cesar Almada E CARVALHO, Marly Monteiro. Introdução a Engenharia de Produção. Rio de Janeiro: Elsevier Campus, 2008

SHREVE, R. N.; BRINK, J. A. Indústrias de processos químicos. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.



Disciplina: EPR12784 - ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E PRODUÇÃO

Ementa

O fenômeno da produção. Os produtos/serviços. Sistemas de produção. Capacidade e produtividade. Introdução ao PCP. Administração de materiais. Controles de produção. just in time e Sistema Toyota de Produção.

Objetivos

Compreender de forma ampla o processo de produção de bens e serviços.
Distinguir sistemas organizacionais de produção.
Discutir princípios básicos do PCP.

Bibliografia Básica

1. CHIAVENATO, Idalberto. Administração da produção: uma abordagem introdutória. Rio de Janeiro: Elsevier, c2004.
2. SHINGO, Shigeo. O sistema Toyota de produção: o ponto de vista da engenharia de produção. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 1996.
3. LUBBEN, Richard T. Just-In-Time: uma estratégia avançada de produção. 2. ed. - São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

Bibliografia Complementar

1. ROTHER, Mike; SHOOK, John. Aprendendo a enxergar: mapeando o fluxo de valor para agregar valor e eliminar o desperdício. São Paulo, SP: Lean Institute Brasil, 2003.
2. DRAKE, Richard Ivan. Ciência do comportamento na indústria. Sao Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.
3. DAVIS, Keith. Comportamento humano no trabalho: uma abordagem organizacional. São Paulo: Pioneira, 2001.
4. HUTCHINS, David. Just in time. São Paulo: Atlas, 1993.
5. LIKER, Jeffrey K. O modelo Toyota: 14 princípios de gestão do maior fabricante do mundo. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Disciplina: EPR12786 - INTRODUÇÃO À ECONOMIA

Ementa

Ciência econômica, pluralismo e as diversas escolas de pensamento econômico. Ciência econômica nos dias atuais. Conceitos básicos. Introdução à microeconomia: produção e preços. O funcionamento das empresas. Mercados e concorrência. Macroeconomia: a mensuração das variáveis econômicas no Brasil. Produto, crescimento econômico e desenvolvimento econômico. A questão do emprego e a distribuição da renda. Noções de Direitos Humanos e Cidadania em Economia. Moeda, crédito e bancos. Noções básicas sobre mercado financeiro. Inflação. Taxa de câmbio e relações com o comércio exterior. Setor público, déficit e dívida pública. Principais autores e escolas de pensamento econômico. O papel do economista perante a sociedade.

Objetivos

Familiarizar o estudante com conceitos e instrumentos úteis para a compreensão da ciência econômica e economia financeira e industrial, permitindo que ele compreenda o contexto em que se insere as principais decisões empresariais e sua repercussão sobre emprego, renda e desenvolvimento econômico e ambiental. Reconhecer que a ciência econômica não é exata; Contextualizar o surgimento da economia como ciência e seu desenvolvimento. Fornecer competências iniciais para a compreensão dos aspectos inerentes à microeconomia; Fornecer competências iniciais para a compreensão dos aspectos inerentes à macroeconomia;

Bibliografia Básica

- MANKIW, GREGORY N. Introdução à economia. 3ª edição. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
GREMAUD, Amaury Patrick; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; TONETO JÚNIOR, Rudinei. Economia brasileira contemporânea. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
BOYES, William J. Introdução à economia. São Paulo: Ática, 2006.

Bibliografia Complementar



BAÍDYA, TARA K.N.; AIUBE, FERNANDO A. L.; MENDES, MAURO R. C. Introdução à microeconomia. São Paulo: Atlas, 313 p.

ROSSETTI, José Paschoal. Introdução à economia: livro de exercícios. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

CANO, Wilson. Introdução à Economia: Uma Abordagem Crítica. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 2012.

PINDYCK, ROBERT S.; RUBINFELD, DANIEL, L. Microeconomia. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 711 p.

NOGAMI, OTTO; PASSOS, CARLOS ROBERTO MARTINS. Princípios de economia. 4 ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003. 632 p.

Disciplina: EPR12793 - ENGENHARIA DE PRODUTO

Ementa

CONCEITUAÇÃO DO PROJETO (PROJETAÇÃO). METODOLOGIAS E PROCESSOS DE PROJETOS. FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DE PROJETO. CICLO DE VIDA DO PRODUTO. PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO DO PROJETO. QUALIDADE DO PROJETO. DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE EQUIPE. VISÃO GERAL DO DETALHAMENTO DO PROJETO. CONSTRUÇÃO DE PROTÓTIPOS. TESTES DE DESEMPENHO.

Objetivos

Conhecer as fases do projeto de produto, bem como relatar a sua importância para diferentes tipos de projeto.

Conhecer e aplicar as principais ferramentas utilizadas no projeto de produto.

Bibliografia Básica

1. BAXTER, Mike. Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos. 3. ed. São Paulo, SP: Blücher, 2011.

2. ROMEIRO FILHO, Eduardo (Coord.). Projeto do produto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

3. GURGEL, Floriano do Amaral. Administração do produto. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

Bibliografia Complementar

1. BACK, Nelson et al. Projeto integrado de produtos: planejamento, concepção e modelagem. Barueri, SP: Manole, 2008.

2. CHENG, Lin Chih; MELO FILHO, Leonel Del Rey de. QFD: desdobramento da função qualidade na gestão de desenvolvimento de produtos. 2. ed. rev. São Paulo: Blücher, 2010.

3. ROZENFELD, Henrique et al. Gestão de desenvolvimento de produtos: uma referência para a melhoria do processo. São Paulo: Saraiva, 2006.

4. ASHBY, M. F.; JOHNSON, Kara. Materiais e design: arte e ciência da seleção de materiais no design de produto. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011.

5. KAMINSKI, Paulo Carlos. Desenvolvendo produtos com planejamento, criatividade e qualidade. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

Disciplina: EPR12775 - GESTÃO ESTRATÉGICA EMPRESARIAL

Ementa

PLANEJAMENTO: FERRAMENTAS E TÉCNICAS. O QUE É PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: QUANDO, COMO, POR QUE, E PARA QUE FAZER PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO. MÉTODOS DE PLANEJAMENTO: ANÁLISE AMBIENTAL E O MODELO DAS 5 FORÇAS DE MICHAEL PORTER. ESTRATÉGIAS DE COMPETIÇÃO E POSICIONAMENTO COMPETITIVO. MISSÃO, VISÃO E VALORES. MATRIZ DE PRODUTOS E MERCADOS. AUXÍLIO À DECISÃO ATRAVÉS DE ÁRVORES DE DECISÃO E UTILIDADE CONJUNTA. OBJETIVOS ESTRATÉGICOS. PLANOS ESTRATÉGICOS. PLANEJAMENTO DE IMPLANTAÇÃO DO PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO. FATORES CRÍTICOS DE SUCESSO. VANTAGEM COMPETITIVA. MEDINDO E GERENCIANDO A ESTRATÉGIA: O BSC.

Objetivos

Apresentar os conceitos de planejamento estratégico.

Destacar os métodos de planejamento estratégico e contextualizar suas aplicações.

Discutir as ferramentas modernas de gestão empresarial.

Bibliografia Básica

1. BARNEY, Jay B.; HESTERLY, William S. Administração estratégica e vantagem competitiva: conceitos e casos. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2011.
2. MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph . Safári de estratégia: um roteiro pela selva do planejamento estratégico . 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010.
3. MINTZBERG, Henry. Managing: desvendando o dia a dia da gestão . Porto Alegre: Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar

1. PFEIFFER, P., Gerenciamento de Projetos de Desenvolvimento . Rio de Janeiro: Brasport, 2005.
2. GRAY, Clifford F.; LARSON, Erik W., Gerenciamento de projetos . McGraw Hill Brasil, 2009.
3. KAPLAN, R.; NORTON, D., Mapas Estratégicos , Rio de Janeiro: Editora Campus, 2004.
4. KAPLAN, R.; NORTON, D., A Estratégia em Ação . Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
5. PAULO, Fatima Regina de Toledo Pinto; DE LEMOS, Mattos. Gestão estratégica de empresas . Editora FGV, 2015.

Disciplina: EPR07951 - GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA

Ementa

Objetivos

Bibliografia Básica

Bibliografia Complementar

Disciplina: ART00016 - GRAVURA

Ementa

Conceituação e desenvolvimento das principais modalidades da gravura. Gravura em relevo - Xilogravura, gravura a entalhe - Metal e gravura planográfica - Litografia. A gravura contemporânea brasileira. Conhecimento dos materiais e procedimentos. Iniciação as possibilidades matéricas da Xilogravura, gravura em metal e Litografia. Processos alternativos. Exercícios práticos.

Objetivos

Conceituação e desenvolvimento das principais modalidades da gravura. Gravura em relevo - Xilogravura, gravura a entalhe - Metal e gravura planográfica - Litografia. A gravura contemporânea brasileira. Conhecimento dos materiais e procedimentos. Iniciação as possibilidades matéricas da Xilogravura, gravura em metal e Litografia.

Bibliografia Básica

DA SILVA, O. Poty, O Artista Gráfico. Fund. Cult. Curitiba. 1980.
DAWSON, John. Guia Completa de Grabado e Impression - Técnicas e Materiais. H. Blume. Madri. 1982.
FAJARDO, Elias, SUSSEKIND, Felipe, VALE, Marcio do. Oficinas: Gravura. Rio de Janeiro. Ed. Senac Nacional, 1999.
FERREIRA, Heloísa Pires e TÁVORA, Maria Luiza Luz, org. Gravura Brasileira Hoje. Depoimentos. Rio de Janeiro. SESC/ARRJ, 1995.
FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e letra: Introdução a Bibliologia Brasileira: a imagem gravada. São Paulo. EDUSP, 1994.
HERSKOVITS, A - Xilogravura - Arte e Técnica - Tchê. Rio Grande do Sul. 1986.
KOSSOVITCH, Leon, LAUDANNA, Mayra, RESENDE, Ricardo. Gravura Brasileira. São Paulo. Cosac & Naif / Itaú Cultural, 2000.
LEITE, J.R. T. - A Gravura Brasileira Contemporânea - Expressão e Cultura AS. São Paulo. 1966.
MARTINS, F., C. Botelho. Introdução ao conhecimento da gravura em metal. PUC. RJ, 1982.
MARTINS, Itajahy. Gravura Arte e Técnica. São Paulo. Laserprint. Fundação Nestlé de Cultura, 1987.
MIRÓ, Joan. A cor dos meus sonhos - entrevistas com Georges Raillard. São Paulo. Estação Liberdade, 1992.
NAVES, Rodrigo. A forma difícil. Ensaios sobre arte brasileira. São Paulo. Ed. Ática, 1996.
Artigos:

Bibliografia Complementar

BENJAMIM, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo. Brasiliense S.A, 1985, PP. 165-196.
DA SILVA, O. A Arte Maior da Gravura. São Paulo: Spade.. 1976.
HAYTER, S. W. New Ways of gravure. New York: Watson Gruptil,1981.
LINVINGTOPNE, M. David Hockney - Etching and Lithograph. Thames and Hudson. London. 1988.
LOCKER. Le Monde de M.C. Escher . Chene, 1984.
MARCONDES, M. Marcelo Grassmann. Art. São Paulo, 1984.
NAVES, Rodrigo. Goeldi. São Paulo. Cosac & Naif, 1999.
PONTUAL, Roberto. Entre dois séculos. Ed. JB. RJ. 1987.
ZANINE, Walter. Org. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo. Instituto Walter Moreira Salles, 1983.
Catálogos de exposições:
CHIARELLI, Tadeu. 15 Artistas Brasileiros. São Paulo. MAM, 1996.
KATZ, Renina. Renina Katz. São Paulo. Edusp, 1997. (Artistas da USP, 6)
OSTROWER, Fayga. Rio de Janeiro. CCB, 1995.
OS COLECIONADORES. São Paulo. FIESP/SESI, 1999.
OSWALDO GOELDI: MESTRE VISIONÁRIO. São Paulo, SESI, 1996.
PROJETO BRASIL REFLEXÃO 97/ A ARTE CONTEMPORÂNEA DA GRAVURA. Paraná. Fundação Cultural de Curitiba, 1997. O PAPEL DA ARTE, Centro Cultural FIESP. São Paulo. MAC, 2000.

Disciplina: DAV13885 - DESENHO E FIGURA HUMANA

Ementa

A figura humana na arte: aspectos técnicos, formais e conceituais. Abordagem da figura humana pelo desenho. O estudo analítico da figura humana: estrutura, proporções e modelado. Os cânones e as concepções do humano.

Objetivos

- Desenvolver a reflexão sobre a natureza da observação e da representação gráfica no desenho da figura humana.
- Propiciar o desenvolvimento da percepção, leitura e apreensão da forma corporal e suas inter-relações no espaço e no plano, o movimento e o gesto, por meio do exercício do desenho.
- Possibilitar ao aluno a experimentação com alguns materiais e técnicas de Desenho, de maneira a estimular a percepção de suas possibilidades expressivas autônomas.

Bibliografia Básica

GOMBRICH, E. Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1986. P.289-314.
GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto. São Paulo: Escrituras, 2009.
MORAES, Eliane Robert. O corpo impossível: a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Bibliografia Complementar

BERGER, John. Sobre o olhar. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 2003.
MOLINA, Juan; CABEZAS, Lino, BORDES, Juan (org). El manual de dibujo: estrategias de enseñanza en el siglo XX. Madrid: Catedra, 2005.
VALÉRY, Paul. Degas Dança Desenho. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes 2000.

Disciplina: FTA15296 - ARTE E ESPAÇO PÚBLICO I

Ementa

Estudo das relações entre arte e o círculo privado do sujeito e a esfera pública da cidade. Produção plástica e experimentações na paisagem urbana e nos espaços públicos ampliados. Estudos teóricos do monumento a Arte Pública. Arte pública brasileira no contexto latino-americano.

Objetivos

- Debater a relação da arte com espaços públicos e suas implicações para a arte contemporânea;
- Discutir práticas artísticas na paisagem urbana e não urbana;
- Orientar o desenvolvimento de projetos artísticos na e com a paisagem.

Bibliografia Básica

CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2007. 196 p.
LEITE, Rogério Proença. Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP; Aracaju, SE: Ed. da UFS, 2007. 342 p
LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Sao Paulo: Martins Fontes, [1982]. 208 p.

Bibliografia Complementar

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: [1.] artes de fazer. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 351 p
CHOAY, Françoise. Alegoria do patrimônio. 2. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014. 306 p
Rodriguez, Tereza Espantoso (Editor) SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARTE PÚBLICO EN LATINOAMÉRICA, 4., 2013, Cali, Colômbia. Pasados presentes: debates por las memorias en el arte público en América Latina. Cali, Colombia: Universidad del Valle; Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2015. 530 p.
SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.



SENIE, Harriet; WEBSTER, Sally (Ed.). Critical issues in public art: content, context, and controversy. Washington: Smithsonian Institution Press, 1998. xvii, 314 p

Disciplina: ECO04691 - INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA

Ementa

Noções introdutórias: sistema econômico; contas nacionais; orçamento e dívida pública; moeda e sistema financeiro; balanço de pagamentos e dívida externa, emprego, salários e distribuição de renda. Riqueza, valor e distribuição. Clássicos, Neoclássicos e Marx.

Objetivos

Pretende-se introduzir os estudantes à crítica marxiana à Economia Política, buscando salientar algumas de suas contribuições para a compreensão das formações sociais capitalistas. Em contraposição às abordagens positivistas e ao individualismo metodológico, serão destacadas a singularidade da perspectiva marxiana sobre a história, bem como o seu conceito de forma social, por meio da apreensão de algumas categorias fundamentais, como a de valor e valor de uso, trabalho concreto e trabalho abstrato, mais-valia absoluta e relativa, subsunção formal e real do trabalho ao capital, reprodução ampliada do capital, acumulação originária, dentre outras.

Bibliografia Básica

MARX, K. Sobre a questão judaica. São Paulo, SP: Boitempo, 2010.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro I, Tomo I. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. O Capital: crítica da economia política. Livro I, Tomo II. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Bibliografia Complementar

CARCANHOLO, R. (org.). Capital: essência e aparência . São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KONDER, L. Marx: Vida e Obra . Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1983.

MARTINS, J.S. "Tio Patinhas no centro do universo". IN: Sobre o modo capitalista de pensar . São Paulo: Hucitec, 1979.

MARX, K. "O método da crítica à economia política". IN : Grundrisse: esboços da crítica da economia política . São Paulo: Boitempo, 2011.

ROSDOLSKY, R. Gênese e estrutura do Capital de Karl Marx . Rio de Janeiro : Contraponto, 2001.

Disciplina: ART02895 - MATERIAIS E TECNIC ARTISTICAS

Ementa

Objetivos

Bibliografia Básica

Bibliografia Complementar



Disciplina: ECO07705 - INTRODUÇÃO À ECONOMIA POLÍTICA

Ementa

Noções introdutórias: sistema econômico; contas nacionais; orçamento e dívida pública; moeda e sistema financeiro; balanço de pagamentos e dívida externa, emprego, salários e distribuição de renda. Riqueza, valor e distribuição. Clássicos, Neoclássicos e Marx.

Objetivos

Pretende-se introduzir os estudantes a algumas correntes representativas do pensamento econômico, bem como à crítica marxiana à Economia Política. Para tanto, serão discutidos os conceitos econômicos elementares, referidos na ementa, à luz da história do pensamento econômico, em particular das obras de Smith, Ricardo, Malthus e Marx, propriamente contextualizadas.

Bibliografia Básica

MARX, K. O Capital: crítica da economia política. Livro I, Tomos I e II. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

RICARDO, David. Princípios de economia política e tributação. São Paulo: Abril Cultural, Coleção "Os economistas", 1982.

SMITH, Adam. A riqueza das nações. São Paulo: Abril Cultural, 2 vls, Coleção "Os economistas", 1983 [1776].

Bibliografia Complementar

CARCANHOLO, R. (org.). Capital: essência e aparência. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

BLAUG, Mark. História do pensamento econômico. Lisboa: Dom Quixote, 2vls., 1990.

HUNT, E. K. História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MALTHUS, T. Princípios de Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, Coleção "Os economistas", 1982.

NAPOLEONI, C. Smith, Ricardo, Marx. São Paulo: Graal, 8 ed., 2000.

Disciplina: ART04954 - MULTIMEIOS

Ementa

Reflexão teórica e atividades práticas relativas a uma poética multidisciplinar, tendo em vista a permeabilidade entre os meios, a crescente presença de investigações transversais. Experimentação com elementos textuais e audiovisuais, explorando o terreno crítico da relação da arte com os meios de reprodutibilidade técnica.

Objetivos

Reflexão teórica e atividades práticas relativas a uma poética multidisciplinar, tendo em vista a permeabilidade entre os meios, a crescente presença de investigações transversais. Experimentação com elementos textuais e audiovisuais, explorando o terreno crítico da relação da arte com os meios de reprodutibilidade técnica.

Bibliografia Básica

BASBAUM, Ricardo. Além da pureza visual. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BATTCKOCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo: Perspectiva, col. Debates, 1975.

BELLOUR, Raymond. Entre-imagens. Campinas: Papyrus, 1997.

Bibliografia Complementar

ADORNO, Theodor; BENJAMIN, Walter; HABERMAS, Jürgen; HORKHEIMER, Max. Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os pensadores, 1983.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). Escritos de Artistas, Anos 60/70. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2006.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta, Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FREIRE, Cristina. Arte Conceitual. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

KAHN, Douglas. Noise, Water, Meat, A history of sound in the arts. Cambridge / London, MIT



Press, 2001.

STILES, Kristine; SELZ, Peter, (org.). Theories and Documents of Contemporary Art: A Source Book of Artists Writings, Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1996.

WOOD. Paul. Arte Conceitual. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2002.

Disciplina: DAV13899 - ARTE E CINEMA

Ementa

Reflexão teórico-prática sobre a relação entre os campos da arte e do cinema, abordando conexões, usos e deslocamentos do dispositivo cinematográfico no território da arte. Análise de experiências fílmicas no espaço artístico (e/ou de experiências artísticas no espaço cinematográfico), a partir de uma visão crítica de aspectos textuais, sonoros, imagéticos e espaciais. Desenvolvimento de projetos artísticos que lidem criticamente com a relação entre arte e cinema na contemporaneidade.

Objetivos

- Introduzir ao aluno as conexões entre cinema e arte contemporânea, destacando os atravessamentos entre as linguagens, antecedentes e repercussões entre as proposições artísticas e cinematográficas;
- Desenvolver a produção prática/reflexiva, através de um conjunto de exercícios e/ou projeto artístico baseado em experiências fílmicas/artísticas;
- Estimular a capacidade crítica sobre a produção fílmica/artística moderna e contemporânea, aprofundando a capacidade de articulação teórico-prática do aluno a partir da reflexão e escrita sobre os conteúdos trabalhados.

Bibliografia Básica

CANONGIA, Lúcia. Quase cinema - cinema de artista no Brasil, 1970/80. Rio de Janeiro: Edição Funarte, 1981.

MACIEL, Kátia (org.). Transcineamas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2009.

XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro/São Paulo: Edições Graal, 2003.

Bibliografia Complementar

BELLOUR, Raymond. Entre-imagens: Foto, cinema, vídeo. Campinas: Papyrus, 1997.

COCCHIARALE, Fernando; PARENTE, André. Filmes de artista: Brasil 1965-80. Rio de Janeiro: Contracapa, Metropolis, 2007.

OITICICA, Hélio; OITICICA Filho, Cezar (Coord.). Hélio Oiticica: museu é o mundo. São Paulo: Azougue, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. A fábula cinematográfica. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

TARKOVSKI, Andrei. Esculpir o tempo. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

Disciplina: DAV01491 - CERAMICA I

Ementa

Estudos das propriedades físico-químicas das argilas. O conceito de Cerâmica e sua evolução. Conhecimento do instrumental e equipamentos. Desenvolvimento de projetos planares e tridimensionais no suporte cerâmico.

Objetivos

1. Introduzir o aluno ao campo teórico da cerâmica.
2. Demonstrar e aplicar técnicas de modelagem em argila através de cordões cilíndricos e placas.
3. Demonstrar e aplicar técnicas de modelagem maciça, solda e ocagem, preparo para queima.
4. Demonstrar e aplicar técnicas com torno de argila.
5. Demonstrar e aplicar técnicas de acabamentos de superfície de artefatos de argila.
6. Introduzir o aluno à queima de modelagens com argila.

Bibliografia Básica

PENIDO, Eliana.; COSTA, Silvia de Souza. Cerâmica. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.

MATTOS, Sonia Missagia. Artefatos de gênero na arte do barro. Vitória, ES: EDUFES, 2001.



RODRIGUES, Maria Regina. Cerâmica. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta a Distância, 2011.

Bibliografia Complementar

GABBAI, Miriam B. B. Cerâmica: Arte da Terra. São Paulo: Callis, 1987.

SOUZA, J. W. Modelagem Uma disciplina para introdução às linguagens espaciais. 1ª. ed. Vitória: NEAD UFES, 2010.

COSTA, Lucília Verdelho da. 25 séculos de cerâmica. Lisboa: Estampa, 2000.

MACHADO, Clotilde de Carvalho. O barro na arte popular brasileira. Rio de Janeiro: Artes Graficas, 1977.

HUGUES, Theodor; GREILICH, Klaus; PETER, Christine. Bloques cerámicos: detalles, productos, ejemplos. Barcelona: GG, 2008.

BACHELARD, Gaston. A psicanálise do fogo. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Disciplina: DAV13892 - ESTAMPARIA

Ementa

Conhecimento da história do tingimento têxtil e estamparia. Apresentação de suas respectivas técnicas artesanais. Elaboração e aplicação de padronagens decorativas

Objetivos

- Conhecer e utilizar as técnicas da Estamparia em Tye-Dye, Batik e Aquarela sobre seda.
- Desenvolver as técnicas de tingimento naturais e impressão adequados a cada tipo de fibra têxtil. Elaborar a padronagem têxtil nos diferentes processos de criação de desenhos.
- Executar um projeto de estamparia com as técnicas citadas contendo estudo de cores; composição e texturas.

Bibliografia Básica

CALAGE, Eloi. Fios e fibras. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2002.

CHIARELLI, Tadeu. Arte internacional brasileira. São Paulo: Lemos, 2002.

GEISEL, Amália Lucy; LODY, Raul. Artesanato brasileiro: tecelagem. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1983.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Flávio de; CANTON, Katia. Fantasias. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004

GRIFFIN, Heather; HONE, Margaret. Introduction to Batik. Kent [England]: Search Press, 1989.

GROPIUS, Walter. Bauhaus nova arquitetura. Ed. Perspectiva. São Paulo. 1977. Inventário do Conjunto da Obra de Athos Bulcão em Brasília: INBMI. Brasília, DF: Superintendência do Iphan no Distrito Federal, 2010.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto Inacabado: processo de criação artística. Editora Annablume, 1998.



Disciplina: ARV12946 - ESTUDOS MÉTRICOS DA INFORMAÇÃO

Ementa

A Ciência e a produção do conhecimento científico. Avaliação da produção científica e tecnológica a partir dos fundamentos da bibliometria, cientometria, infometria, webometria, altmetria e patentometria.

Objetivos

Capacitar o aluno com conhecimentos gerais sobre raciocínio lógico facilitando o desenvolvimento do seu raciocínio frente à argumentações e permitindo-o ficar arisco quando refletir e versátil ao pensar.

Bibliografia Básica

FERREIRA, A.G.C. Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. Datagramazero, v.11, n.3, jun.2010. Disponível em: http://www.dgz.org.br/jun10/Art_05.htm.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Estudos métricos da informação em ciência e tecnologia no Brasil realizados sobre a unidade de análise artigos de periódicos. Liinc em Revista, v.9, n.1, p.6-27, maio 2013. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/li-inc/article/view/558>.

NORONHA, Daisy Pires; MARICATO, João de Melo. Estudos métricos da informação: primeiras aproximações. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S.l.], p.116-128, abr. 2008. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13nesp1p116>

Bibliografia Complementar

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução história e questões atuais. Em Questão, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

GUEDES, Vânia; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: CIFORM- ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. Anais... Salvador: ICI/UFBA, 2005

POBLACION, Dinah Aguiar; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). Comunicação & produção científica: 42 contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. 426 p. ISBN 9788586421198 (broch.).

RIBEIRO, Fernanda. Indexação e controlo de autoridade em arquivos. Porto: Câmara Municipal do Porto, Arquivo Histórico, 1996 (Base de dados: RCAAP) . Disponível em: 10721="". Acesso em 11 fev. 2015 (Catálogo da Biblioteca Central da UFES informa que texto completo pode ser acessado via RCAAP).

SILVA, Armando Malheiro da. A informação: da compreensão do fenómeno e construção do objeto científico. Porto: Edições Afrontamento, 2006. (02 exemplares disponíveis).

Disciplina: DAV04966 - GRAVURA EM METAL

Ementa

Aprofundamento dos aspectos conceituais, históricos e poéticos da gravura. Possibilidades de investigação artística e proposições de projeto individual. Ênfase no desenvolvimento de trabalhos em gravura em metal.

Objetivos

1. Identificar, analisar e discorrer criticamente sobre a gravura em metal e suas especificidades;
2. Aprofundar conhecimento sobre referenciais artístico e teórico no assunto;
3. Desenvolver investigação poética vinculada à gravura em metal.

Bibliografia Básica

FERREIRA, O. C. Imagem e Letra. São Paulo: Edusp, 1994.

MARTINS, F. Introdução ao conhecimento da gravura em metal. Rio de Janeiro: PUC, 1982.

MAYER, R. Manual do artista. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Bibliografia Complementar

BECKMANN, W. Grabados en cobre. Buenos Aires: Kapeluz, 1972.

CAMARGO, Iberê; ZIELINSKY, Mônica (Org). Iberê Camargo: catálogo raisonné. São Paulo: CosacNaify; Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2006.

CHAMBERLAIN, W. Etching & engraving. London: Thames & Hudson, 1984.

GRABOWSKI, Beth; FICK, Bill. Printmaking: a complete guide to materials & processes. Upper Saddle River, NJ: Laurence King, 2009.

MORRISH, David; MACCALLUM, Marlene. Copper plate photogravure: demystifying the process. New York: Focal, 2013.

Disciplina: DAV04965 - LITOGRAFIA

Ementa

Aprofundamento dos aspectos conceituais, históricos e poéticos da gravura. Possibilidades de investigação artística e proposições de projeto individual. Ênfase no desenvolvimento de trabalhos em litografia.

Objetivos

1. Identificar, analisar e discorrer criticamente sobre a litografia e suas especificidades;
2. Aprofundar conhecimento sobre referenciais artístico e teórico no assunto;
3. Desenvolver investigação poética vinculada à litografia.

Bibliografia Básica

ARCHER, Michael. Arte Contemporânea - Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. Escritos de Artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

FERREIRA, Orlando da Costa. Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira: a Imagem gravada. São Paulo: Edusp, 1994.

Bibliografia Complementar

ANTREASIAN, Garo Z.; ADAMS, Clinton. The Tamarind book of lithography: art & techniques. New York: Tamarind Lithography Workshop, 1970.

BENJAMIM, Walter. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARRIÓN, Ulisses. A Nova Arte de Fazer Livros. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

HENDRICKS, Jon (Ed.). O Que é fluxus? O que não é! O porquê. Brasília; Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002.

VICARY, Richard. The Thames and Hudson manual of lithography. London: Thames and Hudson, 1976.

Disciplina: DAV13883 - POÉTICAS DIGITAIS

Ementa

Campo de estudo prático-teórico sobre práticas artísticas em mídias digitais, considerando a criação de obras, por intermédio de software e hardware. Reflexão sobre o impacto das mídias digitais no campo das artes e sua influência na percepção/concepção da realidade e nas relações sociais. Desenvolvimento de projetos experimentais que lidem com o digital.

Objetivos

- Analisar crítica e conceitualmente as práticas artísticas que lidam com o digital, compreendendo sua natureza e como se dá o fluxo de trabalho nesse universo;
- Refletir sobre os modos de circulação, recepção e participação da arte em contextos digitais;
- Desenvolvimento de projetos artísticos que se relacionem com questões ligadas ao digital na contemporaneidade.

Bibliografia Básica

ARANTES, Priscila. @rte e mídia: perspectivas da estética digital. São Paulo: Editora Senac, 2005

LÉVY, Pierre. O Que é o Virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

PARENTE, André (org), Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual, Rio de Janeiro: 34, 1993.

Bibliografia Complementar

BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção. Como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DOMINGUES, Diana (Org.). Arte, ciência e tecnologia: passado, presente e desafios. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

FATORELLI, Antonio; BRUNO, Fernanda. (Org.). Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

FLUSSER, Vilém. O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade. São Paulo, SP: Annablume, 2008

RUSH, Michael. Novas mídias na arte contemporânea. 1. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

Disciplina: DAV01480 - SERIGRAFIA

Ementa

Aprofundamento dos aspectos conceituais, históricos e poéticos da gravura. Possibilidades de investigação artística e proposições de projeto individual. Ênfase no desenvolvimento de trabalhos em serigrafia.

Objetivos

1. Identificar, analisar e discorrer criticamente sobre a serigrafia e suas especificidades;
2. Aprofundar conhecimento sobre referenciais artístico e teórico no assunto;
3. Desenvolver investigação poética vinculada à serigrafia.

Bibliografia Básica

BENJAMIM, Walter. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo. Brasiliense S.A, 1985.

ARCHER, Michael. Arte Contemporânea - Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAYER, R. Manual do artista. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Bibliografia Complementar

DAWSON, John. Guia Completa de Grabado e Impression - Técnicas y Materiales. Madri: Herman Blume, 1982.

KINSEY, Anthony. Serigrafia. São Paulo: Martins Fontes, 1982.



PAGANOTTO, Arnobio. Manual prático de orientação ao serígrafo. Vitória: Casa do Artista, 1996.

JOHNSON, Elaine L. Pintores e escultores contemporâneos como gravadores. New York: The Museum of Modern Art, 1966.

GUIMARÃES, W. Silkscreen é fácil. São Paulo: Palácio do Silkscreen, 1991

Disciplina: ARV13049 - SISTEMAS GERENCIADORES DE BANCOS DE DADOS (SGDB)

Ementa

Conceitos de Banco de Dados. Modelagem de Banco de Dados Relacional. Construção e manipulação de Bancos de Dados Relacional.

Objetivos

O aluno deverá conhecer a terminologia básica da área de Banco de Dados e saber aplicar esta terminologia. O aluno também deverá ser capaz de realizar uma análise de domínios de conhecimento para criar um modelo relacional de um banco de dados, desenvolvendo diagramas de entidade e relacionamento e projetos lógicos de banco de dados. O aluno também deverá ser capaz de criar pequenos bancos de dados utilizando um SGBD de interface gráfica amigável e sendo um software livre.

Bibliografia Básica

HEUSER, Carlos Alberto. Projeto de banco de dados. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009. 282 p. (Série livros didáticos informática UFRGS ; 4) ISBN 9788577803828 (broch.)

MACHADO, Felipe Nery Rodrigues; ABREU, Maurício Pereira de. Projeto de banco de dados: uma visão prática. 17. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Érica, 2012. 320 p. ISBN 9788536502526 (broch.)

O'BRIEN, James A. Sistemas de Informação e as Decisões Gerenciais na Era da Internet. Ed. Saraiva, 2ª Edição, 2004

Bibliografia Complementar

BALDAM, Roquemar de Lima; CAVALCANTI, Marcos; VALLE, Rogério de Aragão Bastos de. GED: gerenciamento eletrônico de documentos. 2. ed. rev. e atual. - São Paulo: Érica, 2004. 204 p.

MARCON, Antonio Marcos. Aplicações e banco de dados para internet. São Paulo: Érica, c1999. 366p.

RAMEZ, ELMASRI; NAVATHE, SHAMKANT B. Sistemas de Banco de Dados: Fundamentos e Aplicações. 3ª ed. Rio de Janeiro. Ed. LTC, 2002.

Documentação do Projeto InterPARES (The International Research on Permanent Authentic Records in Electronic Systems). Disponível em <http://www.interpares.org/> . Acesso em: Maio de 2016.

CONARQ (Brasil). Câmara Técnica de documentos eletrônicos. Carta para a Preservação do Patrimônio Arquivístico Digital. 2005. Disponível em: http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/publicacoes_textos/Carta_preservacao.pdf

Disciplina: ARV12966 - ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO

Ementa

Fundamentos em Arquitetura da Informação e Usabilidade. Técnicas de avaliação de interfaces e avaliação da experiência do usuário. Organização e classificação de informações. Taxonomia, folksonomia e sistemas de navegação e recuperação de informações.

Objetivos

Abordar o tratamento estruturado da informação. Apresentar a classificação das redes de computadores e a Internet. Apresentar ferramentas para a construção de websites. Estudar os diferentes tipos de aplicações web.

Bibliografia Básica

COSTA, L. F.; RAMALHO, F. A. A Usabilidade nos Estudos de uso da Informação: em Cena Usuários e Sistemas Interativos de Informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 1, p. 92-117, jan/abr 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n1/06.pdf>. Acesso em: Maio de 2016

LACERDA, F.; Lima-Marques, M. Da Necessidade de Princípios de Arquitetura da Informação para a Internet das Coisas. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 20, n. 2, p. 158-171, abr/jun 2015. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2356/1600> Acesso em: Maio de 2016

SOUZA, O. A Usabilidade na Perspectiva do Uso da Informação: Estatística das Pesquisas Sobre o Tema no Brasil. *Informação & Sociedade*, v. 25, n. 1, p. 159-172, jan/abr 2015. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/viewFile/159/13196>. Acesso em: Maio de 2016

Bibliografia Complementar

CASTRO, E. HTML, XHTML e CSS - Guia Rápido e Visual. 6. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.
FREEMAN, E. Use a Cabeça: HTML com CSS & XHTML. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2008.

HARTSON, R.; PYLA, P. The UX Book: Process and Guidelines for Ensuring a Quality User Experience. 1st. ed. San Francisco, CA, USA: Morgan Kaufmann Publishers Inc., 2012.

LEWIS, J. R.; MOSCOWITZ, M. CSS Avançado. 1. ed. Rio de Janeiro: NOVATEC, 2010.

MORRISON, M. Use a Cabeça JavaScript. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Alta Books, 2008.

ROSENFELD, L.; VERAS, M. Information Architecture for the World Wide Web. 3. ed. New York, NY: Oreilly & Assoc., 2006.

SILVA, M. S. HTML 5 - A Linguagem de Marcação que Revolucionou a WEB. Rio de Janeiro, RJ: Novatec, 2011.

UNGER, R.; CHANDLER, C. O Guia para Projetar UX. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: STARLIN ALTA CONSULT, 2009.

VERAS, M. Virtualização Componente Central do Datacenter. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Brasport, 2011.A

Disciplina: ARV12967 - CIÊNCIAS DE DADOS**Ementa**

Metodologias e técnicas da ciência de dados para armazenamento, análise, tratamento, acessibilidade e visualização de dados.

Objetivos

O aluno deverá conhecer as metodologias e técnicas da ciência de dados para armazenamento, análise, tratamento, acessibilidade e visualização de dados.

Bibliografia Básica

CARVALHO, L. A. V. - Data Mining: A mineração de dados no marketing, medicina, engenharia e administração. São Paulo: Érica, 2001. FAYYAD, U.; PIATETSKY-SHAPIRO, G.; SMITH, P. Knowledge Discovery and Data Mining: Towards a Unifying Framework. In Proceedings of the Second International Conference on Data Mining and Knowledge Discovery, AAAI Press, Menlo Park, US; 1996. Disponível em [kdd96-="" 014.pdf="">](#). Acesso em Maio de 2016. REZENDE, Solange Oliveira. Mineração de Dados. Anais do V Encontro Nacional de Inteligência Artificial, Sociedade Brasileira de Computação. ISBN: 8576690330. São Leopoldo RS, 25 a 29 de julho de 2005. Disponível em [0102.pdf="">](#). Acesso em Maio de 2016. SILVA, Leandro. A.; SILVA Luciano. Fundamentos de Mineração de Dados Educacionais. Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação. 3º Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2014) Workshops (WCBIE 2014). Disponível em [cbie.wcbie.2014.568="">](#). Acesso em Maio de 2016.

Bibliografia Complementar

BAKER, R.; ISOTANI, S.; DE CARVALHO, A. Mineração de Dados Educacionais: Oportunidades para o Brasil. Revista Brasileira de Informática na Educação, Volume 19, Número 2, 2011. Disponível em [67](#) . Acesso em Maio de 2016.

CHEN, Hsinchun; CHIANG, Roger HL; STOREY, Veda C. Business Intelligence and Analytics: From Big Data to Big Impact. MIS quarterly, v. 36, n. 4, p. 1165-1188, 2012. Disponível em . Acessado em Junho de 2015.

CURTY, Renata Gonçalves; SERAFIM, Jucenir da Silva. A formação em ciência de dados: uma análise preliminar do panorama estadunidense. Revista Informação e Informação. DOI:10.5433/1981-8920. 2016v21n2p307. Londrina, v. 21, n. 2, p. 307-328. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>>. Acesso em jun de 2019.

FERRARI, Luciana Itida. Uma Metodologia para Extração de Informação sobre o Sistema Imunológico. Tese (Doutorado). Coordenação do Programa de pósgraduação em Engenharia de Sistemas e Computação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), RJ, 2008.

LOTT, Yuri Monnerat and CIANCONI, Regina de Barros. Vigilância e privacidade, no contexto do big data e dados pessoais: análise da produção da Ciência da Informação no Brasil. Perspect. ciênc. inf. [online]. 2018, vol.23, n.4, pp.117-132. ISSN 1413-9936. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/3313>. Acesso em jun de 2019.

PIATETSKY-SHAPIRO, G. FAYYAD, U. An Introduction to SIGKDD and A Reflection on the Term 'Data Mining'. SIGKDD Explorations Volume 13, Issue 2, Page 102, 2011. Disponível em . Acesso em Maio de 2016.

Disciplina: ART03933 - DESENHO ARTISTICO II

Ementa

Elementos estruturais do desenho: ponto, linha, plano e textura, com ênfase no tratamento das superfícies. A textura e suas possibilidades construtivas no desenho. Motivos: vegetação, paisagens e objetos de estrutura complexa. Materiais: nanquim, dermatograph e contê, este último nas cores sépia, sanguínea e preto.

Objetivos

Fundamentar e expandir os conceitos desenvolvidos na disciplina de desenho I sobre a estruturação básica do desenho.

Estudo de formas orgânicas complexas e sua representação espacial. Desenvolvida através da perspectiva e suas variantes de representação na arte ocidental e oriental.

Desenvolvimento da expressão individual através destes assuntos abordados e da auto-reflexão.

Bibliografia Básica

baxandal, Michel. Sombra e luzes. Trad. De A.P. Danese. São Paulo: Edusp, 2000.

HOCKNEY, David. O Conhecimento Secreto: Redescobrimdo as Técnicas perdidas dos grandes mestres. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

GOMBRICH, E.H. A História da Arte. 15 Ed. Trad. Brás. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993.

GOMBRICH, E.H. Arte e Ilusão. Trad. S. de Sá Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ostrower, Fayga - Acasos e Criação Artística. Ed. Campus, 1988.

ostrower, Fayga- Universos da Arte. Ed. Campus, 2001.

PANOfsky, Erwin. A perspectiva como forma simbólica, Trad. Port. de Elisabete Nunes. Lisboa: Edições 70, 1993.

Bibliografia Complementar

ARHEIM, R. - Arte e Percepção Visual . Pioneira.

BATTCKOCK, Gregory - A Nova Arte . Perspectiva

BETTI, Cláudia - Drawing: A Contemporary approach. .Teel Sale.

GEIGER, A.B. e COCHIARALLE, F. - Abstracionismo Geométrico e Informal- FUNARTE .

PANOFSKY, J. - O Significado das Artes Visuais... Perspectiva.

KANDINSKY, Wassily - Ponto, Linha sobre o Plano.. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

PONTUAL, Roberto. Entre dois Séculos . JB

CHIPP, H.B. - Teorias da Arte Moderna . Martins Fontes

READ, Herbert . - A Arte de agora, Agora . Perspectiva



Disciplina: ARV12970 - PESQUISA DE OPINIÃO: MÉTODO E FUNÇÃO

Ementa

Introdução aos conceitos de pesquisa de opinião pública, a formação do público, técnicas de pesquisa de opinião pública. A Comunicação e seu papel na formação da opinião pública, instrumentos de pesquisa, institutos de pesquisa.

Objetivos

Geral:

2.1 Desenvolver estudos a cerca de pesquisa de opinião no sentido de observar as limitações e a possível influencia das técnicas de sondagem nas tomadas de decisão administrativa; 2.2 Analisar alguns estudos de casos institucionais (atendimento ao público, avaliações quantitativas e qualitativas entre outros); 2.3 Analisar aplicabilidade de questionários conforme a metodologia de perguntas diretivas e não diretivas; 2.4 Análise de conteúdo das pesquisas que são vinculadas na mídia.

Específico: 2.5 Promover o conhecimento e o debate teórico sobre pesquisa de opinião/mídia/público; 2.6 Estudar as aplicabilidades de questionários e tipos de pesquisa; 2.7 Estudar o planejamento e aplicabilidade de pesquisa no contexto de gestão; 2.8 Desenvolver um estudo prático de pesquisa de opinião.

Bibliografia Básica

AAKER, David, e outros. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Atlas, 2001.

BREEN, George E., BLANKENSHIP, Albert B. Pesquisa de mercado. São Paulo: Makron Books, 1993.

BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In THIOLENT, Michel. Critica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1982

BOURDIEU, Pierre. Os doxósofos In THIOLENT, Michel. Critica metodológica, investigação social e enquete operária. São Paulo, Polis, 1982.

CHURCHILL JR, Gilbert A , J. Paul Peter. Marketing: Criando Valor para os Clientes. São Paulo: Editora Saraiva, 2000.

COTRIM, Sérgio P. de Queiroz. Contato Imediato com Pesquisa de Propaganda. São Paulo: Global, 1988.

Bibliografia Complementar

KOTLER, Philip. Administração de Marketing: A edição do Novo Milênio. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LIVINGSTONE, James McCardle. Pesquisa de mercado: uma abordagem operacional. São Paulo: Atlas, 1982.

MARCONI, Marina de A. & LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1988.

MALHORTA, Naresh K. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Bookman, 2001.

MATTAR, Fauze Nagib. Pesquisa de Marketing. São Paulo: Atlas, 2000.

MAZZON, J. A., GUAGLIARDI, J. Marketing: aplicações de métodos quantitativos. São Paulo: Atlas, 1983.

SILVA, Nilza Nunes. Amostragem Probabilística. São Paulo: Edusp, Série Acadêmica 18, 1998.

TRUJILLO, Victor. Pesquisa de Mercado Qualitativa e Quantitativa. São Paulo: Scortecci, 2001.

Disciplina: ARV12969 - A COMUNICAÇÃO PÚBLICA: MÍDIAS SOCIAIS E TERCEIRO

Ementa

Processos de comunicação institucional e atuação integrada às redes sociais. A Comunicação e a mundialização. Tendências contemporâneas das abordagens sociológicas das novas mídias. O terceiro setor. A cibercultura e a sociedade em rede na formação de projetos colaborativos.

Objetivos

Geral: 2.1 Desenvolver estudos a cerca das temáticas: comunicação pública, redes sociais e terceiro setor. 2.2 Observar as possibilidades da comunicação interativa na esfera da gestão pública em consonância com aplicabilidade de serviços à sociedade brasileira; 2.3 Analisar alguns estudos de casos institucionais (atendimento ao público, avaliações entre outros);

Específico: 2.5 Promover o conhecimento e o debate teórico sobre a Comunicação Pública/redes sociais/Terceiro setor; 2.6 Estudar as aplicabilidades das redes sociais e do terceiro setor no âmbito das instituições públicas brasileiras; 2.7 Fornecer subsídio teórico para o desenvolvimento de projetos no domínio dos estudos acadêmicos;

Bibliografia Básica

COELHO, Simone de Castro. Terceiro Setor: Um Estudo Comparado Entre Brasil e Estados Unidos. São Paulo: Editora Senac, 2000. 223p.

LEVY, Pierre O Futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

CENPEC. ONG: Tendências e Necessidades. São Paulo; Cenpec /Unicef /Itaú; 1998; Livro.

COSTA, Aloysio Teixeira. Administração de Entidades sem fins lucrativos. São Paulo, Nobel, 1992.

Bibliografia Complementar

CARVALHO, Nanci Valadares de. Autogestão: O Nascimento das ONGs. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

DRUCKER, Peter. Administração de Organizações Sem Fins Lucrativos: Princípios e Práticas. São Paulo: Pioneira, 1994.

FERNANDES, Rubem César. Privado porém Público: O Terceiro Setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 1994.

FERNANDES, Rubem Cesar (coord.) Para Além do Mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil. Rio de Janeiro: ISER,1993.

FERNANDES, Rubem César. & PIQUET, Leandro. ONGs Anos 90: A Opinião dos Dirigentes Brasileiros. Rio de Janeiro: ISER,1991.

IOCHPE, Evelyn Berg (Org). 3º Setor: Desenvolvimento Social Sustentado. São Paulo: Paz e Terra S.A, 1997.

INGRAM, Richard T. Dez Responsabilidades Básicas das Diretorias de Organizações Sem Fins Lucrativos. National Center for Nonprofit Boards - NCNB, 1994.

JAMES, E. Austin. Parcerias- Fundação e Benefícios para o 3º Setor. Editora Futura.Fundação Peter Druker.

LANDIM, Leilah (org.). Ações em Sociedade. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998.

LANDIM, Leilah. Para Além do Mercado e do Estado? Filantropia e Cidadania no Brasil. Rio de Janeiro: Iser - Textos de Pesquisa, 1993.

LEVY, Pierre Ciberdemocracia. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. 249 p.

MONTENEGRO, Thereza. O que é ONG. São Paulo: Brasiliense, 1994. 98p. (Coleção Primeiros Passos).

Disciplina: FIL00428 - INTRODUCAO A FILOSOFIA

Ementa

O que é Filosofia. As questões centrais da tradição filosófica. Análise filosófica do mundo atual. Filosofia e conhecimento. Filosofia contemporânea. Temas de Filosofia para formação acadêmica específica do curso.

Pré-requisito: não há.

Objetivos

1. Conhecer e Aplicar importantes temas filosóficos a partir de um panorama dos movimentos mais significativos da história do pensamento ocidental.
2. Desenvolver atividades de análise e reflexão que, além de possibilitarem a fixação do conteúdo básico, estimulam o desenvolvimento do raciocínio, do questionamento, da discussão filosófica.
3. Refletir a filosofia e sua articulação interdisciplinar (impulsionando ou catalizando outras áreas do conhecimento) na busca de compreender a realidade.

Bibliografia Básica

1. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: introdução à filosofia. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1993.
2. CHAUI, Marilena . Convite à Filosofia. São Paulo: Ática 1988.
3. OLIVEIRA, Admardo S. et.al. Introdução ao pensamento filosófico. 8 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

Bibliografia Complementar

1. BORNHEIM, Gerd A. Introdução ao filosofar. 8 ed. Rio de Janeiro: Record. 1980.
2. BUZZI, Arcangelo R. Introdução ao pensar. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
3. CORBISIER, R.C.de A. Introdução à Filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
4. CYRINO, Hélio. Filosofia hoje. 5 ed. Campinas: Papyrus, 1986.
5. GILES, T.R. Introdução à filosofia. São Paulo: EPU/ Edusp, 1979.

Disciplina: BIB03890 - EVOLUCAO DOS REGISTROS DO CONHECIMENTO

Ementa

Visão geral da história da produção e dos registros de conhecimento como reflexo da história da civilização. A produção dos suportes para registro, guarda, preservação e disseminação do conhecimento.

Objetivos

- 1- Obter uma visão geral do processo de comunicação da informação como reflexo do desenvolvimento da humanidade; 2- conhecer diversas fases de produção e reprodução da linguagem escrita em contextos social, econômico, político e cultural nos quais elas foram geradas; 3- identificar os diferentes suportes utilizados para o registro da informação no decorrer do percurso histórico do desenvolvimento social, cultural e econômico da humanidade; 4- Contextualizar a importância do armazenamento, da preservação, da organização e da difusão do conhecimento e da informação no decorrer da história dentro do contexto social, econômico, político e cultural da humanidade.

Bibliografia Básica

- O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. 3. Ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008. 351 p.
- BURKE, Peter. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012.



CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

Bibliografia Complementar

MANGUEL, Alberto. A biblioteca à noite. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3.ed., il., rev. e atual. São Paulo: Ática, 2001.

OLSON, David R. O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores e autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII. 2. ed. Brasília: ed. UNB, 2007.

HOOKE, J. T. Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga. São Paulo: EDUSP: Melhoramentos, 1996.

Disciplina: BIB03888 - NORMALIZACAO DA INFORMACAO

Ementa

Histórico e conceituação da documentação. Organismos nacionais e internacionais de normalização. Normalização: importância e aplicação das normas de documentação da ABNT.

Objetivos

Compreender a normalização da informação como requisito essencial de padronização para garantia de qualidade formal do conhecimento e da informação.

Bibliografia Básica

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 5892: norma para datar. Rio de Janeiro, 1989.

_____. NBR 6021: informação e documentação - publicação periódica científica impressa - Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6022: informação e documentação - artigo em publicação periódica científica impressa - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6023: informação e documentação - referências - elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6024: informação e documentação - numeração progressiva das seções de um documento escrito - apresentação. Rio de Janeiro, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6025: informação e documentação - revisão de originais e provas. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6027: informação e documentação - sumário - apresentação: procedimento. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: informação e documentação - resumo - apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 6032: abreviação de títulos de periódicos e publicações seriadas. Rio de Janeiro, 1989.

_____. NBR 6033: ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

_____. NBR 6034: preparação de índice de publicações: procedimento. Rio de Janeiro, 2004.

_____. NBR 9577: emprego de numeração de semanas. Rio de Janeiro, 1986.

_____. NBR 9578: arquivos. Rio de Janeiro, 1986.

_____. NBR 10518: preparação de guias de bibliotecas, centros de informação e documentação. Rio de Janeiro, 2005.

_____. NBR 10519: critérios de avaliação de documentos de arquivo. Rio de Janeiro, 1988.

_____. NBR 10520: informação e documentação - apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro, 2011.

_____. NBR 10525: numeração internacional para publicações seriadas - ISSN. Rio de Janeiro, 2005.

_____. NBR 10719: informação e documentação - relatório técnico ou científico -



Apresentação. Rio de Janeiro, 2015.

_____. NBR 12225: títulos de lombada: títulos de lombada: procedimento. Rio de Janeiro, 2004.

_____. NBR 12676: métodos para análise de documentos - determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação: procedimentos. Rio de Janeiro, 1992.

_____. NBR 14724: informação e documentação - trabalhos acadêmicos - apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

_____. NBR 15287: informação e documentação - projeto de pesquisa -apresentação. Rio de Janeiro, 2011. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15437: Informação e documentação - pôsteres técnicos e científicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2006.

_____. NBR-ISO 2108: Informação e documentação - número padrão internacional de livro (ISBN). Rio de Janeiro, 2006.

Bibliografia Complementar

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

DANTAS FILHO, João Frutuoso. Noções básicas de normalização técnica. Belém: Ed. Universitária, UFPA, 1995.

MEADOWS, A. J. A comunicação científica. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1999.

NASSER, Salem Hikmat. Fontes e normas do direito internacional: um estudo sobre a Soft Law. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2006.

REDE METROLÓGICA RS. Avaliação da conformidade: certificação de produtos : guia prático. 2. ed. Porto Alegre, RS: FINEP, 2005.

SCHMIDT, Paulo; SANTOS, José Luiz dos. Avaliação de ativos intangíveis: Goodwill, capital intelectual, marcas e patentes, propriedade intelectual, pesquisa e desenvolvimento. São Paulo: Atlas, 2002.

Disciplina: BIB10086 - TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO I

Ementa

Terminologia básica, arquitetura de computadores, sistemas operacionais, arquivos e banco de dados. Programas de apoio, aplicativos. Noções básicas de redes e comunicação de dados.

Objetivos

Possibilitar ao estudante uma visão ampla sobre os recursos digitais e sua importância nas organizações atuais, com foco na utilização em Bibliotecas. Serão apresentados conceitos sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). O computador e seus componentes serão revisados. Serão apresentados conceitos sobre os sistemas operacionais e exemplificados os mais utilizados nas organizações atuais. Será discutido sobre Segurança Digital e seus impactos na economia da informação. Apresentar conceitos e exemplos de Software Livre. Redes de computadores e seu emprego nas organizações. Uso do MS-Excel.

Bibliografia Básica

LAUDON, Kenneth C.; LAUDON, Jane Price. Sistemas de informação gerenciais. 11. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. xx, 484 p. NORTON, Peter. Introdução à informática. São Paulo: Pearson, 2014. xvii, 619 p. O'Brien, J. Sistemas de informação e as Decisões Gerenciais na Era da Internet . São Paulo: Saraiva, 2010.

Bibliografia Complementar

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010. 270 p. LÉVY, Pierre. O que é o virtual?. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996. 157 p. CAPRON, H. L.; JOHNSON, J. A. Introdução à informática . São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004. VELLOSO, Fernando de Castro. Informática: conceitos básicos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014. ROSINI, Alessandro Marco;



PALMISANO, Angelo. Administração de sistemas de informação e a gestão do conhecimento. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 219 p.

Disciplina: BIB03895 - EDITORACAO

Ementa

Conceitos de Editora e Editoração. Visão de conjunto dos aspectos culturais, industriais e comerciais da atividade editorial. A produção da informação. Como se edita o livro: ISBN, Depósito Legal, Leis de Incentivo Cultural. Política editorial brasileira. Publicidade e venda dos livros. Reprodução de documentos. Direitos autorais.

Objetivos

Caracterizar os aspectos culturais, industriais e comerciais do mercado editorial, compreender os diversos elementos relacionados ao processo editorial ao longo da história e a importância do bibliotecário na divulgação e difusão do conhecimento.

Bibliografia Básica

EMANUEL, Araujo. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Lexikon Editorial, 1986.

EPSTEIN, Jason. O negócio do livro: passado, presente e futuro do mercado editorial. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

KNAPP, Wolfgang. O que é editora. São Paulo : Brasiliense, 1986.

MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Com um capítulo referente à propriedade literária. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

Bibliografia Complementar

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo : Universidade Estadual Paulista, 1998.

HORIE, Ricardo Minoru; PEREIRA, Ricardo Pagemaker. 300 superdicas de editoração, design e artes gráficas. 4. ed. - São Paulo: Ed. SENAC, 2004.

PAIXÃO, Fernando. Momentos do livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

REIMÃO, Sandra Lucia. Mercado editorial brasileiro 1960-1990. São Paulo: Com-Arte: FAPESP, 1996.

ROCHA, José Carlos. Políticas editoriais e hábitos de leitura. São Paulo : Com-Arte, 1987.

Disciplina: DTA06304 - HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL

Ementa

Expressão plástica do indígena brasileiro. A arte no Brasil e no Espírito Santo no período colonial. Séculos XVI, XVII, XVIII. O século XIX e o Academismo. Século XX. Do Modernismo à Arte Brasileira Contemporânea.

Objetivos

- Analisar, distinguir e pesquisar as diferentes manifestações artísticas, situando alguns interesses, necessidades, possibilidades e influências dos artistas brasileiros em cada período, bem como, a interrelação existente entre os diferentes espaço-tempos expressivos;
- Analisar e identificar as peculiaridades e características específicas de cada vertente estética, interligando os aspectos estético e histórico;
- Refletir, analisar e identificar os fatos econômicos, políticos e sociais que repercutem nos avanços e proporcionam condições ou definem retrocessos e influem na origem e desenvolvimento das poéticas artísticas brasileiras;

- Analisar algumas obras dos artistas mais representativos das diferentes vertentes estéticas da arquitetura, pintura, escultura e artes aplicadas.

Bibliografia Básica



BARCINSKI, Fabiana Werneck (org.). Sobre a arte brasileira: da Pré-História aos anos 1960. São Paulo: WMF Martins Fontes / Edições Sesc, 2015.

BRITO, Ronaldo. Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac Naify, 1999.

CHIARELLI, Tadeu. Arte internacional brasileira. 2. ed. São Paulo: Lemos, 2002.

OLIVEIRA, Myriam A. R. de; PEREIRA, Sonia G.; LUZ, Angela Ancora da. História da Arte no Brasil: textos de síntese. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Bibliografia Complementar

BUENO, Maria Lucia (org.). Sociologia das Artes Visuais no Brasil. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

BRITO, Ronaldo; LIMA, Sueli de (org.). Experiência crítica. São Paulo: CosacNaify, 2005.

CONDURU, Roberto. Arte afro-brasileira. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (orgs.). Escritos de artistas: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LOPES, Almerinda da Silva; RIBEIRO, Marília Andrés; MENDES, André Melo. Arte abstrata no Brasil. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

PEREIRA, Sonia Gomes. Arte brasileira no século XIX. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

ZANINI, Walter (org.). História geral da arte no Brasil. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2 v.

Disciplina: AID10514 - ATELIER DE FOTOGRAFIA

Ementa

Projetos individuais de produção fotográfica: elaboração e execução. Aspectos teóricos e formais. Pesquisa histórica, teórica e conceitual. Temas avançados em Fotografia.

Objetivos

Experimentação com materiais, técnicas e abordagens conceituais. Exploração de meios audiovisuais. Elementos de conceito, argumento, projeto e roteiro de trabalho audiovisual

Bibliografia Básica

LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus, 2012. MACHADO, Arlindo. A arte do vídeo. 2. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1990. MOLETTA, Alex. Criação de curta-metragem em vídeo digital: uma proposta para produções de baixo custo. São Paulo: Summus, 2009.

Bibliografia Complementar

MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. São Paulo: SENAC, 2001.

SEGER, Linda. A arte da adaptação: como transformar fatos e ficção em filme. 1. ed. São Paulo, SP: Bossa Nova, 2007.

ZIPPAY, Lori (Org.). Artist's video: an international guide. New York: Electronic Arts Intermix, 1991.

Disciplina: COS10072 - HISTÓRIA E ESTÉTICAS DO AUDIOVISUAL I

Ementa

Reflexões sobre o conceito de estética. História do cinema. Pré-cinemas e o primeiro cinema. Os primeiros realizadores. Griffith, a sistematização da linguagem e da narrativa cinematográfica. A formação de Hollywood. Vanguardas cinematográficas: cinema soviético, expressionismo alemão, surrealismo, avant-garde francesa. O cinema sonoro. O cinema clássico e seus gêneros. Cidadão Kane e o nascimento do cinema moderno. Cinema brasileiro nos anos 40 e 50: Humberto Mauro, Vera Cruz, Atlântida e Cinédia. Neo-realismo italiano. Cinemas novos: Nouvelle Vague, cinema independente americano, novo cinema alemão. Cinema brasileiro nos anos 60, 70 e 80, Cinema novo, cinema marginal, pornochanchada e outros. O cinema americano nos anos 70.

Objetivos

1- Contextualizar o surgimento do cinema histórica e socialmente. 2- Estabelecer as justificativas estéticas do cinema. 3- Apresentar as histórias do cinema, com suas diferenciadas bases industriais, geográficas, nacionais, culturais e comerciais. 4- Pesquisar os diversos usos e práticas dos cinemas, situados entre a experimentação e o entretenimento comercial. 5- Explorar tipos e modos do cinema enquanto atividade cultural reflexiva e crítica.

Bibliografia Básica

BENTES, Ivana (org.). Ecos do cinema - de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

BETTON, Gerad. Estética do cinema. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GOMES, Paulo Emílio Salles. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial. Campinas: Papyrus, 2006.

Bibliografia Complementar

BAHIANA, Ana Maria. Como ver um filme. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. 4ªed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BERNARDET, Jean-Claude. Cinema brasileiro: propostas para uma história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COSTA, Antonio. Compreender o cinema. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

LOPES, Denilson (org.). Cinema dos anos 90. Chapecó: Argos, 2005.

PARAIRE, Philippe. O Cinema de Hollywood. São Paulo: Martins Fontes, 1994. XAVIER, Ismail. O Cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

XAVIER, Ismail. O Cinema brasileiro moderno. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Disciplina: COS10071 - PROCESSOS CRIATIVOS NO AUDIOVISUAL

Ementa

A imagem; os sons. Expressão audiovisual: em fotografia, cinema, vídeo, animação. Introdução à linguagem audiovisual. Descondicionamento do olhar e criatividade. Pensamento audiovisual. Percepção e educação dos sentidos. Audiovisual e experimental, narrativo clássico, ficcional / não-ficcional. Autores, movimentos, escolas.

Objetivos

Trabalhar a criatividade a partir do descondicionamento do olhar. Problematizar conceitos de sensibilidade e de percepção, aplicados às imagens e sons. Introdução geral à linguagem visual. Com os conceitos de insight e criatividade, trabalhar aspectos introdutórios da expressão audiovisual em fotografia, cinema, vídeo, animação. Introdução à expressão audiovisual e à sociologia da cultura. O pensamento audiovisual. O experimental, a narrativa clássica, o ficcional/ não-ficcional no audiovisual. Autores, movimentos, escolas.

Bibliografia Básica

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ECO, Umberto. Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 1976.

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 1987.

Bibliografia Complementar

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ARAÚJO, Inácio. Cinema: o mundo em movimento. São Paulo: Scipione, 1995.
MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 1990.
PARAIRE, Philippe. O cinema de Hollywood. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
SANTAELLA, Lúcia. A percepção. São Paulo: Experimento, 1993.
WISNIK, José Miguel. O som e o sentido. Uma outra história das músicas. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Disciplina: COS04827 - TEORIAS DA COMUNICAÇÃO - PERSPECTIVAS HISTÓRICAS

Ementa

As diferenças entre a cultura de elite, a comunicação de massa e a autocomunicação de massa. Panorama das diversas correntes teóricas da comunicação de massa. Contribuições interdisciplinares para a constituição de uma teoria da comunicação.

Objetivos

- Compreender o objeto de estudo da Comunicação Social
- Compreender as contribuições interdisciplinares para a formulação das teorias da comunicação
- Apresentar as principais e primeiras correntes teóricas da área/campo
- Refletir criticamente sobre a influência dos meios de comunicação na sociedade contemporânea

Bibliografia Básica

- ADORNO, Theodor W. Indústria Cultural e Sociedade, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2006
BRITO JUNIOR, B. T., Gênese da sociedade de massas e meios de comunicação de massa. 2015. – Apresentação comparativa de três abordagens das pesquisas de comunicação de massa. 2015. – A dialética na filosofia e no pensamento social — Hegel e Marx. 2015. – A dialética da Indústria Cultural em Adorno. 2015. – A dialética em Benjamin — técnicas de reprodução e mercadoria. 2015. – Agenda-Setting e Newsmaking_Artigo preparado para aula. 2015.
BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. e HABERMAS, Jürgen, Textos Escolhidos, coleção Os Pensadores, São Paulo, Editora Abril, 1983, pgs. 117 a 154.
CASTELLS, Manuel, Comunicação de massas e autocomunicação de massa, Entrevista 2013.
DEFLEUR, Melvin e BALL_ROKEACH, Sandra, Teorias da Comunicação de Massa, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993
FRANÇA _ Vera Veiga, HOHLFELDT, Antonio e MARTINO, Luiz C. - Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas, Tendências, Petrópolis, Vozes, 2001
GENTILLI, Victor. Democracia de massas: jornalismo e cidadania. Porto Alegre; Edicr, 2005
HORKHEIMER, Max. - Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 1985, pgs. 113 a 156
MATTELART, Armand e Michèle. - História das Teorias da Comunicação, São Paulo, Edições Loyola, 1999
WOLF, Mauro. - Teorias da Comunicação, Lisboa, Editorial Presença, 1987

Bibliografia Complementar

- MIÈGE, B. O pensamento comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2000.
DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra J. Teorias da comunicação de massa. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
ENZENSBERGER, Hans Magnus. Elementos para uma teoria dos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
ADORNO, Theodor W. Indústria Cultural e Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. BENJAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max,
ADORNO, Theodor W. e HABERMAS, Jürgen. Textos Escolhidos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1983.

Disciplina: COS04828 - TEORIAS DA COMUNICAÇÃO - PERSPECTIVAS

Ementa

Panorama das diversas correntes teóricas da comunicação contemporâneas. As teorias latino-americanas. Os principais estudos brasileiros.

Objetivos

Objetivo principal: Compreender as referências teóricas que fundamentam os conceitos comunicacionais contemporâneos.

Objetivos Específicos: - Ampliar as perspectivas de entendimento dos processos comunicacionais; - Conhecer e analisar modelos e conceitos do processo de comunicação dos estudos latino-americanos, especialmente os estudos brasileiros, contemporâneos; - Compreender a importância destes conceitos para a análise dos meios de comunicação, sua atuação e o seu papel na construção social; - Desenvolver trabalhos analíticos, aplicando as teorias e a metodologia de pesquisa a partir de temas previamente discutidos.

Bibliografia Básica

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1997

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera (orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997

Bibliografia Complementar

CANCLINI, Nestor G. Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979, pp. 229-276.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LIMA, Venício A de. Mídia: crise política e poder no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, pp. 258-308.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2013

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito: o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995

Disciplina: COS04945 - HISTÓRIA DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO NO BRASIL

Ementa

As condições históricas do surgimento e da formação de um público leitor, do século XVI ao XVIII. O surgimento da imprensa, do rádio, da TV e do cinema e seus contextos. Os meios de comunicação no Brasil. História da imprensa e da Publicidade e Propaganda. O domínio da censura sobre a informação no Brasil: 1500-1822. A mídia e os jornalistas no processo da independência política do Brasil, na queda do Império e na campanha republicana, a irreverência dos pasquins. A imprensa e o rádio, da República Velha até o Estado Novo: a presença censória do Estado. A mídia e os jornalistas dos anos 50 aos 60: a constituição de um mercado de trabalho e a ação política e social. O movimento de 64: as opções ideológicas da categoria. O período de 68 aos anos 80: as censuras e as resistências ao arbítrio. A formação do jornalista e do publicitário no Brasil: das redações e associações às escolas e aos sindicatos. A mídia e os perfis profissionais contemporâneos.

Objetivos

Objetivo principal: Compreender o percurso dos sistemas comunicacionais brasileiros, seus contextos, influências, formação e transformações.

Objetivos Específicos: - Estudar e visualizar historicamente as fases de estruturação e institucionalização dos sistemas de comunicação no Brasil. - Perceber as relações entre Estado,



sociedade e as atividades da área de comunicação social. - Compreender e visualizar os períodos históricos que marcam as grandes transformações no cenário comunicacional do país.
- Compreender a importância do profissional de comunicação e sua participação nos grandes momentos da vida política, social, cultural e econômica brasileira.

Bibliografia Básica

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALBERT, P. e TERROU F. História da imprensa. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
ABREU, Alzira Alves de et al. A imprensa em transição : o jornalismo brasileiro nos anos 50. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
BARBOSA, Marialva. História da Comunicação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2013.
COSTA, Alcir Henrique e al. Um país no ar (história da tv brasileira em três canais). São Paulo: Brasiliense, 1986.
DEL BIANCO, Nélia e MOREIRA, Sônia Virgínia. Rádio no Brasil - tendências e perspectivas . Brasília: UNB/Eduerj/Intercom, 1999.
PINHO, J. B. (org). Trajetória e questões contemporâneas da publicidade brasileira . São Paulo: Intercom, 1995.
SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil . São Paulo: Martins Fontes, 1983.
STEPHENS, Mitchell. História das comunicações : do tantã ao satélite . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

Bibliografia Complementar

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- COSTA, Antônio. Compreender o cinema . São Paulo: Globo, 1989.
FAUSTO, Boris. O pensamento nacionalista autoritário. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.
FEDERICO, Maria Elvira B. História da comunicação - rádio e televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.
FERREIRA, Maria Nazareth. A imprensa operária no Brasil . Petrópolis: Vozes, 1978.
GOMES, Pedro G. e PIVA, M. Cruz. Políticas de comunicação. São Paulo: UCBC, 1988.
HOLANDA, Sérgio B. Raízes do Brasil . 2ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
GIOVANI, Giovanini. Evolução na comunicação : do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
ORTRIWANO, Gisela S. A informação no Rádio . São Paulo: Summus, 1991.
MEDINA. Cremilda . O jornalismo na nova república . São Paulo: Summus, 1987.
MELO, José Marques de. Sociologia da imprensa brasileira . Petrópolis: Vozes, 1973.
MELLO, Maria A. (org.) Vinte anos de resistência (alternativas da cultura ao regime militar). Rio de Janeiro: Editora Rio Fundo, 1986.
PINTO, Virgílio Noya. Comunicação e cultura brasileira. São Paulo, 1995.
RAMOS, Ricardo . Do reclame à comunicação de massa - pequena história da propaganda no Brasil. 3ª ed., São Paulo: Atual, 1985.
SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico . 20ª ed., São Paulo: Cortez Editora, 1996.



Disciplina: COS04838 - TEORIAS E PRÁTICAS DE LINGUAGEM

Ementa

Breve histórico da técnica e da fotografia como registro de fatos: estrutura, tipos, características e funcionamento de câmeras fotográficas óticas; produtos e química da fotografia; linguagem e expressão fotográfica no jornalismo e no documentarismo. Acessórios, laboratórios, revelação de filme e do papel fotográfico no jornalismo. Concepção e realização da reportagem fotográfica. Estudo de imagens de nomes fundamentais do fotojornalismo e documentarismo.

Objetivos

1. Entender os conceitos elementares da fotografia;
2. Dominar a técnica fotográfica, conhecer o laboratório químico e o estúdio fotográficos;
3. Produzir material prático que permita iniciar e aperfeiçoar o aluno na utilização do equipamento fotográfico;
4. Permitir formação crítica sobre o atual momento da fotografia diante das novas tecnologias: questões éticas e técnicas;
5. Capacitar o aluno para lidar com dinâmica de produção de imagens dentro da rotina jornalística.

Bibliografia Básica

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: Magia e técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994
KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê, 2001.
LAGNFORD, Michael. Fotografia Básica. Lisboa: Dinalivro, 2003.
MACHADO, Arlindo. A Ilusão Especular: uma teoria da fotografia. São Paulo: Gustavo Gil, 2015

Bibliografia Complementar

FATORELLI, Antônio. Fotografia Contemporânea: entre o cinema, o vídeo e as novas mídias. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.
SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
ZUANETTI, Rose et. al. Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho. Senac: Rio de Janeiro, 2002.
TRIGO, Thales. Equipamento Fotográfico. São Paulo: Senac, 2003.

Disciplina: COS11583 - ANÁLISE FÍLMICA

Ementa

Objetivos

Bibliografia Básica

Bibliografia Complementar

Disciplina: COS11585 - DIREÇÃO DE ARTE EM AUDIOVISUAL

Ementa

Objetivos

Bibliografia Básica

Bibliografia Complementar

Disciplina: DTA13861 - FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DO ENSINO DA ARTE I

Ementa

Estudo dos conceitos e princípios sócio-filosófico-culturais, psicológicos e estéticos do ensino da arte. A constituição histórica do campo do currículo do ensino da arte na Educação Básica: fundamentos, concepções, perspectivas e implicações. A proposta de ensino da arte para a Educação Básica, conteúdos e objetivos do ensino de arte na Base Nacional Comum Curricular. Desenvolvimento de projetos de atuação junto à comunidade.

Objetivos

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar conhecimentos teóricos sobre os fundamentos da Arte na educação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Compreender o conceito de arte como disciplina de formação estética e humanística;
Compreender a necessidade e o papel da arte dentro do processo educacional;
Discutir os conceitos e teorias do currículo que permeiam o ensino da arte ao longo do tempo;
Refletir sobre o papel do professor de arte no contexto social da educação e da arte e refletir sobre as perspectivas do ensino-aprendizagem da arte na contemporaneidade.

Bibliografia Básica

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. & Maria F. de Rezende e Fuzari. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

IAVELBERG, R. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARQUES, Isabel; BRASIL, Fábio. Arte em Questões. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

Bibliografia Complementar

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (ORG.) Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FERRAZ, Maria Heloísa C Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente. 9. ed. São Paulo, Cortez, 2006. (Coleção: Questões da Nossa Época; v. 67)

ROSA, M.C. A formação de professores de Arte- diversidade e complexidade pedagógica. Florianópolis: Insular, 2005.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. Didática do Ensino da Arte. A língua do mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo, Cortez. 2007.

Disciplina: DTA13875 - FILOSOFIA DA ARTE

Ementa

Introdução a conceitos e problematizações de Filosofia da Arte a partir da interpretação de instâncias estéticas e políticas presentes nas expressões artísticas e culturais contemporâneas, enfatizando aspectos da crítica, da experiência estética e da inter-relação entre linguagens artísticas .

Objetivos

- Analisar a experiência estética à luz das diferentes interpretações filosóficas desde a antiguidade grega aos nossos dias;
- Analisar, identificar e refletir sobre as diferentes conceituações do objeto estético e dos fenômenos artísticos, de acordo com as diversas correntes filosóficas, situando a relação entre as representações artísticas e o seu tempo, isto é, como a realidade lhe serve de estímulo;
- Analisar, identificar e refletir sobre a realidade que a obra de arte exprime como atividade do espírito, como vínculo com o real e como expressão, o que permite conceituá-la como manifestação e construção estética;
- Analisar e identificar o papel dos valores morais, sociais e múltiplos, que interferem na produção e na caracterização da obra no naturalismo, realismo, marxismo, estruturalismo, etc.

Bibliografia Básica

- BORNHEIM, Gerd. Temas de filosofia . Organização: Gaspar Paz. São Paulo: Edusp, 2015.
DELEUZE, Gilles, FELIX, Guatarri. O que é filosofia? Tradução de Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
FOUCAULT, Michel. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Org. Manoel Barros de Motta. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

Bibliografia Complementar

- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço . São Paulo: Abril Cultural, 1984.
CHAUI, Marilena. Convite à filosofia . São Paulo: Editora Ática, 2012.
DERRIDA, Jacques, RODINESCO, Elisabeth. De que amanhã... Diálogo. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.
MERLEAU-PONTY, Maurice. O Olho e o Espírito : seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A Dúvida de Cézanne. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira; Prefácio Claude Lefort; pós-fácio Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.

Disciplina: DTA13864 - ARTE ANTIGA E MEDIEVAL

Ementa

Estudo das manifestações artísticas nos campos da Arquitetura, da Escultura, da Pintura e das Artes menores, aplicadas, do Período Helênico (séc. XI a. C. - 323 a. C.) ao Gótico Internacional (c. 1375-1425)

Objetivos

- Proporcionar ao aluno o conhecimento e a análise dos estilos dos diversos períodos históricos a serem abordados, relacionando-os com seu contexto histórico e cultural.

Bibliografia Básica

- GOMBRICH, Ernst H. A História da Arte . LTC, 1999.
JANSON, H. W. História Geral da Arte. O Mundo Antigo e a Idade Média . São Paulo: Martins Fontes, 2007.
PISCHEL, Gina. História Universal da Arte . São Paulo: Melhoramentos, 03 volumes, 1966.

Bibliografia Complementar

- ARGAN, Giulio Carlo. História da arte italiana 1. Da Antiguidade a Duccio . São Paulo: Cosac & Naif, 2003.
GARCÍA MARSILLA, Juan V. (dir.), MANCHO, Carles, RUIZ DE LA PEÑA, Isabel. Historia del arte medieval . Universitat de València, 2012.



JACQUES PI. Jéssica. La estética del románico y del gótico . Madrid: A. Machado Libros, 2003.
SCHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens. Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média . Bauru, SP: EDUSC, 2007.
WILLIAMSON, Paul . Escultura Gótica - 1140-1300 . São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

Disciplina: DTA13868 - ARTE DO RENASCIMENTO E BARROCO

Ementa

Arte do Renascimento ao Barroco e Rococó, na Europa, América Espanhola e Brasil.

Objetivos

- Proporcionar os conhecimentos indispensáveis e suficientes à sua necessidades profissional na área de História da Arte.

Bibliografia Básica

GOMBRICH, Ernst H. A história da arte . LTC, 1999, 16a ed. ISBN 8521611854.
JANSON, H. W. História geral da arte. 3 ed. Martins Fontes, 2001, v. II. ISBN 33614462.
WÖLFFLIN, Heinrich. Renascença e Barroco . Perspectiva, 2000. ISBN 8527302152.

Bibliografia Complementar

BLUNT, Anthony. Teoria artística na Itália 1450-1600 . Cosac & Naify, 2001. ISBN 8575030736.
BURKE, Peter. O Renascimento italiano - Cultura e Sociedade na Itália. Ed. Nova Alexandria. ISBN: 858607554X
HOCKE, Gustav R. Maneirismo : o mundo como labirinto. Perspectiva, 2005. ISBN 852730371X.
LOTZ, Wolfgang. Arquitetura na Itália 1500-1600 . Cosac & Naify, sd. ISBN 85-86374-11-3.
VENTURI, Lionello. História da crítica de Arte . Lisboa: Edições 70. ISBN 9724413918.

Disciplina: DTA13872 - ARTE MODERNA

Ementa

Arte do Pré Romantismo e Neoclassicismo ao Pós-Impressionismo.

Objetivos

- Avaliar os fatos e alterações sociais, condições econômicas e culturais, que de alguma forma definiram padrões ou interferiram na produção artística nos determinados períodos da história;
- Analisar e identificar os principais temas, conceitos e características específicas de diferentes manifestações artísticas, situando a relação entre o aspecto estético e histórico, ou seja, entre o produto e a realidade que lhe serve de estímulo;

- Analisar e identificar as peculiaridades e características que formam o estilo dos períodos históricos.

Bibliografia Básica

ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos . 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. CHIPP, Herschel Browning. Teorias da arte moderna. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
JANSON, H. W. História geral da arte: o mundo moderno .3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 3.

Bibliografia Complementar

ARGAN, Giulio Carlo. A arte moderna na Europa: de Hogarth a Picasso . São Paulo: Companhia das Letras, 2010. BALAKIAN, Anna. O Simbolismo . 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
HARRISON, Charles. Modernismo . São Paulo: Cosac & Naify, 2000. MALPAS, James. Realismo . São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
READ, Herbert. História da pintura moderna . São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Disciplina: DTA13860 - ARTE CONTEMPORÂNEA

Ementa

Arte nacional e internacional, dos anos de 1960 até a atualidade.

Objetivos

- Problematizar os impasses e discutir as alternativas para o discurso histórico da arte dos anos 1960 até atualidade;
- Debater e familiarizar-se com eixos centrais da formação das instituições, processos poéticos e relação com novos meios presentes na arte contemporânea.

Bibliografia Básica

ARCHER, Michael. Arte contemporânea . São Paulo: Martins Fontes, 2001.
CHIARELLI, Tadeu. Arte internacional brasileira . Lemos Editorial, 1999.
DEMPSEY, Amy. Estilos, escolas e movimentos . São Paulo: Cosac & Naify, 2003

Bibliografia Complementar

CRIMP, Douglas. Sobre as ruínas do museu. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
DANTO, Arthur. Após o fim da arte: a arte e os limites da história . São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
FOSTER, Hal. O retorno do real: a vanguarda no final do século XX . São Paulo: Cosac Naify, 2014.
MELLO, Christine. Extremidades do vídeo . São Paulo: Editora Senac, 2008.
NAVES, Rodrigo. O vento e o moinho: ensaios sobre arte moderna e contemporânea . São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Disciplina: DTA04978 - ARTES DA PERFORMANCE

Ementa

Estudos antropológicos e etnocenológicos das artes e das práticas performativas e dos seus processos criativos na criação de instalações e performances tendo como suporte o corpo do Performer e sua relação sinestésica com o espectador.

Objetivos

OBJETIVO GERAL :

- Destacar o universo das artes das performances e das práticas performativas.
- Distinguir a prática e teoria dos espetáculos das artes das performances e das práticas performativas .

OBJETIVOS ESPECÍFICOS :

- Vivenciar experiências através de exercícios de performances, dança, vídeo, teatro e instalações, baseados nas principais correntes teóricas e estéticas dos séculos XX e XXI. Tendo como fundamento o estudo antropológico do corpo e sua relação sinestésica com o espectador.
- Comparar a simultaneidade de linhas expressivas que caracterizam as práticas das performances nas artes nos séculos XX e XXI.
- Localizar as diversas tendências da prática teatral moderna e pós-moderna nos séculos XX e XXI e suas relações com a história da arte, filosofia, sociologia, antropologia e psicanálise.

Bibliografia Básica

BOURDIEU, Pierre. A Produção da Crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Ed. Zouk, 2008.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
COHEN, Renato. Performance como Linguagem . São Paulo: Ed. Perspectiva, 1989/2004.
MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção , "O corpo". São Paulo: Martins Fontes. 2006.



KUSNET, Eugênio. Ator é Método . Rio de Janeiro: SNT. 2009.
_____ Dicionário de Teatro . São Paulo: Ed.perspectiva. 2010.

STANISLAVSKI, Constantin. A criação de um Papel . Rio de Janeiro: Ed. Perspectiva. 2010.

SPOLIN, viola. Improvisação para o teatro . São Paulo: Ed. Perspectiva. 2009.

Bibliografia Complementar

ARTAUD, Antonin. O Teatro e seu Duplo . Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo, Max limonad, 2010.

ASLAN, Odette . Le Corps en Jeu . Paris: CNRS Éditions . 2014.

BARBA,, Eugenio. A canoa de papel , tratado de antropologia teatral. São Paulo: Editora Hucitec. 2011.

_____ A arte secreta do ator . São Paulo: Hucitec. 2015 .

BELTING, Hans . O Fim da História da arte . COSAC & NAIFY, 2006

_____ Pour ne Anthropologie des imagens. Paris: Gallimard. 2010.

BÉGOC, Janig, BOULOUCH, Nathalie & ZABUNYAN, Elvan. La performance-entre Archives et pratiques Contemporaines. Presses Universitaires De Rennes. 2010.

BRECHT, Bertholt. O teatro Épico . Rio de Janeiro: Editora nova fronteira. 2006.

BROOK, Peter . O Teatro seu Espaço . Petrópolis: Ed. Vozes. 1970/2010.

_____ Ponto de Mudança . 1946-1987. São Paulo: Ed. perspectiva. 2009.

_____ Performance e processos . São Paulo: Ed. Perspectiva. 2004.

DERRIDA, Jacques. A Escrita e A diferença. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DANTO, Arthur . Após o fim da arte . ODYSSEUS, 2006.

_____ A Tranfiguração do lugar comum , Cosac & Naiy, 2006

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quand lês imagens prennent Position. Paris: Éditions de Minuit. 2013.

FORMIS, Barbara. Esthétique de La vie ordinaire. Paris: PUF. 2014.

HACKER, P.M.S. Wittgenstein, sur la nature humaine . Paris: Éditions du Seuil. 2007.

HUAPAYA, Cesar. As artes performativas e as práticas performativas como novo paradigma do teatro . Paris: Arts Paris 8, n.10. 2014.

_____ A captura de energia feita pelo performer nos tecidos performativos e o dispositivo da performance são uma cultura orgânica do espaço ? Abrece IV Congresso. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____ Montagem e imagem como paradigma. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, V.1, p. 110-123, Jan./Apr. 2016.

GROTOWSKI, Jerzy. Em busca do teatro pobre . Rio de Janeiro: Editora civilização Brasileira. 2010.

_____ "Arte como veículo", tradução livre de Cesar Huapaya. Vitória: Teatro Experimental Capixaba. 2014

LAPLANTINE, François. L'anthropologie . Paris: Payot. 2006 [1995].

_____ La description ethnographique. Paris. Nathan. 2009.

MARTEL, Richard . Art Action, 1958/ 1998. Québec. 2006 [1998].

MAUSS, Marcel, Sociologie et anthropologie , "Les techniques du corps" Paris: Puf. 2006 [1950]. Sociologia e antropologia . Rio de Janeiro : Martins Fontes, 2006.

MEYERHOLD, Vsevolod. O teatro de Meyerhold . Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira.



1980/2009.

GOLDBERG, RoseLee. Performances l'art en action . Paris:Ed. Thames & Hudson, Paris, 2010.
_____ La Performances du futurisme à nos jours . Paris:Ed. Thames & Hudson.
2010.

_____ A arte da performance. São Paulo:Editora perspectiva,2009.

PRADIER, Jean-Marie. Léthnoscénologie, vers une scénologie générale. Paris:L'Université des Arts, Klincksieck. 2014.

PLUCHARD, François . "Manifestes de l' art corporel". L'art au corps , Musées de Marseille - Réunion des musées nationaux, Marseille, 2014.

_____ Revista mouvement,ns. 16,17,18, Paris. 2009,2010.

ROUBINE, Jean Jaques. Linguagem da Encenação Teatral-1880-1980 . Tradução de Yan Michalski. Rio de Janeiro, Editora Zahar.2010

WITTGENSTEIN, Ludwig. Leçons et conversations . Gallimard, Paris. 2005-1992 [1966].

Disciplina: DTA04979 - INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO

Ementa

Estudo antropológico dos processos criativos do ator e da encenação teatral e no cinema. Linhas metodológicas de Interpretação e encenação moderna e pós-moderna.

Objetivos

-Reconhecer os processos criativos da Interpretação e encenação no teatro e cinema, como técnica e como linguagem;

-Compreender os processos criativos antropológicos da interpretação e encenação;

- Desenvolver e vivenciar uma encenação teatral e o processo de interpretação em um espetáculo de teatro, dança ou performance e cinema;

-Elaborar e apresentar um espetáculo teatral e um roteiro de cinema de acordo com a metodologia básica trabalhada no curso;

-Despertar a questão do fundamento do homem na civilização e a necessidade do teatro como revelação da essência do homem na sociedade.

Bibliografia Básica

ARTAUD, Antonin. O Teatro e seu Duplo. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo, Max limonad, 2010.

ASLAN,Odette . Le Corps en Jeu. CNRS Éditions. Paris, 20010.

AZEVEDO, Sônia Machado de. O papel do corpo no corpo do ator. São Paulo:Perspectiva,2014.

BARBA, Eugenio. A canoa de papel, tratado de antropologia teatral. São Paulo:Editora Hucitec. 2010.

- A arte secreta do ator. São Paulo:Hucitec. 2014.

_____ Brûler as Maison. Montpellier-L'Entretemps.2014.

BONFITTO, Mateo. O ator compositor.São Paulo:Perspectiva,2006.

BRECHT, Bertholt. O teatro Épico. Rio de Janeiro: Editora nova. 2006[1978].

BROOK, Peter. O Teatro seu Espaço. Petrópolis: Ed. Vozes.1970/2004.

_____ Ponto de Mudança. 1946-1987. Rio de Janeiro:Ed. Civilização Brasileira,2006.

HACKER, P.M.S. Wittgenstein, sur la nature humaine. Paris:Éditions du Seuil, 2005.

COHEN, Renato. Performance como Linguagem. São Paulo: Ed.

Perspectiva, 2010.

_____ Work in progress na cena contemporânea.. São Paulo: Ed. Perspectiva. 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quand lês imagens prennent Position.Paris: Éditions de Minuit.2013

FERRACINI, Renato. A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator.São Paulo: Editora UNICAMP,2006.

GROTOWSKI, Jerzy. Em busca do teatro pobre. Editora civilização Brasileira, 1980.

_____ "Arte como veículo", tradução livre de Cesar Huapaya, Vitória, Teatro Experimental Capixaba. Cadernos.2014

HUAPAYA, Cesar. As artes performativas e as práticas performativas como novo paradigma do

teatro. Paris: Arts Paris 8,n.10. 2014.

_____ A captura de energia feita pelo performer nos tecidos performativos eo dispositivoda performancesão uma cultura orgânicado espaço?Abrace IV Congresso. Rio de Janeiro: 7 Letras,2009.

_____ Montagem e imagem como paradigma. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre,V.1,p. 110-123,Jan./Apr.2016.

LAPLANTINE, François. L'anthropologie. Payot: Paris.2005[1995].

_____ La description ethnographique. Nathan: Paris, 1996.

MARTEL, Richard . Art Action, 1958/ 1998. Québec.2010.

MAUSS, Marcel. Sociologie et anthropologie, "Les techniques du corps". Paris:Puf.1980 [1950].

_____ Sociologia e antropologia. Rio de janeiro: Martins Fontes,2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. "O corpo". São Paulo: Martins Fontes. 1994/2004.

MEYERHOLD, Vsevolod. O teatro de Meyerhold. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro. 1980/2004.

KUSNET, Eugênio. Ator é Método. SNT. Rio de Janeiro. 1979.

GOLDBERG, RoseLee. Performances l'art en action. Paris:Ed. Thames & Hudson. 2010.

_____ La Performances du futurisme à nos jours.Paris:Ed. Thames & Hudson. 2010.

PAVIS, Patrice. A Análise dos Espetáculos.São Paulo: perspectiva, 2014.

_____ Dicionário de Teatro, São Paulo: perspectiva. 2014.

_____ La mise en scème contemporaine- Origes, tendances, perspectives. Paris :Armand Colin,2009.

PRADIER, Jean-Marie. Léthnoscénologie, vers une scénologie générale. L'Université des Arts, Klincksieck. 2010.

PLUCHART, François. "Manifestes de l' art corporel". L'art au corps, Musées de Marseille - Réunion des musées natiaux. Marseille.2010.

Revista mouvement,ns. 16,17,18, Paris, 2009 e 2010.

ROUBINE, Jean jaques. Linguagem da Encenação Teatral-1880-1980. Tradução de Yan Michalski. São Paulo: Editora Perspectiva.2010.

STANISLAVSKI, Constantin. A criação de um Papel. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira. 1972/2006.

Bibliografia Complementar

Disciplina: DTA13865 - FUNDAMENTOS E PRÁTICAS DO ENSINO DA ARTE II

Ementa

O Ensino da Arte numa perspectiva de inclusão estética e social. Estudo e aplicação de conceitos e da semântica da linguagem visual no ensino da arte. Teorias e metodologias de leitura de imagem na prática de ensino de arte. Desenvolvimento de projetos de acompanhamento e análise do currículo para o ensino da arte na Educação Básica. Desenvolvimento de projetos de atuação junto à comunidade.

Objetivos

OBJETIVO GERAL:

Compreender a necessidade da Arte dentro do processo educacional como estratégia de inclusão estética e social.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Investigar os processos constitutivos do ser sensível-perceptivo-cultural;

Analisar conceitos que tratam do currículo de arte e do processo de ensino e de aprendizagem em arte;

Compreender a Arte como disciplina de formação estética e humanística;

Compreender diferentes teorias e propostas metodológicas de leitura de imagem na prática de ensino de arte;

Planejar e desenvolver projeto de ensino de Arte em diferentes contextos educativos.

Bibliografia Básica



ARLSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo: Thompson Learning, 2006.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. A imagem no ensino da Arte. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

NUNES, Ana Luiza Ruschel (Org.). Artes Visuais. Leitura de Imagens e Escola. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

Bibliografia Complementar

IAVELBERG, Rosa. Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos, (ORG.). Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES, Isabel; BRASIL, Fábio. Arte em Questões. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ROSENTAL, Dália; RIZZI, Maria Christina de Souza Lima. Artes . São Paulo: Blucher, 2013. (Série a reflexão e a prática no ensino; v.9/coordenador Márcio Rogério de Oliveira Cano).

Disciplina: CAR15297 - PÓS-MODERNISMO: DO TERMO AO CONCEITO

Ementa

Origens da noção de pós-moderno. Transformações e ajustes desta noção. O argumento do ecletismo contra o purismo. A desideologização da produção artística. A revalorização do prazer estético. A ideia das metanarrativas. Jürgen Habermas versus Jean-François Lyotard. Jean-François Lyotard versus Fredric Jameson.

Objetivos

Aprofundar estudos sobre Pós modernismo;

Discutir os conceitos que envolvem a Arte Pós moderna.

Bibliografia Básica

ANDERSON, Perry. As origens da Pós-Modernidade. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. [Número de chamada: 316.722 A545o]

CONNOR, Steven. Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993. [Número de chamada: 316.7 C752c]

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 2007. [Número de chamada: 820(73).09 J31p; 820(73).09 J31p 2.ed.]

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Tradução Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. [Número de chamada: 165 L991c 11.ed.]

Bibliografia Complementar

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

FOSTER, Hal (Selec.). La Posmodernidad. Traducción de Jordi Fibla. Barcelona: Kairós, 1985.

HALL, Stuart. A identidade cultural na Pós-Modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro - 7ª ed. -. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

HUTCHEON, Linda. Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PECORARO, Rossano. Niilismo e Pós-Modernidade: (introdução ao "pensamento fraco" de Gianni Vattimo). Rio de Janeiro / São Paulo: PUC-Rio / Loyola, 2005.

SUBIRATS, Eduardo. Da vanguarda ao pós-moderno. Tradução de Luiz Carlos Daher e Adélia Bezerra de Menezes. São Paulo: Nobel, 1986.

USANOS, David Sánchez (Ed.). Reflexiones sobre la Postmodernidad: una conversación de David Sánchez Usanos con Fredric Jameson. Traducción de David Sánchez Usanos. Madrid: Abada, 2010.



Disciplina: CAR15298 - PROCESSO DE CRIAÇÃO E ARTE CONTEMPORÂNEA

Ementa

Estudos sobre a prática artística contemporânea, a partir da relação entre ética e estética, com ênfase na análise de trabalhos em artes visuais relacionados às práticas participativas e as novas mídias, considerando seus processos de ocorrência e desenvolvimento.

Objetivos

Considerando a complexidade do debate crítico e conceitual apresentado pela arte contemporânea, o curso deverá ser organizado visando aprofundar o conhecimento e a reflexão crítica do discente através de recortes específicos que pontuem a dinâmica da arte com a estética, com a cultura e com processos artísticos geradores de identidades no campo social.

Bibliografia Básica

ARCHER, Michel. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
BOURRIAUD, Nicolas. Esthétique relationnelle. Paris: Les presses du réel, 2001.
LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
O'DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
RUSH, Michael. Novas mídias na arte contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

Bibliografia Complementar

BISCHOP, Claire (org.). Participation. Documents of contemporary Art. Whitechapel and The Mit Press, 2006.
BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.
_____. Formas de Vida: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.
CRIMP, Douglas; LAWLER, Louise. Sobre as Ruínas do Museu. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: editora 34, 1992.
DUFOUR, Sophie. L'image vidéo. D'Ovide à Bill Viola, (préf. de Y. Hersant), Paris: Archibooks, 2008.
DUFOUR, Éric, LYNCH, David. Matière, temps et image. Paris: VRIN, 2008.
LADDAGA, Reinaldo. Estética da emergência. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
HEINICH, Nathalie. Le paradigme de l'art contemporain. Paris : Éditions Gallimard, 2014.
FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (Org.). Escritos de Artistas anos 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
MILLET, Catherine. L'Art Contemporain : Histoire et Géographie. Paris : Champs Arts, 2006.
_____. Le Critique d'Art s'expose. Nîmes: Jacqueline Chambon, 2001.
CAUQUELIN, Anne. Fréquenter les Incorporels. Contribution à une théorie de l'art contemporain. Paris : Presses Universitaires de France, 2006.

Disciplina: CAR15299 - A FOTOGRAFIA NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Ementa

Reflexões centradas na relação entre fotografia e arte contemporânea na busca de aprofundamento, assim como de revisão e dos desdobramentos das questões suscitadas por propostas artísticas da década de 1950 às primeiras décadas do século XXI, definidas a cada semestre letivo.

Objetivos

OBJETIVO GERAL : Com apoio da descrição e análise estética e histórica da fotografia na arte contemporânea, assim como do discurso e do debate crítico e teórico sobre os conteúdos implicados neste material, o curso visa apresentar criticamente a situação atualizada da pesquisa e dos conhecimentos concernentes a esta técnica estética e documental de expressiva importância para as proposições artísticas na contemporaneidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS : Consolidando uma formação consciente dos fundamentos teóricos e das práticas metodológicas de pesquisa sobre a fotografia, assim como apta ao desenvolvimento e organização dos conteúdos temáticos desta técnica, o curso visa capacitar e habilitar os participantes para o reconhecimento crítico de pressupostos histórico-artísticos, para o trato com este tipo de procedimento e compreensão de suas próprias narrativas, para a reflexão conceitual e estética destas, para a análise e a construção de nexos discursivos sobre os períodos, os espaços, as ideias, intenções e as propostas da fotografia contemporânea. Fio condutor para este objetivo serão os exemplos e as reflexões trazidos por Walter Benjamin, Roland Barthes e Charlotte Cotton, nas obras mencionadas na bibliografia básica deste programa.

Bibliografia Básica

COTTON, Charlotte. A fotografia como arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAGALHES, Angela; PEREGRINO, Nadja. Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

SOULAGES, François. Estética da fotografia. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

Bibliografia Complementar

ACARI, Antônio. A Fotografia: as formas, os objetos, o homem. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BASBAUM, Ricardo (org.). Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

BELLOUR, Raymond. Entre-imagens: foto, cinema, vídeo. Campinas: Papirus, 2001. 4ex.

BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANONGIA, Lígia. ARTEFOTO. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 16 dez. 2002 a 28 de fev. de 2003.

CHIARELLI, Tadeu. Arte internacional brasileira. Lemos Editorial, 1999.

RUSH, Michael. Novas mídias na arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



Disciplina: CAR15300 - O CORPO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Ementa

Estudo da presença do corpo na arte contemporânea em propostas de body art, happening e performance. Apresentação dos modos literais e meteóricos de figurar o corpo para discutir a presença, o gesto, as referências indiciárias, abrangendo desde a ideia de teatralidade às propostas colaborativas, da ocupação do espaço artístico às intervenções na vulgaridade do mundo, assim como a relação do corpo com as mídias entre imagens, representações, ficções e narrativas, considerando a produção artística da década de 1950 à atualidade.

Objetivos

Aprofundar e refletir sobre a temática do corpo da arte contemporânea;
Conhecer as produções de artistas que se dedicam a essa temática.

Bibliografia Básica

JEUDY, Henri-Pierre. O corpo como objeto de arte. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
MATESCO, Viviane: Corpo, imagem e representação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
GOLDBERG, RoseLee. A arte da performance: do Futurismo ao presente. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2006.

Bibliografia Complementar

AGAMBEN, Giorgio. Nudez. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
BRETON, David Le. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papyrus, 2008.
CORBIN, Alain et alli. História do corpo. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
DUARTE, Paulo Sérgio. Emblemas do corpo. In: Paulo Sérgio Duarte: a trilha da trama e outros textos. Rio de Janeiro: Funarte, 2009, pp. 185-192.
FOSTER, Hal. Recodificação, arte, espetáculo, política cultural. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996
GLORIA, Ferreira; MELIN, Regina. Performance nas artes visuais. São Paulo: Zahar, 2008
GLUSBERG, Jorge. A arte da performance. São Paulo: Perspectiva, 1987

Disciplina: CAR15301 - PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO: CULTURAS ÉTNICAS

Ementa

A disciplina aborda questões das identidades culturais afro-brasileiras e indígenas, nas práticas populares e artísticas na sociedade brasileira, a partir do conceito de memória e patrimônio cultural.

Objetivos

OBJETIVO GERAL:

A disciplina tem como objetivo abordar questões sobre as identidades culturais afro-brasileiras, nas tradições culturais populares e artísticas na sociedade brasileira, a partir do conceito de memória e patrimônio cultural.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Introdução à temática do patrimônio cultural
O patrimônio imaterial afro-brasileiro e as ações de salvaguarda
A construção de identidades, através das artes plásticas e do modernismo no Brasil
Arte e culturas afro-brasileiras
Questões sobre identidade nacional e diversidade cultural

Bibliografia Básica

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
CONDURU, Roberto. Arte afro-Brasileira. Belo horizonte: C/ Arte, 2007.
PRICE, Sally. Arte Primitiva em Centros Civilizados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

Bibliografia Complementar

ANDRADE, Mário de. Aspectos das Artes Plásticas no Brasil, 3ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
ARAÚJO. Emanuel. A mão afro-brasileira. Significado da contribuição artística e histórica. São



Paulo: Tenenge, 1988.

BOSI, A. Dialética da Colonização. 3ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANCLINI, N. G. Consumidores e Cidadãos. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CASCUDO, L. Da Câmara Antologia do Folclore Brasileiro, 3ª ed., São Paulo: Martins, 1965, 2v.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 3ª ed., São Paulo: UNESP, 2006.

CUNHA, Mariano Carneiro da. Arte afro-brasileira. In: ZANINI, Walter. (org.) História geral da arte no Brasil. 2 v. São

Paulo : Instituto Walther Moreira Salles, 1983.

ELIADE, M. Mito e Realidade, São Paulo: Perspectiva, 1972.

FONSECA, Mª Cecília L. O Patrimônio em Processo. 2ªed., Rio de Janeiro: UFRJ/Minc-Iphan, 2005.

GONÇALVES, J. R. S. A Retórica da Perda – os discursos do patrimônio cultural no Brasil. 2ª ed., Rio de Janeiro: UFRJ, Minc-IPHAN, 2000.

GONDAR Jô, DODEBEI, Vera. O que é memória social. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990. (original 1950)

HALL, Stuart. Da Diáspora. Belo Horizonte: UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. 3ª ed., Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Arte Afro-Brasileira: o que é, afinal? In: Arte Afro-Brasileira – Catálogo Mostra do

Redescobrimto, São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais, 2000.

ORTIZ, R. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PRICE, Sally. Arte Primitiva em Centros Civilizados. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

SCHWARCZ, L. M. O Espetáculo das Raças. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. e REIS, L. V. de Souza. Negras Imagens. São Paulo: Edusp, 1996.

Disciplina: MUS10284 - HISTÓRIA DA MÚSICA I

Ementa

História da música ocidental da Antiguidade Clássica até a primeira metade do século XVIII.
Prática de ensino de história da música.

Objetivos

OBJETIVOS GERAIS:

1. Ampliar o repertório musical dos alunos.
2. Aprofundar o conhecimento desse repertório, através da análise de obras individuais.
3. Desenvolver nos alunos uma atitude crítica que os habilite a pensar de maneira independente na música em termos de obras individuais, na relação com o cânone, com a recepção e com o entorno social, econômico e cultural.
4. Desenvolver as habilidades de leitura e expressão escrita com o emprego de terminologia técnica adequada.
5. Introduzir os alunos nos procedimentos de elaboração de trabalhos acadêmicos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Apresentar aos alunos a história da música do Ocidente da Antiguidade até o Barroco enfatizando os contextos de criação, realização e consumo de música.
2. Analisar aspectos técnicos musicais em diálogo com os contextos histórico, social e cultural.
3. Promover o pensamento e análise críticos da obra musical, de sua produção e de sua recepção no repertório que vai da Antiga Grécia até o Barroco.

Bibliografia Básica

GROUT, Donald J. & PALISCA, Claude. História da música ocidental. Lisboa: Gradiva, 1997.

MASSIN, Jean & Brigitte (Org.). História da Música Ocidental. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SADIE, Stanley (Ed.). Dicionário Grove: edição concisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.



Bibliografia Complementar

BURKHOLDER, J. Peter; GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. A History of Western Music. 7th edition. New York: W.W. Norton, 2006.

CANDÉ, Roland de. História universal da música. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENCICLOPÉDIA da música brasileira: popular, erudita, folclórica. 3. ed. São Paulo: Art / Publifolha, 2000.

MICHELS, Ulrich. Atlas de música. Madrid: Alianza, 1982.

RAYNOR, Henry. História social da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SADIE, Stanley (Ed.). The new Grove dictionary of music and musicians. 2nd ed. London: Macmillan, 2001. 29 v.

STOLBA, K. Marie. The development of Western music: a history. 3 ed. Boston (MA): McGraw Hill, 1998.

TARUSKIN, Richard. The Oxford History of Western Music. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005. 6 v.

Disciplina: MUS10042 - HISTÓRIA DA MÚSICA I

Ementa

História da música ocidental da Antiguidade Clássica até a primeira metade do século XVIII.

Prática de ensino de história da música.

Objetivos

OBJETIVOS GERAIS:

1. Ampliar o repertório musical dos alunos.
2. Aprofundar o conhecimento desse repertório, através da análise de obras individuais.
3. Desenvolver nos alunos uma atitude crítica que os habilite a pensar de maneira independente na música em termos de obras individuais, na relação com o cânone, com a recepção e com o entorno social, econômico e cultural.
4. Desenvolver as habilidades de leitura e expressão escrita com o emprego de terminologia técnica adequada.
5. Introduzir os alunos nos procedimentos de elaboração de trabalhos acadêmicos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Apresentar aos alunos a história da música do Ocidente da Antiguidade até o Barroco enfatizando os contextos de criação, realização e consumo de música.
2. Analisar aspectos técnicos musicais em diálogo com os contextos histórico, social e cultural.
3. Promover o pensamento e análise críticos da obra musical, de sua produção e de sua recepção no repertório que vai da Antiga Grécia até o Barroco.

Bibliografia Básica

GROUT, Donald J. & PALISCA, Claude. História da música ocidental. Lisboa: Gradiva, 1997.

MASSIN, Jean & Brigitte (Org.). História da Música Ocidental. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SADIE, Stanley (Ed.). Dicionário Grove: edição concisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Bibliografia Complementar

BURKHOLDER, J. Peter; GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. A History of Western Music. 7th edition. New York: W.W. Norton, 2006.

CANDÉ, Roland de. História universal da música. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ENCICLOPÉDIA da música brasileira: popular, erudita, folclórica. 3. ed. São Paulo: Art / Publifolha, 2000.

MICHELS, Ulrich. Atlas de música. Madrid: Alianza, 1982.

RAYNOR, Henry. História social da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SADIE, Stanley (Ed.). The new Grove dictionary of music and musicians. 2nd ed. London: Macmillan, 2001. 29 v.

STOLBA, K. Marie. The development of Western music: a history. 3 ed. Boston (MA): McGraw Hill, 1998.

TARUSKIN, Richard. The Oxford History of Western Music. Oxford; New York: Oxford University



Press, 2005. 6 v.

Disciplina: MUS10310 - HISTÓRIA DA MÚSICA II

Ementa

História da música ocidental na primeira metade do século XX.
Prática de ensino de história da música.

Objetivos

OBJETIVOS GERAIS:

1. Ampliar o repertório musical dos alunos.
2. Aprofundar o conhecimento desse repertório, através da análise de obras individuais.
3. Desenvolver nos alunos uma atitude crítica que os habilite a pensar de maneira independente na música em termos de obras individuais, na relação com o cânone, com a recepção e com o entorno social, econômico e cultural.
4. Exercitar a exposição e argumentação verbal de ideias e conceitos pertinentes à música e a sua história.
5. Desenvolver as habilidades de leitura e expressão escrita e oral com o emprego de terminologia técnica adequada.
6. Desenvolver nos alunos as habilidades de pesquisa acadêmica e elaboração de trabalhos acadêmicos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Apresentar aos alunos a história da música ocidental da primeira metade do século XX enfatizando os contextos de criação, realização e consumo de música.
2. Analisar aspectos técnicos musicais em diálogo com os contextos histórico, social e cultural.
3. Promover o pensamento e análise críticos da obra musical, de sua produção e de sua recepção no repertório da primeira metade do século XX.

Bibliografia Básica

- MASSIN, Jean & Brigitte (Org.). História da Música Ocidental. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MORAES, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Thomé (Org.). História e Música no Brasil. São Paulo: Alameda, 2010.
- SADIE, Stanley (Ed.). Dicionário Grove: edição concisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Bibliografia Complementar

- BURKHOLDER, J. Peter; GROUT, Donald J.; PALISCA, Claude V. A History of Western Music. 7th edition. New York: W.W. Norton, 2006.
- CANDÉ, Roland de. História universal da música. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ENCICLOPÉDIA da música brasileira: popular, erudita, folclórica. 3. ed. São Paulo: Art / Publifolha, 2000.
- MICHELS, Ulrich. Atlas de música. Madrid: Alianza, 1982.
- RAYNOR, Henry. História social da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- SADIE, Stanley (Ed.). The new Grove dictionary of music and musicians. 2nd ed. London: Macmillan, 2001. 29 v.
- STOLBA, K. Marie. The development of Western music: a history. 3 ed. Boston (MA): McGraw Hill, 1998.

TARUSKIN, Richard. The Oxford History of Western Music. Oxford; New York: Oxford University Press, 2005. 6 v.

Disciplina: MUS10316 - HISTÓRIA DA MÚSICA III

Ementa

História da música ocidental na primeira metade do século XX. Prática de ensino de história da música.

Objetivos

1. Ampliar o repertório musical dos alunos.
2. Aprofundar a abordagem desse repertório, através de uma abordagem analítica mais detalhada.
3. Desenvolver nos alunos uma atitude crítica que os habilite a pensar de maneira independente na música em termos de obras individuais, na relação com o cânone, com a recepção e com o entorno social, econômico e cultural.
4. Exercitar a exposição e argumentação verbal de ideias e conceitos pertinentes à música e a sua história.

Bibliografia Básica

GRIFFITHS, Paul. A música moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
GROUT, Donald J. & PALISCA, Claude. História da música ocidental. Lisboa: Gradiva, 1997.
ROSS, Alex. O resto é ruído: escutando o século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Bibliografia Complementar

ALBRIGHT, Valerie. Charles Ives: uma revisita. São Paulo: Fapesp : Annablume, 1999.
ANTUNES, Jorge. Notação na música contemporânea. Brasília: Sistrum, 1989.
BOULEZ, Pierre. A música hoje. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
_____. A música hoje 2. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
_____. Apontamentos de aprendiz. São Paulo: Perspectiva, 1995
CAMPOS, Augusto de. Música de invenção. São Paulo: Perspectiva, 1998.
GUIGE, Didier. Estética da Sonoridade. São Paulo: Perspectiva, 2011.
IAZZETTA, Fernando. Música e mediação tecnológica. São Paulo: Perspectiva, 2009.
MACONIE, Robin. Stockhausen sobre a música. São Paulo: Madras, 2009.
MENEZES, Flo. Apoteose de Schoenberg. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
_____. Atualidade estética da música eletroacústica. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

Disciplina: MUS10564 - INTRODUÇÃO A TRILHA MUSICAL

Ementa

A música como elemento das linguagens audiovisuais. Aspectos histórico e técnico. Prática de criação de trilha musical nas diferentes tipologias. Construção dos gêneros e estilos adequados para as diferentes narrativas fílmicas.

Objetivos

Oferecer suporte teórico e técnico para construção de trilha musical para filme.

Bibliografia Básica

MANZANO, Luiz Adelmo F. Somimagemno cinema : a experiência alemã de Fritz Lang. São Paulo: Perspectiva, 2010. MARTIN, Marcel. O fenômeno sonoro. A linguagem cinematográfica . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2011. RODRÍGUEZ, Ángel. A dimensão sonora da linguagem audiovisual. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

Bibliografia Complementar

BERCHMANS, Tony. A música do filme: tudo que você gostaria de saber sobre a música de cinema. São Paulo: Escrituras, 2012. CHION, Michel. A audiovisualização: som e imagem no cinema. Lisboa: Gabinete Editorial Texto & Grafia, 2008. _____. La música en el cine. Barcelona: Paidós Ibérica, 1997. GORBMAN, Claudia. Unheard Melodies. Indiana: Indiana University Press, 1987. MACHADO, Arlindo. O fonógrafo visual. Pré-cinemas & pós-cinemas. 6. ed. Campinas: Papiros, 2011, p. 137-156. MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (orgs.). Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 95-120. MATOS, Eugênio. A arte de compor música para o cinema. Brasília: Editora Senac, 2014. NICHOLS, Bill. "O filme



chegada do som". In: MAIA, Guilherme; SERAFIM, José Francisco (orgs.). Ouvir o documentário: vozes, música, ruídos. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 1326. RABIGER, Michael. Direção de documentário. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

Disciplina: DTI12763 - INTRODUÇÃO À ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

Ementa

Organização do curso e vida acadêmica. História da engenharia. Áreas da engenharia de produção. Papel da engenharia e do engenheiro de produção. Projeto de engenharia. O desenho do projeto. Definição do problema. Funções e requisitos. Geração e avaliação de alternativas. Modelagem, análise e otimização de projetos. Comunicação do resultado do projeto. Liderança e gestão do processo do projeto. Ética no projeto.

Objetivos

1. Apresentar a estrutura curricular e acadêmica do curso.
2. Estimular a compreensão da Engenharia de Produção.
3. Introduzir as principais noções para projetos de Engenharia
4. Apresentar conteúdos complementares a vida acadêmica e a formação dos futuros Engenheiro(a)s.

Bibliografia Básica

1. BATALHA, M. O.. Introdução à Engenharia de Produção, 2ª Reimpressão, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2008.
2. BAZZO, W. A.; PEREIRA, L. T. V.. Introdução à engenharia: conceito, ferramentas e comportamentos. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
3. DYM, C. L.; LITTLE, P.. Introdução à engenharia: uma abordagem baseada em projeto. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

Bibliografia Complementar

1. MACEDO, E. F.. Manual do profissional: introdução à teoria e prática do exercício das profissões do Sistema CONFEA/CREA. 4ª ed. Florianópolis: Record, 1999.
2. TELLES, P. C. S.. História da Engenharia no Brasil: Séculos XVI a XIX. 2. ed. rev. e ampliada. v.1. Rio de Janeiro: Clube de Engenharia, 1994.
3. KRICK, E. V. Introdução à engenharia. Tradução e adaptação de Heitor Lisboa de Araújo. - 2. Ed. - Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
4. HOLTZAPPLE, M. T.; REECE, W. D., Introdução à engenharia. LTC, 2006.
5. BROCKMAN, J. B., Introdução à engenharia: modelagem e solução de problemas. LTC Editora, 2010.

Disciplina: DTI12767 - PROCESSAMENTO DE DADOS

Ementa

Metodologia de desenvolvimento de algoritmos no contexto da Engenharia. Linguagens de Programação. Desenvolvimento de aplicações.

Objetivos

1. Definir o que é um sistema de computação;
2. Conhecer os principais conceitos para programação de computadores: algoritmos, estruturas de dados e estruturas de repetição e controle;
3. Desenvolver o raciocínio lógico para solução de problemas de Engenharia;
4. Aplicar conceitos e diretrizes básicas para a confecção de programas legíveis e bem estruturados;
5. Programar usando alguma linguagem de programação.

Bibliografia Básica

1. HARRY FARRER et al., Algoritmos Estruturados. LTC, 1999.
2. SALIBA, W. L. C., Técnicas de Programação - uma abordagem estruturada. Makron Books,



1993.

3. SEDGEWICK, R. Algorithms in C. 3rd ed. Boston, Mass.: Addison-Wesley, 1998-2002. 2 v.
4. LUTZ, M. ASCHER, D. Aprendendo Python. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

Bibliografia Complementar

1. KOFFMAN, E. B. E FRIEDMAN, F. L., FORTRAN with Engineering Applications, Addison-Wesley Publishing Company, 1993.
2. ALVES, F. Introdução à linguagem de programação Python. Rio de Janeiro, RJ: Ciência Moderna, 2013.
3. KERNIGHAN, B. W.; RITCHIE, D. M. C: a linguagem de programação: padrão ANSI. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 1989.
4. SCHILDT, H. C completo e total. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Pearson Makron Books, 2008.
5. SEDGEWICK, R. Algorithms in Java. 3rd ed. Boston: Addison-Wesley, 2003.

Disciplina: DTI12785 - PRINCÍPIOS DE CIÊNCIAS DE MATERIAIS

Ementa

Propriedades, estrutura e comportamentos de materiais. Ligações químicas. Materiais não metálicos (polímeros, materiais cerâmicos). Materiais metálicos. Princípios de metalurgia. Diagramas de equilíbrio. Deformações elásticas e plásticas, mecanismos de aumento de resistência, ensaios mecânicos (dureza, tração, fadiga, impacto, mecânica da fratura, fluência).

Objetivos

Introduzir o estudo dos materiais baseando-se na interrelação entre estrutura, propriedades, processamento e desempenho;
Compreender os conceitos relacionados às propriedades dos materiais, bem como os mecanismos para modificação destas propriedades;
Entender a composição de determinados materiais e propor alterações e melhorias em processos produtivos;
Avaliar os diferentes materiais utilizados em um determinado ramo de atividade;
Proporcionar análise destes materiais, e escolher outros materiais com propriedades semelhantes em processos produtivos.

Bibliografia Básica

- CALLISTER, W. D.. Ciência e Engenharia dos Materiais - Uma Introdução, 8 Ed., Editora LTC, 2012.
NEWELL, James. Fundamentos da moderna engenharia e ciência dos materiais, Editora LTC, 2010.
SHACKELFORD, J. F.. Ciência dos Materiais, 6 Ed., Pearson Prentice Hall, São Paulo, Brasil, 2008.

Bibliografia Complementar

- GUY, A. G., Ciência dos Materiais, 1980, Editora LTC, Rio de Janeiro, Brasil.
VAN VLACK, L.H., Princípios de Ciências dos Materiais, 7 ed., Editora Edgar Blucher, 2000.
ASKELLAND, D.R. WRIGHT, W.J., Ciência e Engenharia dos Materiais, 2 ed., Cengage Learning Editora, 2014.
WULFF, J. et all., Ciência dos Materiais. Editora LTC, Rio de Janeiro, Brasil, 1978. Vols. I, II e III
PARETO, Luis. Resistência e Ciência dos Materiais. São Paulo: Hemus Ed., 2003.

Disciplina: DTI12799 - INTRODUÇÃO À ENGENHARIA AMBIENTAL

Ementa

Fundamentos: a crise ambiental; leis de conservação de massa e de energia; ecossistemas; ciclos biogeoquímicos; a dinâmica das populações; bases do desenvolvimento sustentável. Poluição ambiental: a energia e o meio ambiente; o meio aquático; o meio terrestre; o meio atmosférico. Desenvolvimento sustentável: conceitos básicos; economia e meio ambiente; aspectos legais e institucionais; avaliação de impactos ambientais. Estudo de impacto ambiental (EIA) e o relatório de impacto sobre o meio ambiente (RIMA). Gestão ambiental: normas atuais.

Objetivos

Conhecer os conceitos básicos de Engenharia Ambiental, incluindo os princípios básicos de ecossistemas, dinâmicas das populações e ciclos biogeoquímicos;
Analisar a oferta de recursos naturais e seu fluxo na biosfera;
Analisar o impacto ambiental das ações antrópicas e as medidas de controle pertinentes.

Bibliografia Básica

BRAGA, I. H. B. et al. Introdução à Engenharia Ambiental. Editora: Pearson Prentice Hall, 2005.
MIHELIC, J.R. et al. Engenharia ambiental: fundamentos, sustentabilidade e projeto. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
BRANCO, Samuel Murgel; ROCHA, Aristides Almeida. Ecologia: Educação Ambiental, Ciências do Ambiente para Universitários. São Paulo: CETESB, 2004.

Bibliografia Complementar

ROCCO, R., Legislação brasileira do meio ambiente. DP & A Editora, 2005.
GOMES, Celeste Leite dos Santos Pereira; DOS SANTOS, Maria Celeste Cordeiro Leite. Crimes contra o meio ambiente: responsabilidade e sanção penal. Editora Juarez de Oliveira, 1999.
VIOLA, Eduardo J.. Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania. 3 ed., Cortez, 2001.
DEREZEN, O.. Direito Ambiental - Meio Ambiente no Brasil - Série Legislação. 1 ed., Editora Copola, 2002.
DAJOS, R.. Ecologia geral. São Paulo: Vozes, 1983.

Disciplina: STA04692 - ESTATÍSTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS I

Ementa

O planejamento de uma pesquisa. Noções básicas dos métodos amostrais. Seriação e tabulação. Representação gráfica. Medidas descritivas de posição e dispersão. A curva normal. Análise bidimensional.

Objetivos

Desenvolver a capacidade de leitura e interpretação de dados estatísticos e análise crítica de informações. Capacitar o aluno a calcular medidas estatísticas com o objetivo de avaliar as informações contidas em grande conjunto de dados.

Bibliografia Básica

MORETTIN, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton de Oliveira. Estatística básica . 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. xx, 548 p.

TOLEDO, Geraldo Luciano; OVALLE, Ivo Izidoro. Estatística básica . 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985. 459 p.

TRIOLA, Mario F. Introdução à estatística . 10. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. xxvi, 696 p.

Bibliografia Complementar

BARBETTA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais . 5. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005. 340 p.

DEVORE, Jay L. Probabilidade e estatística : para engenharia e ciências. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. xiii, 692 p.

FREUND, John E.; SIMON, Gary. Estatística aplicada : economia, administração e contabilidade. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000. 404 p.

MONTGOMERY, Douglas C.; RUNGER, George C. Estatística aplicada e probabilidade para engenheiros . 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2003. xii, 463 p.

MOORE, David S. A estatística básica e sua prática . 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2005. 658 p.

Disciplina: STA03927 - ESTATÍSTICA APLICADA

Ementa

Estatística descritiva com utilização de pacotes estatísticos. Noções de probabilidade e curva normal. Conceitos em inferência estatística. Integração dos procedimentos estatísticos à pesquisa científica e ao processo de tomada de decisão.

Objetivos

Bibliografia Básica

Barbetta, Pedro Alberto. Estatística Aplicada às Ciências Sociais, 5ª. ed. rev. Florianópolis; Ed. da UFSC, 2005.

Moore, David A. A estatística e sua prática. 3 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2005.

Triola, Mário F.. Introdução à Estatística. 10ª. ed. Rio de Janeiro; LTC, 2008.

Bibliografia Complementar

Bisquerra Alzina, Rafael; Castellã Sarriera, Jorge; Martinez Francesc. Introdução à Estatística: Enfoque Informático com o pacote estatístico SPSS. Porto Alegre Artmed, 2004.

Field, Andy P. Descobrindo a estatística usando o SPSS. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Levin, Jay; Fox, James Alan. Estatística para Ciências Humanas. 9 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

Levine, David M; Stephan, David F.; Krehbiel, Timothy C.; Berenson, Mark L. Estatística: teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

Triola, Mário F. Introdução à Estatística: Atualização da Tecnologia. 11ª. ed. Rio de Janeiro; LTC, 2013.

Disciplina: STA00001 - ESTATÍSTICA SOCIAL

Ementa

Princípios básicos do planejamento de uma pesquisa, noções de amostragem, descrição e exploração de dados categorizados, distribuição de dados quantitativos, medidas descritivas, noções de probabilidade, noções de estimação de parâmetros.

Objetivos

Bibliografia Básica

Bibliografia Complementar

Disciplina: GEM10465 - GESTÃO ESTRATÉGICA DE CADEIAS PRODUTIVAS

Ementa

Estratégia: entendimento através de 3 temáticas e mensagem; o planejamento estratégico apoiado pelo sistema gerencial Balanced Score Card; o desenvolvimento da gestão através de mapas estratégicos; o entendimento da cadeia produtiva mediante redes organizacionais; estratégia de arranjos produtivos.

Objetivos

Possibilitar aos alunos a compreensão das cadeias produtivas, o entendimento das principais escolas de Administração Estratégica e do Balanced Scorecard como sistema de gestão bem como sua aplicação ao setor de gemas e jóias.

Bibliografia Básica

MICHAEL, Porter. Competição; estratégias competitivas Essenciais. Editora Campos.1998. KIM, W. Cham e MAUBORGNE, Renee. A Estratégia do Oceano Azul. Editora Campus. 2005 NORTON, David e KAPLAN, Robert S. Organização Orientada para a Estratégia. Editora Campus. NORTON, David e KAPLAN, Robert S. Mapas Estratégicos: Convertendo Artigos Intangíveis em Resultados Tangíveis. Editora Campus HEIJDEN, KVD. Planejamento de Cenários: a arte da conversação estratégica. Porto Alegre: Bookman. 2004.

Bibliografia Complementar

CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão. Planejamento Estratégico: fundamentos e aplicações. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David P. A Estratégia em Ação: Balanced Scorecard. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

KAPLAN, Robert S.; NORTON, David. Organização Orientada para a Estratégia: como as empresas que adotam o Balanced Scorecard prosperam no novo ambiente de negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia (Orgs.). Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticos no Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

LEE, Khai Sheang; HIDAJAT, Bambang Walujo; WEE, Chow Hou. Sun Tzu: a arte da guerra e do gerenciamento. Rio de Janeiro: Record, 1999.

MCNEILLY, Mark. Sun tzu e a Arte dos Negócios. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PINDYCK, R.; RUBENFELD, D. Microeconomia. São Paulo: Makron Books, 2010.

PORTER, Michael E. Competição. Rio de Janeiro: Campus, 2009.

Disciplina: GEM10226 - OURIVESARIA E TÉCNICAS EM MONTAGEM DE JÓIAS

Ementa

Precaução e Procedimentos Gerais de Higiene e Segurança do Trabalho. Conhecimento dos Equipamentos, Ferramentas Básicas, Materiais e insumos do laboratório de Ourivesaria e Montagem de Joias, Utilização, Manuseio e Manutenção. Conceitos gerais. Conhecimento Teórico e Prático dos principais processos de fabricação Artesanais e Industriais utilizados no Setor Joalheiro aplicado no Design de Joias. Capacitação do aluno na utilização das Matérias Primas Fundamental no setor Joalheiro. Processos de Fabricação visando a Experimentação de novas linguagens no adorno pessoal e peças decorativas. Diversas técnicas e possibilidades de representação e ilustração de Joias. Técnicas Especiais. Produção em série, Solda, Fundição, Laminação, Trefilação, Acabamento, Modelagem em Cera, Truquel, Cravação, Mokumê, Titânio, Força e Montagem. Comercialização e Marketing Pessoal.

Objetivos

Esta disciplina objetiva propiciar ensinamentos práticos em técnicas de modelagem em cera.

As normas básicas de higiene e segurança necessárias a uma unidade de ourivesaria e montagem de joias;

A identificar e manusear os equipamentos, ferramentas e insumos utilizados nesta disciplina;

A fazer liga de prata e cobre utilizando-se de técnica de fundição; A efetuar laminação de ligas metálicas;

A confeccionar anéis e pingente em técnicas de modelagem em cera;

Ao final desta disciplina o estudante estará dotado de conhecimentos necessários na elaboração de anéis, pingente, e ligas dadas na sala de aula.

Bibliografia Básica

BRAGA, Sylvia (Coord.). Joias artesanais de natividade: Tocantins. Brasília: IPHAN, 2006. 83 p. (Prevenção e desenvolvimento; 1).

HALL, Dinny. Joyeriacreativa. 1º ed. Barcelona, España: EdicionesCeac, 1988. 159 p. (EnciclopediaCeac de lasartesanias.

SALEM, Carlos. Joias: criação e modelagem. São Paulo: 2000 Joias: IBGM, 2002. 168 p.

Bibliografia Complementar

COSTA, Carlos Roberto Zibel. Além das formas: introdução ao pensamento contemporâneo no design, nas artes e na arquitetura. Annablume, 2010.

GOLA, Eliana. A Joia - História e Design. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 1º ed. 2008.

LUPTON, Ellen; MILLER, J. Abbot. El Abc de [trio de formas básicas e cores primárias]: la Bauhaus y lateoriadeldiseño. 2.ed. - Barcelona: Gustavo Gili, 2002.63p.

RODGERS, Susan. Powerandgold: JewelryfromIndonesia, MalasiaandthePhilippines. 2nd ed. - Munich; Prestel-Verlag, 1990. 396 p.

SALEM, Carlos. Joias: os segredos das técnicas. São Paulo: Editora Parma LTDA. 2ª edição 2006.

Disciplina: GEM10777 - INOVAÇÃO E COMPETITIVIDADE EM GEMAS E JÓIAS

Ementa

Tecnologia, Invenção, Inovação e Difusão. Conceitos. Paradigmas tecnológicos, Sistemas de Inovação. Inovação e Competitividade; Alianças tecnológicas (GIA, DNPM, MCT-CETEM, FINEP-...); Segredo Industrial; Marcas e Patentes; Prospecção Tecnológica; Inovações Tecnológicas de fronteira em Gemas e Jóias: nanotecnologia.

Objetivos

Esta disciplina objetiva explicitar os principais conceitos relacionados à inovação tecnológica em sua correlação com a competitividade empresarial. Na perspectiva de dotar os estudantes de base teórico-conceitual e exercício de visão estratégica para a agregação de valor econômico ao longo da cadeia produtiva de gemas e de jóias objetiva-se fundamentalmente focar a adoção de ciência e tecnologia no desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva de gema e jóias.

Bibliografia Básica

FREEMAN, CRISTOPHER and Soete, Luc. The Economics of Industrial Innovation. London. Pinter, 1997. LUNDVALL, B.A. National Systems of Innovation: towards a theory of innovation and interactive learning. London and New York. 1992. PELAES, Victor, SZMRECSANYI, Tomás. Economia da Inovação Tecnológica. São Paulo. Editora Hucitec. 2006. MCT. Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional. Plano de ação 2007-2010. Brasília. 2007. MCT. Parcerias estratégicas. Número 18. Brasília. 2007. DALCOMUNI, Sonia Maria. Nanotecnologia, Inovação e Economia: Interrelações fundamentais para o Desenvolvimento Sustentável: in MARTINS, Paulo Roberto. Nanotecnologia Sociedade e Meio Ambiente. Trabalhos apresentados no Segundo Seminário Internacional. São Paulo. 2006. 72 SILVEIRA, Newton. A propriedade Intelectual e a nova Lei de Propriedade Industrial. São Paulo. Editora Saraiva. 2007.

Bibliografia Complementar

Disciplina: DIS10289 - LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Ementa

A língua de sinais. A representação social dos surdos. A cultura surda. A identidade surda. Sinais básicos na conversação. Inclusão, consciência política, diversidade, fortalecimento de identidade e de direitos.

Objetivos

§ Compreender a Libras como primeira língua do surdo com aspectos gramaticais, sociais e culturais da comunidade surda.

§ Pensar estratégias para a prática de inclusão social do sujeito surdo no atendimento na área da saúde.

§ Entender o papel do intérprete de Libras como possível ferramenta humana nas práticas do dia a dia da clínica e do atendimento na área da saúde.

§ Praticar a Libras para que a mesma seja facilitadora no trabalho dos profissionais da área da saúde.

§ Perceber a importância da Libras no trabalho clínico e educacional com pessoas surdas e as correntes teórico-metodológicas principais.

§ Orientar a família sobre o diagnóstico e a importância da Libras no desenvolvimento linguístico do sujeito surdo.

Bibliografia Básica

Brasil. Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília 23 de dez. 2005. Seção 1, p. 30.

Vieira-Machado, LMC. Os surdos, os ouvintes e a escola: narrativas traduções e histórias capixabas. Vitória: Edufes, 2010.

Gesser, Ai. Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da comunidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

Quadros, RM; Karnopp, L. Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Arte Med, 2004.

Sacks, O. Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro, Imago, 1998.

Bibliografia Complementar

- ARANTES, Valéria Amorim; SOUZA, Regina Maria de; SILVESTRE, Núria (orgs) Educação de surdos.: Coleção Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus editorial, 2007.
- AZEVEDO, Omar. A Família como parceira no desenvolvimento cognitivo da criança surda na perspectiva da educação bilíngüe. www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced/article/download/2945/2109
- BENVENUTO, Andrea. O surdo e o inaudito. À escuta de Michael Foucault. In GONDRA, José; KOHAN, Walter. Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BERBERIAN, Ana Paula; ANGELIS, Cristiane C. Mori-de; MASSI, Giselle (orgs). Letramento: referências em saúde e educação. São Paulo: Plexus, 2006.
- BOTELHO, Paula. Segredos e silêncios na educação de surdos. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1997.
- LOPES, Maura Corcini. Surdez & educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GOLDFELD, Márcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- GROSJEAN, François. O direito da criança surda de crescer bilíngüe. http://www.francoisgrosjean.ch/Portuguese_Portugais.pdf
- GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007.
- LACERDA, Cristina B. F. de; GÓES, Maria Cecília Rafael de (orgs). Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: editora Lovise, 2000.
- LANE, Harlan. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- MOURA, Maria Cecília de. O surdo: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro, ed. Revinter, 2000.
- SKLIAR, Carlos (org). Atualidades da educação bilíngüe para surdos: processos e projetos pedagógicos. Vol. I. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- SKLIAR, Carlos (org). Atualidades da educação bilíngüe para surdos: interfaces entre pedagogia e linguística. Vol. II. Porto Alegre: Mediação, 1999.
- THOMA, A. da S. T.; LOPES, M. C. (orgs.). A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. THOMA, A. da S. T.; LOPES, M. C. (orgs.). A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

Disciplina: GEM06977 - ANÁLISE DE CUSTOS APLICADA À GEMOLOGIA

Ementa

Introdução à Custos. Separação entre custos e despesas. Custos fixos e variáveis. Custos Diretos e Indiretos. Margem de Contribuição. Custos para tomada de decisão. Apuração de custos nas empresas de gemas e jóias. Tributos aplicados às empresas de gemas e jóias.

Objetivos

Propiciar aos alunos o conhecimento de teorias e práticas nos métodos de custeio, utilizado em sistemas de custos e controle que permite manter e melhorar a posição competitiva da empresa. Além disso, objetiva-se que o aluno tenha uma análise crítica na tomada de decisões quanto ao comportamento dos custos e lucros nas empresas de gemas, jóias e afins.

Bibliografia Básica

- FABRETTI, L.C. Prática tributária da micro, pequena e média empresa - Legislações Tributária e Empresarial. Lei do Simples. Tributação da Média Empresa. São Paulo: Atlas, 6ª Edição (2006).
- HERNANDEZ J.; OLIVEIRA, L. Contabilidade de custos para não contadores (Livro-texto). São Paulo: Atlas, 3ª Edição (2007).
- HERNANDEZ J.; OLIVEIRA, L. Contabilidade de custos para não contadores (Livro de Exercícios). São Paulo: Atlas, 1ª Edição (2001).
- MARTINS, Eliseu. Contabilidade de custos (Livro de Exercícios). São Paulo: Atlas, 9ª Edição (2003).
- MARTINS, Eliseu. Contabilidade de custos (Livro-texto). São Paulo: Atlas, 9ª Edição (2003).

Bibliografia Complementar



1. FURNACIARI, Giovanna; CAROLINO, Jaqueline; NEWMAN, J. A, NEWMAN CARVALHO, D. T. Proposta de técnica para a análise da relação custo/volume/lucro na gestão de custos em micro empresa de lapidação no município de Teófilo Otoni - MG. XVII Congresso Brasileiro de Custos; organizadores: Antonio Cezar Bornia, Poueri do Carmo Mario. - Belo Horizonte: Associação Brasileira de Custos, 2010.

1. FURNACIARI, G.; TONONI, L. L. Análise de custos aplicada à gemologia. Material didático da disciplina de análise de custos aplicada a gemologia do curso de gemologia. Grupo de Estudos em Gemologia - GREGEM. CCJE/UFES. 2014

Disciplina: GEM06975 - DESIGN DE JÓIAS I

Ementa

Fundamentos do design, conceito de joia, conhecimento teórico dos principais processos de criação de joias; História da joalheria, a contribuição da cultura negra na joalheria brasileira: conhecimento na mineração e nas técnicas de fundição dos metais; contribuição da cultura indígena na joalheria brasileira: o uso de adornos típicos. Desenho: forma, proporção, perspectiva, profundidade, volume e cor; desenho técnico de anéis, braceletes, pingentes, brincos, correntes e pulseiras.

Objetivos

Desenvolver o conhecimento sobre o Design

Estimular nos estudantes o conhecimento dos aspectos culturais que envolvem o uso dos adornos na história da humanidade;

Estimular o desenvolvimento da criatividade no processo de criação do desenho;

Elaborar desenhos de anéis pulseiras, brincos, correntes. Ao final desta disciplina o aluno estará apto a (desenhar alianças, ...).

Bibliografia Básica

CODINA, Carles. A joalheria: a técnica e a arte da joalheria explicadas com rigor e clareza. Lisboa: Estampa, 2000.

ARGAN, Giulio Carlo; BOTTMANN, Denise; CAROTTI, Federico. Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. Editora Companhia das Letras, 2002.

GOLA, Eliana. A Joia - História e Design. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 1º ed. 2008.

Bibliografia Complementar

BERENGUER, Maria Josep Forcadell et al. Desenho para joalheiros. Lisboa: Editorial Estampa, 2004.

CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design. São Paulo: Editora Blucher 3º ed. 2008.

CUNHA, Laura; MILZ, Thomas. Joia de Criola. São Paulo: Editora Terceiro Nome 1ª ed. 2011.

MAGTAZ, Mariana. Joalheria Brasileira - Do descobrimento ao Século XX. Rio de Janeiro: Editora Mariana Magtaz. 1º ed. 2008.

SALEM, Carlos. Joias: os segredos das técnicas. São Paulo: Editora Parma LTDA. 2ª edição 2006.

Disciplina: GEM09962 - DESIGN DE JÓIAS II

Ementa

Precaução e Procedimentos Gerais de Higiene e Segurança do Trabalho. Conhecimento dos Equipamentos, Ferramentas Básicas, Materiais e insumos do laboratório de Ourivesaria e Montagem de Joias, Utilização, Manuseio e Manutenção. Conceitos gerais. Conhecimento Teórico e Prático dos principais processos de fabricação Artesanais e Industriais utilizados no Setor Joalheiro aplicado no Design de Joias. Capacitação do aluno na utilização das Matérias Primas Fundamental no setor Joalheiro. Processos de Fabricação visando a Experimentação de novas linguagens no adorno pessoal e peças decorativas. Diversas técnicas e possibilidades de representação e ilustração de Joias. Técnicas Especiais. Produção em série, Solda, Fundição, Laminação, Trefilação, Acabamento, Modelagem em Cera, Truquel, Cravação, Mokumê, Titânio, Força e Montagem. Comercialização e Marketing Pessoal.

Objetivos

Esta disciplina objetiva propiciar ensinamentos práticos em técnicas de confecções de alianças e anéis. As normas básicas de higiene e segurança necessárias a uma unidade de ourivesaria e montagem de jóias; A identificar e manusear os equipamentos, ferramentas e insumos utilizados nesta disciplina;

A fazer liga de prata e cobre utilizando-se de técnica de fundição; A efetuar laminação de ligas metálicas; A soldar utilizando-se de liga de latão com prata;

A confeccionar alianças em técnicas “meia-cana (abaulado)” e a confeccionar anel em liga de prata e cobre com cravação de gema lapidada (retangular esmeralda), utilizando-se de técnica cravação de garra; Ao final desta disciplina o estudante estará dotado de conhecimentos necessários na elaboração de alianças, anéis e ligas das na sala de aula.

Bibliografia Básica

CODINA, Carles et al. A ourivesaria. 1998

CODINA, Carles; MARTÍNEZ, Juan Carlos; COSTA, Marisa. A joalheria. 2000.

SALEM, Carlos. Joias: os segredos das técnicas. São Paulo: Editora Parma LTDA. 2ª edição 2006.

Bibliografia Complementar

BAMZ, J. Arte y ciencia del color. Barcelona, Espanha: L.E.D.A, [19--?]. 95, [1] p. (Como se aprende). NOJIMA, Vera et al. Formas do design: por uma metodologia interdisciplinar. Rio de Janeiro: [s. ed.], 1999. GOLA, Eliana. A Joia - História e Design. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 1º ed. 2008. NIEMEYER, Lucy. Elementos de semiótica aplicados ao design. 2ab, 2007. PEZZOLO, Dinah Bueno. Pérola: História, Cultura E Mercado. Senac, 2004.

Disciplina: FTA15189 - SELEÇÃO DE MATERIAIS E PROCESSOS APLICADA AO DESIGN

Ementa

Introdução; Propriedades dos materiais; Sistematização dos processos de seleção de materiais; Estrutura para seleção de materiais; Processos de fabricação; Classificação dos processos; Seleção sistemática de processos; Influência do processamento e da fabricação nas propriedades dos materiais; Estudos de casos.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Introdução;

Materiais:

Metais;

Polímeros;

Vidros e cerâmicas;

Compósitos.

Propriedade e sustentabilidade dos materiais;

Processos produtivos



Conformação

Corte;

União;

Acabamento.

Seleção de materiais e processos de fabricação;

Estudos de caso.

Bibliografia Básica

FERRANTE, M; WALTER, Y. A materialização da ideia: noções de materiais para design de produto. Rio de Janeiro: LTC, 2010. Número de chamada: 7.05 F373m

BAXTER, M. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 2011. Número de chamada: 658.512.2 B355p

LÖBACH, B. Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: E. Blücher, 2001. Número de chamada: 7.05 L796d

Bibliografia Complementar

MANZINI, E. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. 103 p. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos. Número de chamada: 741 M296d

ASHBY, M. F.; JOHNSON, K. Materiais e design: arte e ciência da seleção de materiais no design de produto. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011. Número de chamada: 741 A823m

GERE, J. M. Mecânica dos materiais. São Paulo: Thomson, 2003. Número de chamada: 620.17 G367m.

MELCONIAN, S. Mecânica técnica e resistência dos materiais. 19. ed. remodelada. São Paulo: Érica, 2012. Número de chamada: 620.17 M518m 19.ed.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002. Número de chamada: 504.03 M296

Disciplina: FTA15190 - CICLO DE VIDA DOS PRODUTOS

Ementa

Conceituação. As diferenças entre produto e serviço. Marketing. Sustentabilidade. Ecologia Industrial. Ciclo de Vida de produtos. Análise e avaliação do ciclo de vida sob as perspectivas ambientais e mercadológicas. Estudos de caso.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Conceitos fundamentais em produtos:

Definição de produto e ciclo de vida dos produtos no Marketing e na Ecologia Industrial

Diferença entre produto e serviço

Sustentabilidade e suas dimensões:

Ecologia Industrial

Rotulagem ambiental

Avaliação do Ciclo de Vida

Gestão mercadológica de produtos:

Inovação nos produtos

Etapas para lançamento de novos produtos

Ciclo de vida dos produtos

Portfólio de produtos

As variáveis ambientais e mercadológicas no desenvolvimento dos produtos

Estudos de caso

Bibliografia Básica

KOTLER, P.; KELLER, K. L. Administração de marketing. 14. ed. São Paulo: Pearson, 2013. Número de chamada: 658.8 K87a

MANZINI, E. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. 103 p. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos. Número de chamada: 741 M296d



BAXTER, M. Projeto de produto: guia prático para o design de novos produtos. 2. ed. rev. São Paulo: Edgard Blücher, 1998. Número de chamada: 658.512.2 B355p 2.ed.

Bibliografia Complementar

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002. Número de chamada: 504.03 M296d

LÖBACH, B. Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: E. Blücher, 2001. Número de chamada: 7.05 L796d

MUNARI, B. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2015. Número de chamada: 741.02 M963d 3.ed.

FERRANTE, M; WALTER, Y. A materialização da ideia: noções de materiais para design de produto. Rio de Janeiro: LTC, 2010. Número de chamada: 7.05 F373m

QUELUZ, M. L. P. (Org.). Design & consumo. Curitiba, PR: Peregrina, 2010. Número de chamada: 744 D457

Disciplina: FTA15191 - EXPERIMENTAÇÃO COM MATERIAIS

Ementa

Desenvolvimento do pensamento crítico analítico por meio da análise de projetos de produtos. Desenvolvimento de exercícios práticos, com ênfase no exercício da metodologia de projeto, nos aspectos conceituais do produto e na experimentação com materiais, abordando temáticas que envolvam produtos de baixa complexidade funcional e estrutural, expressas de forma gráfica e testadas sob a forma de modelos. Ênfase no desenvolvimento de trabalhos individuais e em equipe e reflexões teórico-críticas das soluções propostas.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Introdução: do que são feitas as coisas?

Materiais (compósitos, petroquímicos e minerais):

Características físicas e sensoriais;

Custos;

Aplicações típicas;

Fontes;

Produção;

Sustentabilidade.

Produtos industriais:

Categorias;

Funções;

Configurações.

Metodologia para o desenvolvimento de projeto.

Bibliografia Básica

LÖBACH, B. Design industrial: bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: E. Blücher, 2001. Número de chamada: 7.05 L796d

BAXTER, M. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 2011. Número de chamada: 658.512.2 B355p

FERRANTE, M; WALTER, Y. A materialização da ideia: noções de materiais para design de produto. Rio de Janeiro: LTC, 2010. Número de chamada: 7.05 F373m

Bibliografia Complementar

LUPTON, E.; LUPTON, J. R. Eu que fiz. São Paulo, SP: CosacNaify, 2008.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002. Número de chamada: 504.03 M296d

GERE, J. M. Mecânica dos materiais. São Paulo: Thomson, 2003. Número de chamada: 620.17 G367m.

MUNARI, B. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2015. Número de chamada: 741.02 M963d 3.ed.



CARDOSO, R. Design para um mundo complexo. São Paulo: CosacNaify, 2011. Número de chamada: 744 C268d

Disciplina: FTA15192 - DESIGN DE COLEÇÃO DE MODA

Ementa

Introdução ao design de coleção de peças do vestuário. Apresentação da história e teoria da moda. Introdução ao conhecimento sobre silhueta, principais formas, cores, tecidos, aviamentos, beneficiamentos, estampas e padronagens. Desenvolvimento de competências práticas para o processo criativo de coleção para empresas de moda: pesquisa, conceituação, criação e preparação para a produção.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

- Introdução à história e teoria da moda;
- Apresentação do processo de construção de uma coleção de moda;
- Pesquisa sobre usuários, tendências, materiais e processos;
- Apresentação das técnicas de representação gráfica na moda;
- Definição de conceito e tema de coleção;
- Ferramentas de criatividade para desenvolvimento de coleção;
- Definição de formas, cores, materiais (texturas, beneficiamentos, estampas/padronagens);
- Representação de coleção: croquis técnicos;
- Definição de cartelas e fichas técnicas;
- Editorial de moda.

Bibliografia Básica

- JONES, Sue Jenkyn. Fashion design: manual do estilista. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2005. 240 p.
- MORRIS, Bethan. Fashion illustrator: manual do ilustrador de moda. São Paulo: CosacNaify, 2007. 208 p.
- RENFREW, Elinor; RENFREW, Colin. Desenvolvendo uma coleção. Porto Alegre: Bookman, 2010. 167 p.

Bibliografia Complementar

- AGUIAR, Titta. Personal stylist: guia para consultores de imagem. 4. ed. rev. São Paulo: Ed. SENAC, 2006. 258 p
- BARTHES, Roland. O sistema da moda. São Paulo: Martins Fontes, 1967. 364p.
- BAXTER, Mike. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 1998. 261 p.
- CRANE, Diana. Ensaios sobre moda, arte e globalização cultural. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2011. 270 p.
- HERNÁNDEZ ALFONSO, José Luis (Coord.). Moda no Brasil: criadores contemporâneos e memórias. São Paulo, SP: FAAP, 2012. 173 p.
- KOHLER, Karl; SICHART, Emma von. História do vestuário. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 564p.
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 294 p.
- LUPTON, ELLEN (org.) INTUIÇÃO, ação, criação. 1ª. ed. São Paulo: G. Gili, 2013 184 p.
- MICHETTI, Miqueli. Moda Brasileira e Mundialização. São Paulo: Annablume, 2014. 284 p.
- MORRIS, Bethan. Fashion illustrator: manual do ilustrador de moda. São Paulo: CosacNaify, 2007. 208 p.
- ROCHE, Daniel. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII - XVIII). São Paulo, SP: Ed. SENAC, 2007. 526 p.
- SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas: a moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 255p.
- VINCENT-RICARD, Françoise. As espirais da moda. 2. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, c1987.



Disciplina: FTA15193 - DESIGN DE SERVIÇOS

Ementa

Introdução ao design de serviços e suas ferramentas. Estabelecimento das relações entre o design de serviços e outras formas de design. Investigação sobre modelos de negócio inovadores. Desenvolvimento de competências práticas de pesquisa utilizando o design participativo. Pesquisa e práticas para a intensificação do Design Centrado nos Usuários. Experimentação de métodos e ferramentas em projetos de design com perspectiva sistêmica.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Introdução aos conceitos de design de serviço

Perspectivas de sustentabilidade nos projetos de serviços

Apresentação das etapas do projeto de design de serviços

Reflexão sobre o projeto das relações interpessoais

Conhecimento de ferramentas relacionadas ao estudo dos usuários

Conhecimento de ferramentas relacionadas ao processo criativo do DS

A prototipagem de relações de serviço

Apresentação do projeto de design de Serviços

Bibliografia Básica

LUPTON, ELLEN (org.) INTUIÇÃO, ação, criação. 1ª. ed. São Paulo: G. Gili, 2013 184 p.

PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo: Ed. Blucher, 2008. xxii, 183 p.

PINHEIRO, Tennyson; ALT, Luis. Design thinking Brasil: empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 229 p.

Bibliografia Complementar

ALVES, Marcus Vinícius Barilli. O valor do design - Guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. SP: ADG Brasil/SenaC, 2002. 224p.

BAXTER, Mike. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 1998. 261 p.

BONSIEPE, Gui. Design como prática de projeto. São Paulo, SP: Blucher, 2012. 214 p.

BONSIEPE, Gui. Design: do material ao digital. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997. 191 p.

BROWN, Tim. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010.

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Editora Ubu, 2016. Número de chamada: 744 C268d.

CONSOLO, Cecilia. Marcas - design estratégico: do símbolo à gestão da identidade corporativa. São Paulo: Blücher, 2015. 167 p.

ERL, Thomas. SOA design patterns. Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall, 2008. xliii, 814 p.

FINOCCHIO JÚNIOR, José. Project model canvas: gerenciamento de projetos sem burocracia. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2013. 229 p.

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. 103 p.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. O Desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. Editora da Universidade de São Paulo - EDUSP, São Paulo, 2011.

VIANNA, Maurício et al. Design thinking: inovação em negócios. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012. Disponível em: <<http://www.livrodesignthinking.com.br/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Disciplina: FTA15194 - DESIGN ESTRATÉGICO

Ementa

Introdução ao design de estratégico e suas ferramentas. Desenvolvimento de projetos de serviços aplicados ao contexto local. Usos e aplicação dos métodos e ferramentas em projetos de design com perspectiva sistêmica. Experimentação de competências práticas de pesquisa utilizando o design participativo. Reflexão sobre as questões contemporâneas no desenvolvimento de organizações sustentáveis. Investigação sobre modelos de inovação.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:
Introdução aos conceitos do design estratégico
O design como instrumento de gestão
Sistema Produto-serviço (PSS)
Estudos de casos no design estratégico
Sustentabilidade como estratégia essencial
Uso de cenários futuros
Outras ferramentas relacionadas ao Design Estratégico

Bibliografia Básica

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. 103 p.
MARTIN, Roger L. Design de negócios: por que o design thinking se tornará a próxima vantagem competitiva dos negócios e como se beneficiar disso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 187 p.
PINHEIRO, Tennyson; ALT, Luis. Design thinking Brasil: empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 229 p.

Bibliografia Complementar

AGUIAR, VICTOR R. L. Atendimento ao cliente: novos cenários, velhos desafios. Blumenau: Nova Letra, 2014.
ALVES, Marcus Vinícius Barilli. O valor do design – Guia ADG Brasil de prática profissional do designer gráfico. SP: ADG Brasil/SenaC, 2002. 224p.
BAXTER, Mike. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 1998. 261 p.
BONSIEPE, Gui. Design como prática de projeto. São Paulo, SP: Blucher, 2012. 214 p.
BONSIEPE, Gui. Design: do material ao digital. Florianópolis: FIESC/IEL, 1997. 191 p.
BROWN, Tim et al. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010
CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Editora Ubu, 2016. Número de chamada: 744 C268d.
CONSOLO, Cecilia. Marcas: design estratégico: do símbolo à gestão da identidade corporativa. São Paulo: Blücher, 2015. 167 p.
ERL, Thomas. SOA design patterns. Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall, 2008. xliii, 814 p.
LUPTON, ELLEN (org.) INTUIÇÃO, ação, criação. 1ª. ed. São Paulo: G. Gili, 2013 184 p.
MANZINI, E.; VEZZOLI, C. O Desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP, São Paulo, 2011.
PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design. São Paulo: Ed. Blucher, 2008. xxii, 183 p.
SCHNEIDER, Beat. Design-uma introdução: o design no contexto social, cultural e econômico. São Paulo: Blucher, 2010. 299 p.
THACKARA, J. Plano B: O Design e as alternativas viáveis em um mundo complexo. São Paulo: Saraiva, 2008.
VIANNA, Maurício et al. DESIGN THINKING: INOVAÇÃO EM NEGÓCIOS. Rio de Janeiro: Mjv Press, 2012. Disponível em: /www.livrodesignthinking.com.br> . Acesso em: 10 dez. 2019.



Disciplina: CAD15195 - PRODUÇÃO GRÁFICA

Ementa

Processos de impressão: tipos, características, tecnologia, insumos, relação custo-benefício, especificações, implantação, situações de uso. Análise de exemplares concretos.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Processos de impressão;

Papéis e demais superfícies aptas à impressão;

Tintas e acabamentos;

Pré-impressão; Impressão e Pós-Impressão

Fornecedores.

Bibliografia Básica

BANN, David. Novo manual de produção gráfica. Porto Alegre, RS: Bookman, 2012. 224 p.

BAER, Lorenzo. Produção gráfica. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 1999. 280 p.

VILLAS-BOAS, André. Produção gráfica para designers. 3ª. edição revisada, atualizada e ampliada. Rio de Janeiro: 2AB, 2008. 191 p.

Bibliografia Complementar

BANN, David; GARGAN, John. Cómo corregir pruebas en color. 2. ed. -. Barcelona: G. Gili, 1993. 143 p.

CARRAMILLO, Mário N. Produção Gráfica II - Papel, Tinta, Impressão e Acabamento. SP, Global Editora, 1997. CRAIG, James. Produção Gráfica. 2ª ed. São Paulo: Mosaico, 1980.

FAWCETT-TANG, Roger (Ed.). O livro e o designer I: [embalagem, navegação, estrutura e especificação]. São Paulo: Rosari, 2007. 192 p.

FERNANDES, Amaury. Fundamentos de produção gráfica: para quem não é produtor gráfico. Rio de Janeiro: Rubio, 2003.

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros. São Paulo, SP: Rosari, 2007.

HORIE, Ricardo Minoru; PEREIRA, Ricardo Pagemaker. 300 superdicas de editoração, design e artes gráficas. 3ª. ed. -. São Paulo: SENAC, 2002. 179 p.

NETO, Márcio Carramilo. Contato Imediato com a Produção Gráfica. 1ª ed. São Paulo: Global, 1989.

OLIVEIRA, Marina. Produção gráfica para designers. 2ª. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 2002. 131 p.

SAMARA, Timothy. Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações. Porto Alegre, RS: Bookman, 2011. 239 p.

Disciplina: FTA15196 - PROJETO EM IMAGEM

Ementa

xxxxxbbbbbbb

Objetivos

x

Bibliografia Básica

x

Bibliografia Complementar

x



Disciplina: FTA15197 - IDENTIDADE VISUAL 1

Ementa

Identidade visual: definição e componentes básicos. Constituição histórica e exemplos emblemáticos. Dimensões do fenômeno institucional com vistas à identidade visual. Metodologia de projeto. Realização de projeto de baixa-média complexidade.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Conceitos centrais: identidade visual, identidade institucional, marca e branding.

Trajectoria histórica - exemplos de sistemas identificadores: brasões, bandeiras, símbolos religiosos; a marca moderna; a marca pós-moderna.

O signo identificador: funções e limites.

Tipos isolados de signo identificador.

Sistemas sígnicos: componentes primários e secundários.

Aplicações básicas e aplicações avançadas.

Manual de Identidade Visual: aspectos básicos e estrutura clássica.

Dimensões do fenômeno institucional: realidade, identidade, comunicação e imagem.

Metodologia de projeto: Fase analítica; Fase criativa; Fase especificadora; Implantação

Bibliografia Básica

PEÓN, Maria Luísa. Sistemas de identidade visual. Teresópolis, RJ: 2AB, 2009.

WHEELER, Alina. Design de identidade da marca: guia essencial para toda a equipe de gestão de marcas. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

CHAVES, N. La imagen corporativa: teoría y práctica de la identificación institucional. Barcelona: G Gili, 2005.

Bibliografia Complementar

BERWANGER, Ana Claudia. As entrelinhas do desenho tipográfico: a imagem da letra e a construção da identidade. Dissertação de mestrado. São Paulo: Puc-Sp, 2003.

_____. Os Caminhos da Semiose na Marca da Editora Companhia das Letras. CD rom do 1o Encontro de Semiótica aplicada ao Design. Puc-Rio: 2003.

_____. Design gráfico, identidade visual e semiótica: algumas aproximações. CD rom do 1o Encontro de Semiótica aplicada ao Design. Puc-Rio: 2003.

LEITE, João de Souza; MAGALHÃES, Aloísio; TABORDA, Felipe. A herança do olhar: o design de Aloísio Magalhães. Rio de Janeiro: PETROBRÁS: Artviva: SENAC Rio, c2003.

MEGGS, Philip B; PURVIS, Alston W. História do design gráfico. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

MUNHOZ, Daniella. Manual de identidade visual: [guia para construção]. Teresópolis, RJ: 2AB, 2009.

NEUMEIER, M. Zag: a estratégia número 1 das marcas de sucesso. Porto Alegre: Bookman, 2009.

WOLLNER, Alexandre; PIGNATARI, Décio; WEYNE, Goebel. Visual design 50 years =: design visual 50 anos. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.



Disciplina: FTA15198 - IDENTIDADE VISUAL 2

Ementa

Sistemas de identidade visual e sua implantação. Manual de Identidade Visual: elaboração, redação, construção e limitações. Branding . Realização de projeto de média-alta complexidade.

Objetivos

Manual de Identidade Visual: aspectos básicos e estrutura clássica. Estudos comparados de Manuais de Identidade Visual. Sistemas de identidade visual e sua implantação: aplicações básicas e aplicações avançadas. Gestão da identidade e branding : projeto em fluxo contínuo.

Bibliografia Básica

CHAVES, N. La imagen corporativa: teoría y práctica de la identificación institucional . Barcelona: G Gili, 2005.

MUNHOZ, D. Manual de identidade visual: [guia para construção]. Teresópolis, RJ: 2AB, 2009.

PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design . São Paulo: Ed. Blucher, 2008.

Bibliografia Complementar

BERWANGER, Ana Claudia. As entrelinhas do desenho tipográfico: a imagem da letra e a construção da identidade. Dissertação de mestrado. São Paulo: Puc-Sp, 2003.

_____. Os Caminhos da Semiose na Marca da Editora Companhia das Letras. CD rom do 1o Encontro de Semiótica aplicada ao Design. Puc-Rio: 2003.

_____. Design gráfico, identidade visual e semiótica: algumas aproximações. CD rom do 1o Encontro de Semiótica aplicada ao Design. Puc-Rio: 2003.

CARDINALI, Luciano. A tipografia customizada como elemento identitário em sistemas de identidades visuais. Um estudo sobre o desenvolvimento de fontes digitais personalizadas. Universidade de São Paulo: tese de doutorado, 2015.

GIDO, Jack; CLEMENTS, James P. Gestão de projetos. São Paulo: Thomson, 2007.

Disciplina: FTA15199 - IDENTIDADE VISUAL 3

Ementa

Análise diagnóstica de Sistemas de identidade visual existentes. Proposta e planejamento de intervenção marcária.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Parâmetros de rendimento técnico e parâmetros de rendimento semiótico do signo identificador e de seu sistema.

Três níveis de intervenção marcária: intervenção corretiva, redesenho e reformulação total.

Proposta de projeto: construção, elementos e orçamento

Planejamento de projeto: etapas, cronograma, equipe e documentação técnica.

Bibliografia Básica

STRUNCK. Como criar identidades visuais para marcas de sucesso: um guia sobre o marketing das marcas e como representar graficamente seus valores. 3. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Rio Books, 2007. 160 p.

FISHEL, Catharine.; HAWLEY, Tom. Rediseño de imagen corporativa. México: G. Gili, 2000.

GIDO, Jack; CLEMENTS, James P. Gestão de projetos. São Paulo: Thomson, 2007.

Bibliografia Complementar

CHAVES, N. La imagen corporativa: teoría y práctica de la identificación institucional . Barcelona: G Gili, 2005.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. Novos fundamentos do design. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2008.

NEUMEIER, Marty. The brand gap= o abismo da marca : como construir a ponte entre estratégia e design. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008. 194 p.

_____. Zag: a estratégia número 1 das marcas de sucesso. Porto Alegre: Bookman, 2009. 192

p.

Disciplina: FTA15200 - DESIGN DE TIPOS BÁSICO

Ementa

Introdução ao desenho de letras e à tipografia enquanto sistema formal. Diferentes elementos na concepção de um estilo tipográfico. Letreiramento como expressão visual/verbal. Tipografia como sistema. Tipografia como linguagem.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Conceituação de escrita manual, letreiramento e tipografia: diferenças e pontos de aproximação.

A forma do traço no uso de diferentes ferramentas de escrita.

Legibilidade e leiturabilidade.

Estilos tipográficos históricos.

Produção tipográfica contemporânea no Brasil e na América Latina.

Forma e contraforma, peso, contraste, ritmo.

Compensações ópticas.

Aspectos técnicos relativos à vetorização.

Exercícios de letreiramento.

Concepção de uma fonte tipográfica digital de pequeno número de glifos.

Bibliografia Básica

CHENG, Karen. Designing type. New Haven: Yale University Press, 2005.

ROCHA, Claudio. Projeto tipográfico: análise e produção de fontes digitais. São Paulo: Rosari, 2002.

NOORDZIJ, Gerrit. O Traço: teoria da escrita. São Paulo: Blucher, 2013.

Bibliografia Complementar

BRINGHURST, Robert. Elementos do estilo tipográfico. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BUGGY, Leonardo. O MECOTipo. Recife: Serifa Fina, 2007.

CONSOLO, Cecília. Tipografia en Latinoamérica: origenes y identidad. São Paulo: Blucher, 2013.

ESTEVES, Ricardo. O design brasileiro de tipos digitais: a configuração de um campo profissional. São Paulo: Blucher, 2010.

EARLS, David. Designing Typefaces. Mies: RotoVision, 2002.

FRUTIGER, Adrian. En torno de la tipografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

FARIAS, Priscila. Tipografia digital: o impacto das novas tecnologias. Rio de Janeiro: 2AB, 2013.

HENESTROSA, Cristóbal, MESEGUER, Laura, SCAGLIONE, José. Como criar tipos: do esboço à tela. Brasília: Estereográfica, 2014.

ROCHA, Cláudio. Tipografia comparada. São Paulo: Rosari, 2005.

SMEIJERS, Fred. Contrapunção: fabricando tipos no séculos dezesseis, projetando tipos hoje. Brasília: Estereográfica, 2015.

SPIEKERMANN, Erik. A linguagem invisível da tipografia. São Paulo: Blucher, 2011.

TRACY, Walter. Letters of Credit: a view on type design. Boston: David R. Godine Publisher, 2003.



Disciplina: FTA15201 - DESIGN DE TIPOS INTERMEDIÁRIO

Ementa

Design de tipos e produção de fonte digital. Aspectos morfológicos, tecnológicos e pragmáticos no design de tipos. Tipografia como insumo para projetos de design. Tipografia como sistema. Tipografia como software.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

- Sistemas tipográficos para múltiplos idiomas.
- Aspectos técnicos relativos à produção de uma fonte tipográfica como software.
- Espacejamento, kerning e classes.
- Características OpenType.
- Relações formais entre romano e itálico.
- Sinais diacríticos, sinais de pontuação, sinais monetários, sinais matemáticos.
- Estilos de numerais.
- Versallete (small caps).
- Famílias e interpolação de pesos.
- Concepção de uma fonte tipográfica digital de média complexidade.

Bibliografia Básica

- CHENG, Karen. Designing type. New Haven: Yale University Press, 2005.
ROCHA, Claudio. Projeto tipográfico: análise e produção de fontes digitais. São Paulo: Rosari, 2002.
NOORDZIJ, Gerrit. O Traço: teoria da escrita. São Paulo: Blucher, 2013

Bibliografia Complementar

- DA SILVA, Sérgio L. Faces e fontes multiescrita: fundamentos e critérios de design tipográfico. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
EARLS, David. Designing Typefaces. Mies: RotoVision, 2002.
FRUTIGER, Adrian. En torno de la tipografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
HARALAMBOUS, Yannis. Fonts & Encodings. Sebastopol: O'Reilly, 2007.
NOORDZIJ, Gerrit. Letterletter: an inconsistent collection of tentative theories that do not claim any authority other than that of common sense. Vancouver: Hartley & Marks Publisher, 2000.
SMEIJERS, Fred. Contrapunção: fabricando tipos no séculos dezesseis, projetando tipos hoje. Brasília: Estereográfica, 2015.
TRACY, Walter. Letters of Credit: a view on type design. Boston: David R. Godine Publisher, 2003.
UNGER, Gerard. While You're Reading. New York: Mark Batty, 2007

Disciplina: FTA15202 - DESIGN DE TIPOS AVANÇADO

Ementa

Laboratório de design de tipos e produção de fontes digitais. Famílias e sistemas tipográficos complexos. Tipografia como software. Tipografia e programação.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

- Sistemas tipográficos complexos.
- Aplicações tipográficas em diferentes mídias.
- Programação de recursos OpenType.
- Caracteres alternativos contextuais.
- Tipografia como simulação de outros meios.
- Tipografia multicamadas.
- Tipografia paramétrica.
- Tipografia e inteligência computacional.
- Produção de família tipográfica.

Bibliografia Básica



CHENG, Karen. Designing type. New Haven: Yale University Press, 2005.
ROCHA, Claudio. Projeto tipográfico: análise e produção de fontes digitais. São Paulo: Rosari, 2002.
NOORDZIJ, Gerrit. O Traço: teoria da escrita. São Paulo: Blucher, 2013.

Bibliografia Complementar

DA SILVA, Sérgio L. Faces e fontes multiescrita: fundamentos e critérios de design tipográfico. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.
EARLS, David. Designing Typefaces. Mies: RotoVision, 2002.
FRUTIGER, Adrian. En torno de la tipografía. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
HARALAMBOUS, Yannis. Fonts & Encodings. Sebastopol: O’Reilly, 2007.
LUPTON, Ellen. Tipos na tela. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015.
NOORDZIJ, Gerrit. O Traço: teoria da escrita. São Paulo: Blucher, 2013.
NOORDZIJ, Gerrit. Letterletter: an inconsistent collection of tentative theories that do not claim any authority other than that of common sense. Vancouver: Hartley & Marks Publisher, 2000.
TRACY, Walter. Letters of Credit: a view on type design. Boston: David R. Godine Publisher, 2003.
UNGER, Gerard. While You’re Reading. New York: Mark Batty, 2007

Disciplina: FTA15203 - ILUSTRAÇÃO 1

Ementa

Estudo da ilustração como parte de um projeto gráfico. Estudo da ilustração e seu lugar no design. O design como processo de concepção e produção de ilustrações.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

- Ilustração em diversas mídias;
- Análise crítica de projetos de ilustração;
- Desenvolvimento de ilustrações.

Bibliografia Básica

PIPES, Alan. Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo, SP: Blücher, 2010.
VAN DER LINDEN, Sophie. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
ZEEGEN, Lawrence; CRUSH, Carl. Fundamentos de ilustração: como gerar ideias, interpretar briefings e se promover : uma exploração dos aspectos práticos, filosóficos e profissionais do mundo da ilustração digital e analógica. Porto Alegre: Bookman, 2009.

Bibliografia Complementar

LINS, Guto. Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2004.
McCLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. São Paulo: M. Books 2004.
PIPES, Alan. Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo, SP: Blücher, 2010.
POWERS, Alan. Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
VOLLI, Ugo. Manual de semiótica. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

Disciplina: FTA15204 - ILUSTRAÇÃO 2

Ementa

Design e ilustração. Aspectos estéticos, significantes e funcionais da ilustração. Concepção e desenvolvimento de projetos de ilustração.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Estudo da ilustração enquanto elemento de um projeto gráfico;
Desenvolvimento de projeto que envolva ilustração.

Bibliografia Básica

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros. 2. ed. São Paulo, SP: Rosari, 2010.

VAN DER LINDEN, Sophie. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ZEEGEN, Lawrence; CRUSH, Carl. Fundamentos de ilustração: como gerar ideias, interpretar briefings e se promover : uma exploração dos aspectos práticos, filosóficos e profissionais do mundo da ilustração digital e analógica. Porto Alegre: Bookman, 2009.

Bibliografia Complementar

LINS, Guto. Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2004.

McCLOUD, Scott. Desvendando os Quadrinhos. São Paulo: M. Books, 2004.

PIPES, Alan. Desenho para designers: habilidades de desenho, esboços de conceito, design auxiliado por computador, ilustração, ferramentas e materiais, apresentações, técnicas de produção. São Paulo, SP: Blücher, 2010.

POWERS, Alan. Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2008

VOLLI, Ugo. Manual de semiótica. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015.

Disciplina: FTA15205 - DESIGN EDITORIAL 1

Ementa

Estrutura e anatomia do livro. Tipos elementares de livro. Agentes essenciais na produção de um livro e suas funções (autor, designer, editor, produtor gráfico). Metodologia do projeto de design editorial. Produção editorial e produção gráfica.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Estrutura e anatomia do livro: capas, folha de guarda, lombada, orelha, folha de rosto, miolo, colofão etc.

Tipos de livro: livro de leitura contínua, livro ilustrado, dicionários, livro de bolso, livro infantil, coleções, manuais de instrução e montagem.

Uma editora e sua estrutura organizacional.

Metodologia do projeto de design editorial.

Projeto e produção de livros.

Bibliografia Básica

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros . São Paulo, SP: Rosari, 2007.

HENDEL, Richard. O design do livro . São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SAMARA, Timothy. Guia de design editorial: manual prático para o design de publicações . Porto Alegre, RS: Bookman, 2011.

Bibliografia Complementar

JONG, Cees de (Org.) et al. Jan Tschichold: mestre da tipografia : vida, obra & legado. São Paulo: Edusp, 2013.

LUPTON, Ellen (Ed.). A Produção de um livro independente: indie publishing : um guia para

autores, artistas e designers. São Paulo: Rosari, 2011.

TSCHICHOLD, Jan. A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro. Cotia, SP: Ateliê, 2007.

WILLBERG, Hans Peter; FORSSMAN, Friedrich. Primeiros socorros em tipografia. São Paulo: Rosari, 2007.

WILLIAMS, Robin. Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual. 2. ed. - São Paulo: Callis, 1995.

Disciplina: FTA15206 - DESIGN EDITORIAL 2

Ementa

Estrutura e anatomia de publicações periódicas. Estudo de diferentes exemplos de publicações periódicas. Agentes essenciais na produção de publicações periódicas. Metodologia do projeto de publicações periódicas. Produção editorial e produção gráfica das publicações periódicas.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Estrutura e anatomia de publicações periódicas.

Tipos de publicações periódicas, segundo sua finalidade e elementos de linguagem.

Uma editora e sua estrutura organizacional.

Metodologia do projeto de design editorial.

Produção editorial e produção gráfica das publicações periódicas.

Bibliografia Básica

GILL, Martha. E-zines: diseño de revistas digitales. Naucalpan, (México): G. Gili, 2000.

LESLIE, Jeremy. Novo design de revistas. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

SAMARA, Timothy. Grid: construção e desconstrução. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007.

Bibliografia Complementar

BANN, David. Novo manual de produção gráfica. Porto Alegre, RS: Bookman, 2012. 224 p.

FUJIMOTO, Yasushi (Dir.). The 10 influential creators for magazine design. Tokyo: Pie Books, 2007.

HENDEL, Richard. O design do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. xiii, 224 p.

MÜLLER-BROCKMANN, Josef. Grid systems in graphic design : a visual communication manual for graphic designers, typographers, and three dimensional designers= Raster systeme für die visuelle Gestaltung : ein Handbuch für Grafiker, Typografen, und Ausstellungsgestalter. 6th ed. Zurich: Niggli, 2008.

WILLBERG, Hans Peter; FORSSMAN, Friedrich. Primeiros socorros em tipografia. São Paulo: Rosari, 2007.

Disciplina: FTA15207 - EXPERIMENTAÇÃO GRÁFICA

Ementa

Elaboração de trabalhos experimentais no âmbito do design gráfico, com foco em impressos. Exercícios de linguagem gráfica; exploração de técnicas de manipulação de imagem no ambiente digital; experimentação plástica com materiais variados em trabalhos manuais; investigação de processos de impressão alternativos.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Experimentos de linguagem visual: ritmo, hierarquia, peso, equilíbrio, velocidade

Elementos gráficos: tipografia, cor, textura

Construção e desconstrução da imagem: montagens, colagens

Possibilidades cromáticas (i)limitadas: trabalhando com uma paleta de cores reduzida

Composição em escalas variadas: narrativa visual em formatos reduzidos e ultra ampliados

Bibliografia Básica



BANN, David. Novo manual de produção gráfica. Porto Alegre, RS: Bookman, 2012.

FARAH, Rafic Jorge. Como vi o design de Rafic Farah = As I see it the design of Rafic Farah. [São Paulo]: Cosac & Naify, 2000

HASLAM, Andrew. O livro e o designer II: como criar e produzir livros. 2. ed. São Paulo, SP: Rosari, 2010

Bibliografia Complementar

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MIJKSENAAR, P. Visual function: An Introduction to Information Design. New York: Princeton Architectural, 1997.

HELLER, Steven. Nigel Holmes: On Information Design. New York: Jorge Pinto Books, 2006.

SAMARA, Timothy. Grid: construção e desconstrução. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2007

SANMIGUEL, David (Coord.). Materiais e técnicas: guia completo. 2. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013

Disciplina: FTA15208 - EMBALAGEM

Ementa

Tipos de embalagem. Funções estruturais e comunicacionais da embalagem. Metodologia do projeto de design embalagem: pesquisa, desenvolvimento/criação, especificações, produção.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Embalagem, história e sustentabilidade.

Design da informação, comunicação e semiótica no design de embalagem.

Estruturas, materiais e processos.

Embalagem, unitização e transporte.

Identificação do problema, levantamento de dados.

Desenvolvimento e acompanhamento de projetos.

Construção e experimentação.

Documentação e registro projetual.

Bibliografia Básica

CARRAMILLO, Mário N. Produção Gráfica II - Papel, Tinta, Impressão e Acabamento . SP, Global Editora, 1997.

MESTRINER, Fábio. Design de Embalagem - Curso Básico . SP, Makron Editora, 2001.

PHILLIPS, Peter L. Briefing: a gestão do projeto de design . São Paulo: Ed. Blucher, 2008.

Bibliografia Complementar

FAWCETT-TANG, Roger (Ed.). O livro e o designer I: [embalagem, navegação, estrutura e especificação]. São Paulo: Rosari, 2007.

KAZAZIAN, Thierry (Org.). Haverá a idade das coisas leves: design e desenvolvimento sustentável. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2009.

MANZINI, Ezio; VEZZOLI, Carlo. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: EDUSP, 2002.

MESTRINER, Fabio. Design de embalagem: curso avançado. 2. ed. rev. e atual. - São Paulo: Prentice Hall, 2005.

VOLLI, Ugo. Manual de semiótica. 3. ed. São Paulo, SP: Loyola, 2015

Disciplina: FTA15209 - DESIGN EDUCACIONAL

Ementa

O que é Educação? Fundamentos das teorias de ensino e de aprendizagem. Organização da educação no Brasil: modalidades, níveis, tipologias e órgãos reguladores. Panorama das áreas interdisciplinares de pesquisa design, educação, comunicação, etc. Planejamento de material didático: relações entre Didática e Design. Design Educacional (Instrucional): conceitos e produtos, e metodologia(s) projetual(is) específicas.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Apresentação e discussão sobre: O que é Educação? Organização dos processos de ensino no Brasil: modalidades, níveis e tipologias.

Panorama sobre as áreas da educação e fundamentos sobre as teorias de ensino e de aprendizagem.

Discussão contextualizada sobre: as relações entre Didática e Design: Design Educacional.

Pesquisa e apresentação das áreas de estudo sobre mídias e educação;

Apresentação e discussão sobre conceitos e contextos correlatos ao tema: objetos educacionais, objetos de aprendizagem, mídias educativas, recursos didáticos, repositórios de mídias, ambientes virtuais de aprendizagem, formatos padronizados de produção de mídias educativas, meios de comunicação, linguagem dialógica, mediação, etc.

Estudo sobre metodologia(s) projetuais adotada(s) para o design educacional (instrucional).

Bibliografia Básica

BELLONI, Maria Luiza. Educação a distância . 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. 115 p.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 141 p.

FILATRO, Andrea. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2007. 215 p

Bibliografia Complementar

HARGREAVES, Andy et al. Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização. Porto Alegre: Artmed, 2002. 206 p.

MEIRIEU, Philippe. Aprender ... sim, mas como ?. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 193 p.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de et al. Didática e docência: aprendendo a profissão. Brasília: Liber, 2009. 179 p.

BARBOSA, Rommel Melgaço (Org.). Ambientes virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE ENSINO À DISTÂNCIA.; PRATA, Carmem Lúcia (Org.) (Org.). Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico. Brasília, DF: MEC, 2007. 154 p



Disciplina: FTA15210 - PSICOLOGIA E DESIGN

Ementa

A construção sócio-histórica dos papéis do designer e do usuário. Contribuições da Psicologia Social, Cognitiva e do Desenvolvimento para a pesquisa com usuário e projeto de produtos, serviços e processos.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Unidade I: Psicologia Social

Introdução à Psicologia Social

Temas fundamentais da Psicologia Social para a prática de projeto: cognição social; influência social; atitudes; preconceitos, estereótipo e discriminação; representações sociais;

Teorias, métodos e técnicas de pesquisa com o usuário em Psicologia Social: representações sociais (perspectiva estrutural e processual), análise de conteúdo.

Unidade II: Psicologia Cognitiva, Comportamental e do Desenvolvimento

Introdução à Psicologia do Desenvolvimento Humano

Processos cognitivos básicos: percepção, memória e atenção

Temas fundamentais da Psicologia Cognitiva, Comportamental e do Desenvolvimento para a prática de projeto: condicionamento clássico e operante, modelos computacionais da mente, cognição corporificada, design emocional, psicologia positiva

Teorias, métodos e técnicas de pesquisa com o usuário em Psicologia Cognitiva, Comportamental e do Desenvolvimento: modelagem e modelação, análise da tarefa, testes clínicos, pensar em voz alta, resolução de problemas.

Bibliografia Básica

TORRES, Claudio V., e NEIVA, Elaine R. Psicologia Social . Porto Alegre: Artmed, 2011.

ANDERSON, John R. Psicologia cognitiva e suas implicações experimentais. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, c2004.

GAZZANIGA, Michael S.; HEATHERTON, Todd F. Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

Bibliografia Complementar

SKINNER, B. F. Sobre o Behaviorismo. 10. ed. Sao Paulo: Cultrix, 2006.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto de. Princípios básicos de análise do comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

VARELA, Francisco J. Conhecer: as ciências cognitivas, tendências e perspectivas . Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007. xv, 182 p.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 24. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 136 p.

Disciplina: FTA15211 - MEMÓRIA GRÁFICA CAPIXABA

Ementa

História da imprensa e o ensino do design no Espírito Santo. Aspectos históricos, culturais, econômicos, políticos e tecnológicos acerca da produção gráfica capixaba. Produção e circulação de revistas, jornais e outros efêmeros. Metodologia de coleta de fonte primária e análise gráfica.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

História da imprensa capixaba: parques gráficos, publicações periódicas e circulação de efêmeros.

Cenário político e desenvolvimento econômico e cultural do estado do Espírito Santo e o impacto desses aspectos na produção gráfica capixaba.

Tecnologia gráfica disponível em cada época.

Ensino do design no Espírito Santo.

Metodologia de coleta de fonte primária de impressos e análise gráfica.

Bibliografia Básica

BRITTES, Juçara (Org.). Aspectos históricos da imprensa capixaba. Vitória, ES: EDUFES, 2010. 259 p. ISBN 9788577720545 (broch.)

MARTINUZZO, José Antonio (Org.). Quase 200: a imprensa na história capixaba. [Vitória, ES]: DIO, 2008. 265 p.

MATTEDI, José Carlos. História da Imprensa Oficial do Espírito Santo. [Vitória, ES?]: [s.n.], 2005. 140 p

Bibliografia Complementar

BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. Espírito Santo: um painel da nossa história. [Vitória, ES?]: Imprensa Oficial, 2002. 319 p.

BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. Historiografia capixaba e imprensa no Espírito Santo. Vitória, ES: EDIT, 1998. 106p.

LOPES, Almerinda da Silva. Memória aprisionada: a visualidade fotográfica capixaba, 1850/1950. [Vitória, ES?]: EDUFES, 2002. 314 p. ISBN 9788587106469 (broch.).

MARTINUZZO, José Antonio. Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo: 120 anos de história. Vitória, ES: DIO, 2010. 107 p.

MARTINUZZO, José Antonio (Org.), IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (ES) (Instituição). Diário capixaba: 115 anos da imprensa oficial do Espírito Santo. [Vitória, ES?]: Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. 230 p.

ROSTOLDO, Jadir Peçanha. 'Vida capixaba': o retrato de uma sociedade, 1930. Vitória, ES: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 2007. 60 p. ISBN 9788588529502 (broch.)

Disciplina: FTA15212 - HISTÓRIA DO DESIGN NO BRASIL

Ementa

Estudos sobre a História e a trajetória do Design no Brasil. A cultura e o design brasileiros. O ensino do Design no Brasil.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

O início das atividades de produção gráfica e de imprensa no Brasil no século XIX.

A produção de livros, jornais, revistas, rótulos e efêmeros diversos.

A tecnologia gráfica disponível em cada época.

A institucionalização do design no Brasil em meados do século XX e as influências externas que o campo sofreu.

A atuação dos principais designers e escritórios.

Bibliografia Básica

CARDOSO, Rafael, org. *Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

MELO, Chico Homem de (org.); COIMBRA, Elaine Ramos (org). *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosas Naify, 2011.

MELO, Chico Homem de; LEITE, João de Souza; STOLARSKI, André; RODRIGUES, Jorge Caê. *O Design gráfico brasileiro: anos 60*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 302 p. ISBN 8575035215 (broch.)

Bibliografia Complementar

ACCIOLY, Anna [et al]. *Marcas de valor no mercado brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2003.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

CARDOSO, org. *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução a história do design*. São Paulo: Edgard Blücher, 2008.

COUTO, Rita Maria de Souza. *Escritos sobre ensino de design no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Book's 1a edição, 2008.

FERREIRA, Orlando da Costa. *Imagem e letra. Introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. [trad. De Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo, SP: Contexto, 2008. 303 p. ISBN 9788572444026 (broch.).

MORAES, Dijon de. *Análise do design brasileiro: entre mimese e mestiçagem*. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WOLLNER, Alexandre. *Alexandre Wollner: design visual 50 anos*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.



Disciplina: FTA15213 - MEMÓRIA E DESIGN

Ementa

As Concepções teóricas sobre memória. A relação entre memória e identidade cultural. O design e os lugares de memória. Os artefatos como relíquias de memória.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Vetores de temporalização: memória e cidade.
Memória, design e artefatos.
Artefatos como relíquia de memória.

Bibliografia Básica

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar. Escrever. Esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.
HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Bibliografia Complementar

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. (6ª ed.) São Paulo: Editora Nacional, 1980.
CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza e PEREIRA MIRANDA, Leonardo Affonso de Miranda. História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: UNICAMP, 2005.
FORTY, Adrian. Objeto de desejo - design e sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
HUYSEN, Andréas. Seduzidos pela memória. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Aeroplano/UCAM/MAM-RJ, 2000.
NORA, Pierre. "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux." IN: Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1984. Vol 1. Pp. 7 a 15 (Tradução na Revista Projeto História. Nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP - Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.).

Disciplina: FTA15214 - DESIGN CENTRADO NO SER HUMANO

Ementa

Design Social. Design Centrado no Ser Humano. Cenários de uso. As fases de inspiração, ideação e implementação. Estudos de caso.

Objetivos

Introdução ao Design Social. Design para inovação social. Métodos e ferramentas. Práticas para estimular a inovação. Soluções desejáveis, praticáveis e viáveis. Introdução ao Design Centrado no Ser Humano (HCD). Apresentação das fases de inspiração, ideação e implementação. Estudos de caso.

Bibliografia Básica

BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo, SP: Blucher, 2011. 270 p. ISBN 9788521205326 (broch.) Número de chamada : 744 B721d

BROWN, Tim. Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010. Não paginado ISBN 9788535238624 (broch.). Número de chamada: 65.012.2 B881d

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008. 103 p. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos; 1) ISBN 9788576501701 (broch.) Número de chamada: 741 M296d

Bibliografia Complementar



- BEZERRA, Charles. O designer humilde: lógica e ética para inovação. São Paulo: Rosari, 2008. 89 p. ISBN 9788588343689 (enc.)
- BONOTTO, E. Abordagens e métodos orientados ao Design Social. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado em Design) -Escola de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/165641/001045727.pdf?sequence=1>> Acessado em março de 2018.
- IDEO. (2011). Human-Centered Design Toolkit: An Open-Source Toolkit To Inspire New Solutions in the Developing World.(p. 200). Retrieved from <http://www.epah.org.br/wp-content/uploads/Kit-Ferramentas-EJAF-Final-1903.pdf>
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.
- PACHECO, H. S. (1996). O Design e o Aprendizado. Barraca: quando o design social deságua no desenho coletivo. Rio de Janeiro. Departamento de Artes PUC-Rio. Dissertação (mestrado).
- _____. (2010). Involvement in the Design Student Approach. In: Design & Complexity - Design Research Society International Conference Proceedings - artigo 093. Montreal: École de Design Industriel.
- PACHECO, H. S.; TOLEDO, G. (2012). A sparkle in people's eyes. In: International Conferende Design History Society, 2012, São Paulo. Design Frontiers - Territories / concepts / technologies, v. 1. p. 90-93. São Paulo: Blucher.
- PINHEIRO, Tennyson; ALT, Luis. Design thinking Brasil: empatia, colaboração e experimentação para pessoas, negócios e sociedade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 229 p. ISBN 9788535245677 (broch.)
- TOLEDO, G.; PACHECO, H. S. (2013) The Word Game: a Social Design research tool to visually communicate values, beliefs, and intrinsic motivation. In: CIDI 2013 6th Information Design International Conference Recife - PE. Blucher Design Proceedings. São Paulo: Blucher, 2013. v. 1.

Disciplina: FTA15215 - SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 2

Ementa

Apresentação do conceito de Tradução Intersemiótica. Aplicação da semiótica peirceana na análise de sistemas intersemióticos. Projeto e desenvolvimento de produções intersemióticas.

Objetivos

- Recapitulação dos conceitos fundamentais da teoria de Peirce;
 - Apresentação do conceito de Tradução Intersemiótica;
 - Tipos de tradução: icônica, indicial, simbólica;
 - Leituras e análises de sistemas intersemióticos;
 - Apresentação da vida e obra de do escritor Edgar Allan Poe;
- Projeto e desenvolvimento de produções intersemióticas a partir de traduções dos contos de Edgar Allan Poe

Bibliografia Básica

- JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. 2ª Ed. SP, Cultrix,1969.
- PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica. SP, Perspectiva, 2006.
- POE, Edgar Allan. Histórias extraordinárias. SP, Abril Cultural, 1988

Bibliografia Complementar

- BESSE, Xavier. Poe em preto & branco , 2ª ed, SP, FTD, 2015
- _____. Contos de Edgar Allan Poe . 3ª ed., SP, Cultrix, 1986
- SANTAELLA, Lúcia. Semiótica Aplicada. SP, Thomson and Learning, 2002.

_____. Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal. SP,



Disciplina: FTA15216 - SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 3

Ementa

Aplicação dos conceitos da Semiótica Peirceana na produção gráfica. Análise e redesign de cartaz de cinema.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

- Recapitulação dos princípios fundamentais da Teoria de Peirce;
- Apresentação de noções sobre cinema enquanto indústria, linguagem e arte;
- Apresentação de noções sobre a peça gráfica cartaz de cinema: história, estética e linguagem de cartaz;
- Apresentação dos designers de cartaz: Saul Bass, Robert Peak e Fernando Pimenta;
- Análise e Redesign de cartazes de filmes do cinema comercial americano e de outras cinematografias

Bibliografia Básica

- MASCARELLO, Fernando (Org.) História do Cinema Mundial, 7ª ed. Campinas, Papyrus, 2012
- MOLES, A. O Cartaz . São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PEREZ, Clotilde. Signos da marca: expressividade e sensorialidade . SP, Thomson and Learning, 2004

Bibliografia Complementar

- MEGGS, P.B. 2009. História do Design Gráfico . São Paulo, Cosac Naify, 673 p.
- NIEMEYER, L. 2003. Elementos da Semiótica Aplicados ao Design . Rio de Janeiro, 2AB Editora, 76 p
- SANTAELLA, Lúcia. Imagem: cognição, semiótica, mídia. SP, Iluminuras, 1998.
- _____. Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal. SP, Iluminuras, 2001
- _____. Semiótica Aplicada. SP, Thomson and Learning, 2002.

Disciplina: FTA15217 - SEMIÓTICA DAS MEDIAÇÕES 4

Ementa

Aplicação da semiótica peirceana nos processos de leitura e decodificação de imagens advindas das linguagens do entretenimento: vinhetas, séries televisivas, animações, games etc

Objetivos

- Recapitulação dos conceitos fundamentais da teoria de Peirce;
- Apresentação do conceito de Linguagens do Entretenimento;

- Leituras e análises de diversas imagens advindas das linguagens do entretenimento

Bibliografia Básica

- Jenkins, H. Cultura da convergência. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- PEREZ, Clotilde. Signos da marca: expressividade e sensorialidade. SP, Thomson and Learning, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica Aplicada. SP, Thomson and Learning, 2002.

Bibliografia Complementar

- MONTEIRO, Gilson Vieira et all. Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação / Manaus: Ufam, 2012.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é Semiótica. SP, Brasiliense, 1986.
- _____. A assinatura das coisas. RJ, Imago, 1992.
- _____. A percepção: uma teoria semiótica. SP, Experimento, 1993.
- _____. Estética - de Platão à Peirce. SP, Experimento, 1994.
- _____. Teoria geral dos Signos: Semiose e autogeração. SP, Ed. Ática, 1995.
- _____. Produção de Linguagem e Ideologia. 2 ed., rev. e ampl., SP, Cortez, 1996.
- _____. Imagem: cognição, semiótica, mídia. SP, Iluminuras, 1998



Disciplina: FTA15218 - INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO CINEMA

Ementa

Introdução à História do cinema enquanto aparato tecnológico, arte e indústria e sua relação com o Design.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Primeiro Cinema;

A narrativa cinematográfica com David Griffith;

As vanguardas dos anos 20:

O Expressionismo Alemão - o cinema do claro e escuro;

O Cinema Revolucionário Soviético - o cine - olho;

O Surrealismo de Buñuel;

O cinema Moderno:

O Neo - Realismo italiano - um documento do povo italiano;

A Nouvelle Vague - a nova onda;

Orson Wells e o nascimento do cinema moderno;

O cinema Hollywoodiano contemporâneo

Bibliografia Básica

MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas & Pós-cinemas. Campinas, Papirus, 1997 (Coleção Campo MASCARELLO, Fernando. História do cinema mundial . Campinas: Papirus, 2007. Imagético).

MANNONI, Laurent . A grande arte da luz e da sombra . SP, Editora Senac, Editora da UNESP, 2003.

Bibliografia Complementar

BETTON, Gérard . Estética do cinema . SP, Martins Fontes, 1987.

COSTA, Antonio. Compreender o cinema . 2ª ed., SP, Editora Globo, 1989.

MARTIN, Maciel. A linguagem cinematográfica . SP, Brasiliense, 1990.

TEIXEIRA, Lúcia. CARMO, José Roberto Jr. Linguagem e cibercultura . SP, Editora Estação das Letras e Cores, 2014

TOULET, Emmanuelle. O cinema, invenção do século . SP, Objetiva, 1988.

XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico . RJ, Paz e Terra. 1984.

Disciplina: FTA15219 - DESIGN E CINEMA

Ementa

Relação entre Design e Cinema do ponto de vista do desenvolvimento dos efeitos especiais. Relação entre o Primeiro Cinema e o Cinema Comercial Americano Contemporâneo.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Pré-cinemas;

Primeiro Cinema: Lumière e Méliès;

Cinema arte: efeitos especiais em Méliès;

Estéticas Tecnológicas;

Cinema Comercial Americano de Efeitos Especiais

Bibliografia Básica

MACHADO, Arlindo. Pré-cinemas & Pós-cinemas. Campinas, Papirus, 1997 (Coleção Campo Imagético).

MACHADO, Ludmila Ayres. Design e linguagem cinematográfica: narrativa visual e projeto : como o design se insere no projeto visual do universo fílmico. São Paulo: Blucher, 2011. 136 p.

MANNONI, Laurent. A grande arte da luz e da sombra. SP, Editora Senac, Editora da UNESP,

2003.

Bibliografia Complementar

CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. O cinema e a invenção da vida moderna. Cosac Naify, SP, 2001;

DUBOIS, Philippe. Cinema, video, Godard. Cosac Naify, SP, 2004;

PARENTE, André e MACIEL, Kátia. Redes sensoriais: arte, ciência e tecnologia. RJ, Contra Capa, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. ARANTES, Priscila . Estéticas Tecnológicas - Novos Modos de Sentir . SP, EDUC Editora, 2008.

SANTAELLA, Lucia. Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade. SP, Editora Paulus, 2007.

Disciplina: FTA15220 - PROJETO DE CURTA METRAGEM

Ementa

Projeto de curta-metragem; pré-produção, produção e pós-produção.

Objetivos

Planejamento de um vídeo passando pelas etapas: idéia, storyline, sinopse, roteiro, decupagem e storyboard

Gravação de imagens e sons

Edição

Bibliografia Básica

CAMPOS , Flávio de. Roteiro de Cinema e Televisão . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MOLETTA , Alex. Criação de Curta-Metragem em Vídeo Digital . São Paulo: Summus, 2009.

VANOYE , Francis & GOLIOT-LÉTÉ , Anne. Ensaio sobre a Análise Fílmica . Campinas, SP: Papirus, 1994.

Bibliografia Complementar

COMPARATO , Doc. Da Criação ao Roteiro . Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MARQUEZ , Gabriel Garcia. Como Contar um Conto . Niterói, RJ: Casa Jorge Editorial, 2004.

MURCH , Walter. Num Piscar de Olhos: a edição de filmes sob a ótica de um mestre . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Disciplina: FTA15221 - ATELIER DE FOTOGRAFIA E DESIGN

Ementa

Aspectos históricos, estéticos, contextuais e conceituais de imagem e de fotografia (analógica e digital). Características da imagem fotográfica digital e sua adaptação aos métodos de produção gráfica. Questões técnicas, éticas e legais de produção e tratamento de imagem para produção gráfica. Banco de Imagens. Digitalização. Fotomontagem. Projetos gráficos orientados ao uso de imagem fotográfica e fotomontagem.

Objetivos

Desenvolver aspectos históricos, estéticos, contextuais e conceituais de imagem e de fotografia (analógica e digital).

Pesquisar as características da imagem fotográfica digital e sua adaptação aos métodos de produção gráfica para a finalidade de cada projeto.

Aplicar em atividades práticas questões técnicas, éticas e legais de produção e tratamento de imagem para produção gráfica. Banco de Imagens.

Compreender os processos de digitalização.

Compreender os requisitos para os tratamentos por meio da Fotomontagem.

Desenvolver projetos orientados ao uso de imagem fotográfica e fotomontagem.

Bibliografia Básica

BANN, David. Novo manual de produção gráfica. Porto Alegre, RS: Bookman, 2012. 224 p. ISBN 9788540701755 (broch.)

SANTAELLA, Lucia; NÓTH, Winfried. Imagem: cognição, semiótica, mídia. 4. ed. -. São Paulo: Iluminuras, 2005. 222 p. ISBN 8573210567 (broch.).

SEDDON, Tony. Imagens: um fluxo de trabalho digital criativo para designers gráficos. Porto Alegre: Bookman, 2009. 224 p. ISBN 9788577804191 (enc.).

Bibliografia Complementar

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. Imagem. Porto Alegre: Bookman, 2009. 176p.

BUGAY, Edson Luiz. Imagem Digital Com Bridge e Camera Raw. VISUAL BOOKS. s.a 220p. ISBN: 9788575022542

GOMIDE, João Victor Boechat Imagem digital aplicada: uma abordagem para estudantes e profissionais. - 1. ed. - São Paulo : Elsevier, 2014. ISBN 9788535274608

MARTINS, Nelson. A imagem digital na editoração: manipulação, conversão e fechamento de arquivos. Rio de Janeiro: Ed. SENAC Nacional, 2003. 143 p. ISBN 9788574581248 (broch.)

VILLAS-BOAS, André. Produção gráfica para designers. 3. ed. rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: 2AB,

Disciplina: FTA15222 - PESQUISA E PROJETO EM IMAGEM

Ementa

Elaboração conceitual e projetual e execução de projetos em fotografia, vídeo e outras formas de imagens técnicas.

Objetivos

Elaboração conceitual Pesquisa em imagem e multimídia Elaboração de projeto Execução de projeto

Bibliografia Básica

WOROBIEC, T.; SPENCE, R. Black & white photography in the digital age: creative camera, darkroom & printing techniques for the modern photographer. Cincinnati: David & Charles, 2007.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

RAMOS, Fernão. A imagem-câmera. Campinas: Papyrus, 2012.

Bibliografia Complementar

MASCELLI, J. V. Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem : [câmera, ângulos, continuidade, cortes, composição, closes]. São Paulo: Summus, 2010..

ARONOVICH, R. Expor uma história: a fotografia no cinema. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). 8 x fotografia: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

Disciplina: FTA15223 - ESTUDOS DIRIGIDOS EM IMAGEM

Ementa

Desenvolvimento de projetos e pesquisas sob orientação do professor.

Objetivos

Apresentar metodologias para pesquisa e catalogação de fontes.

Elaborar projetos em imagem.

Desenvolver projetos em imagem.

Bibliografia Básica

WOROBIEC, T.; SPENCE, R. Black & white photography in the digital age: creative camera, darkroom & printing techniques for the modern photographer. Cincinnati: David & Charles, 2007.

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

RAMOS, Fernão. A imagem-câmera. Campinas: Papirus, 2012.

Bibliografia Complementar

ARONOVICH, R. Expor uma história: a fotografia no cinema. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

BELLOUR, Raymond. Entre-imagens: foto, cinema, video. Campinas: Papirus, 1997.

MASCELLI, J. V. Os cinco Cs da cinematografia: técnicas de filmagem : [câmera, ângulos, continuidade, cortes, composição, closes]. São Paulo: Summus, 2010..

MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). 8 x fotografia: ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

PARENTE, André (Org.). Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual. 4. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

Disciplina: FTA15224 - LABORATÓRIO DE DESIGN EDUCACIONAL

Ementa

Desenvolvimento de projetos de design para o ensino-aprendizagem. Teoria(s) de aprendizagem e as possibilidades interativas e dialógicas das mídias e tecnologias. Suportes de ensino-aprendizagem e suas características. Direitos autorais, de imagem e de reprodução para o uso educacional.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Teoria(s) de aprendizagem;

Possibilidades interativas e dialógicas das mídias.

Suportes de ensino-aprendizagem e suas características. Repositórios de objetos de aprendizagem. Direitos autorais e de reprodução para o uso educacional.

Desenvolvimento de projetos de design para o ensino-aprendizagem.

Bibliografia Básica

FRANCO, Maria Amélia Santoro; PIMENTA, Selma Garrido (Org.). Didática: embates contemporâneos. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 154 p.

CANDAU, Vera Maria (Org.). A Didática em questão. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 127 p

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie F. Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

Bibliografia Complementar

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Didática: o ensino e suas relações. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 183 p. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente. 9. ed. - Petrópolis: Vozes, 2007. 251 p.

NERICI, Imideo Giuseppe. Metodologia do ensino: uma introdução. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1981. 367 p.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Técnicas de ensino: por que não? 21. ed. Campinas, SP:



Papirus, 2011. 159 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Didática e interdisciplinaridade. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010. 192 p.

Disciplina: FTA15225 - ACESSIBILIDADE DIGITAL

Ementa

Introdução à Acessibilidade: contextualização, conceitos e categorias. Categorias de deficiência e sua relação com a interação com sistemas digitais. Avaliação de Acessibilidade: ferramentas, técnicas, WCAG 2.0. Tecnologias Assistivas (TA): categorias, inovação em TA.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes tópicos:

Introdução à Acessibilidade: contextualização, conceitos e categorias

Categorias de deficiência e sua relação com a interação

Avaliação de Acessibilidade: ferramentas, técnicas, WCAG 2.0

Tecnologias Assistivas (TA): categorias, inovação em TA

Bibliografia Básica

CYBIS, Walter; BETIOL, Adriana Holtz; FAUST, Richard. Ergonomia e usabilidade: conhecimentos, métodos e aplicações. São Paulo, SP: Novatec, 2007. 344 p. ISBN 9788575221389 (broch.)

DIAS, Claudia. Usabilidade na WEB: criando portais mais acessíveis. 2 .ed. - Rio de Janeiro: Alta Books, 2007. 296 p. ISBN 8576081401 (broch.)

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM. Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web (WCAG) 2.0 . On-line. Disponível em: <https://www.w3.org/Translations/WCAG20-pt-br/>

Bibliografia Complementar

DIAS, Claudia. Usabilidade na WEB: criando portais mais acessíveis. 2 .ed. - Rio de Janeiro: Alta Books, 2007.

LIDWELL, William; HOLDEN, Kritina; BUTLER, Jill. Universal principles of design. Bervely, mass: Rockport, 2003.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. Usabilidade na Web: projetando websites com qualidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen; PREECE, Jennifer. Design de interação: além da interação humano-computador. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM. Web Content Accessibility Guidelines (WCAG) 2.1. Disponível em: <https://www.w3.org/TR/WCAG21/>. Acesso em 01 fev. 2020.

Disciplina: FTA15226 - DESIGN DE INTERAÇÃO

Ementa

Paradigmas de projeto em meios digitais. Experiência do Usuário. Design de Interação: metodologia. Prototipagem e testes.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Design e interface

Paradigmas da computação e a adoção de novas tecnologias

Princípios do Design de Interação

Metodologia de projeto em design de interação

Padrões de projeto: usabilidade, acessibilidade e experiência do usuário

Design de sistemas para dispositivos móveis: sítios eletrônicos, aplicativos, híbridos

Bibliografia Básica

COOPER, Alan; REIMANN, Robert; CRONIN, Dave. About face 3 : the essentials of interaction design. [3rd ed.], completely rev. & updated. Indianapolis, Ind.: Wiley, 2007.

ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen; PREECE, Jennifer. Design de interação: além da interação



humano-computador. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.

GARRETT, Jasse James. The Elements of User Experience: User-Centered Design for the Web. AIGA, 2002.

Bibliografia Complementar

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. Flow: the psychology of optimal experience. New York: HarperCollins, 2002.

NIELSEN, Jakob; LORANGER, Hoa. Usabilidade na Web: projetando websites com qualidade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

MOGGRIDGE, Bill. Designing interactions. Cambridge, Mass.; London: MIT Press, 2007.

NORMAN, Donald A. Design Emocional: Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. São Paulo: Rocco, 2008.

NORMAN, Donald A. O design do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM. Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web (WCAG) 2.0. Disponível em: <https://www.w3.org/Translations/WCAG20-pt-br/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

Disciplina: FTA15227 - DESIGN GENERATIVO

Ementa

Design paramétrico e design generativo; computação como ferramenta de expressão e de projeto; entradas e saídas, sensores e atuadores. Interface entre design e arte. Transdução de mídias.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Conceituação de design generativo e design paramétrico

Ferramentas de captura de dados

Transdução de mídias

Acaso, ruído, 'glitch design'

Desenvolvimento de projetos experimentais de design generativo

Bibliografia Básica

MCROBERTS, Michael. Arduino básico. São Paulo: Novatec, 2011.

MOGGRIDGE, Bill. Designing interactions. Cambridge, Mass.; London: MIT Press, 2007

MONK, Simon. Programação com Arduino: começando com sketches. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013

Bibliografia Complementar

BANZI, Massimo; SHILOH, Michael. Make: getting started with arduino. 3a ed. Sebastopol: Maker Media, 2015.

COOPER, Alan; REIMANN, Robert; CRONIN, Dave. About face 3: the essentials of interaction design. [3rd ed.], completely rev. & updated. Indianapolis, Ind.: Wiley, 2007.

MENKMAN, Rosa. The Glitch Moment(um). Network Notebooks 4. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2011. Disponível em:

<http://networkcultures.org/uploads/NN%234_RosaMenkman.pdf>

ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen; PREECE, Jennifer. Design de interação: além da interação humano-computador. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.

VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook. Cincinnati, Ohio: How Books, 2008.

Disciplina: FTA15228 - DESIGN DE JOGOS 1

Ementa

História, conceituação e características dos jogos. Aspectos cognitivos, estéticos e socioculturais dos jogos. Gêneros e mecânicas dos jogos. Relações entre o jogador, a interface, a jogabilidade e a imersão. O design como processo de geração, concepção, articulação e criação de jogos.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Gêneros e mecânicas dos jogos;
Estudos de caso;
Abordagens metodológicas do Design de jogos;
Projeto de jogo.

Bibliografia Básica

NOVAK, Jeannie. Desenvolvimento de Games. Cengage, 2010.
ROGERS, Scott. Level UP: um guia para o design de grandes jogos. São Paulo, SP: Blucher, 2013.
SCHUYTEMA, Paul. Design de Games: uma abordagem prática. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

Bibliografia Complementar

LUZ, Alan Richard da. Vídeo Games: História Linguagem e Expressão Gráfica. São Paulo: Blucher, 2010.
SANTAELLA, Lucia; FEITOZA, Mirna (Org.). Mapa do jogo: a diversidade cultural dos games. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
ROGERS, Yvonne; SHARP, Helen; PREECE, Jennifer. Design de interação: além da interação humano-computador. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.
TEKINBAS, Katie Salen; ZIMMERMAN, Eric. Regras do jogo: fundamentos do design de jogos. São Paulo, SP: Blucher, 2012.
XAVIER, Guilherme. Condição Eletrolúdica: Cultura Visual nos Jogos Eletrônicos. Teresópolis: Novas Idéias, 2010.

Disciplina: FTA15229 - DESIGN DE JOGOS 2

Ementa

Design de Jogos. Técnicas e aplicações que propiciem o desenvolvimento de um projeto de jogo. Concepção e desenvolvimento de jogos.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Abordagens metodológicas do Design de jogos;
Design de jogo.

Bibliografia Básica

NOVAK, Jeannie. Desenvolvimento de Games. Cengage, 2010.
ROGERS, Scott. Level UP: um guia para o design de grandes jogos. São Paulo, SP: Blucher, 2013.
SCHUYTEMA, Paul. Design de Games: uma abordagem prática. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

Bibliografia Complementar

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
LUZ, Alan Richard da. Vídeo Games: História Linguagem e Expressão Gráfica. São Paulo: Blucher, 2010.
PARLETT, David. The Oxford history of board games. Oxford: Oxford University Press, 1999.



PERUCIA, Alexandre. Desenvolvimento de Jogos Eletrônicos. São Paulo: Novatec, 2007.
PESCUITE, Julio Cesar; MARCELO, Antônio. Design De Jogos: Fundamentos. Brasport, 2009.
SCHELL, Jesse. A Arte de Game Design: Livro Original. Campos, 2010.
SELINKER, Mike (Ed.). The Kobold guide to board game design. Open Design LLC, 2011.
TEKINBAS, Katie Salen; ZIMMERMAN, Eric. Regras do jogo: fundamentos do design de jogos. São Paulo, SP: Blucher, 2012.
XAVIER, Guilherme. Condição Eletrolúdica: Cultura Visual nos Jogos Eletrônicos. Teresópolis: Novas Idéias, 2010.

Disciplina: FTA15230 - DESIGN INSTRUCIONAL

Ementa

Fundamentos cognitivos do ensino, aprendizagem e instrução. Abordagens do design instrucional. Tecnologias, meios e plataformas de instrução.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes tópicos:

Unidade I: Fundamentos

Conceituação de ensino, aprendizagem e instrução

Teorias cognitivistas, comportamentais e de terceira onda

Unidade II: Design Instrucional

Instrução Programada

Sistemas Personalizados de Ensino

Design Instrucional Contextualizado

Comunidades de Prática e Aprendizagem Situada

Bibliografia Básica

SKINNER, B. F. Tecnologia do ensino. São Paulo: Herder: Univ. São Paulo, 1972.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ANDERSON, John R. Psicologia cognitiva e suas implicações experimentais. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, c2004.

Bibliografia Complementar

CALLENDER, Patricia. Como preparar e utilizar a instrução programada. Rio de Janeiro: Fórum, 1973.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. Situated learning: legitimate peripheral participation. Cambridge, [Inglaterra]: New York: Cambridge University Press, 1991.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2005.

FILATRO, Andrea. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2007.

WENGER, Etienne. Communities of practice: learning, meaning, and identity. 1st ed. Cambridge, U.K.: New York, N.Y.: Cambridge University Press, 1998.

Disciplina: FTA15231 - DESIGN E ESPAÇO CONSTRUÍDO 1

Ementa

Design ambiental, sinalização e ambientação. Comunicação para orientação e compreensão do espaço. O espaço como superposição de imagens: imagem arquitetônica, imagem simbólica, imagem da memória, imagem da ação do homem. Implicações ambientais das escolhas projetuais.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Construção da imagem mental da cidade: limites naturais, marcos arquitetônicos
Macro e micro análise do espaço
Wayfinding: estratégias para deslocamento no espaço
Visão geral de materiais e processos produtivos
Desenvolvimento de projeto de sinalização

Bibliografia Básica

CALORI, Chris. Signage and wayfinding design: a complete guide to creating environmental graphic design systems. Hoboken, N.J.: J. Wiley & Sons, 2007
GIBSON, David. The wayfinding handbook: information design for public places. NY: Princeton Architectural Press, 2009.
PINHEIRO, M., GOMES, R. E. & RAMOS, M. R. S. Desenhe seu trajeto: visualização de dados sobre o uso do espaço e a participação de usuários no projeto de sinalização da Universidade Federal do Espírito Santo. Revista Brasileira de Design da Informação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 194 - 208, out. 2015. Disponível em: <http://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/394/231>

Bibliografia Complementar

MIJKSENAAR Paul. Visual function: an introduction to information design. New York: Princeton Architectural, 1997.
PINHEIRO, Mauro; FERREIRA, Vítor Angelo; RESENDE, Rodrigo; WANICK, Renato; SILVA, Elton Vinícius. Sinalização e ambientação da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. In: Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (P&D Design), 7., 2006, Curitiba. Disponível em: <<http://www.feiramoderna.net/2006/08/09/sinalizacao-prograd/>>.
UEBELE, Andreas. Signage systems & information graphics: a professional sourcebook. London: Thames & Hudson, 2009.
TUFTE, Edward R. Envisioning Information. Cheshire: Graphics Press, 1990.
VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook. Cincinnati, Ohio: How Books, 2008.

Disciplina: FTA15232 - DESIGN E ESPAÇO CONSTRUÍDO 2

Ementa

Sistematização e documentação de projetos de sinalização; especificações técnicas e documentação para produção; métodos e técnicas de prototipação rápida

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos

Análise e discussão de projetos de sinalização
Pesquisa sobre materiais e processos produtivos: identificação de possibilidades e restrições técnicas
Prototipação de elementos de sinalização: técnicas e processos
Teste de usabilidade em sistemas de sinalização
Manual de sinalização: análise e produção

Bibliografia Básica



CALORI, Chris. Signage and wayfinding design: a complete guide to creating environmental graphic design systems. Hoboken, N.J.: J. Wiley & Sons, 2007
 GIBSON, David. The wayfinding handbook: information design for public places. NY: Princeton Architectural Press, 2009.
 PINHEIRO, M., GOMES, R. E. & RAMOS, M. R. S. Desenhe seu trajeto: visualização de dados sobre o uso do espaço e a participação de usuários no projeto de sinalização da Universidade Federal do Espírito Santo. Revista Brasileira de Design da Informação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 194 - 208, out. 2015. Disponível em: <http://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/394/231>

Bibliografia Complementar

MIJKSENAAR Paul. Visual function: an introduction to information design. New York: Princeton Architectural, 1997.
 PINHEIRO, Mauro; FERREIRA, Vítor Angelo; RESENDE, Rodrigo; WANICK, Renato; SILVA, Elton Vinícius. Sinalização e ambientação da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. In: Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (P&D Design), 7., 2006, Curitiba. Disponível em: <http://www.feiramoderna.net/2006/08/09/sinalizacao-prograd/>.
 UEBELE, Andreas. Signage systems & information graphics: a professional sourcebook. London: Thames & Hudson, 2009.
 TUFTE, Edward R. Envisioning Information. Cheshire: Graphics Press, 1990.
 VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook. Cincinnati, Ohio: How Books, 2008.

Disciplina: FTA15233 - DESIGN E ESPAÇO CONSTRUÍDO 3

Ementa

Design de exposições; projetos narrativos em espaços de circulação; interseções entre design gráfico e cenografia; recursos interativos; técnicas e materiais

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

- Narrativas no espaço
- Percurso, discurso e deriva
- Organizando o espaço
- Seleção e organização de material: critérios, possibilidades estéticas e narrativas
- Design gráfico ambiental
- Iluminação, suportes, objetos cênicos
- recursos interativos e ambientes inteligentes

Bibliografia Básica

CALORI, Chris. Signage and wayfinding design: a complete guide to creating environmental graphic design systems. Hoboken, N.J.: J. Wiley & Sons, 2007
 GIBSON, David. The wayfinding handbook: information design for public places. NY: Princeton Architectural Press, 2009.
 PINHEIRO, M., GOMES, R. E. & RAMOS, M. R. S. Desenhe seu trajeto: visualização de dados sobre o uso do espaço e a participação de usuários no projeto de sinalização da Universidade Federal do Espírito Santo. Revista Brasileira de Design da Informação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 194 - 208, out. 2015. Disponível em: <http://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/394/231>

Bibliografia Complementar

HUGHES, Philip. Exhibition design. London: Laurence King, 2010.
 LORENC, Jan; SKOLNICK, Lee; BERGER, Craig. What is exhibition design? Mies: RotoVision, 2007.
 LOCKER, Pam. Exhibition design. Lausanne: AVA Publishing, 2011.
 UEBELE, Andreas. Signage systems & information graphics: a professional sourcebook. London: Thames & Hudson, 2009.
 TUFTE, Edward R. Envisioning Information. Cheshire: Graphics Press, 1990.



VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook. Cincinnati, Ohio: How Books, 2008.

Disciplina: FTA15234 - VISUALIZAÇÃO DE DADOS

Ementa

Visualização de dados através de computação gráfica. Tipologias de gráficos. Mineração de dados. Integração com bases de dados. Programação orientada a objeto, classes e vetores.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Visualização de dados: definições, aplicações, ferramentas
Arrays e estruturas de controle
Programação orientada a objeto
Desenvolvimento de gráficos a partir de bases de dados

Bibliografia Básica

CARDOSO, Rafael. Design para um mundo complexo. São Paulo: CosacNaify, 2011.
GOMES FILHO, João. Gestalt do Objeto: Sistema e leitura visual da forma. 8a. ed. São Paulo: Escrituras, 2008.
VISOCKY O'GRADY, Jennifer; VISOCKY O'GRADY, Kenneth. The information design handbook. Cincinnati, Ohio: How Books, 2008.

Bibliografia Complementar

CAIRO, Alberto. Infografía 2.0: visualización interactiva de información en prensa. Madrid: Alamut, 2008.
DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
MIJKSENAAR, P. Visual function: An Introduction to Information Design. New York: Princeton Architectural, 1997.
HELLER, Steven. Nigel Holmes: On Information Design. New York: Jorge Pinto Books, 2006.
TUFTE, Edward R. Envisioning Information. Cheshire: Graphics Press, 1990.

Disciplina: FTA15235 - DESIGN EM APL I

Ementa

Definição e características de aglomerações regionais de empreendimentos. Abordagens do design participativo e inovação social.

Objetivos

Tipologia das aglomerações regionais de empresas: arranjos produtivos, clusters, sistemas de inovação, incubadoras e parques tecnológicos. Design, economia criativa, indústria criativa e economia solidária Abordagens do Design Participativo: Victor Papanek, Christopher Alexander, PUC-Rio, Rede DESIS

Bibliografia Básica

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.
SCHUMPETER, Joseph Alois. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. 3a ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.
MARSHALL, Alfred. Princípios de economia: tratado introdutorio. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

Bibliografia Complementar

SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Perseu Abramo, 2014.
BRASIL. Ministério da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações : 2011 a 2014. 2. ed., rev. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2012.
RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (Org.) et al. Modernidade e modernização no Espírito Santo. Vitória, ES: EDUFES, 2015.



USINA DE IMAGEM. Atlas do folclore capixaba. Vitória, ES: SECULT: SEBRAE, 2009.
BORGES, Adélia. Design + artesanato: o caminho brasileiro. São Paulo, SP: Terceiro Nome, 2011.
ALEXANDER, Christopher. Urbanismo y participación: el caso de la Universidad de Oregón. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

Disciplina: FTA15236 - DESIGN EM APL II

Ementa

Aplicação prática de métodos e técnicas de design participativo em arranjos produtivos locais.

Objetivos

Design e desenvolvimento regional: identidade, território Métodos de design participativo em aglomerações de empreendimentos: Desenho Coletivo, Design Thinking, Design Centrado no Ser Humano, Design de Serviços.

Bibliografia Básica

Brown, T. (2010). Design thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2010.
Manzini, E. (2008). Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers.
SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Bibliografia Complementar

MARTIN, Roger L. Design de negócios: por que o design thinking se tornará a próxima vantagem competitiva dos negócios e como se beneficiar disso. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
Pacheco, H.S., e Toledo, G. (2014). A sparkle in people's eyes. 8th Conference of the International Committee for Design History & Design Studies, Blucher Design Proceedings, Volume 1, 2014, pp.67-70.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. -. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
Prezzotto, L. (2002). Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte. Revista de Ciências Humanas, n.31, p. 133-153, 2002.
_____. Qualidade ampla: referência para a pequena agroindústria rural inserida numa proposta de desenvolvimento regional descentralizado. In LIMA, Dalmo M. de Albuquerque e WILKINSON, John (Org.) Inovações nas tradições da agricultura familiar. Brasília: CNPq/Paralelo 15, 2002b. P 285-300.
ALEXANDER, Christopher. Urbanismo y participación: el caso de la Universidad de Oregón. 2. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.
Krucken, Lia. (2009). Design e território: valorização de identidade e produtos locais. São Paulo: Sebrae.

Disciplina: FTA15237 - DESIGN E INOVAÇÃO

Ementa

Conceitos de Inovação. Tipos de Inovação. Modelos de articulação entre Governo, Academia e Iniciativa Privada para fomento à Inovação intensiva em Design. Estudos de caso de Inovação em Design no Brasil.

Objetivos

Apresentar aos alunos os seguintes elementos:

Conceituação de Inovação e Inovação em Design
Tipos de inovação
Modelo Hélice Tríplice
Sistemas Nacionais de Inovação
Sistemas Nacionais de Design
Estudos de caso

Bibliografia Básica

MANZINI, E. (2008). Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers.
RIBEIRO, Luiz Cláudio M. (Org.) et al. Modernidade e modernização no Espírito Santo. Vitória, ES: EDUFES, 2015.
Trajetórias da inovação: a mudança tecnológica nos Estados Unidos da América no Século XX. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2005.

Bibliografia Complementar

KELLEY, T; LITTMAN, J. As 10 faces da inovação: estratégias para turbinar a criatividade. RJ: Elsevier, 2007.
Dagnino, R. (2003). A Relação Universidade-Empresa e o 'Argumento da Hélice Tripla'. Revista Brasileira de Inovação, 2(2), 267-307.
Fitzgerald, E., Wankerl, A., Schramm, K. (2013). Inside real innovation. New Jersey: World Scientific.
Freeman, C. (1995). 'The National System of Innovation' in Historical Perspective. Cambridge Journal of Economics, 19(1), 5-24.
Raulik-Murphy, G., and Cawood, G. (2009). National Design Systems - a tool for policy-making. Research Seminar - Creative industries and regional policies: making place and giving space, 23-24 September, University of Birmingham, UK.
Schumpeter, J. A. (1947). The Creative Response in Economic History. Journal of Economic History, v.7, n.2, p. 149-159.

Disciplina: FTA15238 - VITRINISMO

Ementa

Criação de vitrines para lojas comerciais. Análise de elementos utilizados em vitrines existentes na região. Estabelecimentos de relações entre os aspectos culturais e mercadológicos no desenvolvimento de vitrines. Introdução ao visual merchandising. Experimentação de técnicas de cenografia utilizáveis em vitrines. Compreensão das etapas de pesquisa envolvidas no projeto de vitrines para o varejo.

Objetivos

Habilitar o aluno a projetar vitrines para lojas de vendas em varejo tendo como base os fundamentos do design e assim relacionar as expectativas dos clientes ao propósito da marca e seus produtos.

Bibliografia Básica

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. Novos fundamentos do design. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2008.
MANTOVANI, Anna. Cenografia. São Paulo: Ática, 1989. 96 p.
OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1977. 186 p.

Bibliografia Complementar

- AGUIAR, Titta. Personal stylist: guia para consultores de imagem. 4. ed. rev. São Paulo: Ed. SENAC, 2006. 258 p
- AMIEL, Vincent. Estética da montagem. Lisboa: Texto & Grafia, 2010. 136 p.
- BARTHES, Roland. Inéditos: Vol. 3 - Imagem e moda. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005.
- BLESSA, Regina. Merchandising no ponto-de-venda. 2. ed. - São Paulo: Atlas, 2003. 206 p.
- CRANE, Diana. Ensaios sobre moda, arte e globalização cultural. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2011. 270 p.
- GARCIA, Sueli. Arquitetura do espaço cenográfico: cinema e ficção científica. São Paulo: Blücher, 2011. 152 p
- HERNÁNDEZ ALFONSO, José Luis (Coord.). Moda no Brasil: criadores contemporâneos e memórias. São Paulo, SP: FAAP, 2012. 173 p.
- JONES, Sue Jenkyn. Fashion design: o manual do estilista. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 294 p.
- MACHADO, Ludmila Ayres. Design e linguagem cinematográfica: narrativa visual e projeto: como o design se insere no projeto visual do universo fílmico. São Paulo: Blucher, 2011. 136 p.
- MICHETTI, Miqueli. Moda Brasileira e Mundialização. São Paulo: Annablume, 2014. 284 p.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de. Vitruvianas: acidentes estéticos na cotidianidade. São Paulo: EDUC, 1997. 181 p
- PASSOS, Helio de Oliveira. Lojas & vitruvianas: decoração. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1979. 112p.
- ROCHE, Daniel. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII - XVIII). São Paulo, SP: Ed. SENAC, 2007. 526 p.
- SERRONI, J. C. (Serroni, J. C.). Oficina arquitetura cênica = Taller arquitectura escénica. 5. ed. Rio de Janeiro: Funarte, Centro Técnico de Artes Cênicas, 2009. 109 p.
- TRANCOSO, Adriana Teixeira; SANT'ANNA, Sérgio Robert de. A vitruvina como instrumento de mediação da relação entre empresas e consumidores. 2007. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas VINCENT-RICARD, Françoise. As espirais da moda. 2. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, c1987.

Disciplina: FTA15239 - FOTOGRAFIA PARA MODA**Ementa**

Estudo de história da fotografia na moda. Compreensão dos diferentes usos da fotografia na moda: editoriais, lookbooks, jornalismo, ensaio e campanha. Reflexão sobre o conceito da coleção e storytelling associados à produção de moda. Experimentação de composição aplicada a fotografia de moda considerando seus principais elementos: modelo, vestimenta, pose, cenário e iluminação. Introdução às ferramentas para pós-produção/edição de fotografia de moda por meio de softwares.

Objetivos

Analisar de forma crítica as representações fotográficas de produtos de moda e explorar possibilidades de produção de ensaios fotográficos temáticos que atendam às empresas da cadeia da moda.

Bibliografia Básica

- ABRAMO, Cláudio Weber; NAGIB, Lucia (Texto). Curso completo de fotografia. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora, 1981. 2 v.
- JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- NOBLE, Ian; BESTLEY, Russell. Pesquisa Visual: introdução às metodologias de pesquisa em design gráfico. 2ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2013.

Bibliografia Complementar

- AGUIAR, Titta. Personal stylist: guia para consultores de imagem. 4. ed. rev. São Paulo: Ed. SENAC, 2006. 258 p
- BARTHES, Roland. O sistema da moda. São Paulo: Martins Fontes, 1967. 364p.
- BAXTER, Mike. Projeto de produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos. São Paulo: E. Blücher, 1998. 261 p.



- CRANE, Diana. Ensaios sobre moda, arte e globalização cultural. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2011. 270 p.
- FEININGER, Andreas. Curso Feininger de aperfeiçoamento em fotografia. Rio de Janeiro: Tecnoprint, c1985. 144p.
- GUERRA, Lisette. Retrato de modelo. Porto Alegre: L&PM, [199-?]. 287 p.
- HEDGECOE, John. Curso de fotografia: o manual mais prático para fotografar melhor. 10. ed. il. - São Paulo: Círculo do Livro, c1983. 208 p.
- HERNÁNDEZ ALFONSO, José Luis (Coord.). Moda no Brasil: criadores contemporâneos e memórias. São Paulo, SP: FAAP, 2012. 173 p.
- JONES, Sue Jenkyn. Fashion design: manual do estilista. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2005. 240 p.
- KOHLER, Karl; SICHART, Emma von. História do vestuário. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 564p.
- MARIEN, Mary Warner. 100 ideias que mudaram a fotografia. São Paulo: Rosari, 2012. 216 p
- RENFREW, Elinor; RENFREW, Colin. Desenvolvendo uma coleção. Porto Alegre: Bookman, 2010. 167 p.
- VINCENT-RICARD, Françoise. As espirais da moda. 2. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, c1987.

Disciplina: FTA15240 - ESTAMPARIA

Ementa

Contextualização do design para superfícies têxteis em sua evolução histórica. Conhecimento das características principais dos suportes têxteis, seus processos produtivos e acabamentos. Experimentação de recursos técnicos e artesanais de produção para estamparia. Análise de estampas com revisão conceitos de design gráfico aplicáveis ao desenvolvimento de padronagens. Estudo do uso das cores aplicadas à moda e seus coordenados. Representação técnica e processos criativos para produção de estampas em tecidos.

Objetivos

Habilitar os alunos a desenvolverem estampas em vários tipos de superfícies têxteis relacionando seus projetos aos processos produtivos desde a interpretação da demanda até a representação técnica.

Bibliografia Básica

- CIRILLO, José. Artes da fibra. Vitória, ES: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010. 124 [1] p.
- FREITAS, Renata Oliveira Teixeira de. Design de superfície: ações comunicacionais táteis nos processos de criação: conheça as possibilidades projetuais desta especialidade do design. São Paulo: Blücher, 2011. 105 p. (Coleção pensando o design)
- RUBIM, Renata. Desenhando a superfície: + considerações além da superfície. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Rosari, 2013. 111 p. (Textos design)

Bibliografia Complementar

- AGUIAR NETO, Pedro Pita. Fibras têxteis. Rio de Janeiro: SENAI-CETIQT, 1996. 2v.
- ARAÚJO, Mário de. Tecnologia do vestuário. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. 455 p. (Manuais universitários) ISBN 9723107066 (broch.)
- ERHARDT, Theodor. Curso técnico têxtil: física e química aplicada, fibras têxteis, tecnologia. São Paulo: E.P.U., c1975. 3v.
- GRIFFIN, Heather; HONE, Margaret. Introduction to Batik. Kent [England]: Search Press, 1989. 48 p.
- HARRIES, Nancy Garrison. Materiais têxteis: curso técnico programado. São Paulo: EPU, 1976. v.1
- HERNÁNDEZ ALFONSO, José Luis (Coord.). Moda no Brasil: criadores contemporâneos e memórias. São Paulo, SP: FAAP, 2012. 173 p.
- HORNUNG, Helena. Tecidos estampados. Lisboa: Presença, 1976. 32 p.
- JONES, Sue Jenkyn. Fashion design: manual do estilista. São Paulo, SP: Cosac & Naify, 2005. 240 p.
- KENTDOY, M. Dibujo textil. Barcelona: LEDA, 1968.
- KOHLER, Karl; SICHART, Emma von. História do vestuário. São Paulo: Martins Fontes, 1993.



564p.

LAYER, James. A roupa e a moda: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 285 p. ISBN 9788571640863 (broch.).

LUPTON, Ellen; LUPTON, Julia Reinhard. Eu que fiz. São Paulo, SP: CosacNaify, 2008. 151 p.

PARRY, Linda. Textiles of the arts and crafts movement. London, England: Thames and Hudson, 1988. 160 p. ISBN 9780500274972 (broch.).

RENFREW, Elinor; RENFREW, Colin. Desenvolvendo uma coleção. Porto Alegre: Bookman, 2010. 167 p.

SANDTNER, Hilda. Iniciação a tecelagem. Lisboa: Presença, 1979. 31 p. AFONSO, Esmeralda Tomaz. Curso de têxteis. Viçosa, MG: Imprensa Universitária, 1969.

PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO

A existência do Curso de Design/Desenho Industrial desencadeou a implantação de núcleos e laboratórios, os quais oferecem oportunidades para o exercício da prática profissional, da pesquisa e da extensão, muitas das quais mantidas com bolsas para garantir aos estudantes as melhores condições para sua formação.

Tais espaços são organicamente alinhados com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), especialmente com o disposto no Artigo 43, item VII: “a educação superior tem por finalidade (...) promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição”. Também estão alinhados com as diretrizes da Política Nacional de Extensão Universitária, que tem entre seus objetivos “reafirmar a Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade (...); contribuir para que a Extensão Universitária seja parte da solução dos grandes problemas sociais do País; (...) estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade; (...) estimular atividades de Extensão cujo desenvolvimento implique relações multi, inter e ou transdisciplinares e interprofissionais de setores da Universidade e da sociedade; (...) possibilitar novos meios e processos de produção, inovação e disponibilização de conhecimentos (...); priorizar práticas voltadas para o atendimento de necessidades sociais.”

Por fim, tais empreendimentos estão alinhados com a Resolução CNE/CES n. 7, de 18 de dezembro de 2018, que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, que estabelece a concepção das atividades de extensão, as diretrizes conceituais e institucionais para sua elaboração, implantação, registro e avaliação, e os percentuais para seu cumprimento, em termos de carga horária da formação dos estudantes universitários.

Conforme detalhamento já fornecido na seção “Concepção da Organização Curricular”, o Departamento de Desenho Industrial idealizou um conjunto de quatro disciplinas (Projetos Integrados à Comunidade 1, 2 3 e 4), cujas atividades e carga horária serão realizadas obrigatória e integralmente junto à comunidade externa, ou a ela direcionada. O cumprimento de tais disciplinas equivale à 240 horas em atividades de extensão, o que atende ao disposto na Resolução CNE/CES n. 7, de 18 de dezembro de 2018, especialmente em seu artigo 4o, onde se lê que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos”.

Dentre os núcleos e laboratórios implantados no âmbito do curso de Design, destaca-se o Loop (Laboratório e Observatório de Ontologias Projetuais), que pesquisa e documenta práticas diversas de projeto desde 2014, visando discutir a gênese, estrutura e função dos conhecimentos envolvidos no ato projetual. Já envolveu cerca de 40 estudantes em projetos de ensino, pesquisa e extensão, em parceria com agroindústrias familiares, artesãos, micro e pequenos negócios, grupos de pesquisa da Ufes e do Instituto Federal do Espírito Santo. Dentre os projetos mais relevantes realizados pelo Loop, destacam-se a Imersão em Design e os aplicativos para dispositivos móveis CuidarTech Neo e CuidarTech Amamenta, premiados nacionalmente.

O Laboratório de Design Instrucional (LDI) é responsável, desde 2008, pela produção de materiais de apoio aos cursos EaD da universidade, e é coordenado por professores do curso de Design. Os projetos são elaborados em parceria com professores conteudistas e envolvem o design de livros didáticos, produção audiovisual e objetos multimídia. Além disso, também são desenvolvidas atividades complementares de apoio didático, como infográficos, ilustrações, fotografias e interfaces gráficas digitais (ldi.eadufes.org). O LDI já desenvolveu 306 livros didáticos, entre impressos e digitais, 222 produções audiovisuais e 36 projetos web para os diversos cursos de graduação e especialização em EAD da Ufes, além de jogos e outros objetos



interativos. A equipe de produção do laboratório é formada por 15 estagiários, sendo a grande maioria alunos dos cursos de Design e Desenho Industrial. Cada aluno assume uma função específica, atuando como gerentes, diagramadores, ilustradores ou produtores multimídia.

O Prodesign, implantado em 2013, é um laboratório responsável por realizar os projetos da sinalização dos quatro campi da UFES e do aplicativo de localização MapaUfes utilizando recursos de acessibilidade digital, e também o desenvolvimento de nova identidade visual para a UFES incluindo uma nova família tipográfica (UFES Sans).

O Laboratório de Tecnologias de Apoio a Redes de Inovação (LabTAR) (labtar.ufes.br), fundado em 2010, é um ambiente multidisciplinar que reúne professores, alunos e ex-alunos de Engenharia de Produção, Design e Desenho Industrial, Informática e Comunicação Social da Ufes (e outros interessados em participar), que visam gerar e difundir conhecimentos e tecnologias de inovação responsável baseada na cocriação com os usuários. No LabTAR são realizados Trabalhos de Conclusão de Curso e de Iniciação Científica, com foco no estudo de Empreendimentos para promoção do Bem-estar Sustentável, no Design Social, e em metodologias e ferramentas de Inovação Sistemática, que incluem a Teoria para Resolução de Problemas Inventivos. A outra vertente de ação do LabTAR é na aplicação prática dos conhecimentos à inovação com participação do usuário em projetos junto a empresas e ONGs. O LabTAR é membro da Rede InovaTE para promoção da criatividade e da inovação focada em transformar o mundo, transformando pessoas.

O Laboratório de Design: História e Tipografia (LadHT) (www.ladht.com), atua desde 2009 na pesquisa de acervos das principais bibliotecas públicas do Estado. Foi fundado como Núcleo de Identidade Gráfica Capixaba (Nigráfica), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (Fapes), com o objetivo de levantar e analisar impressos produzidos no Espírito Santo, construindo um arcabouço teórico sobre a história do design capixaba. Em 2012, o grupo foi remodelado e rebatizado para Laboratório de Design: História e Tipografia (LadHT) para que sua atuação pudesse ser mais abrangente, passando a abarcar análises comparativas com acervos de outros Estados e abranger todo tipo de produção gráfica que represente a cultural material em determinado contexto. Os periódicos já pesquisados pelo laboratório são: revista Vida Capixaba (1923-1957), Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (1917-atual), revista Capixaba (1967-1971), revista Chanaan (1936-1939), revista Bonde Circular (1933-1934), jornal E.T.V. (1943-1962) e jornal Posição (1976-1979). Os projetos relacionados às pesquisas sobre a tecnologia gráfica capixaba focaram nos estudos sobre a Oficina de Tipografia e Encadernação do IFES (1942 e 1964), Departamento de Imprensa Oficial (1890-atual) e Gráfica Santo Antônio - GSA (1969-atual). Os resultados do trabalho do laboratório podem ser vistos na revista tipo&grafia, em projetos de exposição, promoção de seminários e palestras, vídeo sobre o projeto gráfico e catálogo de tipografia e ornamentos usados na RVC.

O Núcleo de Imagem, Produção e Pesquisa (NIPP) iniciou suas atividades em 1997, e tem como linha de atuação experimentações realizadas no âmbito da Estética e Semiótica, bem como no da Arte e Tecnologia. O núcleo é composto por professores e alunos voluntários.

O núcleo almeja contribuir para o desenvolvimento de atividades e projetos de pesquisa e extensão em imagem, que visem uma conexão entre pesquisa, produção e ensino para o Departamento de Desenho Industrial e o Centro de Artes em geral, dentro de um Programa de Arte e Tecnologia, numa perspectiva interdisciplinar, tendo como meta final subsidiar o fortalecimento desta linha em Curso de Especialização como primeira etapa para a implantação de uma pós-graduação strictu sensus.

Entre as realizações do NIPP temos: criação do CD UFES 45 anos (1997), desenvolvimento da marca da TV UFES (2001), Projeto gráfico da Revista Farol - Revista de Pesquisa do CAR (2001), desenvolvimento do site e CD Espírito Santo Turismo (2001), pesquisas de mestrado e doutorado de seus professores pesquisadores membros do núcleo em 2005, desenvolvimento do site do CAR (2007), desenvolvimento da marca do CT (Centro Tecnológico da UFES- 2008), redesign do site do CT (2008), desenvolvimento do Portal da UFES (2009), organização do SIMPEX (Simpósio de Pesquisa e Extensão do CAR - 2011), grupo de estudo em Semiótica aplicada ao Design, em 2017/2018, entre outros.



Por fim, a Materiológica -- Materioteca do Centro de Artes -- é o laboratório de implantação mais recente, idealizado e regulamentado entre os anos de 2018 e 2019. Tem como objetivo geral viabilizar, desenvolver e incentivar projetos de ensino, pesquisa e extensão por meio de estudos teóricos e atividades práticas que abordem os conhecimentos e possibilidades concernentes à área de produtos, materiais e suas tecnologias. Dentre seus objetivos específicos, contam: desenvolver, gerir e acessibilizar acervo de materiais e produtos; estabelecer parcerias e base de contatos com a comunidade para viabilizar formação e capacitação técnica para alunos, pesquisadores, professores e profissionais, visando o estabelecimento de relação direta entre mercado e universidade; desenvolver atividades laboratoriais e pesquisas que visem fomentar a criatividade, inovação e a prototipagem de ideias, por meio do acesso a equipamentos, produtos, materiais e conhecimento, estimulando a experimentação, a troca e o conhecimento transdisciplinar. Os alunos participarão dos projetos da Materioteca mediante inscrição em editais de pesquisa, extensão e Atividades Complementares elaborados e divulgados pelas docentes integrantes do laboratório.

No conjunto, tais laboratórios e núcleos oferecem múltiplas oportunidades de atuação ao alunado, sempre pautadas pelas legislações correspondentes.

AUTO AVALIAÇÃO DO CURSO

Conforme já esclarecido nos trechos finais da seção “Contextualização” deste PPC, o presente projeto pedagógico resulta de um processo de intenso debate no âmbito dos professores, bem como junto ao alunado. Tal processo ensejou a revisão crítica sobre as versões anteriores do Projeto Pedagógico em questão (PPCs de 1998 e 2015), no decorrer do qual foram levantados os aspectos problemáticos que foram reformulados na matriz curricular que integra este PPC.

O início do processo de revisão crítica aqui descrito remonta a meados da primeira década dos anos 2000, pois desde então alguns integrantes dos corpos docente e discente já vinham identificando as fragilidades enumeradas acima. Ocorre que tais impressões foram, em princípio, expressas por vozes individuais, e sistematizadas de maneira parcial e isolada, não incidindo, de imediato, no encaminhamento de uma atualização curricular plena, em termos institucionais, mas sim nas atualizações pontuais já descritas na seção “Contextualização”, especialmente na criação de disciplinas optativas.

O ano de 2012 foi marcado por evento significativo para o processo: o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), o qual não teve adesão de parte dos estudantes convocados, resultando em avaliação insuficiente para o curso, então denominado Desenho Industrial. Por tal razão, o MEC solicitou providências à Ufes, por meio do protocolo e-MEC nº 20136091, o qual foi de origem, em 2013, ao “Plano de Atualização Curricular, Melhorias Acadêmicas, Melhorias Infraestruturais e Acompanhamento de Egressos”, elaborado pelo NDE, que havia sido constituído recentemente.

Naquele momento, já havia um Projeto Pedagógico de Curso sendo analisado pelas instâncias superiores da Ufes, que havia sido protocolado no ano de 2008, pelo então coordenador de curso, sem que houvesse sido ainda implantado. Ao avaliar o andamento do PPC encaminhado em 2008, o NDE decidiu solicitar a alteração de nome do curso de “Desenho Industrial” para “Design”, obtendo homologação pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão em 01/07/2014, por meio da Resolução 22/2014. O PPC que havia sido protocolado em 2008, e que ainda não havia sido aprovado pelas instâncias superiores, foi homologado meses depois, passando a ser ofertado com a nova denominação “Design” a partir de 2015.1.

O “Plano de Atualização Curricular, Melhorias Acadêmicas, Melhorias Infraestruturais e Acompanhamento de Egressos”, elaborado pelo NDE em 2013, passou a ser colocado em prática pelo referido Núcleo, o qual passou a apresentar, no contexto do Departamento de Desenho Industrial, suas propostas parciais para uma nova matriz curricular, processo cujos registros constam das atas departamentais: em 15/2015 há o registro da primeira proposta do NDE para a estruturação curricular, com a divisão disciplinar em dois blocos: Ciclo Básico e Ciclo de disciplinas de Projeto. Já em 02/2016 há o registro da primeira deliberação a respeito do PPC, em termos de carga horária e das feições curriculares gerais. Ao longo do tempo, as propostas iniciais sofreram modificações no decorrer das reuniões departamentais do DDI (que sempre contaram a presença de todos os integrantes do NDE, posto que todos são integrantes do DDI); ao longo do processo, o corpo docente amadureceu a proposta curricular, adequando-a à legislação e às condições concretas de oferta.

Enquanto tal processo se desenrolava, em junho de 2015 deu-se a visita da Comissão de Especialistas do Ministério da Educação (composta pelos professores Carlos Gustavo Martins Hoelzel e Francisco de Alencar). A avaliação in loco realizada pelos especialistas, que incidiu sobre os PPCs de 1998 e 2015 (o qual havia sido proposto em 2008), resultou no Relatório de Avaliação da Comissão, o qual garantiu a Renovação de Reconhecimento do Curso, com o conceito “suficiente” e nota três, tal como consta da Portaria No. 934, publicada no Diário Oficial da União pelo Secretário de Regulação e Supervisão da Educação Superior em 25 de agosto de 2017.

No que diz respeito ao trabalho dos avaliadores, o Relatório resultante forneceu elementos que

confirmaram as análises que estavam então sendo amadurecidas pelo NDE e apresentadas aos docentes do Departamento de Desenho Industrial. Alguns aspectos do Relatório de Avaliação da Comissão foram particularmente significativos para a continuidade da elaboração do presente Projeto Pedagógico de Curso apresentado, os quais correspondem aos trechos transcritos abaixo, que contêm as análises da Comissão de Especialistas:

1. ESTRUTURA CURRICULAR - “(...) o curso ainda não apresenta, explicitamente, em seu projeto pedagógico, uma estratégia curricular integralizadora que especifique o modelo de articulação entre disciplinas e conteúdos e conseqüentemente, da consolidação de sua diferenciação e identidade regional formativa, junto aos eixos referenciais estabelecidos ao longo do curso.”

2. RELAÇÃO DO PPC COM O CONTEXTO SÓCIO-ECONÔMICO - “O PPC contempla de forma insuficiente a interação com as demandas efetivas de natureza econômica e social.”

3. POLÍTICAS INSTITUCIONAIS PARA O ENSINO - “(...) Já especificamente quanto às políticas de ensino, a própria renovação curricular apresenta problemas de origem pois o início do processo para o currículo implementado em 2015 foi em 2008 e concluído somente em 2014.”

4. COERÊNCIA ENTRE O PPC E O PERFIL DO EGRESSO - “Nos objetivos do curso o direcionamento das expectativas são quanto a uma formação geral de design (...) Porém o perfil do profissional, no PPC foca para o egresso um direcionamento na definição de design gráfico iniciando a argumentação pela definição dessa especialidade, na qual, de fato se formam os discentes.”

5. RETENÇÃO - “A estrutura curricular permitiu ao longo do tempo um alto índice de represamento. Neste sentido alguns aspectos foram levantados: alunos necessitam aguardar vagas para projeto de graduação com os professores que consideram aceitáveis para um bom trabalho (relato de discentes), os quais têm grande demanda de orientação; falta de relação efetiva de interdisciplinaridade por incompreensão da formação do designer, por parte de professores de outros departamentos ou de outra formação, o que leva o discente a evitar essas disciplinas; desarticulação da teoria e prática; inexistência de disciplina atribuída a conteúdo de pesquisa, fazendo com que os tempos de Projeto de Graduação I e II não sejam suficientes para desenvolvimento completo de um trabalho, levando o orientando a repetir PG II. De modo geral e sistêmico, o PPC não é claro quanto às suas estratégias didático pedagógicas para efetivação do currículo, porém o aumento da complexidade de projeto ao longo do desenvolvimento dos períodos, é uma práxis efetivamente identificada.”

6. INADEQUAÇÃO DA MATRIZ CURRICULAR - “Os conteúdos curriculares destinados ao desenvolvimento profissional apresentam necessidade de atualização e organização. (...) Quanto ao elenco de disciplinas oferecidas, há um grande número de optativas apontando para a fragilidade de conteúdos nas disciplinas obrigatórias, e também, uma inconsistência da proposta curricular.”

7. ATUAÇÃO DO NDE - “O NDE do curso de Design é formado por cinco (5) docentes, incluindo o coordenador do curso. Está devidamente implantado tendo suas reuniões com regularidade gestando a preparação de mudanças necessárias no PPC. O NDE entretanto necessita aprimorar a sua atuação, prioritariamente para a análise e reflexão do projeto pedagógico do curso em seus desdobramentos práticos formativos inovadores que potencializem uma identidade e características próprias.” Conforme já explicitado acima, as críticas da Comissão de Especialistas do Ministério da Educação forneceram elementos para que o NDE e a Coordenação de Curso viessem a finalizar o Projeto Pedagógico aqui apresentado.

ACOMPANHAMENTO E APOIO AO ESTUDANTE

O acompanhamento e apoio aos estudantes da Ufes é realizado por vários de seus organismos internos. No âmbito institucional geral, tais apoios são prestados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania -- criada em 2014 --, pela Pró-reitoria de Graduação -- por meio de sua Divisão de Acompanhamento Acadêmico --, e pela Ouvidoria da universidade. No âmbito específico do curso, o acompanhamento é prestado pela Coordenação de Curso, que conta com as figuras do Coordenador e Subcoordenador, e também com o secretariado da Secretaria Integrada dos Cursos de Graduação do Centro de Artes, cujas atuações serão descritas na seção "Administração Acadêmica".

No âmbito da Coordenação de Curso, a atuação se dá pelo atendimento rotineiro às dúvidas do alunado, por meio de plantão semanal de atendimento, envio de comunicados a respeito de rotinas administrativas e por meio do site design.ufes.br. Merece destaque o Acompanhamento do Desempenho Acadêmico (ADA), o qual é normatizado pela Resolução 68/2017-CEPE/Ufes, e prevê atendimentos especiais e personalizados aos estudantes, visando o estabelecimento do Plano de Acompanhamento de Estudos (PAE), ou do Plano de Integralização Curricular (PIC). Tais planos dizem respeito ao cumprimento das rotinas acadêmicas, com vistas a "prevenir o desligamento dos estudantes, por meio de um acompanhamento efetivo do processo de ensino e aprendizagem, ainda em tempo de evitar a retenção e a evasão nos cursos, sobretudo aquelas motivadas pela reprovação consecutiva em disciplinas" (artigo 4o da Resolução 68/2017-CEPE/Ufes).

Já a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania é um organismo destinado à execução das políticas de reserva de vagas (sistema de cotas), de assistência estudantil, de inclusão de estudantes portadores de deficiências, implementação das políticas relativas à garantia dos Direitos Humanos, objetivando a ampliação do acesso e o fortalecimento da permanência nos cursos de graduação da universidade. Suas ações são baseadas nos princípios da gratuidade, subsidiariedade e solidariedade na geração, distribuição e administração dos recursos, de modo a potencializar o acesso a oportunidades, direitos e serviços internos e externos da universidade. Elas estão alinhadas com o Programa Nacional de Assistência Estudantil, cujos princípios norteadores são os seguintes: a) compromisso com a qualidade de educação, conhecimento, inovação e cidadania; b) democratização das condições para o acesso, permanência e conclusão de cursos de graduação presenciais; c) liberdade de pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; d) orientação humanista e preparação para o exercício pleno da cidadania; e) defesa da justiça social e eliminação de todas as formas de preconceito; f) a assistência estudantil reconhecida como dever do Estado e como direito dos estudantes que comprovem situação de vulnerabilidade socioeconômica segundo critérios adotados pela Instituição.

Os programas mantidos pela Proaeci visam, concretamente, contribuir para o acesso aos direitos essenciais de alimentação, moradia e transporte, promover ações de caráter psicossocial, proporcionar condições de acesso e permanência na perspectiva da inclusão social e democratização do ensino e analisar, planejar e promover ações que visem à redução dos índices de evasão e retenção universitária, quando motivadas por fatores socioeconômicos. Os apoios prestados aos estudantes dizem respeito ao Auxílio moradia (apoio financeiro para atender aos estudantes nas despesas com moradia), Auxílio transporte (auxílio financeiro para compra do passe escolar), Auxílio alimentação (concessão de descontos no valor da refeição nos Restaurantes Universitários), Auxílio material de consumo (apoio financeiro para aquisição de material de uso didático exigido no curso de graduação) e Auxílio educação infantil (recurso financeiro destinado a custear parte das despesas com creche, pré-escola de filhos/as de estudantes da universidade).

Já a Pró-Reitoria de Graduação atua na coordenação da execução de políticas da universidade no que se refere ao suporte técnico-pedagógico às unidades acadêmicas, o apoio ao estudante e o registro e controle acadêmico do ensino de graduação. No que diz respeito especificamente

ao apoio ao estudante, destaca-se a atuação do Departamento de Acompanhamento Acadêmico (DAA), que mantém uma série de programas e iniciativas afins. Dentre tais atuações, destaca-se o Programa Pró-Ensino, que tem como proposta intervir diretamente no problema da retenção, desligamento e evasão nos cursos de graduação da universidade; desencadear um processo de inovação da prática pedagógica, propiciando uma reflexão crítica das questões de ensino-aprendizagem, indicando meios para sua reformulação e desenvolvimento; estabelecer projetos específicos de investigação e intervenção nos cursos com alta taxa de retenção e evasão; estabelecer projetos específicos de inovação pedagógica, que possa ser referência aos diferentes cursos de graduação; estimular o intercâmbio de estudantes e professores dos diferentes cursos de graduação às práticas multidisciplinares no âmbito institucional; produzir material didático-pedagógico de apoio às disciplinas dos cursos de graduação com problemas de retenção, evasão e desligamentos; e desenvolver recursos e metodologias para o ensino e para a aprendizagem.

O Departamento de Acompanhamento Acadêmico mantém também o Programa de Apoio Acadêmico (PIAA), cuja proposta é a criação de atividades que propiciem uma melhor inserção do estudante no ambiente acadêmico, o acompanhamento de seu desempenho durante o curso, e a preparação de sua passagem para a vida profissional.

Merece destaque ainda o Programa Integrado de Bolsas (PIB), cujo objetivo é prover a universidade de um conjunto articulado de programas formativos, acessíveis aos estudantes de graduação, que propiciem experiências científicas, culturais e artísticas ao longo de sua trajetória acadêmica, de forma a desenvolver competências técnico-científicas e sociais, além de valores humanísticos. O intuito do Programa é apoiar as atividades acadêmicas que integram as áreas de ensino, pesquisa e extensão, oportunizando aos estudantes atividades extracurriculares complementares à formação acadêmica, atendendo a necessidades e contribuindo para o fortalecimento do curso de graduação.

O DAA/Prograd mantém ainda o Programa de Mobilidade Acadêmica, que permite que alunos vinculados Ufes curseem, em outra Instituição Federal de Ensino Superior, e vice-versa, disciplinas pertinentes ao seu curso de graduação. Tal programa compreende um processo de cooperação técnico-científica entre as Universidades Federais, que confere aos estudantes a oportunidade de complementar seus estudos e enriquecer a sua formação, não só por meio dos componentes curriculares, mas também pela experiência de entrar em contato com ambientes acadêmicos diferentes e com as diversidades regionais do nosso país.

Ainda no âmbito institucional geral, a Ouvidoria Geral da Ufes presta atendimentos não somente aos estudantes, mas à comunidade universitária como um todo, recomendando e intermediando ações corretivas ou de aproveitamento de sugestões viáveis e pertinentes, visando a melhoria do funcionamento da universidade. A Ouvidoria Geral da Ufes faz parte do Sistema de Ouvidorias do Poder Executivo Federal, e atua no atendimento da Lei de Acesso à Informação, no âmbito da universidade. Suas funções abarcam o recebimento e apuração de procedência das informações, reclamações e sugestões encaminhadas por membros da comunidade universitária e da sociedade em geral, através de demanda espontânea; análise as informações, reclamações e sugestões recebidas, encaminhando o resultado de sua análise aos setores administrativos competentes; acompanhamento das providências adotadas pelos setores competentes; elaboração de sugestões de aprimoramento das atividades administrativas em proveito da sociedade.

ACOMPANHAMENTO DO EGRESSO

A relação do curso de Design com seus egressos está em contínua transformação. O primeiro aspecto notável desse ponto reside no fato de que, no momento da elaboração deste PPC, o Departamento de Desenho Industrial conta com quatro egressos no corpo docente efetivo, sendo suas trajetórias marcadas pela titulação em nível de mestrado e doutorado, pela alta produtividade em termos de ensino, pesquisa e extensão, e pelo envolvimento intenso com a presente renovação curricular. Outro aspecto notável é a presença constante de egressos nas atividades eventuais promovidas pelos professores em suas disciplinas, ou pela Coordenação e Departamento, nas semanas de recepção aos novos alunos, eventos nos quais diversos egressos atendem aos convites da instituição, comparecendo à universidade para palestrar para os alunos, a respeito de suas trajetórias profissionais. Tais atuações eventualmente ocorrem de maneira mais intensiva, pois vários egressos propõem a ministração de disciplinas optativas como professores voluntários, sendo devidamente amparados pelo corpo docente efetivo, nos termos da Resolução 26/1999 do Conselho Universitário, que regulamente as prestações de trabalho voluntário no âmbito da universidade.

No que diz respeito ao acompanhamento da trajetória do conjunto dos egressos, o Núcleo Docente Estruturante vem elaborando, paralelamente a este Projeto Pedagógico, uma pesquisa que visa identificar diversos aspectos da trajetória anterior e posterior à formação universitária, visando correlacionar o estabelecimento de carreiras profissionais satisfatórias ou insatisfatórias com elementos socioeconômicos mais amplos.

Dentre os itens previstos em tal pesquisa, citamos os seguintes: origem escolar anterior à entrada na universidade (escola pública ou particular?); local de residência (próximo ou distante da universidade? Exige fixação de nova moradia?); razões da evasão, no caso de egressos que não concluíram a formação; atuação profissional após a conclusão do curso (trabalha na área ou não?); faixa salarial; realização de formação complementar; aspectos deficitários e positivos da formação adquirida no curso.

No que diz respeito às políticas institucionais gerais, a Pró-reitoria de Graduação mantém o Programa de Acompanhamento de Estudante Egresso - PAEEg -- o qual "visa criar um canal de comunicação com o estudante egresso e saber, entre outras coisas, como se deu a sua entrada no mundo do trabalho, qual é a sua visão sobre a formação que recebeu na Universidade e suas sugestões de melhoria da qualidade do seu Curso de Graduação." De acordo com as informações do site <http://egresso.ufes.br/sobre-o-programa> (consultado em 29/02/2020), o PAEEg funciona por meio do contato institucional entre a Ufes e o egresso, sendo garantida ao estudante a confidencialidade a respeito de seus dados e informações.

NORMAS PARA ESTÁGIO OBRIGATÓRIO E NÃO OBRIGATÓRIO

Conforme já indicado no presente projeto, as diretrizes curriculares vigentes não indicam o estágio como um componente curricular de implantação obrigatória. No entanto, este Projeto Pedagógico entende que trata-se de uma atividade válida para integrar a formação do aluno, pois cria possibilidades de aprendizado por meio de vivência de experiências reais junto ao mercado de trabalho, bem como, desenvolve e coloca em contextos práticos os conhecimentos adquiridos na academia. O Estágio permite o desenvolvimento de repertórios próprios a partir do exercício laboral, além do desenvolvimento do aluno na compreensão do mundo do trabalho e da vida cidadã.

No que diz respeito ao controle dos estágios não-obrigatórios, o Curso de Design segue as recomendações da Pró-Reitoria de Graduação da Ufes, em conformidade com a Lei 11.788 de 25/09/2008 e com a Resolução 74/2010 Cepe-Ufes. Para efetuar o controle necessário dos contratos de estágio não-obrigatório, o Colegiado do Curso de Design acompanha as atividades de estágio não-obrigatórios, e orienta os alunos sobre as regulamentações vigentes, sobre os trâmites internos para a consolidação dos contratos de estágio e sobre os pré-requisitos para estagiar com vínculo na Ufes e com o Curso de Design, verificando a relevância da área do estágio não-obrigatório para a formação do aluno, desenvolvendo ações de divulgação de vagas de estágio pertinentes a formação do Curso e desenvolvendo parcerias para criação de novas vagas de estágio em âmbito interno e externo à Ufes.

É importante sublinhar ainda que, segundo as Diretrizes Curriculares o Estágio não pode ser considerado como Atividade Complementar, motivo pelo qual sua carga horária não é contabilizada para a integralização curricular. No que diz respeito à relação entre Estágio e Atividades Complementares, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design estabelecem o que segue: “as Atividades Complementares se constituem componentes curriculares enriquecedores e implementadores do próprio perfil do formando, sem que se confundam com estágio curricular supervisionado.”

Os estágios autorizados pela Coordenação do Curso de Design seguirão os seguintes critérios:

1. Será permitida a adesão a estágios, com carga horária máxima semanal de 20 horas, aos estudantes do curso de Design, desde seu primeiro ano de ingresso, exclusivamente em Laboratórios de Pesquisa e Extensão da UFES.
2. Será permitida a adesão a estágios, com carga horária máxima semanal de 20 horas, em outras instituições e empresas (além dos Laboratórios de Pesquisa e Extensão da UFES), aos estudantes que apresentarem, no mínimo, carga horária vencida de 600h (equivalente a dois períodos completos cursados com aproveitamento, ou equivalente à aprovação em dez disciplinas do Ciclo Básico).
3. Será permitida a adesão a estágios, com carga horária máxima semanal de 30 horas, em Laboratórios de Pesquisa e Extensão da UFES e outras instituições e empresas, aos estudantes que apresentarem, no mínimo, carga horária vencida de 900h (equivalente a três períodos completos cursados com aproveitamento, ou equivalente à aprovação em quinze disciplinas do Ciclo Básico).
4. Os contratos de estágio só serão assinados e/ou renovados mediante coeficiente de rendimento igual ou superior a 7,0 (sete). Estudantes com coeficiente de rendimento inferior a 7,0 (sete) não terão contratos de estágio assinados/renovados pela Coordenação, e deverão dedicar-se aos estudos de modo a elevar seu coeficiente de rendimento, até obter o grau necessário.
5. Os contratos de estágio não serão assinados e/ou renovados caso o estudante não esteja matriculado em, pelo menos, duas disciplinas.



6. Exceções, casos omissos e eventuais recursos serão analisados pelo Colegiado de Curso, mediante solicitação formal do estudante, devidamente fundamentada, a ser protocolada na Secretaria dos Colegiados de Curso do Centro de Artes.

NORMAS PARA ATIVIDADES COMPLEMENTARES

REGULAMENTO PARA ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE DESIGN

Art 1. Atividades Complementares consistem em instrumento dos Projetos Pedagógicos do Curso de Design, e sua finalidade é enriquecer a formação individual de cada estudante, mediante a participação de experiências formativas fora do âmbito das disciplinas da grade curricular, as quais seguem categorizadas e descritas na Tabela anexa a este Regulamento.

Art 2. A obrigatoriedade ou facultatividade das Atividades Complementares é determinada pela versão do Projeto Pedagógico de Curso ao qual o estudante está vinculado.

Art 3. A possibilidade e os mecanismos para o aproveitamento da carga horária cumprida em Atividades Complementares, com vistas à eliminação da carga horária de outros tipos de atividade curricular, constam da versão do Projeto Pedagógico de Curso ao qual o estudante está vinculado.

Art 4. A carga horária mínima total a ser cumprida em Atividades Complementares consta da versão do Projeto Pedagógico de Curso ao qual o estudante está vinculado.

§ 1. a carga horária máxima admitida para cada categoria de atividade (nos casos em que isso se aplica) está designada na Tabela anexa a este Regulamento.

§ 2. não há limite máximo de carga horária total estabelecido para o cumprimento de Atividades Complementares, sendo permitido ao estudante a solicitação de registro da totalidade de horas cumpridas, exceto nos casos de categorias que tenham limites máximos estabelecidos, conforme Tabela anexa a este Regulamento.

Art 5. O registro da carga horária cumprida em Atividades Complementares deverá ser solicitado pelo estudante mediante o envio de comprovação formal do cumprimento de cada Atividade Complementar, de acordo com as instruções disponibilizadas no site do Curso de Design, para análise por parte da Coordenação de Curso.

§ 1. a comprovação formal adequada para cada tipo de Atividade Complementar segue descrita na Tabela anexa a este Regulamento.

§ 2. o envio da comprovação formal do cumprimento de Atividade Complementar deverá ser feita no mesmo semestre de realização da referida atividade, ou obrigatoriamente até o final do semestre subsequente, exceto no semestre final da formação do estudante.

Art 6. A atribuição de carga horária para cada Atividade Complementar segue especificada na Tabela anexa a este Regulamento.

Art 7. Nos casos em que a atribuição de carga horária é variável, a Coordenação seguirá as especificações da Tabela anexa a este Regulamento, complementadas pelos critérios descritos nos parágrafos a seguir:

§ 1. as Atividades Complementares relativas à produção bibliográfica cuja atribuição de carga horária varia de acordo com a quantidade de autores terão suas cargas horárias atribuídas de acordo com as seguintes proporções:

- a) 100% da carga horária para autoria individual ou dois autores;
- b) 70% da carga horária para três autores;
- c) 50% da carga horária para quatro ou mais autores.

As frações resultantes destas proporções serão arredondadas para o maior número inteiro superior à fração obtida.

§ 2. as Atividades Complementares cuja atribuição de carga horária varia de acordo com a complexidade do projeto terão suas cargas horárias atribuídas de acordo as seguintes



proporções:

- a) 60 horas para projetos de complexidade variando de "altíssima" a "alta";
- b) 45 horas para projetos de complexidade variando de "alta" a "média";
- c) 30 horas para projetos de complexidade variando de "média" a "baixa";
- d) 15 horas para projetos de baixa complexidade.

A quantidade de autores do projeto poderá ser considerada na atribuição de carga distinta dos parâmetros estabelecidos no § 2. deste artigo.

Art 8. Quando necessário, a Coordenação de Curso poderá designar Comissão de Especialistas para atribuir carga horária às Atividades Complementares cuja complexidade necessite de avaliação especializada.

Art 9. Revogam-se os regramentos para Atividades Complementares do Curso de Design vigentes até a data da aprovação deste documento.

LISTA ANEXA AO REGULAMENTO PARA ATIVIDADES COMPLEMENTARES DO CURSO DE DESIGN

CATEGORIA 1: PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS - ÍNTEGRA

1.1. Artigo de opinião ou resenha publicado em jornal e revista de circulação internacional

30h por artigo (autor único ou dois autores)

20h por artigo (três autores)

15h por artigo (quatro ou mais autores)

1.2. Artigo de opinião e resenha publicado em jornal e revista de circulação nacional

16h por artigo (autor único ou dois autores)

12h por artigo (três autores)

8h por artigo (quatro ou mais autores)

1.3. Artigo de opinião e resenha publicado em jornal e revista de circulação local

16h por artigo (autor único ou dois autores)

12h por artigo (três autores)

8h por artigo (quatro ou mais autores)

1.4. Artigo em periódico indexado internacional - Qualis

60h por artigo (autor único ou dois autores)

42h por artigo (três autores)

30h por artigo (quatro ou mais autores)

1.5. Artigo publicado em periódico internacional

60h por artigo (autor único ou dois autores)

42h por artigo (três autores)

30h por artigo (quatro ou mais autores)

1.6. Artigo em periódico indexado nacional - Qualis

60h por artigo (autor único ou dois autores)

42h por artigo (três autores)

30h por artigo (quatro ou mais autores)

1.7. Artigo publicado em periódico nacional

30h por artigo (autor único ou dois autores)

20h por artigo (três autores)

15h por artigo (quatro ou mais autores)

1.8. Resenha publicada em periódico acadêmico internacional

26h por resenha (autor único ou dois autores)

18h por resenha (três autores)



13h por resenha (quatro ou mais autores)

1.9. Resenha publicada em periódico acadêmico nacional

16h por resenha (autor único ou dois autores)

12h por resenha (três autores)

8h por resenha (quatro ou mais autores)

1.10. Resenha publicada em periódico acadêmico regional

10h por resenha (autor único ou dois autores)

8h por resenha (três autores)

5h por resenha (quatro ou mais autores)

1.11. Artigos completos publicados em eventos internacionais

60h por artigo (autor único ou dois autores)

42h por artigo (três autores)

30h por artigo (quatro ou mais autores)

1.12. Artigos completos publicados em eventos nacionais

60h por artigo (autor único ou dois autores)

42h por artigo (três autores)

30h por artigo (quatro ou mais autores)

1.13. Artigos completos publicados em eventos regionais

30h por artigo (autor único ou dois autores)

20h por artigo (três autores)

15h por artigo (quatro ou mais autores)

CATEGORIA 2: PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. Publicação de livro didático, cultural, técnico (livro completo)

120h por livro (autor único ou dois autores)

84h por livro (três autores)

60h por livro (quatro ou mais autores)

2.2. Publicação de prefácio de livro

16h por prefácio (autor único ou dois autores)

12h por prefácio (três autores)

8h por prefácio (quatro ou mais autores)

CATEGORIA 3: PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS - RESUMO

3.1. Resumo publicado em eventos internacionais

16h por resumo (autor único ou dois autores)

12h por resumo (três autores)

8h por resumo (quatro ou mais autores)

3.2. Resumo publicado em eventos nacionais

10h por resumo (autor único ou dois autores)

8h por resumo (três autores)

5h por resumo (quatro ou mais autores)

3.3. Resumo publicado em eventos regionais

10h por resumo (autor único ou dois autores)

8h por resumo (três autores)

5h por resumo (quatro ou mais autores)

CATEGORIA 4: ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

4.1. Membro de comissão organizadora de eventos acadêmicos, científicos ou artísticos internacionais

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 60h por evento)



4.2. Membro de comissão organizadora de eventos acadêmicos, científicos ou artísticos nacionais
Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 60h por evento)

4.3. Membro de comissão organizadora de eventos acadêmicos, científicos ou artísticos regionais
Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 60h por evento)

4.4. Monitor de atividade em eventos acadêmicos, científicos ou artísticos internacionais
Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 20h por evento)

4.5. Monitor de atividade em eventos acadêmicos, científicos ou artísticos nacionais
Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 20h por evento)

4.6. Monitor de atividade em eventos acadêmicos, científicos ou artísticos regionais
Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 20h por evento)

CATEGORIA 5: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS - CONGRESSOS E EVENTOS

5.1. Participação em mesa-redonda em eventos internacionais
6h por participação

5.2. Participação em mesa-redonda em eventos nacionais
5h por participação

5.3. Participação em mesa-redonda em eventos regionais.
4h por participação

5.4. Atuação como palestrante ou conferencista em eventos internacionais
15h por palestra

5.5. Atuação como palestrante ou conferencista em eventos nacionais
15h por palestra

5.6. Atuação como palestrante ou conferencista em eventos regionais
15h por palestra

5.7. Atuação como ministrante de minicursos, workshops e oficinas em eventos internacionais
carga horária do curso ministrado multiplicada por 2,5

5.8. Atuação como ministrante de minicursos, workshops e oficinas em eventos nacionais
carga horária do curso ministrado multiplicada por 2,5

5.9. Atuação como ministrante de minicursos, workshops e oficinas em eventos regionais
carga horária do curso ministrado multiplicada por 2,5

CATEGORIA 6: PRODUÇÃO TÉCNICA, ARTÍSTICA E TEÓRICA

6.1. Portfólio contendo projetos realizados e implantados
Carga horária atribuída de acordo com a análise da Coordenação do Curso (ou de Comissão designada para esta finalidade), de acordo as proporções e procedimentos estabelecidos nos Artigos 7 e 8 do Regulamento de Atividades Complementares (máximo de 120h).

6.2. Depósito de patente
60h por depósito



6.3. Depósito de pedido de desenho industrial, marca figurativa ou marca mista
60h por depósito

6.4. Ilustrações inéditas em livro, ou em obra audio-visual ou projeto fotográfico (obras publicadas)

Carga horária atribuída de acordo com a análise da Coordenação do Curso (ou de Comissão designada para esta finalidade), de acordo as proporções e procedimentos estabelecidos nos Artigos 7 e 8 do Regulamento de Atividades Complementares.

6.5. Construção e desenvolvimento integral de página da Internet

Carga horária atribuída de acordo com a análise da Coordenação do Curso (ou de Comissão designada para esta finalidade), de acordo as proporções e procedimentos estabelecidos nos Artigos 7 e 8 do Regulamento de Atividades Complementares.

6.6. Exposição ou publicação coletiva
30h por exposição ou publicação

6.7. Exposição ou publicação individual
60h por exposição ou publicação

CATEGORIA 7: ATIVIDADES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E DE PESQUISA

7.1. Participação em projetos de pesquisa sem vínculo PIIC

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada

7.2. Participação em projetos de pesquisa com vínculo PIIC

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada

7.3. Participação em Grupos ou Projeto de Pesquisa

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada

CATEGORIA 8: MONITORIA

8.1. Monitoria

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 60h para a categoria Monitoria)

CATEGORIA 9: VISITAS TÉCNICAS MONITORADAS

9.1. Viagem de estudo não obrigatória, sob supervisão

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 40h para a categoria Viagem de estudos não-obrigatória)

CATEGORIA 10: ATIVIDADE VOLUNTÁRIA EM PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

10.1. Ministração de workshops, minicursos e oficinas vinculadas ao contexto do curso de Graduação em Design da Ufes, e destinadas à comunidade interna

Carga horária da atividade multiplicada por 2,5

CATEGORIA 11: PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS

11.1. Participação como aluno em workshops, minicursos e oficinas

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada

11.2. Participação em congressos, seminários, colóquios, simpósios, sem apresentação de trabalhos

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 16h por evento, e de 40h para a categoria Participação em congressos, seminários, colóquios, simpósios, sem apresentação de trabalhos).

CATEGORIA 12: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS - CONGRESSOS E EVENTOS

12.1. Apresentação de trabalhos em congressos e seminários internacionais
10h por apresentação

12.2. Apresentação de trabalhos em congressos e seminários nacionais



5h por apresentação

12.3. Apresentação de trabalhos em congressos e seminários regionais

5h por apresentação

CATEGORIA 13: OUTRAS ATIVIDADES

13.1. Premiação ou seleção de trabalhos em mostras de nível internacional

Carga horária atribuída de acordo com a análise da Coordenação do Curso (ou de Comissão por ela designada), até o máximo de 60h, de acordo as proporções estabelecidas no Artigo 7 do Regulamento.

13.2. Premiação ou seleção de trabalhos em mostras de nível nacional

Carga horária atribuída de acordo com a análise da Coordenação do Curso (ou de Comissão por ela designada), até o máximo de 60h, de acordo as proporções estabelecidas no Artigo 7 do Regulamento.

13.3. Premiação ou seleção de trabalhos em mostras de nível regional

Carga horária atribuída de acordo com a análise da Coordenação do Curso (ou de Comissão por ela designada), até o máximo de 60h, de acordo as proporções estabelecidas no Artigo 7 do Regulamento.

13.4. Voluntariado (participação em movimentos sociais e afins)

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 30h para a categoria Voluntariado).

13.5. Disciplinas em outras IES, cursadas em outras instituições de ensino após o ingresso do aluno no Curso de Design da UFES

Carga horária atribuída de acordo com a carga horária da disciplina (máximo de duas disciplinas).

CATEGORIA 14: PARTICIPAÇÃO EM ÓRGÃOS COLEGIADOS

14.1. Representação Estudantil em Órgãos Colegiados oficiais

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 60h na categoria Representação Estudantil em Órgãos Colegiados oficiais).

CATEGORIA 15: ATIVIDADES DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO

15.1. Participação em Projeto de Extensão (vinculado ou não à Proex)

Carga horária atribuída de acordo com a comprovação apresentada (máximo de 60h por Projeto de Extensão, desde que a carga horária obrigatória de Atividades de Extensão já tenha sido integralizada).

Serão consideradas válidas as participação em quaisquer Atividades de Extensão, tipificadas de acordo com a Resolução N° 46/2014 Cepe-UFES.

NORMAS PARA LABORATÓRIOS DE FORMAÇÃO GERAL E ESPECÍFICA

O curso de graduação proposto por meio deste Projeto Pedagógico conta efetivamente com três laboratórios medianamente adequados para o seu funcionamento em termos de ensino. Trata-se do Laboratório de Fotografia, do Laboratório de Computação Gráfica e do Laboratório de Vídeo, cujas normas seguem abaixo:

ÁREAS LIGADAS AO ENSINO DA FOTOGRAFIA - DISPOSIÇÕES INICIAIS

A área de Fotografia do Centro de Artes é vinculada ao Departamento de Desenho Industrial, e é formada pelos seguintes espaços:

1. **LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA** - voltado para as atividades didáticas que demandam recursos de tecnologias de imagem para a produção de imagens fotográficas. Inclui-se aos recursos já existente de fotografia analógica, o uso de computadores e scanner. O laboratório é compartilhado entre os Cursos de Design/Desenho Industrial, Artes Plásticas e Artes Visuais, cujo atendimento é prioritário. Atende a alunos de outros cursos com interesse na disciplina quando há vagas. O Laboratório de Fotografia se situa no Cemuni 4 e conta com dois espaços específicos: a) Área úmida, onde está o espaço para revelação de filmes, produção de químicas e processos alternativos, estoque de vasilhames, secagem de filmes e papéis, e cômodo escuro para sacar materiais fotossensíveis. b) Laboratório de revelação de papéis, com 18 baias com ampliadores fotográficos Opemus e LDL, em funcionamento, bancada em inox para revelação de papéis, sistema de luz vermelha e luz branca. O espaço é acessado por 2 entradas porta giratória, ou porta comum, conforme a necessidade, para ampliar a acessibilidade. Este espaço pode ser usado por até 25 alunos em atividades introdutórias, ao processo fotográfico, entretanto, para atividades mais avançadas o ideal é de 15 alunos, no máximo.

2. **ESTÚDIO DE FOTOGRAFIA:** O Estúdio de Fotografia que atende ao Curso de Design situa-se no Edifício Multimeios do Centro de Artes, na sala 102, andar térreo. O espaço com estrutura em L, conta com 4 cabeças de flash, painéis, 2 softbox, 2 sombrinhas e rebatedores, tripés para montagem de fundos infinitos ou uso de cenários. Trata-se de materiais que necessitam substituição frequente dada a sua obsolescência. O espaço tem fundo infinito branco. Possui um computador conectado à rede Ufes, uma bancada que funciona como apoio para os projetos, camarim, ou mesa de produto, 1 armário para props, 2 estantes para acomodar as painéis e rebatedores. Acomoda bem grupo de até 5 alunos em trabalho, e grupos de até 15 alunos para atividades didáticas explanativas. Os espaços laboratoriais mencionados acima podem ser agendados no Departamento de Desenho Industrial, para projetos acadêmicos nos horários livres, os quais devem ser realizadas junto ao monitor do espaço, em conformidade com a disponibilidade de horários e prioridade às atividades de aula.

3. **EMPRÉSTIMO DE EQUIPAMENTOS:** espaço e acervo atualmente sob gestão do Departamento de Desenho Industrial, conta com equipamentos fotográficos digitais, constituídos de 21 câmeras Nikon D3000, com lente 18-55mm, e alguns jogos de lente normal e teleobjetivas. Esse material é usado pelos alunos matriculados nas disciplina de fotografia dos Cursos de Design/Desenho Industrial, Artes Visuais e Artes Plásticas. Os equipamentos foram adquiridos no ano de 2010 e necessitam de atualização.

NORMAS GERAIS PARA TODOS OS ESPAÇOS DA ÁREA DE FOTOGRAFIA:

- É vedado o consumo de alimentos ou bebidas dentro de quaisquer dos espaços, dentro ou fora do horário de aula;
- É vedado o uso de aparelhos que emitam luzes que possam prejudicar as atividades programadas para as aulas;
- Todos os equipamentos devem ser devidamente desligados após as atividades laboratoriais;



-
- Todos os presentes devem conhecer as regras de segurança e uso de cada laboratório que deverá ser explanada pelos professores e/ou monitores, conforme as aulas ou atividades planejadas;
 - Todos os presentes devem participar da organização do espaço no final das atividades; - Todos os materiais utilizados devem ser devidamente higienizados e armazenados após seu uso;
 - Ao final de cada uso, todos os equipamentos elétricos devem ser desligados, todas as portas trancadas e as chaves devem retornar aos setores administrativos competentes;
 - Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente.

NORMAS PARA OS LABORATÓRIOS DE FOTOGRAFIA ANALÓGICA:

- O preparo dos agentes químicos a serem usados na revelação e copiagem de fotografias será sempre executado por um monitor ou professor, cabendo ao aluno apenas a manipulação dos agentes preparados para a sessão de laboratório.;
- Todos os químicos utilizados devem ser descartados ou armazenados em invólucros devidamente identificados ao final das atividades ;
- O aluno deverá verificar se o ampliador de sua estação de trabalho está em pleno funcionamento, com todas as partes e acessórios necessários, e comunicar imediatamente ao professor ou ao monitor qualquer falha;
- Toda produção fotográfica que não for recolhida por seu autor será descartada ao final de cada período letivo; Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente.

NORMAS PARA O ESTÚDIO DE FOTOGRAFIA:

- O estúdio tem uso prioritário para as atividades didáticas. - Para atividades de pesquisa e extensão o estúdio deve ser agendado com um dos professores de fotografia, e o agendamento informado aos demais professores, conforme prática vigente no momento. Após cada sessão de fotografia:
- O estúdio deve ser organizado.
- Todos os equipamentos de iluminação devem ser desligados das tomadas;
- Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente.

NORMAS PARA O SETOR DE EMPRÉSTIMO:

O Empréstimo de equipamentos fotográficos acontece sob as seguintes condições:

- Deve atender prioritariamente os alunos matriculados nas disciplinas de fotografia do Departamento de Desenho Industrial e do Departamento de Artes Visuais;
- Deve atender os demais alunos que já cursaram fotografia e/ou professores desses departamentos que estejam autorizados por um dos professores de fotografia a fazer uso desses equipamentos;
- Os equipamentos devem ser usados dentro do Campus da Ufes;
- Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente; Em caso de perda ou roubo o usuário deverá reportar imediatamente à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente, para que sejam tomadas as providências previstas nas resoluções da universidade.

LABORATÓRIOS DE COMPUTAÇÃO GRÁFICA - DISPOSIÇÕES INICIAIS

Trata-se de laboratórios voltados para as atividades didáticas do curso que demandam o uso de computadores, com prioridade para as aulas do curso de Design, e uso permitido aos alunos fora do horário de aula para realização de trabalhos do próprio curso, desde que acompanhados de monitores do laboratório. A sala é equipada com 15 computadores Dell, com sistema operacional Windows, ligados à rede da Ufes. Conta com dois alunos monitores, responsáveis pela manutenção cotidiana dos equipamentos e organização da sala, bem como pelo suporte às disciplinas e alunos que utilizam o espaço, equipamentos e programas. O laboratório está situado na Sala 1 do Cemuni 4. Sua instalação se deu em 2016, de forma



improvisada, sem mobiliário, iluminação ou infra-estrutura adequada, permanecendo desta forma até o presente. O Departamento de Desenho Industrial é responsável pela infraestrutura e gestão do laboratório, solicitando frequentemente à administração da Ufes a implantação de melhorias. Atualmente há um laboratório em vias de instalação na Sala 4 do Cemuni 4, para o qual também se aplicarão as presentes regras. No que diz respeito à importância de tal laboratório, é importante destacar que, no dia-a-dia operacional do trabalho do designer, é fundamental o domínio de ferramentas e tecnologias do âmbito digital, que inclui softwares e hardwares de naturezas diversas, para execução de edição de imagem, programação, desenho e ilustração, modelagem 2D e 3D. Sendo assim, grande parte das disciplinas do curso de requerem a disponibilidade de laboratórios de informática equipados com os softwares específicos da área, com monitores que não só zelem pelo bom funcionamento dos equipamentos, como auxiliem os alunos na execução dos projetos das disciplinas de Projeto e complementares do curso.

LABORATÓRIO DE COMPUTAÇÃO GRÁFICA - NORMAS DE USO

- Proibido o consumo de alimentos ou bebidas de qualquer espécie em sala.
- A instalação de programas e fontes é restrita aos docentes e servidores do DDI ou monitores do laboratório.
- Os usuários devem apagar seus arquivos pessoais dos computadores após o uso, os quais poderão ser apagados posteriormente, sem aviso prévio, por docentes, servidores ou monitores do laboratório, em caso de esquecimento por parte dos estudantes.
- Ao sair da sala, os docentes responsáveis pelas atividades devem orientar os alunos para que desliguem os computadores, estabilizadores e no-breaks, e apaguem as luzes e condicionadores de ar.
- Todos devem zelar pela manutenção e limpeza do espaço;
- Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente.

LABORATÓRIO DE VÍDEO - DISPOSIÇÕES INICIAIS

Laboratório voltado para as atividades didáticas das disciplinas de vídeo. A sala é equipada com dois computadores com sistema operacional Windows, ligados à rede da Ufes. Conta com um aluno monitor, com carga horária semanal de 20h, responsável pelo suporte às disciplinas de vídeo, manutenção cotidiana dos equipamentos e organização da sala. O processo seletivo dos monitores ocorre através do Programa Integrado de Bolsas (PIB-UFES), na categoria Projetos Especiais de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão (PaEPE I). O laboratório está situado na Sala 121 do prédio Multimeios (Bob).

LABORATÓRIO DE VÍDEO - NORMAS DE USO

- Para entrar na sala o monitor solicita a chave ao porteiro do prédio Multimeios.
- Proibido o consumo de alimentos ou bebidas de qualquer espécie dentro do laboratório.
- A instalação de programas é restrita aos docentes e servidores do DDI ou monitor do laboratório.
- Os horários de utilização do laboratório pelos alunos são agendados com o monitor.
- O aluno só pode utilizar o laboratório com o monitor presente.
- Ao sair da sala, o monitor desliga os computadores, estabilizadores e no-breaks, e apaga as luzes e condicionadores de ar.
- Todos devem zelar pela manutenção e limpeza do espaço.
- Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à professora responsável pelo Laboratório de Vídeo ou à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente.
- Ao sair do prédio o monitor entrega a chave ao porteiro do prédio Multimeios.

ESTÚDIO DE VÍDEO - DISPOSIÇÕES INICIAIS

Estúdio voltado para as atividades didáticas das disciplinas de vídeo. O estúdio tem um fundo infinito, entretanto não tem iluminação. É utilizada a iluminação do Curso Audiovisual, do Departamento de Comunicação. Como este estúdio apresenta problemas de mofo, sempre que possível é utilizado o estúdio do Curso Audiovisual (espaço em frente). Conta com o mesmo monitor do Laboratório de Vídeo, que acompanha as gravações. O estúdio está situado na Sala



122 do prédio Multimeios.

ESTÚDIO DE VÍDEO - NORMAS DE USO

- Para entrar na sala o monitor solicita a chave ao porteiro do prédio Multimeios.
- Proibido o consumo de alimentos ou bebidas de qualquer espécie dentro do estúdio.
- Os horários de utilização do estúdio pelos alunos são agendados com o monitor.
- O aluno só pode utilizar o estúdio com o monitor presente.
- Ao sair da sala, o monitor apaga as luzes, guarda equipamentos de iluminação e desliga condicionador de ar.
- Todos devem zelar pela manutenção e limpeza do espaço.
- Todos devem reportar imediatamente qualquer irregularidade e eventuais problemas percebidos à professora responsável pelo Estúdio de Vídeo ou à chefia do Departamento de Desenho Industrial ou à instância administrativa equivalente.
- Ao sair do prédio o monitor deve entregar a chave ao porteiro do prédio Multimeios.



NORMAS PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Tendo em vista que as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design indicam, em seu Art. 2º, que o trabalho de conclusão de curso é “componente opcional da Instituição”, o presente Projeto Pedagógico de Curso não prevê a sua realização obrigatória.

A opção por não incluir o trabalho de conclusão de curso no rol de atividades obrigatórias deste PPC consiste numa estratégia para que os docentes e discentes tenham carga horária suficiente para o desenvolvimento orgânico de projetos adequados aos seus perfis específicos, dentro dos âmbitos da pesquisa e/ou da extensão.

Entende-se que, deste modo, a ausência de um trabalho de conclusão de curso não equivale à ausência de oportunidade formativa para o alunado, consistindo, por outro lado, numa oportunidade de desenvolvimento e participação nas demais oportunidades formativas oferecidas pela instituição, especialmente a pesquisa e a extensão.

ADMINISTRAÇÃO ACADÊMICA

Coordenação do Curso

As atribuições dos Coordenadores de Curso de Graduação da Ufes, bem como as normas de funcionamento de seus Colegiados, estão regulamentadas pela Resolução 11/1987 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Muitos dos procedimentos realizados pelos coordenadores são rotineiros e dizem respeito ao acompanhamento da trajetória dos estudantes individual ou coletivamente. No que diz respeito ao planejamento semestral do ensino, cabe aos Coordenadores de Cursos projetar a necessidade de oferta semestral de disciplinas, bem como mensurar a quantidade de vagas em cada turma, para encaminhar tais dados aos departamentos responsáveis por operacionalizar as ofertas, em termos de atribuição docente, quantidade de vagas ofertadas e ensalamento.

No que diz respeito ao período de matrículas, cabe ao Coordenador acompanhar o seu processamento e verificar a necessidade de redimensionamento das turmas. Também cabe ao Coordenador o acompanhamento do rendimento dos alunos, particularmente nos casos indicados pela Pró-reitoria de Graduação como críticos, por reprovações sucessivas. O Coordenador de Curso também é responsável pelos encaminhamentos relativos à Reopção ou Remoção de Curso, atendimento aos alunos estrangeiros em convênio, revalidação de diplomas, acompanhamento das ofertas e contratos de estágio e aos encaminhamentos formais relativos às alterações curriculares, ao Exame Nacional de Curso e às avaliações das condições de oferta, os quais ocorrem com o devido amparo e aval do Colegiado de Curso.

No cotidiano acadêmico, cabe ao Coordenador de Curso atender o alunado em suas dúvidas relativas à trajetória acadêmica, bem como consultar o Colegiado de Curso nas decisões de grande envergadura institucional.

Os Coordenadores de Curso de Graduação da Ufes fazem parte ainda da Câmara de Graduação, instância responsável pela discussão e implantação das políticas gerais para a graduação.

Colegiado do Curso

Os Coordenadores de Curso de Graduação da Ufes são assessorados pelos Colegiados de Curso, grupo composto por representantes dos principais departamentos que sustentam o funcionamento de cada curso de graduação.

O Colegiado de Curso de Design é atualmente composto por dois professores do Departamento de Desenho Industrial (responsável pela oferta de vinte e seis disciplinas obrigatórias para o curso no PPC 2015); um professor do Departamento de Teoria da Arte e Música (responsável pela oferta de duas disciplinas obrigatórias para o curso no PPC 2015); um professor do Departamento de Artes Visuais (responsável pela oferta de quatro disciplinas obrigatórias no PPC 2015) e um professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (responsável pela oferta de três disciplinas obrigatórias no PPC 2015).

Esta composição do Colegiado tende a ser modificada quando da implantação do Projeto Pedagógico aqui proposto, pois a quantidade de disciplinas ofertadas por cada departamento sofrerá alterações significativas, cabendo ao Departamento de Desenho Industrial a oferta da ampla maioria das disciplinas obrigatórias, fazendo com que tal departamento seja institucionalmente responsável pela indicação da maioria dos representantes ao Colegiado.

As reuniões do Colegiado são convocadas pela Coordenação do Curso sempre que há demandas que exigem a elaboração colegiada de decisões, aprovações e encaminhamentos. Sua periodicidade é variável, a depender das questões motivadoras, oscilando entre três e quatro convocações de reunião ordinária por semestre letivo.

Núcleo Docente Estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante é um segmento da estrutura de gestão acadêmica cuja composição e atuação é regida pela Resolução 06/2016 Cepe-Ufes. Suas atribuições são de caráter consultivo, propositivo e de assessoria ao Colegiado de Curso, no tocante à concepção, acompanhamento, consolidação e avaliação do Projeto Pedagógico do Curso.

Tendo isso em vista, os Núcleos Docentes Estruturantes são responsáveis por contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso; zelar pela integração curricular interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo; indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do campo de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso; zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação; acompanhar, avaliar e atualizar periodicamente o projeto pedagógico do curso considerando as avaliações das Comissões internas da universidade.

De acordo com a Resolução 06/2016 Cepe-Ufes, os NDEs devem ser constituídos por no mínimo 05 (cinco) professores, dentre os quais o coordenador ou subcoordenador do curso de graduação, e os docentes pertencentes ao departamento que oferta o maior número de disciplinas ao mesmo, designados em reuniões do mesmo. Ainda de acordo com a Res. 06/2016 Cepe-Ufes, tais docentes devem exercer notória liderança acadêmica no âmbito do curso, percebida na produção de conhecimento na área, no desenvolvimento do ensino, e em outras dimensões entendidas como importantes pela instituição.

No que diz respeito ao NDE do Curso de Design, ele foi estabelecido no início de 2013, atendendo à Resolução 53/2012 CEPE-Ufes, a qual foi posteriormente atualizada pela Resolução 06/2016 Cepe-Ufes. De acordo com a ata 04/2013 do Departamento de Desenho Industrial, a primeira formação do NDE Design contou com os seguintes docentes: Ana Claudia Berwanger, Heliana Pacheco, Hugo Cristo Sant'Anna, Letícia Pedruzzi Fonseca e Mauro Pinheiro Rodrigues. A partir de então, tal configuração foi alterada em alguns momentos da trajetória do NDE e do Departamento de Desenho Industrial, conforme registram as atas departamentais 07/2013, 14/2013, 13/2015, 13/2016, 08/2017, 15/2017 e 05/2019. Desde o seu estabelecimento até o presente momento, o NDE Design já contou com os seguintes membros: Ana Claudia Berwanger, Deborah Rosenfeld, Edson Rufino de Souza, Hugo Cristo Sant'Anna, Katia Broeto Miller, Letícia Pedruzzi Fonseca, Mauro Pinheiro Rodrigues, Priscilla Maria Cardoso Garone, Ricardo Esteves Gomes e Telma Elita Juliano Valente.

Atualmente, o Núcleo Docente Estruturante do Curso de Design é composto pelos seguintes professores: Ana Claudia Berwanger, Hugo Cristo Sant'Anna, Mauro Pinheiro Rodrigues, Ricardo Esteves Gomes, Edson Rufino de Souza e Katia Broeto Miller. Todos os integrantes do NDE (atuais e egressos) atuam em regime de Dedicção Exclusiva e são portadores de títulos acadêmicos *stricto sensu*.

O estabelecimento do NDE do Curso de Design desencadeou um amplo processo de renovação do curso. Tal processo foi e vem sendo conduzido de maneira orgânica pelos seus integrantes, por meio do estudo da legislação vigente, da realização de reuniões, grupos de emails e mensagens e consultas à Pró-reitoria de Graduação (presenciais e por escrito).

No decorrer do processo, os integrantes do NDE desenvolveram estudos e propostas para o Projeto Pedagógico, levando-os à discussão no âmbito formal do Departamento de Desenho Industrial (departamento responsável pela maior parte das ações formativas do Curso de Design), e demais departamentos. No que se refere ao Departamento de Desenho Industrial, as atas departamentais do mesmo (desde o ano de 2013) refletem não somente a atuação intensiva do NDE Design, mas a integração do referido núcleo com os demais professores do departamento. Desta forma, a atuação do NDE Design segue atestada principalmente pelas referidas atas departamentais, especialmente em razão do Núcleo Docente Estruturante do



Curso de Design ser integralmente um subgrupo do Departamento de Desenho Industrial.

O presente Projeto Pedagógico foi inteiramente desenvolvido pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso de Design, em amplo debate com os demais integrantes do Departamento de Desenho Industrial.

O NDE vem se articulando continuamente de modo a revisar a composição do acervo bibliográfico e das condições infra-estruturais de oferta, para solicitar o investimento correspondente à Secretaria de Avaliação Institucional da Ufes (Seavin), que é o órgão responsável por coordenar e articular as diversas ações de avaliação desenvolvidas na universidade. A intenção do NDE é registrar, junto à universidade, as necessidades específicas de investimentos no curso, para que o novo PPC seja implantado em sua plena potência.

CORPO DOCENTE

Perfil Docente

Conforme já apontado, o Curso de Design, foi atendido inicialmente por docentes dos extintos Departamento de Artes Industriais e Decorativas, Departamento de Formação Artística e Departamento de Fundamentos Técnico-Artísticos. Além disso, ao longo dos anos, foram contratados novos professores, seja pela abertura de novas vagas docentes ou em substituição a docentes aposentados ou desligados da Ufes.

As transformações na composição do corpo docente desde 1998 permitiram o deslocamento da ênfase inicial do Curso, das teorias e práticas das Artes Aplicadas, para uma abordagem fundamentada no arcabouço teórico-metodológico e histórico-crítico do Design.

Depois de uma série de renovações pontuais em seus quadros, atualmente o Curso de Design conta com um quadro de professores de caráter multifacetado, resultante dos estudos pós-graduados em distintos programas de mestrado e doutorado em Design, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Educação, Artes e Comunicação, no Brasil e no exterior. A maior parte dos docentes ligados ao curso está alocada no Departamento de Desenho Industrial, pois o mesmo é responsável pela maioria das disciplinas do curso, tanto em suas versões anteriores, quanto na versão aqui proposta. No que diz respeito aos docentes das disciplinas de outros Departamentos da UFES, previstas nesta Matriz Curricular, sua definição é flutuante, sendo acompanhada semestralmente pelo Coordenador de Curso.

No que diz respeito ao Departamento de Desenho Industrial, sua composição docente vem sendo configurada, ao longo dos anos, quase que exclusivamente em torno do Curso de Design e da implantação de um Programa de Pós-Graduação correlato. Tais empreendimentos têm sido adotados como elementos definidores dos perfis docentes para os próximos concursos públicos, dentre os quais destaca-se o plano de contratações de professores especializados em Design de Produto e Design de Animação. No que diz respeito aos docentes do DDI em atuação, segue uma síntese de suas formações.

1. Ana Claudia Berwanger: Graduação em Desenho Industrial (UFPR, 1997); Mestrado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2003); Doutorado em Ciências Sociais (PUC/SP, 2013).
Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5291749694210849>
2. Andreia Chiari Lins: Bacharel em Artes Plásticas (UFES, 1994); Mestrado em Educação (UFES, 2008); Doutorado em Educação (UFES, 2016).
Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8500994614485241>
3. Deborah Frida Rosenfeld: Graduação em Engenharia Civil (Escola de Engenharia Mauá, 1979); Mestrado em Engenharia de Produção (PUC-Rio, 1984); Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC-SP, 1988).
Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0308533409975727>
4. Edson Rufino de Souza: Graduação em Desenho Industrial (UERJ, 2003); Mestrado em Design (UERJ, 2008); Doutorado em Design (PUC-Rio, 2015).
Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7388566141261259>
5. Heliana Soneghet Pacheco: Graduação em Desenho Industrial (PUC-Rio, 1988); Mestrado em Design (PUC-Rio 1996); Doutorado em Typography and Graphic Communication (University of Reading, 2007).
Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1236187036019715>
6. Hugo Cristo Sant'Anna: Graduação: Graduação em Desenho Industrial (UFES, 2003); Mestrado em Psicologia (UFES, 2007); Doutorado em Psicologia (UFES, 2014).
Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5657051115739955>



7. José Otavio Lobo Name: Graduação em Comunicação Social - Cinema (UFF, 1989); Mestrado em Arts in Studio Art (New York University, 1996); Doutorado em andamento em Antropologia (UFF, 2017).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3650848738975791>

8. Katia Broeto Miller: Graduação em Design (UFES, 2006); Doutorado em Arquitetura e Urbanismo (UnB, 2015).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7558072716038432>

9. Letícia Pedruzzi Fonseca: Graduação em Desenho Industrial UFES, 2005); Mestrado em Design (PUC-Rio, 2008); Doutorado em Design (PUC-Rio, 2012).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5798676430778524>

10. Mauro Pinheiro Rodrigues: Graduação em Desenho Industrial (UERJ, 1995); Mestrado em Design (PUC-Rio, 2000); Doutorado em Design (PUC-Rio, 2011).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4293199321114469>

11. Myriam Salomão: Graduação em Educação Artística/Música (IA-UNESP, 1986) e Educação Artística/Artes Plásticas (IA-UNESP, 1988); Mestrado em Artes (IA-UNESP, 2002); Doutorado em andamento em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP, 2015).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2085456064290850>

12. Priscilla Maria Cardoso Garone: Graduação em Desenho Industrial (UFES, 2006); Mestrado em Design (UNESP, 2009), Doutorado em andamento em Design (UAM, 2016).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2591570552239919>

13. Ricardo Esteves Gomes: Graduação em Desenho Industrial. (UFES, 2006), Mestrado em Design (UERJ, 2010).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5842780731872567>

14. Telma Elita Juliano Valente: Graduação em Jornalismo (PUC-Campinas, 1989); Mestrado em Múltiplos (UNICAMP, 1995), Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, 2005).

Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4202486740653920>

15. Thais Leticia Pinto Vieira: Graduação em Desenho Industrial (ESDI-UERJ, 1989); Mestrado em Design (ESDI-UERJ, 2008), Doutorado em Doutorado em Gestão da Inovação (COPPE- UFRJ, 2015). Link para Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1506025548875237>

Formação Continuada dos Docentes

No que diz respeito à Formação Continuada de seus docentes, trata-se de uma política institucional geral, pois os professores da universidade contam com as condições e regramentos para seu aprimoramento contínuo. Ou seja, a universidade mantém regras e demais mecanismos que permitem aos docentes que os estudos pós-graduados (mestrado, doutorado e estudos pós-doutorais) sejam realizados com afastamento parcial ou pleno das atividades rotineiras e com a garantia de remuneração. Há também regramentos específicos para que os docentes aprimorem seus conhecimentos em projetos de capacitação de curta duração (3 meses a cada cinco anos), para os quais obtém normalmente afastamento pleno das atividades rotineiras, cabendo aos departamentos e aos docentes individualmente o planejamento de tais agendas.

No que diz respeito à atuação docente rotineira, que se dá no dia-a-dia da ministração de disciplinas e orientações, a Pró-reitoria de Graduação mantém o Núcleo de Apoio à Docência (NAD), que desenvolve eventos e fornece amparo aos professores da Ufes no desenvolvimento de suas atividades. O NAD mantém site atualizado, no qual constam regramentos, legislações e modelos úteis aos docentes, além de realizar seminários e reuniões formativas com temáticas específicas -- tais como o ensino em áreas específicas -- ou visando o enfrentamento de questões docentes gerais, tais como o aprimoramento da docência com vistas ao acesso e



permanência do estudante com deficiência.

INFRAESTRUTURA

Instalações Gerais do Campus

O curso de Design está alocado no Campus de Goiabeiras, principal campus da Ufes. Localizado na Capital do Espírito Santo, Vitória, concentra a maior parte dos cursos de graduação, mestrado e doutorado, seus centros de ensino, laboratórios e projetos de extensão. Nele estão também os principais setores administrativos da universidade, como a Reitoria, as pró-reitorias e as secretarias.

No campus de Goiabeiras circulam diariamente cerca de 22 mil pessoas, entre alunos, professores, servidores e visitantes. Abriga uma área de cultura e lazer, com uma galeria, um café, um cinema e um teatro, além da Biblioteca Central e as setoriais. Conta com a presença de uma emissora de rádio, a Rádio Universitária. Possui ginásio de esportes, parque aquático e outros equipamentos esportivos; Centro de Línguas, agências bancárias e de correios, Observatório Astronômico e Planetário. O campus é cercado por uma área de manguezal mantida sob proteção ambiental.

Instalações Gerais do Centro

Os Cemunis são edificações térreas, com 1.764 m² cada, cuja planta é quadrada, tendo ao centro um jardim interno. Os Cemunis situam-se no campus universitário de Goiabeiras, onde há expressiva área verde, alvo de constante conservação e abrigo para pequenos animais silvestres. Os Cemunis acomodam salas de aula, laboratórios e salas administrativas, numa área total de 9.270 m². Cada Cemuni tem seu espaço físico voltado para as atividades dos Departamentos nele alocados.

O Centro de Artes conta com uma Biblioteca Setorial, situada entre o Cemuni I e o Cemuni 3, a qual reúne um acervo específico das áreas de conhecimento dos cursos do Centro, bem como trabalhos de graduação e outras produções acadêmico-científicas de discentes e docentes ligados ao Centro. A área ocupada pela Biblioteca Setorial é de 240 m², com 30 espaços para estudos individuais.

O Centro também conta com o espaço denominado Galpão, com 400 m², que atende às disciplinas ligadas à tridimensão dos cursos de Artes Plásticas e Artes Visuais, sendo também utilizado pelos alunos de Desenho Industrial nas disciplinas optativas de Plástica Tridimensional, Escultura e Mosaico. O espaço do Galpão conta com equipamentos de marcenaria e oficina de solda.

Também faz parte do Centro de Artes a Galeria de Arte e Pesquisa, localizada no Centro de Vivência, coordenada pelo Setor de Galerias do Centro de Artes. O Calendário Anual de Exposições prioriza trabalhos de artistas reconhecidos nacional e internacionalmente. Os alunos do curso de Artes Plásticas têm, também, assegurados no Calendário, dois períodos destinados a exposições dos resultados dos trabalhos de conclusão de curso.

Há também o Prédio de Múltiplos, localizado ao lado do Cemuni IV, abrigando laboratórios de informática além de estúdios musicais e laboratórios diversos usados por diferentes cursos do Centro de Artes.

Por fim, há o Prédio da Administração, localizado ao lado do Cemuni II, no qual se localizam a Direção do Centro, os colegiados de curso, a sala de reuniões do Conselho Departamental e os cursos de mestrado do Centro de Artes.

Acessibilidade para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais



A UFES historicamente vem ampliando sua estrutura para o melhor atendimento a pessoas com diferentes deficiências. De acordo com o Decreto Federal 5.296, de 02/12/2004, as categorias de deficiência são:

- a) deficiência física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física;
- b) deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total da audição;
- c) deficiência visual: cegueira, baixa visão;
- d) deficiência intelectual: limitações intelectuais associadas a habilidades adaptativas, tais como comunicação, habilidades sociais, cuidado pessoal, saúde e segurança, entre outros;
- e) deficiência múltipla: associação de duas ou mais deficiências.

A Resolução Nº 28/2015 do Conselho Universitário da UFES criou o Núcleo de Acessibilidade da UFES (NAUFES), vinculado à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (PROAECI), que estabelece que a Política de Acessibilidade da UFES deve se estruturar com base em cinco eixos: Barreiras Físicas; Acesso e Permanência na Universidade; Questões didáticas; Pesquisa e Inovação; Barreiras Atitudinais. A finalidade é coordenar e executar as ações relacionadas à promoção de acessibilidade e mobilidade, bem como acompanhar e fiscalizar a implementação de políticas de inclusão das pessoas com deficiência na educação superior, tendo em vista seu ingresso, acesso e permanência, com qualidade, no âmbito universitário.

Em 2018, a Portaria UFES Nº 744, de 16 de maio de 2018 criou Comissão Especial com a finalidade de elaborar um Plano de Ação de Acessibilidade de curto, médio e longo prazo de modo a contemplar: acessibilidade atitudinal, arquitetônica, metodológica, programática, instrumental, nos transportes, nas comunicações e digital. O Departamento de Desenho Industrial contribuiu com o trabalho pela participação do professor Edson Rufino de Souza. Esse Plano foi balizado pelo "Documento Orientador das Comissões de Avaliação in loco para Instituições de Educação Superior com Enfoque em Acessibilidade". Assim, diversas medidas foram definidas como essenciais à acessibilidade para a comunidade acadêmica na UFES, em âmbito emergencial, curto, médio e longo prazo.

O NAUFES está alocado na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania; orienta-se pelos princípios de gratuidade, subsidiariedade e solidariedade na geração, distribuição e administração dos recursos, potencializando o acesso a oportunidades, direitos e serviços internos e externos da universidade. Por meio de projetos de acompanhamento dos estudantes a PROAECI mantém o Departamento de Projetos e Acompanhamento ao Estudante (DPAE) e a Divisão de Projetos Estudantis e Ações Afirmativas (DPEAF) que tem por objetivo garantir o acesso e a permanência dos estudantes na UFES.

A UFES está adquirindo uma variedade de recursos de tecnologia assistiva como impressoras braille, escâneres de voz, teclados adaptados, com a finalidade de ter salas de recursos na Biblioteca Central da instituição para uso por pessoas com deficiência, e também para adaptação do material disponibilizado pelos professores às necessidades específicas dos alunos.

Em Goiabeiras, onde é ministrado o curso de Design, o CCHN (Centro de Ciência Humanas e Naturais) é responsável pela organização do Setor de Tradução e Interpretação em Libras e poderá autorizar a presença desses profissionais em distintos eventos do campus, mediante solicitação formal pelo site <http://acessibilidade.ufes.br>.

As demandas relativas aos serviços de Tradução e Interpretação para Libras deverão ser encaminhadas através de formulário eletrônico, com antecedência mínima de 72 horas úteis antes da realização da atividade. Alunos que precisem de apoio constante podem solicitar o apoio de um monitor, também mediante solicitação, pelo site <http://acessibilidade.ufes.br>.

O site do NAUFES informa que as solicitações de monitores são analisadas pela equipe de acordo com a disponibilidade dos servidores. Caso a solicitação seja deferida, o solicitante receberá orientações sobre o encaminhamento de resumos, textos, planos de aula, slides e/ou cronograma para leitura prévia pelos intérpretes.

No que diz respeito à infraestrutura física, o curso de Design tem utilizado as salas do Cemuni IV e, eventualmente, o prédio de Multimeios, dois prédios administrados pelo Centro de Artes. O Cemuni IV e o prédio de Multimeios contam com entradas com rampas de acesso e portas largas que permitem que cadeirantes e outras pessoas com mobilidade reduzida possam acessar o prédio de forma autônoma. O prédio de Multimeios possui ainda elevador que permite acesso ao segundo pavimento do prédio. As salas de aula possuem diferentes tipos de mesas e cadeiras que permitem flexibilizar a acomodação dos estudantes em suas diferentes necessidades e contextos educacionais.

Nos últimos anos, o Centro de Artes vem realizando obras de adaptação dos prédios, salas de aula, banheiros, vias de acesso aos prédios e áreas comuns, para viabilizar o acesso dos estudantes com deficiências físicas às instalações do curso.

Por fim, cumpre destacar que o curso de Design, bem como os demais cursos da UFES, conta com o apoio do NAUFES, do Centro de Artes e da Administração Central para sempre melhorar o atendimento aos estudantes que tenham necessidades específicas, a fim de assegurar sua permanência no curso e desenvolver seu potencial de aprendizagem da melhor maneira possível.

Instalações Requeridas para o Curso

PARTE 1 - INSTALAÇÕES JÁ EXISTENTES

O Curso de Design realiza suas atividades em diversos espaços físicos da universidade, especialmente nos Edifícios Cemuni 2, Cemuni 3, Cemuni 4, Cemuni 5 e Edifício de Audiovisual (campus de Goiabeiras), espaços que serão melhor detalhados a seguir.

Cemuni 2 - Até o momento que antecede a presente reestruturação curricular, as atividades realizadas no Cemuni 2 diziam respeito às disciplinas obrigatórias ministradas pelo Departamento de Artes Visuais, cujos conteúdos englobam o estudo e investigação das linguagens visuais em seu nível básico: a prática do desenho artístico e de observação, os estudos sobre a cor, e os estudos sobre a plástica bi e tridimensional. A partir da implantação do PPC aqui proposto, o Edifício Cemuni 2 passará a abrigar uma única disciplina obrigatória (referente à prática do desenho), além de disciplinas optativas diversas (Disciplinas de Formação Transversal). Os estudos referentes aos demais tópicos das linguagens visuais passarão a ocorrer no Edifício Cemuni 4, o qual será apresentado ao final desta seção, por se tratar do espaço que mais concentra atividades do Curso de Design. No que diz respeito ao Cemuni 2, o referido edifício abriga primordialmente os Cursos de Artes Plásticas (bacharelado) e Artes Visuais (licenciatura); o espaço conta com ateliers e oficinas dedicados às atividades próprias daquele curso (pintura, escultura, gravura e práticas congêneres).

Cemuni 3 - Outro espaço no qual o alunado do Curso de Design realiza suas atividades é o Edifício Cemuni 3, no qual são desenvolvidas prioritariamente as atividades do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Até o momento que antecede a presente reestruturação curricular, as atividades realizadas no Cemuni 3 diziam respeito às disciplinas obrigatórias ministradas pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ligadas ao estudo da perspectiva, desenho técnico e geometria descritiva. A partir da implantação do PPC aqui proposto, o Edifício Cemuni 3 passará a abrigar eventualmente a disciplina de Desenho Técnico. O Cemuni 3 conta com salas de aula, ateliers e oficinas, nos quais é desenvolvida a formação dos estudantes de Arquitetura e Urbanismo.

Cemuni 5 - As atividades dedicadas ao estudo da História da Arte ocorrem no Edifício Cemuni 5, que abriga aulas para todos os cursos do Centro de Artes, ligadas ao Departamento de Teoria das Artes e Música, e também ao Departamento de Comunicação Social. No referido espaço, o alunado do Curso de Design assiste às disciplinas obrigatórias e optativas ligadas ao estudo da História da Arte, Estética e Filosofia da Arte. O Cemuni 5 conta com salas de aula e laboratórios, nos quais é desenvolvida a formação dos estudantes de Música, Comunicação Social (em todas as suas habilitações), além das disciplinas de História e Crítica da Arte.

Há ainda os dois laboratórios abaixo designados, destinados a produções em vídeo:

Laboratório de Vídeo: voltado para as atividades didáticas das disciplinas de vídeo e Tópicos Especiais. A sala é equipada com dois computadores com sistema operacional Windows, ligados à rede da Ufes. Atualmente conta com um aluno monitor, responsável pelo suporte às disciplinas acima citadas, manutenção cotidiana dos equipamentos e organização da sala. O processo seletivo dos monitores ocorre através do Programa Integrado de Bolsas (PIB-UFES), na categoria Projetos Especiais de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão. Está situado na Sala 121 do Edifício Multimeios.

Estúdio de Vídeo: voltado para as atividades didáticas das disciplinas de vídeo e Tópicos Especiais. O estúdio tem um fundo infinito, entretanto não tem iluminação. É utilizada a iluminação do Curso Audiovisual, do Departamento de Comunicação. Conta com o mesmo monitor do Laboratório de Vídeo, que acompanha as gravações. Está situado na Sala 122 do Edifício Multimeios.

Cemuni 4 - O Cemuni 4 é o edifício no qual se concentra a maioria dos espaços ligados ao Curso de Design: é onde se localizam os laboratórios e núcleos Prodesign, Loop, LadHT, Fotocélula, Materiológica e NIPP, e a Phocus Empresa Jr. Além de tais espaços, destinados a usos específicos, o Cemuni 4 conta com os seguintes espaços de uso geral:

1. duas salas de aulas (capacidade aproximada: 30 alunos), equipadas com cadeiras universitárias, quadro branco, quadro de giz e ar-condicionado.
2. duas salas de aula equipadas com mesas planas individuais e cadeiras (capacidade aproximada: 30 alunos), quadro branco, quadro de giz e ar-condicionado.
3. Laboratório de Informática, com capacidade para atender cerca de 30 alunos por atividade, para a realização de estudos individuais ou disciplinas ligadas à tecnologia computacional, design de interação, projeto gráfico, audiovisual e temas afins. Há um segundo laboratório em fase de implantação, no semestre 2020.1
4. O Laboratório Fotográfico, está situado no Cemuni 4, e conta com dois ambientes: sala de ampliação e sala de revelação de filmes. A sala de ampliação conta com diversos ampliadores e bancada para revelação compartilhada. A sala de revelação de filmes é uma área composta por quarto escuro, pias e secadoras. O ambiente atende até 25 alunos por turma. Este laboratório é utilizado por 3 cursos com disciplinas obrigatórias para Fotografia (Artes Plásticas - Bacharelado; Artes Visuais - Licenciatura e Design. E pelos demais alunos da Ufes que tem essas disciplinas como optativa.

No Prédio de Multimeios do Centro de Artes, comuta-se o estúdio fotográfico (sala 102) com os cursos de Artes Plásticas - Bacharelado e Artes Visuais - Licenciatura. Este espaço está preparado com fundo infinito branco, recursos de iluminação fotográfica para retrato e fotografia still (objetos).

As atividades desenvolvidas em tais espaços contam com o apoio da Secretaria do Departamento de Desenho Industrial, responsável pela manutenção geral do edifício (em conjunto com a Direção do Centro de Artes) e pela guarda de equipamentos de uso geral, tais como datashows e laptops para uso dos professores em sala de aula.

Tais espaços vem atendendo ao alunado e aos professores de maneira não plenamente satisfatória, sendo necessárias ampliações e adaptações. Neste sentido, o Departamento de Desenho Industrial vem dialogando com a Direção do Centro de Artes no sentido de converter espaços subutilizados, visando ampliar as condições prediais de atendimento ao alunado.

PARTE 2 - INSTALAÇÕES IDEALIZADAS PARA MELHORIA DO FUNCIONAMENTO DO CURSO:

No que diz respeito aos espaços desejáveis para o desenvolvimento do Curso, os mesmos vêm sendo delineados pelo corpo docente, de acordo com os pressupostos do presente Projeto

Pedagógico. Os espaços idealizados para a consecução das disciplinas e demais atividades seguem enumerados e caracterizados brevemente abaixo, devendo ser o detalhamento de cada espaço determinado em projeto concomitante à implantação do PPC.

1. Laboratório de Prototipagem e Ensaio (FabLab): laboratório equipado com ferramentas, mobiliário e demais condições para a produção de protótipos e fabricação de pequenas escalas de artefatos, usando tecnologias digitais e analógicas;
2. Oficina Tipográfica: equipada com a infraestrutura básica para a prática de composição com tipos móveis e impressão com prensa tipográfica;
3. Sala de Aula Básica: duas salas com 35 carteiras, quadro branco, com computador fixo para o professor e datashow fixo na sala, e instalações adequadas para rede e acesso à internet.
4. Sala de Aula para Práticas Manuais: duas salas mobiliadas 18 mesas grandes e 35 cadeiras, com computador fixo para o professor e datashow fixo na sala, e instalações adequadas para rede e acesso à internet.
5. Laboratórios de Informática: duas salas mobiliadas com bancadas e 35 cadeiras, 35 computadores desktop, pacote Adobe CC, com computador fixo para o professor e datashow fixo na sala, e instalações adequadas para rede e acesso à internet.
6. Salas Híbridas: duas salas mobiliadas com 35 conjuntos de cadeiras e mesas escolar (modelo FNDE), com computador fixo para o professor e datashow fixo na sala, e instalações adequadas para rede e acesso à internet, e 6 notebooks para atividades em sala de aula.

A implantação de tais espaços é alvo de constante negociação entre a equipe docente ligada ao Curso de Design e os demais agentes do Centro de Artes, ligados aos demais cursos de graduação que o compõem.

Biblioteca e Acervo Geral e Específico

Os acervos das bibliotecas que atendem ao Curso de Design são continuamente expandidos, por meio da atuação do representante do Departamento de Desenho Industrial junto ao Sistema de Bibliotecas da Ufes. Tal atuação consiste no monitoramento anual, junto aos demais professores, no sentido de coletar a necessidade de novas aquisições para os acervos em questão e encaminhar a listagem resultante aos setores responsáveis pelas novas aquisições bibliográficas.

Em geral, as novas aquisições, solicitadas pelos professores, derivam das atualizações dos programas de suas respectivas disciplinas, ou do desenvolvimento de suas atividades de pesquisa e extensão, ou ainda do acompanhamento do mercado editorial especializado. Tendo em vista o fato de que tal controle é realizado e encaminhado anualmente, o acervo de obras bibliográficas necessárias está em contínua ampliação e atualização, e eventuais interrupções na expansão bibliográfica decorrem de eventuais políticas externas de descontinuação dos investimentos nas bibliotecas.

Laboratórios de Formação Geral

1. Fotocélula: O Núcleo Fotocélula - Núcleo Interdisciplinar de Tecnologia da Imagem (NITI) - se constitui como órgão interdisciplinar ligado ao Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo e terá como metas implementar, abrigar e consolidar atividades de pesquisa, de extensão e de ensino sobre temas pertinentes a tecnologia da imagem e sua relação com outros saberes interdisciplinares. Localizado em duas salas pequenas, em frente ao Laboratório de Fotografia, no Cemuni 4, abriga materiais analógicos que são usados para fins didáticos, materiais de reposição aos recursos dos demais espaços de fotografia, espaço para armazenamento de materiais didáticos, de pesquisa e de extensão dos professores de tecnologia da imagem que atendem as disciplinas de Fotografia.



No momento atual, aguarda reforma que irá alterar seu formato, sem entretanto alterar sua área física, abrindo sua porta para o corredor do prédio e unindo as duas salas que hoje compõe o espaço. Em, sua configuração ideal, deverá ter todos os equipamentos triados, ficando ali somente o material necessário para professores e alunos desenvolverem projetos pessoais de pesquisa em tecnologia de imagem, gestão e manutenção dos espaços e equipamentos destinados ao aprendizado de fotografia.

2. Laboratório e Observatório de Ontologias Projetuais (Loop): funciona diariamente nas dependências do Cemuni 4, com a participação de discentes, docentes e técnicos de qualquer unidade acadêmica da Ufes. A seleção de bolsistas e voluntários é feita por editais anuais abertos pela coordenação, com requisitos e critérios de avaliação dos candidatos definidos conforme o perfil das vagas. Podem participar e orientar atividades no Loop professores, profissionais e convidados especiais com notória especialização nas linhas de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no laboratório. O Loop realiza reuniões semanais, abertas à comunidade acadêmica, com o objetivo de compartilhar suas ações e fomentar a colaboração com grupos de pesquisa da Ufes e de outras instituições.

3. Laboratório de Design: História e Tipografia (LadHT): desenvolve pesquisas sobre a memória gráfica capixaba, tendo como principais objetos de estudo periódicos publicados no Espírito Santo. Lotado no Departamento de Desenho Industrial, se localiza em uma sala no Cemuni 4 e possui infraestrutura de biblioteca e equipamentos eletrônicos. É coordenado por professores do Departamento de Desenho Industrial e os alunos do curso de Design se vinculam por meio de editais de iniciação científica e de extensão.

4. Laboratório de Design Instrucional (LDI): responsável pela produção de materiais de apoio aos cursos na modalidade a distância da Ufes, coordenado por professores do curso de Design, em parceria e colaboração com professores, designers instrucionais e coordenadores dos cursos distância. Executor de centenas de projetos para a EAD, o laboratório conta com equipe de estagiários vinculados a diferentes cursos da Ufes, sendo a grande maioria alunos do curso de Design, selecionados por meio de edital. Os estagiários atuam como gerentes, diagramadores, ilustradores ou produtores multimídia.

5. Laboratório de Tecnologias de Apoio a Redes de Inovação (LabTAR): é um ambiente multidisciplinar onde professores, alunos e ex-alunos de engenharia de produção, design, informática da Ufes (e outros que queiram participar) trabalham com a missão de gerar e difundir conhecimentos e tecnologias que promovam a inovação baseada na cocriação com os usuários. Possui sala equipada no prédio CT10. O laboratório aceita alunos voluntários e seleciona bolsistas de acordo com as demandas dos projetos e editais de pesquisa e extensão.

6. Laboratório de Projetos em Design (ProDesign Ufes): laboratório de ensino, pesquisa e extensão, com atuação nas áreas de design da informação, visualização de dados, wayfinding, tipografia digital, design de interação, experiência do usuário, e acessibilidade. Admite a participação de alunos do curso de design e áreas afins, através de estágios e iniciação científica, bem como voluntários nas práticas extensionistas do laboratório; Os processos seletivos ocorrem através de editais, em conformidade com as normas da Ufes para estágios, iniciação científica e atividades de extensão. A periodicidade dos processos seletivos dá-se tanto em função da duração dos projetos e/ou dos contratos de estágio/bolsas de I.C., regulados pela Ufes e demais órgãos de fomento.

7. Núcleo de Imagem, Produção e Pesquisa (NIPP) - é um dos primeiros a serem criados no Centro de Artes, iniciou suas atividades em 1997. É vinculado ao Departamento de Desenho Industrial onde desenvolve atividades de pesquisa e extensão, bem como promove a articulação e o apoio às atividades de ensino de graduação no âmbito do Centro de Artes, particularmente, do Departamento de Desenho Industrial. Tem como linha de atuação experimentações realizadas no âmbito da Estética e Semiótica, bem como no da Arte e

Tecnologia. O núcleo é composto por professores e alunos voluntários, que estejam alinhados às propostas e condutas do NIPP.

O núcleo almeja contribuir para o desenvolvimento de atividades e projetos de pesquisa e extensão em imagem, que visem uma conexão entre pesquisa, produção e ensino para o Departamento de Desenho Industrial e o Centro de Artes em geral, dentro de um Programa de Arte e Tecnologia, numa perspectiva interdisciplinar, tendo como meta final subsidiar o fortalecimento desta linha em Curso de Especialização como primeira etapa para a implantação de uma pós-graduação strictu sensus.

O NIPP tem como objetivos específicos:

- a) Desenvolver pesquisas no campo da convergência das mídias, em particular das linguagens híbridas e das novas mídias, podendo promover e estimular o desenvolvimento de experimentação e inovação aos pesquisadores e alunos envolvidos;
- b) Estimular a criação e proporcionar o desenvolvimento de grupos de estudo de imagem;
- c) Promover mostra/exposição para divulgar os trabalhos do Núcleo e dos alunos e pesquisadores do DDI e CAR

Com relação à sua Área de concentração, o NIPP está assim configurado: Grande área - Linguística, Letras e Artes; Área - Arte e Tecnologia, Linguagens; Sub-área - Novas mídias, linguagens híbridas, convergência das mídias. Dentro da sub-área encontram-se as seguintes linhas de pesquisa: Arte e Tecnologia: como instrumento-meio da criação artística; Estética e Semiótica: estuda da Semiótica Peirceana e sua relação com a Estética.

Entre as realizações do NIPP temos: criação do CD UFES 45 anos (1997), desenvolvimento da marca da TV UFES (2001), Projeto gráfico da Revista Farol - Revista de Pesquisa do CAR (2001), desenvolvimento do site e CD Espírito Santo Turismo (2001), pesquisas de mestrado e doutorado de seus professores pesquisadores membros do núcleo em 2005, desenvolvimento do site do CAR (2007), desenvolvimento da marca do CT (Centro Tecnológico da UFES- 2008), redesign do site do CT (2008), desenvolvimento do Portal da UFES (2009), organização do SIMPEX (Simpósio de Pesquisa e Extensão do CAR - 2011), grupo de estudo em Semiótica aplicada ao Design, em 2017/2018, entre outros.

8. Materioteca: laboratório idealizado e regulamentado entre os anos de 2018 e 2019, encontra-se atualmente em fase de implantação. Tem como objetivo geral viabilizar, desenvolver e incentivar projetos de ensino, pesquisa e extensão por meio de estudos teóricos e atividades práticas que abordem os conhecimentos e possibilidades concernentes à área de produtos, materiais e suas tecnologias. Dentre seus objetivos específicos, contam: desenvolver, gerir e acessibilizar acervo de materiais e produtos; estabelecer parcerias e base de contatos com a comunidade para viabilizar formação e capacitação técnica para alunos, pesquisadores, professores e profissionais, visando o estabelecimento de relação direta entre mercado e universidade; desenvolver atividades laboratoriais e pesquisas que visem fomentar a criatividade, inovação e a prototipagem de ideias, por meio do acesso a equipamentos, produtos, materiais e conhecimento, estimulando a experimentação, a troca e o conhecimento transdisciplinar. Os alunos participarão dos projetos da Materioteca mediante inscrição em editais de pesquisa, extensão e Atividades Complementares elaborados e divulgados pelas docentes integrantes do laboratório.

Laboratórios de Formação Específica

O curso conta com os seguintes espaços e Laboratórios de Formação Específica, também descritos nas seções "Instalações requeridas para o curso" e "Normas para laboratórios de formação específica":

1. LABORATÓRIO DE VÍDEO: voltado para as atividades didáticas das disciplinas de vídeo e Tópicos Especiais. A sala é equipada com dois computadores com sistema operacional



Windows, ligados à rede da Ufes. Atualmente conta com um aluno monitor, responsável pelo suporte às disciplinas acima citadas, manutenção cotidiana dos equipamentos e organização da sala. O processo seletivo dos monitores ocorre através do Programa Integrado de Bolsas (PIB-UFES), na categoria Projetos Especiais de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão. Está situado na Sala 121 do Edifício Multimeios.

2. ESTÚDIO DE VÍDEO: voltado para as atividades didáticas das disciplinas de vídeo e Tópicos Especiais. O estúdio tem um fundo infinito, entretanto não tem iluminação. É utilizada a iluminação do Curso Audiovisual, do Departamento de Comunicação. Conta com o mesmo monitor do Laboratório de Vídeo, que acompanha as gravações. Está situado na Sala 122 do Edifício Multimeios.

3. LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA: voltado para as atividades didáticas do curso que demandam recursos de tecnologias de imagem para a produção de imagens fotográficas. Inclui-se aos recursos já existente de fotografia analógica, o uso de computadores e scanner. O laboratório é compartilhado entre os Cursos de Design/Desenho Industrial, Artes Plásticas e Artes Visuais, cujo atendimento é prioritário. Atende a alunos de outros cursos com interesse na disciplina quando há vagas. O Laboratório de Fotografia se situa no Cemuni 4 e conta com 3 espaços específicos: sala de aula, área úmida e laboratório de revelação de papéis.

4. ESTÚDIO DE FOTOGRAFIA: O Estúdio de Fotografia que atende ao Curso de Design situa-se no Edifício Multimeios do Centro de Artes, na sala 102, andar térreo. O espaço com estrutura em L, conta com 4 cabeças de flash, painéis, 2 softbox, 2 sombrinhas e rebatedores, tripés para montagem de fundos infinitos ou uso de cenários. Trata-se de materiais que necessitam substituição frequente dada a sua obsolescência. O espaço tem fundo infinito branco. Possui um computador conectado à rede Ufes, uma bancada que funciona como apoio para os projetos, camarim, ou mesa de produto, 1 armário para props, 2 estantes para acomodar as painéis e rebatedores. Acomoda bem grupo de até 5 alunos em trabalho, e grupos de até 15 alunos para atividades didáticas explanativas.

Os dois espaços laboratoriais mencionados podem ser agendados para projetos acadêmicos nos horários livres, junto a 1 aluno monitor, em conformidade com a disponibilidade de horários e prioridade às atividades de aula.

5. EMPRÉSTIMO DE EQUIPAMENTOS: espaço e acervo atualmente sob gestão do Departamento de Desenho Industrial, conta com equipamentos fotográficos digitais, constituídos de 21 câmeras Nikon D3000, com lente 18-55mm, e alguns jogos de lente normal e teleobjetivas. Esse material é usado pelos alunos matriculados nas disciplina de fotografia dos Cursos de Design/Desenho Industrial, Artes Visuais e Artes Plásticas. Os equipamentos foram adquiridos no ano de 2010 e necessitam de atualização.

6. LABORATÓRIO DE COMPUTAÇÃO GRÁFICA: Trata-se de laboratório voltado para as atividades didáticas do curso que demandam o uso de computadores, com prioridade para as aulas do curso de Design, e uso permitido aos alunos fora do horário de aula para realização de trabalhos do próprio curso, desde que acompanhados de monitores do laboratório.

A sala é equipada com 15 computadores Dell, com sistema operacional Windows, ligados à rede da Ufes. Conta com dois alunos monitores, responsáveis pela manutenção cotidiana dos equipamentos e organização da sala, bem como pelo suporte às disciplinas e alunos que utilizam o espaço, equipamentos e programas. O laboratório está situado na Sala 1 do Cemuni 4. Sua instalação se deu em 2016, de forma improvisada, sem mobiliário, iluminação ou infraestrutura adequada, permanecendo desta forma até o presente. O Departamento de Desenho Industrial é responsável pela infra-estrutura e gestão do laboratório, solicitando frequentemente à administração da Ufes a implantação de melhorias.

No que diz respeito à importância de tal laboratório, é importante destacar que, no dia-a-dia operacional do trabalho do designer, é fundamental o domínio de ferramentas e tecnologias do âmbito digital, que inclui softwares e hardwares de naturezas diversas, para execução de edição de imagem, programação, desenho e ilustração, modelagem 2D e 3D. Sendo assim, grande parte das disciplinas do curso de requerem a disponibilidade de laboratórios de



informática equipados com os softwares específicos da área, com monitores que não só zelem pelo bom funcionamento dos equipamentos, como auxiliem os alunos na execução dos projetos das disciplinas de Projeto e complementares do curso.

NOTA SOBRE OS LABORATÓRIOS CUJA IMPLANTAÇÃO É DESEJÁVEL

No que diz respeito aos espaços desejáveis para o desenvolvimento do Curso, os mesmos vêm sendo delineados pelo corpo docente, de acordo com os pressupostos do presente Projeto Pedagógico, consistindo nos seguintes espaços, já mencionados no âmbito deste documento: Laboratório de Prototipagem e Ensaios (FabLab); Oficina Tipográfica; Sala de Aula Básica; Sala de Aula para Práticas Manuais; Laboratórios de Informática; Salas Híbridas.

Conforme já indicado, a implantação de tais espaços é alvo de constante negociação entre a equipe docente ligada ao Curso de Design e os demais agentes do Centro de Artes, ligados aos demais cursos de graduação que o compõem.



OBSERVAÇÕES

REFERÊNCIAS

Referências da Seção "Contextualização do Curso"

- (1) SEBRAE. Anuário do trabalho na micro e pequena empresa: 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario-do%20trabalho-na%20micro-e-pequena%20empresa-2014.pdf>>.
- (2) Censo Agropecuário IBGE 2016.
- (3) Aracruz Celulose (atual Fibria), Samarco e Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST, atualmente denominada ArcelorMittal Tubarão), além da ampliação das atividades da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD, atual Vale). Ver Caçador e Grassi (2013) para uma revisão do período.
- (4) Dados da Câmara do Setor Moveleiro - Federação das Indústrias do ES.
- (5) Dados da Câmara do Vestuário da Federação das Indústrias do ES.
- (6) <http://vitoriamoda.com/>
- (7) Análise de Competitividade do Setor das Indústrias do Vestuário do Estado do Espírito Santo - Maio/2016. Federação das Indústrias do ES.
- (8) Dados CAGED/RAIS MTE de 2016.
- (9) Os dados registram 33 empresas atuantes em design de interiores (7410-2/02), uma em webdesign (6201-5/02) e dez em atividades não especificadas anteriormente (7410-2/99). Disponível em <www.datasebrae.com.br>.
- (10) MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 - 2014, 2ª edição. Brasília: Ministério da Cultura, 2012.
- (11) UNCTAD. Relatório de Economia Criativa 2010. Economia Criativa: Uma Opção de Desenvolvimento Viável. São Paulo: ONU, 2010.
- (12) <https://secult.es.gov.br/espírito-santo-criativo>
- (13) Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios do IBGE - 2013.
- (14) Mapeamento da Indústria Criativa no Espírito Santo - IDEIES/Findes, 2015.

Referências Gerais

BRASIL, Resolução no 05, de 08 de março de 2004, Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior (Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Design). disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces05_04.pdf (acesso em 27/08/2019)

BRASIL, Resolução no 02, de 18 de junho de 2007, Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Superior (Carga horária mínima e procedimentos relativos à integralização e duração dos cursos de graduação, bacharelados, na modalidade presencial). disponível em http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/rces002_07.pdf (acesso em 27/08/2019)



BRASIL, Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014, Presidência da República (Estratégia 12.7, que visa assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social;) disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm (acesso em 27/08/2019)

BRASIL, Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008, Presidência da República (inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino) disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm (acesso em 27/08/2019)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Instrução Normativa Nº 004/2016, Departamento de Desenvolvimento Pedagógico / Pró-Reitoria de Graduação (Normatiza as Diretrizes para Elaboração de Projetos Pedagógicos de Curso). disponível em http://prograd.ufes.br/sites/prograd.ufes.br/files/field/anexo/instrucao_normativa_004-2016_atualizada_em_28fev2018.pdf (acesso em 27/08/2019)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Resolução no 52, de 10 de novembro de 2015, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Propostas de alteração de Projetos Pedagógicos de Cursos). disponível em http://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no_52.2015_-_alteracoes_de_ppc_-_revogando_a_res._40.2009.pdf#overlay-context=resolu%25C3%25A7%25C3%25B5es-de-2015-cepe (acesso em 27/08/2019)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Resolução no 61, de 04 de outubro de 2017, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Alterar a Resolução nº 52/2015). disponível em http://daocs.ufes.br/sites/daocs.ufes.br/files/field/anexo/resolucao_no_61.2017_-_alteracao_da_resolucao_52.2015_do_cepe_0.pdf#overlay-context=resolu%25C3%25A7%25C3%25B5es-de-2017-cepe (acesso em 27/08/2019)

ICOGRADA, Defining the profession, 2013. (definição da profissão designer gráfico) disponível em: <http://www.icod.org/about/index#defining-the-profession>. (acesso em 11 de outubro de 2017).

WORLD DESIGN ORGANIZATION. Industrial Design Definition, s.d. (definição da profissão designer industrial). disponível em <http://wdo.org/about/definition/>. (acesso em 15 de agosto de 2017).